FOLHA DE S.PAULO

DESDE 1921 ★★★ UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA

ANO 102 ★ Nº 34.101 | DOMINGO, 14 DE AGOSTO DE 2022 | R$ 7,00

ANÁLISE
Igor Gielow

Desocupação do Afeganistão faz 1 ano com dilema sobre terrorismo

Com o início da retomada do Afeganistão pelo Talibã há um ano, os EUA retiravam seus funcionários do país asiático e o deixavam à própria sorte após 20 anos de ocupação. Ainda é cedo para dizer se isso vai piorar o cenário do terrorismo —resta aos americanos bombardearem ameaças potenciais. **Mundo A13**

Jamais votaria em Lula, diz Mario Vargas Llosa

Consagrado no romance e controverso na política, o peruano Mario Vargas Llosa, Nobel de Literatura, diz à **Folha** que não queria estar na situação de escolher Bolsonaro ou Lula. Mas no segundo jamais votaria. **C1**

Ricardo A. Pereira
Silêncio democrático

Primeiro, o YouTube excluiu um vídeo em que Bolsonaro atacava o sistema eleitoral, baseando-se em falsidades. Depois, um ministro do TSE mandou apagar do YouTube um vídeo em que Lula chamava Bolsonaro de genocida. Agora é só prosseguir esta prática até ficarmos todos calados. **C7**

Ataque a Rushdie foi premeditado; escritor melhora

C10

Reabertas há 1 ano, escolas ainda têm desafios incertos

O Brasil completa um ano da reabertura das escolas ainda sem um diagnóstico preciso das perdas causadas pela pandemia no aprendizado e na saúde mental dos alunos. Sem monitoramento do governo federal, avaliação do cenário é parcial. **Cotidiano B1**

EDITORIAIS **A2**

Além do teto
Sobre revisão de normas e práticas orçamentárias.

Congresso fértil
Acerca de projeto de lei que facilita laqueaduras.

ATMOSFERA

São Paulo hoje

Fonte: www.climatempo.com.br

O casal de atores Tiago Pessoa (sentado) e Paulo Tardivo com filhos Sara e Davi, adotados em 2017 Karime Xavier/Folhapress

Gastos com servidor atingem o menor patamar em 26 anos

Fatia do funcionalismo cai de 4,2% a 3,4% do PIB; gestão Bolsonaro diz ter reduzido cargos de 630 mil para 570 mil

Projeções apresentadas pelo Ministério da Economia a integrantes do mercado financeiro indicam que o gasto com servidores, que chegou a consumir 4,2% do PIB, deve encerrar 2022 em 3,4% do Produto Interno Bruto. É a menor fatia em 26 anos.

A queda resulta de política de contenção de custos com os quadros —o número de funcionários ativos, de 570 mil segundo a Economia, fechou junho no menor patamar em 13 anos após redução de quase 10% no governo de Jair Bolsonaro (PL).

A Economia atribui esse corte à digitalização na gestão federal. Representantes dos servidores, porém, dizem que desde os anos 1990 o funcionalismo caiu 12% e a população cresceu 40%, onerando sobretudo saúde e educação. **Mercado A17**

dia dos pais
Nicolás José Isola
Ser pai é ser um espectador presente. Assiste, fala, repete. Cuida. Presença **A3**

Cotidiano B4
Adoção por casais gays aumenta 93% em 2 anos, mas se concentra em SP e Sul

Equilíbrio B5
Negros buscam desconstruir ideias de ausência paterna

Mercado A25
Licença paternidade maior trava em falta de lei e peso cultural

Exército vê risco de violência nas eleições

O Alto Comando do Exército teme um aumento da violência eleitoral neste ano diante do acirramento da polarização política. Segundo relatam generais familiarizados com recente reunião do colegiado militar, batalhões devem ficar a postos nos quartéis para eventuais convocações. Embora prevista, a medida não chegou a ser tomada em outros anos. **Política A4**

Bolsonaro admite 'coisa errada' na ditadura militar

Em entrevista a um canal do YouTube, o presidente Jair Bolsonaro (PL) admitiu que houve "coisa errada" durante a ditadura militar (1964-85). Ele exemplificou com "cascudo, tapa ou afogamento", mas não falou em pessoas mortas pelo regime. **Política A12**

Eduardo Knapp/Folhapress

CAMINHO DE D. PEDRO 1º RUMO AO GRITO DA INDEPENDÊNCIA SERÁ RESTAURADO

A Calçada do Lorena, via pavimentada de pedras construída no final do século 18 e que serviu de rota para o então príncipe regente em seu trajeto de ida e volta de Santos em setembro de 1822, será objeto de recuperação e conservação **Cotidiano B3**

Centralizador e político, Moraes assume TSE na 3ª

Política A10

ISSN 1414-5723
9 771414 572018 34101

FOLHA DE S.PAULO

UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA

Publicado desde 1921 – Propriedade da Empresa Folha da Manhã S.A.

PUBLISHER Luiz Frias
DIRETOR DE REDAÇÃO Sérgio Dávila
SUPERINTENDENTES Carlos Ponce de Leon e Judith Brito
CONSELHO EDITORIAL Fernanda Diamant, Hélio Schwartsman, Joel Pinheiro da Fonseca, José Vicente, Luiza Helena Trajano, Patricia Blanco, Patrícia Campos Mello, Persio Arida, Ronaldo Lemos, Thiago Amparo, Luiz Frias e Sérgio Dávila *(secretário)*
DIRETOR DE OPINIÃO Gustavo Patu
DIRETORIA-EXECUTIVA Paulo Narcélio Simões Amaral *(financeiro, planejamento e novos negócios)*, Marcelo Benez *(comercial)*, Anderson Demian *(mercado leitor e estratégias digitais)* e Everton Fonseca *(tecnologia)*

Jean Galvão

EDITORIAIS

editoriais@grupofolha.com.br

Além do teto

Próximo governo precisará rever normas e, mais importante, práticas de gestão do Orçamento

Diante da deterioração das instituições e da gestão do Orçamento público nos últimos anos, será necessário grande esforço de modernização do arcabouço fiscal durante o próximo ciclo presidencial.

O país dispõe de um conjunto amplo de regras criadas em momentos diferentes com objetivos louváveis, como impedir práticas populistas, manter a dívida sob controle e propiciar algum grau de organização e transparência para o gasto governamental.

Na prática, porém, em vez de um assentamento virtuoso na conduta política, o padrão recente foi de ataque às normas de controle, com danos severos para a credibilidade da política econômica.

Na gestão de Dilma Rousseff (PT), a afronta se deu pela contabilidade criativa que erodiu a eficácia da Lei de Responsabilidade Fiscal, então o principal regramento vigente. Os resultados foram o surgimento de déficits primários (antes das despesas de juros) elevados e um rápido crescimento da dívida pública.

Ante a constatação de que a meta de saldo primário se mostrou frágil e não conteve a despesa (que aumentou 6% ao ano além da inflação entre 1994 e 2014), no governo Michel Temer (MDB) foi inscrito na Constituição o teto que limita o crescimento dos gastos à inflação.

A medida foi instrumental para sinalizar responsabilidade de longo prazo e assim reduzir os juros, que caíram de 14,25% ao ano em 2015 para 5% no final de 2019.

No governo Jair Bolsonaro (PL), os ataques às regras fiscais se ampliaram. Mesmo que se reconheça algum avanço, como o controle da folha de pessoal, e se tenha em mente a emergência da pandemia, a degradação é inegável.

Além do calote em dívidas judiciais e da alteração do teto em 2021, neste ano o Congresso aprovou outra mudança casuística, que ampliou despesas em desrespeito à lei eleitoral. O surgimento das bilionárias emendas parlamentares secretas foi outro grave retrocesso.

Essa fragilidade institucional destoa do que se observa, por exemplo, na política monetária, em que foi consolidada ao longo de décadas uma cultura de responsabilidade, culminando mais recentemente com a aprovação da autonomia formal do Banco Central.

É necessário trilhar o mesmo caminho na gestão do Orçamento. Saídas fáceis, como o simples abandono do teto de gastos insinuado por Luiz Inácio Lula da Silva (PT), tampouco são plausíveis.

O ponto principal nem é a regra mais adequada, já que não existe receita única. O mais importante é definir princípios norteadores e construir boas práticas em torno deles. Os objetivos centrais devem ser garantir a solvência do Estado, ganhar transparência e melhorar a qualidade da ação social.

Congresso fértil

Parlamentares promovem avanço com projeto que facilita procedimentos de planejamento familiar

De tempos em tempos, o Parlamento dá sinais de que não voltou de todo as costas para o país real. Ao menos em matéria de saúde pública e direitos fundamentais, vez por outra caminha na direção correta, como agora ao atualizar regulamentos acerca de cirurgias de esterilização e outros métodos de contracepção.

O Senado aprovou na quarta-feira (10), sem alterações, projeto de lei de 2014 da Câmara que disciplina a matéria em compasso com os dias atuais. Um dos pontos de destaque se dá com o abandono da exigência de que ambos os cônjuges participem da decisão quanto a procedimentos como laqueadura de trompas e vasectomia.

Até aqui valia a norma de que era necessário, para efetivar a intervenção, consentimento expresso do marido e da mulher. Embora a regra se aplicasse para os dois lados, parece evidente que se trata de um resquício machista, voltado a tolher o direito feminino de não querer mais engravidar.

Note-se que o dispositivo não representa permissão generalizada. Só se aplica, prudentemente, para quem tiver ao menos 21 anos ou dois filhos vivos e observar um intervalo de dois meses entre a manifestação da vontade de fazer a cirurgia e sua efetivação.

Outra provisão permite a esterilização da mulher durante o parto, se for essa sua decisão, evitando assim que ela precise passar por dois procedimentos hospitalares subsequentes. O projeto aprovado exige que, nesses casos, se respeite aquele prazo de 60 dias entre a manifestação e a laqueadura.

Entretanto ainda é incerto se haverá no Executivo a mesma inclinação modernizante no tema do planejamento familiar. Para se converter em lei, o diploma precisa da sanção de Jair Bolsonaro (PL), e não haverá grande surpresa se ele se aproveitar da situação para afagar sua base mais conservadora.

A semente retrógrada foi lançada na própria Casa revisora. O senador Guaracy Silveira (Avante-TO) discursou em plenário sugerindo veto à cláusula que elimina a obrigatoriedade de consenso do casal sobre esterilização. Argumentou que o legislador não deve criar discórdia dentro do lar.

É bem da discórdia matrimonial que se trata, aquela gestada quando a esposa é impedida pelo cônjuge de decidir sobre seu próprio corpo. É a mulher quem carrega a criança no ventre por nove meses, e a ela cabe a escolha de assumir ou não tal responsabilidade.

A aurora de tudo

Hélio Schwartsman

“The Dawn of Everything” (a aurora de tudo), de David Graeber e David Wengrow, é um livro que pretende mudar a história da historiografia —e em alguma medida consegue. O alvo primário dos autores é a noção de que a história humana se divide em antes e depois da agricultura. Na fase anterior, o suposto estado de natureza, as pessoas viviam de forma igualitária em bandos de coletores-caçadores de até uma centena e meia de indivíduos. Depois da agricultura, vieram os excedentes de produção e, com eles, as classes sociais, as cidades, o Estado e a opressão.

Para os Davids (Graeber infelizmente morreu pouco depois da publicação), essa noção, defendida, entre outros, por Jared Diamond, Steven Pinker e Yuval Harari, se ancora muito mais em tradições filosóficas que remontam principalmente a Hobbes e Rousseau do que em evidências históricas. E aí eles nos apresentam a um festival de achados arqueológicos e antropológicos recentes que contam uma história diferente. A agricultura não veio como uma força irresistível. Vários povos a recusaram e nem por isso deixaram de erigir grandes cidades, que não trazem sinais de estratificação social.

Só a descrição desses achados já renderia um livro fascinante. Mas Graeber e Wengrow vão além. Produzem também sua própria narrativa, segundo a qual sociedades humanas foram em várias ocasiões capazes de tomar decisões conscientes sobre sua forma de organização política e rejeitaram sistemas que resultariam em divisões sociais. Essa tese é, por óbvio, controversa e foi claramente inspirada pelas ideias anarquistas dos autores (Graeber ajudou a organizar o Occupy Wall Street).

Ao menos para mim, é difícil não simpatizar com o antiautoritarismo, mas não vejo como escapar a uma conclusão melancólica. Adaptando o chiste de Enrico Fermi sobre extraterrestres, se civilizações ricas, igualitárias e antiestatistas são tão comuns, onde estão elas?

helio@uol.com.br

Maestro do próprio destino?

Julia Chaib

O otimismo gerado pelos atos que marcaram a leitura de cartas pró-democracia nesta semana contrasta com dados pessimistas que bateram à porta do ex-presidente Lula.

Levantamentos analisados pelo PT mostram avanço do principal alvo do manifesto: Jair Bolsonaro cresceu em Minas Gerais e em São Paulo, embora o petista lidere numericamente em ambos.

É claro que a leitura dos documentos definitivamente não foi notícia boa para o atual presidente.

O texto elaborado por ex-alunos de direito da USP (Universidade de São Paulo) reuniu mais de um milhão de assinaturas, incluindo banqueiros, empresários, advogados e sindicalistas, entre tantos outros.

O movimento foi um rechaço retumbante aos arroubos autoritários de Bolsonaro. No mínimo, serve para ampliar o isolamento do chefe do Executivo em parcela do eleitorado que o apoiou em 2018, antes refratária a Lula.

Por outro lado, não encontra eco em necessidades urgentes da população de baixa renda mais atingida pelos efeitos nocivos da alta de preços.

Foi justamente nesse segmento que a campanha de Lula constatou alta de Bolsonaro e teme evolução ainda maior.

Dado que aliados do petista sentem a consolidação do voto no Nordeste, tudo indica que a disputa mais ferrenha se dará no triângulo do Sudeste (Minas, São Paulo e Rio), e a senha será o discurso da economia.

Já o tamanho do estrago que o discurso golpista terá na campanha de Bolsonaro dependerá do próprio presidente.

Ele promete reação no dia 7 de setembro. Se o presidente dobrar a tática de questionamento às urnas, pode alimentar contra si uma onda capaz de levar setores médios hoje resistentes a Lula a optar pelo petista em nome da estabilidade.

Resta saber se um recuo estratégico pode conter um movimento que outrora ficaria ainda maior. Instintivo, Bolsonaro influenciará o tom da orquestra a ser tocada a partir do Dia da Independência.

E aquela do Cavaca?

Ruy Castro

Encerrando esta série de frasistas, eis Don Rossé Cavaca. Ou José Martins de Araújo Junior (1924-65), carioca, 1,87 m, quixotescamente magro (daí o pseudônimo), colega de ginásio de Fernanda Montenegro, cronista esportivo, publicitário, ator, criador das pegadinhas na TV brasileira e humorista no papel e na vida real.

De madrugada, na Tribuna da Imprensa, onde trabalhava, Cavaca punha-se de cueca, enrolava-se num pano, subia numa mesa e imitava Gandhi. Usando peças de 4ª mão, construiu um carro na garagem de seu prédio. Em 1961, lançou seu livro “Um Riso em Decúbito”, por 995 cruzeiros, que já vinha com uma nota de 5 para troco, a famosa “nota do índio” —cinco dias antes de ela ser distribuída pela Casa da Moeda. JK, recém ex-presidente, foi buscar o autógrafo de Cavaca. Algumas frases do livro:

“O tempo que levei aprendendo a extrair uma raiz quadrada foi um tempo precioso que eu poderia ter aplicado em fazer nada.” “A Bíblia conta à sua maneira que Adão também comia maçãs em outra macieira.” “Velório chato. Cafezinho excelente.” “Tem cura, doutor? Se tem, vamos desenterrá-lo.” “Há certos mortos que, francamente, deveriam respeitar a memória dos que ficam.” “Flagrei minha mulher me pegando em flagrante.” “Há meninas de sete anos que fumam como se já tivessem onze.” “Assaltado o Banco do Brasil por ladrões de verdade.”

“Bons tempos aqueles! Como se ganhava pouco!” “Acredito na sua honestidade, mas a quadrilha já está formada.” “O Bobo da Corte está se divertindo à custa do povo.” “Puxa, a vida eterna, como deve ser cansativa!” “No oitavo dia de jornada, um camelo riu como gente, mas conseguiu manter sua dignidade.” “Que corrupção é essa que a gente morre sem conseguir atingi-la?” “Maldito é o goleiro. Onde ele pisa não nasce grama.”

Cavaca morreu ao cair de sua lambreta no Aterro do Flamengo. Clarice Lispector despediu-se dele com uma crônica.

O caráter à flor da pele

Muniz Sodré

Professor emérito da UFRJ, autor, entre outros, de “A Sociedade Incivil” e “Pensar Nagô”. Escreve aos domingos

Mais em opiniões populares do que em textos, há algum consenso quanto à correspondência entre traços faciais de figuras do poder e caráter aberto ao desvario e à corrupção. Diz-se que as inclinações morais lhes transparecem nos rostos, ou, numa expressão corriqueira, que “estão na cara”. Mas já houve para isso uma designação culta: fisiognomonia.

Trata-se nada mais nada menos de “leitura facial”, ou seja, a hipótese, aceita no passado por muita gente sisuda, de que na estrutura corporal do indivíduo haveria legíveis marcas psicológicas e morais. Imperadores de antigas dinastias chinesas levavam tão a sério a leitura desses sinais que por eles escolhiam seus ministros.

O fenômeno chegou à modernidade. Shakespeare faz Lady MacBeth dizer ao marido: “Teu rosto, meu nobre, é um livro em que os homens podem ler coisas”. O que se lia? “Falso, sangrento, enganador, luxurioso.” A literatura romanesca é pródiga nas descrições em que as distintas partes corporais revelam características de comportamento, e não apenas visuais, mas táteis: até o medo exalaria um odor específico.

Em outros tempos de estudos jurídicos, ainda circulavam as ideias oitocentistas de Cesare Lombroso, para quem zigomas acentuados, bossas cranianas e maxilares protuberantes indicavam tendências criminosas.

A fisiognomonia sempre foi a ciência prática de caricaturistas. Agora ela tem chance de uma insólita reentrada na cena pública brasileira, em meio à crise ético-política que turva a legitimidade do poder.

Sumindo a credibilidade dos aparatos de Estado, vazam fisicamente os traços de caráter dos dirigentes. A afecção visual pode ser tão concreta quanto a mental. Um traidor e golpista, agente das sombras, é figurado como vampiro, algo a se temer. Um delirante predador parlamentar, como ratazana voraz. Quando se põe lenha na fogueira do autocratismo, a contrapartida da imaginação coletiva é a representação por arquétipos críticos da encarnação do poder.

Livre para interpretar, o povo “lê”, sentindo. Foi assim que um John Kennedy jovial, queimado de sol e maquiado venceu no famoso debate televisivo um Richard Nixon suado e sombrio (26/6/1960). Houve quem achasse melhor a fala de Nixon, mas a cara de Kennedy, imbatível, deu início à era da telegenia. Entre nós, é hoje notável a força negativa do flagrante defeito: no dirigente que mente contra todas as evidências, o arquétipo da cara de pau despudorada traduz a falha moral. A troca da palavra pelo palavrão, do sorriso pelo deboche, se distorce à flor da pele como, no mamulengo nordestino, os nervos do mau-caráter se mostram à flor do pano. Isso marca ponto no placar de jogo do povo, no qual a fisiognomonia também chuta em gol.

TENDÊNCIAS / DEBATES

folha.com/tendencias debates@grupofolha.com.br
Os artigos publicados com assinatura não traduzem a opinião do jornal. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate dos problemas brasileiros e mundiais e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo

Precisamos erradicar a violência de gênero

Esforços nessa luta devem ser de toda a sociedade

Rodrigo Pacheco
Senador da República (PSD-MG), é presidente do Congresso Nacional e do Senado Federal

No último dia 7 de agosto, o Brasil comemorou os 16 anos de um marco legal que fez história no nosso país. Sancionada em 2006, a Lei Maria da Penha é considerada referência internacional em legislação de direitos humanos e um trunfo da democracia brasileira no sentido de promoção da igualdade.

O enredo que culminou na aprovação da lei, no entanto, não é digno de orgulho para o país. Ele se soma a várias outras histórias de vida marcadas pela violência dentro do próprio lar. Em 1983, Maria da Penha Maia Fernandes foi agredida em casa pelo então marido, o que a deixou paraplégica. Ela buscou ajuda nos órgãos de segurança e na Justiça. A resposta do Poder Judiciário tardou. O poder público, que deveria protegê-la, falhou.

A partir daí iniciou-se um raro movimento social no Brasil. Liderada pelas mulheres, a sociedade brasileira deflagrou uma mobilização que representou um enorme progresso no combate à violência de gênero. Em 2006, o projeto de lei nº 4.559/2004 foi aprovado por unanimidade em ambas as Casas do Congresso.

O Poder Legislativo abraçou essa luta com o objetivo de punir com mais rigor a violência doméstica.

O processo legislativo não é o ponto de partida nem a linha de chegada da mudança social, mas um marco que reconhece uma luta popular como prioritária ao Estado e à sociedade. E a pauta feminina é uma prioridade do Congresso Nacional.

Apenas nos últimos meses em que estive à frente da presidência do Senado aprovamos mais de 30 proposições da pauta feminina. Dentre elas, aprovamos verbas para ações de enfrentamento da violência contra a mulher, criminalizamos o "stalking" ("perseguição", popularizada pela expressão em inglês) e regulamentamos o combate à violência política de gênero. Alguns projetos aprovados no Senado, que aguardam deliberação da Câmara dos Deputados, também são dignos de destaque, como o que veda a aquisição de armas de fogo por quem pratique violência doméstica e o PL 3.475/2019, de minha autoria, que garante a possibilidade de remoção a pedido da servidora pública vítima de violência.

Embora muito tenhamos avançado, o que foi feito não é suficiente. Dados do Fórum Brasileiro de Segurança Pública apontam que, em 2021, foram contabilizadas 1.319 mulheres vítimas de feminicídio e 56.098 estupros com vítimas do gênero feminino. No período, uma mulher foi vítima de feminicídio a cada 7 horas e uma menina ou mulher de estupro a cada 10 minutos. Números alarmantes, principalmente se considerarmos que, em relação aos crimes sexuais, os índices de subnotificação são geralmente altos.

Diante disso, precisamos analisar o que falhou e, mais importante, o que podemos fazer para mudar esse cenário com o objetivo de erradicar, de uma vez por todas, a violência contra a mulher.

É por essa razão que continuamos imprimindo esforços nessa luta. Nesta semana, instituímos o "Agosto Lilás". Trata-se de uma ação dedicada à conscientização pelo fim da violência de gênero. O Senado também instituiu grupo de trabalho com o objetivo de elaborar, em 30 dias, projeto de lei destinado à reforma do Código Penal na parte que disciplina os crimes contra a dignidade sexual.

A violência doméstica não é só um problema de quem vive essa realidade. É um problema do Estado, é um problema da sociedade, é um problema de todos. A presença da violência de gênero no nosso cotidiano reforça a importância de normas como a Lei Maria da Penha na inserção do debate desse tema na sociedade, e o advento do aniversário da referida legislação é momento oportuno para refletirmos sobre como podemos contribuir na defesa da pauta feminina.

Não podemos ficar indiferentes na temática da defesa das mulheres. Não podemos ficar omissos em face da violência doméstica. Devemos ser, portanto, agentes na erradicação da violência de gênero. Precisamos de uma mudança de postura, que representará a diferença para milhares de brasileiras em todo o país.

Martin Kovensky

A taquicardia de um pai

Eles crescem acelerados como o meu coração

Nicolás José Isola
Filósofo, 42, é doutor em ciências sociais, coach executivo e consultor em storytelling

Sou argentino, e meus dois filhos são brasileiros. Dois meses atrás foi diagnosticado um problema no meu coração: taquicardia severa. Os cardiologistas falaram que eu precisaria de uma cirurgia urgente. Em décimos de segundos, tomando um café ou lendo um livro, minha frequência cardíaca passava de 60 até 250 batimentos por minuto. Tinha Ayrton Senna conduzindo o carro do meu corpo.

Senti medo. De quê? O medo maior era a morte, certamente, mas não a morte do meu corpo. Eu temia perder diminutos tesouros, caríssimos momentos, instantes preciosos com Mateo, 6, e Tobias, 3. Eu temia não os ver crescer, brincar e serem felizes. Eu temia que meu coração não me deixasse curti-los. Temia que mudasse o roteiro do nosso filme e não fosse mais protagonista na história deles. Eu temia passar a ser só um ator coadjuvante. Ali me dei conta de que o tempo, esse que parece meu, na verdade é deles.

Vou ser sincero com vocês. Meu medo era deixar de ser pai. Meu medo não estava ligado à possibilidade de deixá-los órfãos, não. Meu medo era perder o meu tempo com os meninos. Meu medo era egoísta. Meu medo era deixar de ser pai.

Ser pai é ter uma poltrona aconchegante no centro de uma peça teatral magnífica. Você está ali torcendo, educando e dando sugestões para que essas vidas sejam ótimas. Ser pai é ser um espectador presente. Assiste, fala, repete. Cuida. Presença.

Estava na maca da sala de operações, naquele estresse do corpo rendido, à disposição dos outros. Os cirurgiões colocaram anestesia local e ingressaram pela virilha cabos que introduziram por meio de uma veia direto no meu coração.

Recostado, conseguia ver os cabos dentro do coração num monitor. Três semanas anteriores à cirurgia, havia contraído Covid-19. Azar, hein?! Tossia e tossia, até que o cirurgião olhou para mim e falou: "Tente não se movimentar, a gente pode machucá-lo".

Podem acreditar que não é uma frase muito legal quando você tem cabos no seu sistema operacional central. Naquela hora, fiquei quieto, repetindo o nome dos meus filhos e da minha esposa. Naquela hora da minha jornada, eram eles. Sempre o sentido da vida são eles.

Adoro meu trabalho como coach executivo e consultor em storytelling. Essa paixão imensa, porém, é nada se comparada ao sucesso de ouvir Mateo e Tobias falando que conto as melhores histórias sobre ursos pandas brincando no mercado. Nada importa quando esses dois nomes estão em perigo. Prioridade raiz.

Aquilo que chamamos "paternidade", na verdade, é só um vitral de poucos segundos de felicidade compartilhada. De jogos, conversas e risadas. Cada um deles parece simples, mas todos juntos são a chave que abre o cofre de segurança do meu coração. Ali dentro não tenho defesas. Sou vulnerabilidade pura.

Se você é pai e está distraído, deixe tudo, meu caro, e procure a chave do seu cofre da felicidade.

A vida é curta, sabe? A vida é curta, e eles crescem que nem meu coração, acelerados como uma nave.

PAINEL DO LEITOR

folha.com/paineldoleitor leitor@grupofolha.com.br
Cartas para al. Barão de Limeira, 425, São Paulo, CEP 01202-900. A Folha se reserva o direito de publicar trechos das mensagens. Informe seu nome completo e endereço

Escritor esfaqueado

Assisti a parte de uma entrevista com um dos organizadores no local da palestra, e ele disse que nunca em 140 anos do evento literário havia acontecido nada assim, que havia seguranças no local, que as bolsas das pessoas foram revistadas ("Escritor Salman Rushdie sofre ataque antes de dar palestra em Nova York", Ilustrada, 12/8). Que segurança foi essa, que o sujeito deu 15 facadas? No caso de Rushdie, teria que ter sido reforçada. E ainda um cara mascarado na plateia?
Valéria Neves Camargo (São Paulo, SP)

*

Fanatismo religioso. Desde muitos séculos o ser humano mata em nome de alguma religião. Fanatismo real muitas vezes manipulado e explorado por interesses políticos, cobiça e poder. Conotações religiosas messiânicas que se aproveitam da fé e da desinformação das pessoas para auferir ganhos financeiros ou políticos, materializados no poder obtido!
Vilarino Escobar da Costa (Viamão, RS)

Sem debate

Poxa vida ("Consórcio de imprensa suspende debate presidencial em pool", Poder, 12/8). Façam o debate com aqueles que se comprometeram em participar.
Alexandre Fonseca Junior Matos (Niterói, RJ)

Fé

Vivemos em país plural e diverso. A diversidade religiosa deve ser respeitada e promovida ("Campanha de Bolsonaro estuda ligar Janja à 'macumba' na televisão", Mônica Bergamo, 12/8). Meus pais são católicos, sou espírita, meu namorado é ateu, meus primos, evangélicos, tenho amigos candomblecistas, umbandistas, judeus, budistas, muçulmanos e hindus. Todas as religiões e os que não creem merecem respeito. Se Michelle Bolsonaro fizer isso, deve responder criminalmente!
Felipe Araújo Braga (Caieiras, SP)

O poder da fala

O ser humano poderia ter aprendido só a falar, e não a falar besteira ("Cientistas desvendam por que os seres humanos falam e os outros primatas, não", Ciência, 12/8). Precisamos evoluir de novo e desenvolver a capacidade de falar só o necessário.
Cristiano Alexandria (Guarulhos, SP)

Copa

Quem pode ir à Copa são pessoas de "bem" do andar de cima, alheias aos sofrimentos dos brasileiros na terra arrasada chamada Brasil ("Brasileiros encaram distância, diferença de cultura e gasto de até R$ 350 mil para ver o hexa no Qatar", Esporte). Torcerão por uma abstração de país que mais parece um fazendão, com pouca civilidade e cultura.
Carlos L. Belmar (São José do Rio Preto, SP)

Temas mais comentados pelos leitores no site
De 5 a 12.ago - Total de comentários: **16.989**

- **444** Michelle comanda culto ao lado de Bolsonaro em BH na busca por eleitoras (Política) **7.ago**
- **320** Convocações golpistas para o 7 de Setembro explodem em grupos de mensagens (Política) **9.ago**
- **287** Marco Aurélio diz que vota em Bolsonaro contra Lula: 'Buscou dias melhores' (Política) **11.ago**

ASSUNTO NA SUA OPINIÃO, QUAIS SÃO AS CONSEQUÊNCIAS DE FACILITAR O ACESSO A ARMAS PARA CIVIS?

Facilitar às pessoas sentirem-se poderosas e resolverem fraquezas "na bala", como em séculos passados.
Denise Vitoriano (São Paulo, SP)

*

Com a posse das armas, o cidadão tem a possibilidade de poder se defender e de não se tornar vítima.
Manoel Neto (São Luís, MA)

*

As consequências são mais violência, mortes e casos de feminicídio. Arma para autodefesa é falácia.
Renata A. M. de Souza (São Paulo, SP)

*

Vai ser briga feia, na qual o pobre vai de estilingue, e o rico vai de pistola.
Carlos Ferreira (Fortaleza, CE)

*

Péssimo. Brigas banais se transformam em homicídios. Arma significa mais morte. Principalmente arma nas mãos de machões que se autodenominam homens de bem.
Elida Carvalho Vieira (Porto Alegre, RS)

*

Lojistas deveriam ter direito a ter arma nos estabelecimentos. Mas armas nas mãos de civis se tornam meio fácil para o autoextermínio.
Antonio Luiz Bittencourt (Curitiba, PR)

*

É o aumento de mortes por armas de fogo em residências, tendo como vítimas crianças e mulheres. É a coroação do retrocesso civilizatório.
Leila Mororó (Vitória da Conquista, BA)

*

Sou a favor do acesso a armas. Há critérios para permitir posse e porte de armas. Possuo arma há mais de 40 anos e evitei três assaltos que sofreria. Ter ou não arma é direito de qualquer cidadão na democracia.
Paulo Sergio de S. Moreira (Mogi Guacu, SP)

*

Nunca foi vendida tanta arma, e o número de homicídios é o menor desde que começou a ser medido.
Carlos Alberto (São José dos Campos, SP)

*

Dar à população acesso a armas demonstra a incompetência da nação em organizar e proteger espaços públicos e que não possui estratégia de estado para lidar com a violência.
Sandra de Castro (Brasília, DF)

*

É um direito que foi aprovado no plebiscito em 2005. Sou CAC. Adquirir arma exige etapas e testes. O trâmite legal exige tempo e dinheiro. É caro. Sou contra andar armado. Tenho arma para praticar tiro ao alvo e é legal. Não estou fora da lei!
Helvídio Menezes Júnior (Piumhi, MG)

*

Respeitar a vontade popular do plebiscito de 2005, promover a liberdade individual que permite que quem queira possa ter acesso à aquisição de armas para posse ou porte!
Otavio Cesar de A. Pereira (São Paulo, SP)

*

Liberar a venda de armas tem duas finalidades. A de quem vende, o lucro, que vai financiar campanhas eleitorais, o lobby e a corrupção. E a de quem compra, que facilitará a bandidagem a ter novas armas.
Antônio Almeida (São Carlos, SP)

*

Na maioria dos casos, pessoas usaram armas para matar, não para defender. Perdi colega que tinha 8 anos morta pelo irmão, também criança, que brincava com a arma do pai.
Maria Fernandes (Brasília, DF)

*

Armas de fogo só podem ter como consequência a generalização da insegurança e da violência, pois quem se dispõe a adquirir uma arma não vai guardá-la na gaveta.
Denise C. S. L. M. Rebouças (Ilhabela, SP)

*

Em quase 20 anos como delegado percebi que as ocorrências com armas são muito mais graves. O cidadão tem falsa sensação de segurança portando arma, mas não tem noção do que é confronto com criminosos.
Glauber Carneiro Lorenzini (Boa Vista, RR)

política

PAINEL

Fábio Zanini
painel@grupofolha.com.br

Carteira verde e amarela

Irmão do presidente, Renato Bolsonaro deverá ser empregado pelo PL para se dedicar a campanhas em SP, com salário de ao menos R$ 20 mil. Ele deixou o cargo de chefe de gabinete na Prefeitura de Miracatu (SP), no começo de agosto, para ajudar Tarcísio de Freitas (Republicanos) para o governo, Marcos Pontes (PL) para o Senado e Mosart Aragão (PL) para deputado federal. Renato tem acordo com o prefeito Vinicius Brandão (PL) para voltar a ocupar o antigo posto após as eleições.

BOCA DO CAIXA Para evitar acusações de favorecimento, o PL pretende remunerar o irmão de Jair Bolsonaro (PL) pela tarefa com recursos próprios, advindos de contribuições de parlamentares, e não com valores provenientes dos fundos partidário ou eleitoral.

NUMA NICE O ministro-chefe do GSI, Augusto Heleno, prevê clima de festa para o 7 de setembro e descarta atos violentos. "Eu não tenho dúvida de que o 7 de setembro será muito tranquilo. O clima não está para isso, não existe essa raiva reprimida, que vai explodir."

RELAX Responsável pela área de inteligência no governo, ele usa as manifestações do ano passado, nas quais Bolsonaro chegou a ameaçar não cumprir decisões judiciais, como exemplo de que, mesmo em clima tenso, não haverá consequências mais graves. "Não vai sair do campo da retórica. Muito papo e nenhuma ação."

BIGODÓN Citada por Bolsonaro nos últimos dias como exemplo do apreço do PT por ditaduras, a Nicarágua participou da reunião com diplomatas em que o presidente questionou o processo eleitoral. Na lista de convidados, obtida pelo Painel, consta a presença de Lorena Martinez, embaixadora do país centro-americano.

W.O. A reunião foi prestigiada por pouco mais da metade do corpo diplomático. Das 132 missões estrangeiras no Brasil, 60 não enviaram representantes, ou 45,5%. Muitas, segundo o Painel apurou, simplesmente ignoraram o convite. Exemplos de importantes parceiros comerciais que não compareceram foram Japão, Singapura e Austrália.

LINHA DO EQUADOR Presidente do PTB de SP, o empresário Otávio Fakhoury será suplente de senador no Amapá, a 2.600 km de distância. Ele se inscreveu na chapa de Guaracy Silveira Jr., do mesmo partido. Uma das principais lideranças evangélicas do estado, Silveira preside a Igreja do Evangelho Quadrangular.

SEGUUUURA Bolsonaro deve comparecer à Festa do Peão de Boiadeiro, em Barretos (SP), que ocorre entre 18 e 28 de agosto. O presidente tem no agronegócio um dos seus maiores grupos de sustentação e recebe o apoio de diversos artistas sertanejos.

DEVAGAR O Governo de São Paulo, comandado por Rodrigo Garcia (PSDB), executou só 1,5% do Orçamento para a implantação de delegacias da mulher 24 horas em 2022. Dados da Secretaria da Fazenda mostram que o governo empenhou R$ 360,6 mil no projeto, sendo que a verba prevista na lei orçamentária foi de R$ 24 milhões.

TELHADO DE VIDRO O tema foi abordado no primeiro debate entre os candidatos ao governo, no domingo (7), na Band. Tarcísio de Freitas (Republicanos) afirmou que o estado tem 134 delegacias da mulher, mas "menos de 10% funcionam 24 horas". Segundo a Agência Lupa, SP tem 138 unidades, sendo que 11 (7,8%) operam de forma permanente.

RUBRICA A Secretaria de Segurança Pública diz que a implantação ocorre também com outros investimentos além dos computados como "delegacia da mulher 24 horas". "A Delegacia de Hortolândia, que foi entregue em maio, teve investimentos da rubrica 'construção e readequação de instalações físicas'". A pasta diz que o número de unidades 24 horas passou de 1 em 2019 para 11.

DIVÓRCIO 1 Advogados de Luiz Inácio Lula da Silva (PT), Cristiano Zanin e sua mulher, Valeska Teixeira, decidiram desfazer a sociedade com Roberto Teixeira, compadre do ex-presidente. Eles enviaram telegramas em 8 de agosto a Roberto e Larissa Teixeira, pai e irmã de Valeska, formalizando a "retirada unilateral" do escritório Teixeira Zanin Martins Advogados.

DIVÓRCIO 2 Segundo Zanin, a saída se dá em função de novos projetos profissionais. "Estaremos focados em uma área mais estratégica em litígios e prevenção de litígios individuais e empresariais", afirma. Ele diz que seguirá atuando na defesa do ex-presidente.

TABELA Puxador de votos do PSOL, Guilherme Boulos terá a mesma verba partidária dos candidatos à reeleição para deputado federal do partido em SP, cerca de R$ 1,8 milhão. Sonia Guajajara e Erika Hilton, em relação às quais também há grande expectativa de votos, terão R$ 1 milhão.

EXTRA Boulos busca incrementar a verba de campanha com uma vaquinha on-line.

com Guilherme Seto e Juliana Braga

GRUPO FOLHA
FOLHA DE S.PAULO ★★★
UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA

Redação São Paulo
Al. Barão de Limeira, 425 | Campos Elíseos | 01202-900 | (11) 3224-3222
Ombudsman ombudsman@grupofolha.com.br | 0800-015-9000
Atendimento ao assinante (11) 3224-3090 | 0800-775-8080
Assine a Folha assine.folha.com.br | 0800-015-8000

EDIÇÃO DIGITAL	Digital Ilimitado	Digital Premium
DO 1º AO 3º MÊS	R$ 1,90	R$ 1,90
DO 4º AO 12º MÊS	R$ 9,90	R$ 9,90
A PARTIR DO 13º MÊS	R$ 29,90	R$ 39,90

EDIÇÃO IMPRESSA	Venda avulsa seg. a sáb.	Venda avulsa dom.	Assinatura semestral* Todos os dias
MG, PR, RJ, SP	R$ 5	R$ 7	R$ 827,90
DF, SC	R$ 5,50	R$ 8	R$ 1.044,90
ES, GO, MT, MS, RS	R$ 6	R$ 8,50	R$ 1.318,90
AL, BA, PE, SE	R$ 9,25	R$ 11	R$ 1.420,90
Outros estados	R$ 10	R$ 11,50	R$ 1.764,90

*À vista com entrega domiciliar diária. Carga tributária 3,65%

CIRCULAÇÃO DIÁRIA (IVC)
352.428 exemplares (junho de 2022)

Alto Comando do Exército se reuniu na primeira semana de agosto, em Brasília Divulgação/Exército

Exército teme violência nas eleições e prepara esquema de segurança

Comandos regionais discutem com tribunais regionais eleitorais para definir atuação da força federal durante o pleito de outubro

Cézar Feitoza

BRASÍLIA O Alto Comando do Exército teme que a disputa política polarizada das eleições presidenciais deste ano possa causar um aumento de casos de violência eleitoral.

A avaliação foi feita durante reunião dos 16 generais que compõem o Alto Comando do Exército, em Brasília, na primeira semana de agosto.

A reunião tratava de questões administrativas, mas a análise da conjuntura política e eleitoral foi feita durante o encontro, segundo três generais com conhecimento do que foi discutido.

Para auxiliar em possíveis casos de violência eleitoral, os comandos militares regionais deixarão batalhões a postos nos quartéis para eventuais convocações nos dias das eleições.

Tradicionalmente, batalhões do Exército ficam mobilizados no dia da votação nos estados que solicitam ajuda federal. Em pleitos anteriores, no entanto, não havia a avaliação de que eles poderiam ser necessários para atuar em eventuais episódios de violência relacionada ao processo eleitoral.

As estratégias sobre como reagir a esse cenário já são discutidas entre representantes dos militares e de estados que devem solicitar apoio das Forças Armadas para a segurança e logística do primeiro turno, como o Rio de Janeiro e Tocantins.

Os generais consultados pela **Folha** afirmaram que a morte do petista Marcelo de Arruda, assassinado pelo bolsonarista Jorge Guaranho em sua festa de aniversário, acendeu o sinal de alerta para o risco de aumento de casos de violência.

O Exército se prepara desde o início do ano para tentar evitar incidentes relacionados ao período eleitoral.

Em mudança em seu cronograma, a Força definiu que os 67 exercícios militares principais previstos para o ano devem ser executados até setembro. Depois disso, todo o efetivo ficará à disposição de eventuais necessidades.

Durante as eleições, as Forças Armadas são chamadas para ajudar em questões logísticas e de segurança nas operações de GVA (Garantia de Votação e Apuração).

A **Folha** apurou que cerca de 30 mil militares devem atuar na operação, que envolve o transporte de urnas eletrônicas para seções eleitorais remotas.

O pedido de auxílio da força federal é feito pelos TREs (Tribunais Regionais Eleitorais) ao TSE (Tribunal Superior Eleitoral). A corte aprova o envio das tropas militares após a assinatura de um decreto de Garantia de Votação e Apuração, que cabe ao presidente da República.

A autorização para o emprego das forças federais neste ano já foi dada, faltando ao TSE informar as localidades em que os militares deverão atuar.

No primeiro turno das eleições de 2018, os militares atuaram em 510 locais de votação.

Alguns estados pediram auxílio específico para questões logísticas, como é o caso de Roraima e Pará. Rio de Janeiro, que solicitou apoio em 106 zonas eleitorais em 2018, pede majoritariamente ajuda para garantir a segurança dos eleitores.

Apesar do receio e da mobilização dos batalhões, a cúpula do Ministério da Defesa vê como baixo o risco de apoiadores de Jair Bolsonaro (PL) reeditarem a invasão do Capitólio, nos Estados Unidos, caso o presidente perca a eleição para o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT).

Os generais ainda afirmam reservadamente que o risco de aumento da violência política não tem relação com os decretos de Bolsonaro que ampliaram o acesso às armas.

Em audiência na Câmara, o ministro da Defesa, general Paulo Sérgio Nogueira, foi questionado se as equipes de inteligências das Forças Armadas monitoram "grupos armados ou pessoas mal-intencionadas [que possam tentar] interferir e tirar a paz no processo eleitoral". "O que nossas Forças Armadas estão fazendo para evitar um Capitólio, por exemplo?", perguntou a deputada Perpétua Almeida (PC do B-AC).

O ministro respondeu que as Forças Armadas monitoram eventuais movimentações por meio de sistemas integrados de inteligência, mas não identificou risco de invasão como a de 6 de janeiro, nos Estados Unidos.

"A preocupação que a senhora expõe no comentário em relação ao emprego da inteligência internamente e, não sei se foi essa a intenção, no que diz respeito ao processo eleitoral, eu nego e não existe esse tipo de preocupação [reedição da invasão do Capitólio no Brasil]."

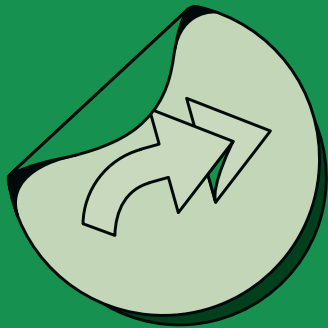
O temor de aumento de violência eleitoral também mobilizou a Polícia Federal. A diretoria-geral da corporação enviou ofício para as 27 superintendências regionais, no mês passado, para orientar que façam contato com as respectivas secretarias de Segurança nos estados para mobilizar esforços na segurança dos presidenciáveis.

No texto, a direção da PF afirma que o "cenário atual evidencia a necessidade de somarmos esforços, haja vista o acirramento das relações entre correligionários dos principais candidatos e os incidentes já registrados na fase de pré-campanha eleitoral".

Além da violência política, os generais do Alto Comando do Exército discutiram na reunião o desgaste da imagem das Forças Armadas diante dos ataques do presidente Bolsonaro às urnas eletrônicas e da polarização política.

De acordo com os relatos, a avaliação é que o Exército deve continuar com o trabalho de fiscalização do processo eleitoral, uma vez que o TSE convidou os militares para participar da comissão de transparência da corte. No entanto, os generais querem afastar a imagem de que as Forças Armadas poderiam apoiar uma eventual ruptura democrática capitaneada por Bolsonaro.

A dificuldade, segundo os generais, é que falar publicamente contra um eventual golpe pode dar munição para oposicionistas analisarem o movimento como uma ruptura das Forças Armadas com o governo Bolsonaro —o que, dizem, não é verdade.

O Alto Comando do Exército é composto pelos 16 generais quatro estrelas da ativa, o posto mais alto da carreira. O grupo se reúne periodicamente e assessora o ministro da Defesa em questões administrativas e de promoção de oficiais.

> **"** O cenário atual evidencia a necessidade de somarmos esforços, haja vista o acirramento das relações entre correligionários dos principais candidatos e os incidentes já registrados na fase de pré-campanha eleitoral
>
> Ofício enviado pela PF para as 27 superintendências, no mês passado

PROTAGONISMO DA PRIMEIRA-DAMA EM EVENTO EVANGÉLICO
A participação do presidente Jair Bolsonaro (PL) neste sábado (13) na Marcha para Jesus no Rio de Janeiro foi marcada pelo protagonismo da primeira-dama, Michelle Bolsonaro, que acompanhou o marido Gabriel Bastos Mello/Onzex Press/Agência O Globo

Mais de 1/3 dos palanques esconde Bolsonaro nas redes

Aliados não mencionaram o presidente nenhuma vez neste semestre

João Gabriel e João Pedro Pitombo

BRASÍLIA E SALVADOR Mais de um terço dos candidatos a governador que estão formalmente aliados nas eleições com o PL, partido de Jair Bolsonaro, não publica imagens ou faz referências ao atual presidente em suas redes sociais.

Dos 27 palanques que Bolsonaro já tem garantidos na corrida pela reeleição, 10 não fizeram menção ou expuseram sua imagem no Twitter e no Instagram no atual semestre, mesmo com o período eleitoral cada vez mais próximo e já após as convenções partidárias.

A campanha só começa, oficialmente, na terça-feira (16). Até lá, os políticos não podem distribuir material gráfico com pedidos explícitos de voto, mas não há restrições em vincular suas respectivas imagens aos seus candidatos a presidente.

Dos palanques oficiais que escondem Bolsonaro, oito estão no Norte e no Nordeste. Seis dos sete aliados do Sul e do Sudeste exploram a imagem do presidente.

Ratinho Junior (PSD), governador do Paraná que concorre à reeleição, é o único das duas regiões que esconde o aliado.

Questionado, afirmou que a aliança deles é pública e notória, que ambos apoiam o mesmo candidato ao Senado no estado e que a proximidade entre os dois vem desde antes das eleições de 2018.

"O governador reforça essa aproximação toda vez que é perguntado sobre o assunto e um novo registro formal eleitoral da parceria entre os dois candidatos poderá ser conferido durante a campanha eleitoral", afirmou, por meio de sua assessoria.

Cláudio Castro (PL), candidato ao governo fluminense, até mostra o aliado, mas apenas fez referências no Twitter e, inclusive, não o citou durante o primeiro debate televisivo do pleito, na TV Bandeirantes.

Palanque de Bolsonaro no Distrito Federal, o candidato à reeleição Ibaneis Rocha (MDB) é outro que expõe o atual presidente timidamente, com apenas uma postagem neste semestre.

Também no Centro Oeste, Mauro Mendes (União Brasil), que tenta a reeleição em Mato Grosso, não mostra o presidente.

"A rede é pessoal e não tenho focado em falar de política partidária, mas ainda assim temos postagens com o presidente. Nossa campanha será baseada nos resultados da gestão e nas boas perspectivas de presente e futuro. Nosso apoio ao presidente é inegável e está sendo manifestado respeitosamente de diversas formas", afirmou.

Dentre os ex-ministros de Bolsonaro que vão concorrer na eleição, apenas Flávia Arruda (PL-DF) não mostra o presidente —além, claro, daqueles como Sergio Moro, Abraham Weintraub ou Luiz Henrique Mandetta, que deixaram o governo após divergências.

Para além das redes sociais e dos palanques oficiais, aliados não formais também escondem de alguma forma, no âmbito regional, o atual segundo colocado nas pesquisas de intenção de voto.

É o caso do presidente da Câmara dos Deputados, Arthur Lira (PP), e do ministro da Casa Civil, Ciro Nogueira (PP), que apoiam pretendentes ao governo em seus estados que querem distância de Bolsonaro. Na mesma semana em que foi à convenção do presidente no Rio de Janeiro com uma camisa com o nome e o número de Bolsonaro, Lira participou de atos com aliados em Alagoas onde não fez referências ao presidente.

Lira apoia o candidato a governador Rodrigo Cunha (União Brasil), que faz uma campanha descolada da eleição nacional. O candidato a senador Davi Davino Filho (PP) segue a mesma estratégia.

O cenário é semelhante no Piauí, onde o ministro Ciro Nogueira vai apoiar o ex-prefeito de Teresina Sílvio Mendes (União Brasil) para o governo.

Mendes se diz opositor de Bolsonaro e afirma não querer o presidente em seu palanque. Em conversa com a **Folha**, em abril, disse que se manterá distante da disputa nacional.

"Quando fui prefeito de Teresina, Lula era presidente e não tive nenhum problema com ele. Bolsonaro eu sou distante, não o conheço. Mas acho que, como todo gestor, ele tem acertos e erros", afirma Mendes.

O PP de Ciro Nogueira acionou a Justiça Eleitoral para questionar a circulação de imagens de seus candidatos no Piauí ao lado de Bolsonaro e pediu que o material fosse suspenso. A Justiça, contudo, negou o pedido.

No Maranhão, bolsonaristas como o senador Roberto Rocha (PTB) e o deputado federal Josimar Maranhãozinho (PL) aderiram à candidatura a governador do senador Weverton Rocha (PDT), que tem indicado apoio a Lula na eleição presidencial.

Valmir de Francisquinho, também do PL e candidato ao governo de Sergipe citou seu aliado em suas redes sociais, mas para afirmar que "quem vai governar Sergipe não é nem Lula, nem Bolsonaro".

Em estados como Bahia, Rio Grande do Norte e Pernambuco, ex-ministros que concorrem a disputas majoritárias têm se associado ao presidente.

No Rio Grande do Norte, o ex-ministro do Desenvolvimento Regional e candidato a senador Rogério Marinho (PL) firmou alianças que incluem líderes políticos que vão apoiar outros candidatos a presidente.

Ele tem colocado Bolsonaro em primeiro plano na sua campanha. Na convenção que formalizou sua candidatura, Marinho destacou temas caros ao bolsonarismo como a defesa de valores cristãos e a flexibilização da posse e porte de armas.

No discurso, citou o presidente ao menos quatro vezes e se disse grato por ter sido alçado ao governo federal após ter sido derrotado na eleição de 2018.

E destacou o papel do presidente na obra da transposição do rio São Francisco, que estava 90% concluída em 2019: "Quem realizou a transposição foi o presidente Bolsonaro. E eles [adversários] vão ter que engolir".

O ex-ministro da Cidadania, João Roma (PL), tem em Bolsonaro a principal âncora de sua campanha ao governo da Bahia, que tem o Auxílio Brasil como principal eixo central. No debate na TV Bandeirantes, no último domingo, ele falou 21 vezes o nome de Bolsonaro.

A postura destoa de outros candidatos da centro-direita que têm buscado distância do presidente, caso de ACM Neto (União Brasil).

Mesmo em chapa com PP e Republicanos, partidos que estão com Bolsonaro, o ex-prefeito de Salvador tem dito que ficará neutro na eleição nacional. Em julho, a União Brasil ingressou com uma ação pedindo a exclusão de uma postagem do PT que o associava a Bolsonaro. O pedido foi acatado.

Candidato ao Senado em Pernambuco, o ex-ministro do Turismo Gilson Machado (PL) não esconde seu vínculo com o presidente, com quem divide a foto em seus perfis nas redes sociais. Mas deixou em segundo plano os ataques a Lula.

"A gente não tem tempo para perder falando mal dos outros. Tenho feito uma campanha mais propositiva, de bons ventos, de esperança, de que este é o país que mais cresce nas Américas", afirmou, em julho, à coluna Painel da **Folha**.

10 dos 27 palanques de Bolsonaro escondem o presidente

Esconde / Mostra

UF	Candidato	Esconde/Mostra
AC	Mara Rocha (MDB)	Mostra
AL	Fernando Collor (PTB)	Mostra
AM	Wilson Lima (União Brasil)	Esconde
AP	Clecio luís (Solidariedade)	Esconde
BA	João Roma (PL)	Mostra
CE	Capitão Wagner (União Brasil)	Esconde
DF	Ibaneis Rocha (MDB)	Mostra
ES	Carlos Manato (PL)	Mostra
GO	Major Vitor Hugo (PL)	Mostra
MA	Weverton Rocha (PDT)	Esconde
MG	Carlos Viana (PL)	Mostra
MS	Eduardo Riedel (PSDB)	Mostra
MT	Mauro Mendes (União Brasil)	Esconde
PA	Zequinha Marinho (PL)	Mostra
PB	Nilvan Ferreira (PL)	Mostra
PE	Anderson Ferreira (PL)	Mostra
PI	Coronel Diego Melo (PL)	Mostra
PR	Ratinho Júnior (PSD)	Esconde
RJ	Cláudio Castro (PL)	Mostra
RN	Fábio Dantas (Solidariedade)	Esconde
RO	Marcos Rogério (PL)	Mostra
RR	Teresa Surita (MDB)	Esconde
RS	Oxyx Lorenzoni (PL)	Mostra
SC	Jorginho Mello (PL)	Mostra
SE	Valmir de Francisquinho (PL)	Esconde
SP	Tarcísio de Freitas (Republicanos)	Mostra
TO	Ronaldo Dimas (PL)	Esconde

Esconde: 10 / Mostra: 17

Inelegível, Witzel tenta nova surpresa no Rio e admite apoio a 'algoz'

Italo Nogueira

RIO DE JANEIRO O ex-governador do Rio de Janeiro Wilson Witzel recebeu de joelhos o resultado apertado que confirmou, dentro do nanico PMB (Partido da Mulher Brasileira), sua candidatura neste ano para o cargo do qual foi afastado em agosto de 2020 sob acusação de corrupção.

Com uma diferença de apenas três votos, a indicação foi o primeiro ato surpreendente do ex-juiz que surpreendeu o estado há quatro anos. Ele depende de uma sequência de surpresas ainda maiores para validar a permanência de sua candidatura e, principalmente, para retornar ao Palácio Guanabara.

Witzel foi punido com a inabilitação para o exercício de qualquer função pública por cinco anos pelo Tribunal Misto Especial, que julgou o processo de impeachment. Foi alvo de quatro denúncias sob acusação de corrupção num esquema de desvios na saúde.

O ex-governador tem dito que a ação de impeachment não transitou em julgado devido aos recursos que interpôs para tentar reverter a decisão. Ele tenta trabalhar com o ineditismo do afastamento de um governador desde a redemocratização, cujas regras tiveram de ser estabelecidas em seu processo.

Em conversa com a **Folha** na semana passada, Witzel lamentou não poder participar do primeiro debate entre os candidatos, realizado na TV Bandeirantes. A lei eleitoral exige apenas a presença de candidatos de coligações que tenham representação na Câmara dos Deputados.

"A população tem o direito de ouvir minhas respostas. Vão falar no meu nome, vão me atacar. Todos se juntaram para o meu impeachment", disse ele, afastado em definitivo por unanimidade na Assembleia Legislativa e no Tribunal Misto.

Witzel conseguiu, porém, uma entrevista de oito minutos na emissora —assim como outros candidatos de siglas nanicas.

"Estamos prontos e preparados para retomar o nosso Governo do Estado do Rio de Janeiro, que foi tomado por máfias que não querem que sejamos candidatos."

Nas redes sociais, tem centrado fogo em Cláudio Castro (PL), que assumiu o governo depois do afastamento e vai tentar a reeleição. O ex-governador classificou o escândalo da "folha de pagamento secreta" da Fundação Ceperj de o "maior esquema de captação ilícita de votos".

À **Folha** Witzel afirmou estar organizando a candidatura sozinho. Seus colaboradores mais próximos da época do governo se afastaram. Terá em seu palanque a mulher, Helena Witzel —também acusada numa das denúncias—, e a sogra, Arlete Jenkins, candidatas a deputada federal e estadual, respectivamente.

Após responsabilizar Jair Bolsonaro (PL) por seu afastamento, o ex-governador não descarta apoiar neste ano a reeleição do presidente. Ele também inclui entre as opções Simone Tebet (MDB), Pablo Marçal (Pros) e Roberto Jefferson (PTB).

"Se o PMB tomar essa decisão, vou apoiar o presidente. Entrei sabendo que era um partido de direita, conservador. Não há hipótese de apoiar o Lula. Sou solidário ao que aconteceu com ele [prisão], mas não comungamos dos mesmos ideais políticos. Vamos apoiar alguém de direita e pode ser Bolsonaro, Simone Tebet, Pablo Marçal ou Roberto Jefferson", afirma.

Assim que foi afastado do Palácio Guanabara, Witzel não poupou críticas ao atual chefe do Planalto.

"Bolsonaro já declarou que quer o Rio de Janeiro. Já me acusou de perseguir a família dele. Mas, diferentemente do que ele imagina, aqui a Polícia Civil é independente, o Ministério Público é independente", disse ele num irado pronunciamento à frente do Palácio Laranjeiras ao ser afastado.

Ao longo dos dois anos fora do governo, Witzel ofereceu cursos preparatórios para concursos públicos, consultoria para investidores em leilões judiciais, além dos serviços como advogado. Também se tornou evangélico. Em abril, filiou-se ao PMB para abrir espaço a uma eventual candidatura. A sigla, porém, tinha como pré-candidato o coronel Emir Larangeira, que caminhava para uma convenção tranquila.

A 20 dias do evento, porém, Witzel se apresentou como pré-candidato e venceu a votação interna por 59 a 56. Ele comparou a diferença de votos à Santíssima Trindade.

"Meu nome foi homologado na convenção do partido com uma diferença de três votos: em nome do pai, do filho e do Espírito Santo."

Preterido na votação interna, Larangeira afirmou nas redes sociais ter sido derrotado por "um juiz sacripanta" com a "descarada ajuda da executiva do partido".

"Incluindo o presidente regional, que não conseguiu evitar e vibrou com a minha programada derrota. Foi nada mais que um cafajeste a serviço de um acusado de corrupção, afastado do governo e réu em muitos processos. Formou assim uma dupla perfeita, ambos se chafurdando na lama fétida que um dia engolirão."

O ex-governador do Rio de Janeiro Wilson Witzel
Edilson Rodrigues-16.jun.2021/Agência Senado

Aperto financeiro freou viagens e marcou pré-campanha de Lula

Escassez de recursos levou partido a reduzir custos com eventos e a optar por reuniões virtuais

Catia Seabra e Julia Chaib

SÃO PAULO E BRASÍLIA A liberação do fundo eleitoral do PT, de quase R$ 500 milhões, deve deixar para trás um duro período da pré-campanha do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, em que o partido se viu forçado a economizar devido a um aperto nas suas contas.

Despesas com contratos e dívidas judiciais —cobradas até mesmo por antigos aliados—, fizeram o PT frear a agenda de viagens de Lula na pré-campanha e reduzir custos com eventos.

Programada para ocorrer há pelo menos dois meses, a viagem do ex-presidente à região Norte do país só acontecerá, por exemplo, a partir da oficialização da campanha, nesta terça-feira (16).

Ao longo da pré-campanha, o PT optou por reuniões virtuais, como na aprovação do nome do ex-governador Geraldo Alckmin (PSB) para vice da chapa.

A realização da convenção partidária em uma sala no subsolo de um hotel do centro de São Paulo foi outra amostra da contenção de despesas nessa pré-campanha.

O problema financeiro também pesou na substituição do publicitário Augusto Fonseca no marketing da campanha de Lula. Segundo petistas, Fonseca não contava com estrutura básica até a liberação do fundo eleitoral.

Pessoas próximas do marqueteiro diziam que o PT queria que ele fizesse uma espécie de empréstimo à campanha, bancando ele próprio a primeira parte das ações até que o partido recebesse recursos do fundo eleitoral.

Dirigentes do partido, porém, dizem que o problema para a saída dele não foi financeiro, mas sim divergências de rumos.

Já seu sucessor, Sidônio Palmeira, tem uma equipe montada, além da estrutura necessária para montagem de um estúdio na zona oeste de São Paulo.

Também por motivos de segurança, nas viagens a equipe do ex-presidente priorizou cidades administradas pelo PT, onde há presença da militância petista.

O aperto fica demonstrado em números. O PT acumulou neste ano em uma das contas do partido R$ 59 milhões, divididos entre o Fundo Partidário e doações. O total de despesas da sigla, porém, está na casa dos R$ 65 milhões.

A razão dos gastos são compromissos com dívidas judiciais antigas, contratos novos e antigos e o dispêndio em si com a pré-campanha do ex-presidente.

Além disso, o partido tem uma dívida de pelo menos R$ 6 milhões com o ex-marqueteiro da legenda João Santana. O débito com o ex-aliado de Lula levou, por exemplo, ao bloqueio de cerca de R$ 200 mil em outra conta que o partido mantém.

A situação reforçou a atuação do próprio Lula, que estimulou doações durante jantar com apoiadores em um restaurante de São Paulo. Segundo participantes do evento, Lula agradeceu as colaborações, afirmando que a iniciativa permitiria cobrir despesas até a formalização da campanha.

Desde então, o partido recebeu mais de R$ 5 milhões de doações de pessoas físicas, que podem ser usados para pagar a dívida com Santana.

Com a oficialização da candidatura, o comitê eleitoral terá acesso ao fundo eleitoral, sendo R$ 130 milhões reservados à campanha do ex-presidente.

Já para a semana, estão programados dois comícios, um em Belo Horizonte, Minas Gerais, e outro no Vale do Anhangabaú, em São Paulo. O ex-presidente também fará viagem ao Sul do Brasil.

Os próximos dois meses garantirão outro alívio para o PT, uma vez que os recursos não podem ser bloqueados durante o processo eleitoral.

Encerrado o processo eleitoral, o partido terá de executar a dívida contraída com João Santana e ainda pode ter de arcar com mais despesas devido ao risco de ver a prestação de contas da campanha de 2018 rejeitada ou aprovada com ressalvas pelo TSE (Tribunal Superior Eleitoral).

A assessoria técnica do TSE tem feito uma minuciosa análise sobre as contas da campanha presidencial de 2018, quando Lula chegou a concorrer à Presidência da República enquanto estava preso em Curitiba.

Então na condição de vice, Fernando Haddad —que, em setembro, assumiu a cabeça de chapa— viajou pelo país em nome da campanha. Oficializada sua candidatura, foi constituído um CNPJ específico para a candidatura de Haddad.

Hoje, a assessoria técnica da corte eleitoral questiona as despesas contraídas em nome da campanha de Lula, sob o argumento que os gastos não condizem com o período em que teria concorrido.

Em um processo de cerca de 800 páginas, o TSE cobra, por exemplo, amostras de material de campanha, imagens de gravações e bilhetes de viagens.

Apesar da cobrança da assessoria técnica, o Ministério Público Eleitoral se manifestou em favor dos argumentos do PT que, após apresentar comprovantes, afirmou que o material colhido para a campanha de Lula, incluindo cenas de viagens do Haddad, foram usadas na campanha do ex-prefeito.

Tesoureiro da campanha de Haddad, Chico Macena conta que dedicou um mês à coleta de documentos, material de campanha e imagens, em atendimento às exigências da assessoria técnica de tribunal.

"A campanha é a mesma. Por uma formalidade, houve dois CNPJs", justifica.

Os problemas financeiros da legenda não são novos. No passado, o diretório estadual do PT em São Paulo teve que entregar a própria sede em razão de problemas financeiros.

O ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva durante live com André Janones neste sábado (13) Reprodução/Lula no Facebook

Quase R$ 500 milhões
É a quantia do fundo eleitoral do PT

R$ 130 milhões
É o montante reservado à campanha de Lula à Presidência

R$ 59 milhões
É o valor que o PT acumulou neste ano em uma conta do partido, dividido entre o Fundo Partidário e doações

R$ 65 milhões
É o total de despesas do PT neste ano

R$ 6 milhões
É o valor da dívida que o PT tem com João Santana

Petista faz live com Janones para rivalizar com Bolsonaro sobre auxílio emergencial

O ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) fez uma live com o deputado federal André Janones (Avante-MG) em redes sociais para se comprometer em manter o auxílio emergencial de R$ 600 em 2023.

A transmissão de Lula ocorreu ao mesmo tempo em que Jair Bolsonaro (PL) dava entrevista ao canal de Rica Perrone no Youtube e em meio à preocupação na campanha petista com o impacto eleitoral do pagamento do benefício no atual governo, além do avanço do presidente em pesquisas em Minas Gerais e São Paulo.

Janones, que tem buscado ampliar a influência de Lula e rivalizar com o presidente nas redes sociais, afirmou que Bolsonaro vai acabar com o auxílio no dia 31 de dezembro. "Lula vai trazer de volta o auxílio emergencial e precisamos que vocês compartilhem essa informação", afirmou.

"Enquanto você não acabar com a miséria nesse país, não tem como acabar com o auxílio emergencial", afirmou Lula. Questionado sobre esse tema logo após a live de Lula, Bolsonaro disse que a fala "é mentira". Segundo ele, vão ser mantidos os R$ 600 de auxílio no ano que vem.

A transmissão de Lula e Janones foi reproduzida nas páginas do Facebook de ambos e também no canal do Youtube do ex-presidente. Ao menos 50 mil pessoas assistiram ao vivo. O vídeo alcançou cerca de 20 mil compartilhamentos, minutos depois do encerramento da transmissão.

Juliana Freire

Bolsonaro reescreveu 1964

Para ele, 'foi tudo de acordo com a Constituição'

Elio Gaspari

Jornalista, autor de cinco volumes sobre a história do regime militar, entre eles "A Ditadura Encurralada"

Na segunda-feira, o presidente Jair Bolsonaro deu uma longa entrevista a Igor Coelho, o Igor 3K do podcast Flow. Durou mais de cinco horas, coisa inédita da história de Pindorama. Bolsonaro falou bem de si e de seu governo. Aos 28 minutos da conversa, apresentou sua visão da história e disse o seguinte:

"Quem cassou João Goulart não foram os militares, foi o Congresso Nacional. O Congresso, numa sessão de 2 de abril de 64, cassou. Dia 11 o Congresso votou no marechal Castello Branco, dia 15 ele assumiu. (...) Não houve um pé na porta. Os golpes se dão com pé na porta, com fuzilamento, com paredão. Foi tudo de acordo com a Constituição de 47, ou 1946. Foi tudo de acordo. Nada fora dessa área."

Presidente dizendo impropriedades faz parte da vida. Lula já disse que Napoleão foi à China e que Oswaldo Cruz criou uma vacina para a febre amarela. Nenhuma das duas coisas aconteceu, mas a bata-tada não fez mal a ninguém. Já a ideia de que a deposição de João Goulart foi coisa do Congresso e que "foi tudo de acordo com a Constituição de 1947, ou 1946" é tóxica por três motivos.

Primeiro, porque em 2022 Bolsonaro desafia o Judiciário e coloca em dúvida o sistema de coleta e totalização dos votos da eleição vindoura. (O pedido de registro de sua candidatura está no TSE. A decisão só sairá depois de 7 de setembro.)

Segundo, porque em quatro anos de governo o presidente disse em diversas ocasiões que tinha ao seu lado "meu Exército" e ameaçou descumprir decisões da Justiça.

Finalmente, porque Bolsonaro não é a única pessoa convencida de que em 1964 o presidente João Goulart foi deposto pelo Congresso.

30 e 31 de março de 1964

Um país que não conhece sua história corre o risco de repeti-la. A maioria dos brasileiros de 2022 não havia nascido em 1964. Passaram-se 58 anos, mas os fatos continuam no mesmo lugar.

Vale a pena revisitá-los, cronologicamente:

Na manhã de 30 de março de 1964, o presidente dos Estados Unidos, Lyndon Johnson, recebeu o briefing diário da Central Intelligence Agency informando que havia uma "possibilidade real de confronto entre Goulart e seus adversários". O descontentamento militar havia crescido e pelo menos um governador "considerava a possibilidade de uma secessão".

À noite, Goulart discursou numa assembleia de sargentos, no Rio de Janeiro. Quando ele terminou, o general Olympio Mourão Filho, em Juiz de Fora, registraria:

"Acendi meu cachimbo e pensei comigo mesmo que dentro de três horas eu iria revoltar a 4ª Região Militar e a 4ª Divisão de Infantaria. (...) 'São 3h15 da manhã histórica de 31 de março, terça-feira de 1964. (...) Vou partir para a luta às 5h, dentro de uma hora e 45 minutos. (...) Sei que morro, mas vou continuar a fumar como um turco. Estou cachimbando sem parar desde as duas da madrugada."

Mourão proclamou-se rebelado, mas sua tropa continuou em Juiz de Fora. Deu inúmeros telefonemas, almoçou e dormiu a sesta.

Durante a manhã do dia 31, o general Castello Branco, chefe do Estado Maior do Exército, tentou dissuadir Mourão e o governador Magalhães Pinto, de Minas Gerais, que acompanhara a rebelião.

Pelos planos de Mourão, as tropas rebeldes seriam comandadas por seu colega Antonio Carlos Muricy. Ele vivia no Rio, foi acordado às sete da manhã e chegou a Juiz de Fora no início da tarde. Conhecido pelo desassombro, ele contaria: "Eu vivi 1930 e 1932 e sabia como são os indecisos. Nessa hora de indecisão, você pode fazer o diabo e quanto mais diabo fizer, melhor."

1º de abril de 1964

João Goulart havia estimulado a indisciplina militar tolerando uma rebelião de marinheiros e discursando para sargentos. Supunha-se apoiado por um dispositivo de generais palacianos e acreditou que os indecisos defenderiam seu governo em nome da disciplina. Enganou-se.

O marechal Cordeiro de Farias, patriarca de todas as revoluções do século 20, definiu magistralmente a situação: "O Exército dormiu janguista no dia 31 e acordou revolucionário no dia 1º."

Entre a manhã de 31 de março e a tarde de 1º de abril, o dispositivo militar de Goulart esfarelou-se, sem um só tiro. Ele foi do Rio para Brasília e de lá para Porto Alegre.

O 2 de abril de Bolsonaro

Chega-se assim ao momento em que, segundo Bolsonaro, "quem tornou vaga a cadeira do João Goulart foi o Congresso Nacional": "Foi tudo de acordo com a Constituição de 47, ou 1946. Foi tudo de acordo. Nada fora dessa área."

Tudo errado. Na madrugada de 2 de abril o Congresso não decidiu coisa nenhuma. Seu presidente, o senador Auro de Moura Andrade, disse o seguinte: "Comunico ao Congresso Nacional que o sr. João Goulart deixou, por força dos notórios acontecimentos de que a nação é conhecedora, o governo da República."

Em seguida, foi lido um ofício do chefe da Casa Civil informando-o de que, para se preservar do "esbulho", seguira para o Rio Grande do Sul, "onde se encontra à frente das tropas militares legalistas e no pleno exercício de seus poderes constitucionais".

Auro prosseguiu: "Não podemos permitir que o Brasil fique sem governo, abandonado. (...) Assim sendo, declaro vaga a Presidência da República e, nos termos do art. 79 da Constituição declaro presidente da República o presidente da Câmara dos Deputados, Ranieri Mazzilli. A sessão se encerra."

(Do plenário, o deputado Tancredo Neves acusava: "Canalha, canalha!)

Não houve debate, muito menos voto.

No meio da madrugada, uma pequena comitiva dirigiu-se ao Palácio do Planalto e lá o presidente do Supremo Tribunal Federal, ministro Álvaro Ribeiro da Costa, deu posse ao presidente da Câmara, deputado Ranieri Mazzilli. Pela Constituição, seria o legítimo sucessor de Goulart, se ele tivesse abandonado o país ou se o Congresso tivesse votado seu impedimento.

Não houve pé na porta porque elas estavam abertas. No Rio, duas horas antes da fala de Auro, o general Arthur da Costa e Silva havia assumido na marra as funções de "comandante em chefe do Exército Nacional".

Durante essa madrugada, de Washington, o secretário de Estado assistente George Ball mandou um telegrama a Mazzilli felicitando-o. Era o virtual reconhecimento do novo governo. Horas depois ele registraria que o presidente Johnson "ficou furioso comigo, acho que foi a primeira vez que ele ficou realmente zangado comigo". (O telegrama de Ball sumiu.)

Às 11h, no Rio, o embaixador americano Lincoln Gordon, festejava o desfecho da crise, mas levantava questões que, passados 58 anos, Bolsonaro julgou ter resolvido.

Gordon escreveu a Washington:

"Estou preocupado com a duvidosa situação jurídica da posse de Mazzilli na Presidência. A declaração da vacância feita pelo presidente do Congresso, senador Moura Andrade, não foi amparada pelo voto dos parlamentares. O presidente do Supremo Tribunal presidiu o juramento de Mazzilli, mas não estava amparado num voto do tribunal."

Professor de Harvard, Gordon sabia que havia ajudado a atropelar a Constituição.

• Serviço: As cinco horas de Bolsonaro no Flow estão na rede, com audiência recorde.

Bolsonaro diz que ditadura teve 'coisa errada'

Presidente vai a programa de youtuber e afirma que houve 'tapa e afogamento' no regime militar, mas não cita mortes

Marianna Holanda e Renata Galf

BRASÍLIA E SÃO PAULO O presidente Jair Bolsonaro (PL) admitiu que houve "coisa errada" na ditadura militar (1964-85), citando "cascudo, tapa ou afogamento", durante entrevista ao canal de YouTube Cara a Tapa neste sábado (13).

Apesar da fala reconhecendo práticas relacionadas à tortura, o presidente não falou sobre as pessoas que foram mortas pelo regime.

Bolsonaro com frequência enaltece a ditadura militar, que teve uma estrutura dedicada a tortura e mortes.

"Teve coisa errada? Ninguém vai negar que não teve. Levou cascudo, tapa ou afogamento", disse Bolsonaro. "Ninguém vai negar que teve isso, agora ninguém pode negar que pro lado de cá, nós sofremos também."

Neste momento, Bolsonaro fez então falas referentes a Carlos Lamarca (1937-1971), guerrilheiro que liderava a luta armada.

A Comissão Nacional da Verdade, concluída em 2014, apurou violações de direitos humanos no Brasil no período e identificou 434 mortes e desaparecimentos de vítimas do regime.

O presidente Bolsonaro durante conversa com o apresentador Rica Perrone, neste sábado
Reprodução

Auditorias da Justiça Militar receberam 6.016 denúncias de tortura. Estimativas feitas depois apontam para 20 mil casos.

O programa no YouTube que teve a participação de Bolsonaro é comandado por Rica Perrone, que estava vestindo uma camiseta do Brasil e adotou tom simpático ao presidente.

A transmissão durou cerca de três horas e alcançou mais de 400 mil espectadores ao vivo.

No programa, Bolsonaro também disse que discutia com anistiados quando estava nas comissões da Câmara dos Deputados e questionou, sem qualquer evidência, que eles tenham sido torturados pelo regime.

"Cheguei numa época que tinha acabado o período militar e em 91 tinha um montão de anistiado lá dentro", afirmou.

"Apareceu os torturados com a pele mais lisa que a branca de neve. Uns 'ah me quebraram os ossos todos', tira raio-x do cara e vê se tem algum calo ósseo", disse Bolsonaro sem apresentar nenhuma prova.

O presidente também questionou que esteja se movimentando para dar um golpe. "Eu sou acusado agora de programar o golpe. Alguém já viu eu se movimentando com generais por aí, conspirando?"

Bolsonaro também repetiu sua retórica de lançar dúvidas sobre a condução do processo eleitoral. "Confiar na máquina a gente confia [na urna eletrônica], mas não confia no programa, quem tá atrás da máquina", disse.

Por meio de uma profusão de mentiras, Bolsonaro vem fomentando a descrença nas urnas. No entanto, em vez de ser barrado por aqueles ao seu redor, o mandatário tem contado com o respaldo de militares, membros do alto escalão do governo e seu partido em sua cruzada contra a Justiça Eleitoral.

Integrantes das Forças Armadas têm repetido o discurso de Bolsonaro. Em ofício, solicitaram ao TSE (Tribunal Superior Eleitoral) todos os arquivos das eleições de 2014 e 2018, justamente os anos que fazem parte da retórica de fraude do presidente. O TSE negou o acesso aos dados na última segunda-feira (8).

A dois meses da eleição, o presidente está intensificando a participação em podcasts por orientação da sua campanha de reeleição. A ideia é aproximá-lo do eleitorado jovem, um dos que mais rejeitam o mandatário, segundo pesquisas de intenção de voto.

Na última semana, ele teve conversa de 5h20 no Flow, batendo recordes de audiência. O saldo do programa foi muito comemorado pela campanha.

No programa, Bolsonaro admitiu "imoralidade" quando era deputado federal, ao receber auxílio-moradia da Câmara apesar de naquela época ter apartamento próprio em Brasília.

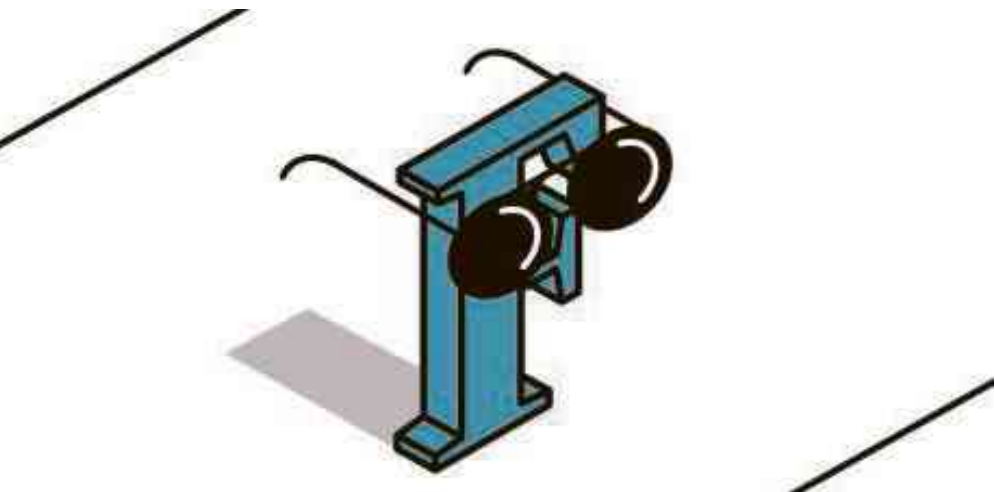
A avaliação de aliados é a de que o formato de podcast garante mais liberdade para o presidente falar, além de humanizar o mandatário, sem a contrapartida de perguntas jornalísticas.

Bolsonaro diz que 'rachadinha' é comum

No programa no YouTube neste sábado (13), o presidente Jair Bolsonaro afirmou que a prática de "rachadinha" é "bem comum", que poucos escapam dela, e não quis responder se ela já foi adotada em seu gabinete. Seu filho, o senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ), foi acusado dessa prática de corrupção quando foi deputado estadual, mas teve seu caso arquivado em maio. A "rachadinha" envolve o repasse de parte dos salários de servidores a políticos. "É uma prática bem comum, concordo contigo [com o apresentador]. Não é só no Legislativo não", afirmou Bolsonaro, ao ser questionado sobre "rachadinha". O apresentador, Rica Perrone, questionou sobre a existência desse tipo de crime no mundo político. "Tenho informação que sim. Uns fazem legalmente, entre aspas, no estatuto, outros fazem por fora", disse. Afirmou que não iria falar dele próprio. "Não tem servidor meu falando, denunciando..."

OMBUDSMAN

folha.com/ombudsman
ombudsman@grupofolha.com.br

Ombudsman tem mandato de um ano, com possibilidade de renovação, para criticar o jornal, ouvir os leitores e comentar, aos domingos, o noticiário da mídia. Tel.: 0800-015-9000; fax:(11) 3224-3895

Carvall

Longe de outros Brasis

Folha fala das Cartas, enquanto focos do bolsonarismo reclamam outro país

José Henrique Mariante

Leitor é de Boa Vista e escreveu ao ombudsman para reclamar do editorial "Espinheiro Amazônico". A **Folha** criticou o asfaltamento da BR-319, que liga Porto Velho a Manaus, criada nos 1970 para logo se tornar intransitável, segundo sua breve mas esclarecedora descrição. "Como alternativa foi criado um transporte de balsas, descendo o rio Madeira e subindo o Amazonas, até a cidade de Manaus. Tal trajeto demora e onera bastante o frete das mercadorias."

Ele não duvida das denúncias veiculadas pelo jornal, de falta de licenciamento ambiental, da grande chance de a região ser invadida por grileiros, da falência dos órgãos de controle, do Incra, do Ibama, dos entes estaduais e dos que deveriam cuidar dos indígenas, mais do que sublinhada no artigo da **Folha**. "Pode-se ver na mídia, problemas em toda a Amazônia."

"A matéria jornalística", no entanto, "reveste-se de cunho político, agressivo ao governo federal, e esquece das populações amazônicas, que dependem de uma comunicação com o restante do país, não só para o suprimento de víveres, como para questões pessoais e de saúde". Em outras palavras, o leitor reclamou de uma **Folha** opinando à distância, de maneira literal e figurada.

Com pouco destaque, o jornal noticiou na quarta-feira (10), um dia antes da leitura das Cartas em defesa da democracia nas arcadas da São Francisco, que a Confederação Nacional da Agricultura sinalizou voto em Jair Bolsonaro durante evento promovido pela Presidência. O título de Política preferiu a cantilena golpista do presidente: "Bolsonaro ataca TSE e faz novas ameaças sem foco: 'Que isso custe a minha vida'". Já o Vaivém das Commodities foi direto ao ponto, ao que estava em jogo no evento: "CNA aponta metas para presidenciáveis, mas já opta por Bolsonaro".

A coluna de Mauro Zafalon, especialista em agronegócio, descreve a ambição da confederação, que traçou diretrizes não apenas para o setor, mas também para a política econômica e social de um país sem espaço "para o retorno de um candidato que foi processado e preso como ladrão". Apesar de toda essa carga, o texto mereceu chamada modesta na Home Page do jornal e uma nota breve, em pé de página, no impresso de quinta-feira (11).

Nesse dia e na verdade por toda a última semana, a prioridade da **Folha** foi a leitura dos manifestos organizados pela sociedade civil. Com uma série de reportagens, entrevistas e um caderno especial no impresso, estava claramente mais atenta ao tamanho e à importância do evento na Faculdade de Direito da USP.

Desse Brasil diverso, com voz para mulheres, negros e outros tantos movimentos sociais, onde "capital e trabalho se unem para defender o Estado Democrático de Direito", a **Folha** estava próxima, tinha peso, nadava de braçada am águas conhecidas. Ao fim do dia, era a própria opinião do jornal que ocupava a manchete de seu site, com o editorial "As cartas e a Carta", sobre os movimentos cívicos em todo o país que "deixaram claro ao pretendente a autocrata no Palácio do Planalto os limites inegociáveis da democracia brasileira".

Seria bom apurar o que o pessoal daqueles outros Brasis, os da Amazônia e do Centro-Oeste, para ficar nos exemplos citados, acharam de tamanha movimentação. Talvez o leitor de Boa Vista e o representante do agronegócio tenham visto São Paulo do jeito que a **Folha** às vezes percebe o país que habitam: distante.

Versos satânicos

Outro universo desafiador para a **Folha** nestas eleições é o evangélico, ainda que faça nessa área cobertura superior às dos principais concorrentes. Michelle Bolsonaro foi a protagonista da semana na campanha à reeleição do marido, com apenas cinco minutos de microfone em uma igreja batista. No último domingo (7), em Belo Horizonte, lembrou de um "Planalto consagrado a demônios" e, no dia seguinte, repostou vídeo em que Lula participa de uma cerimônia de candomblé em Salvador; teve tempo ainda para apanhar, nas redes sociais, ao aparecer em foto ao lado da atual mulher de Guilherme de Pádua, o assassino de Daniella Perez que virou pastor na mesma denominação mineira.

Seria fácil por toda essa salada no jornalismo de celebridades, como a **Folha** chegou a fazer com parte do noticiário. Uma visita ao Observatório Evangélico, porém, altera bem essa percepção. No site, que tem entre seus curadores o antropólogo e colunista da **Folha** Juliano Spyer, Michelle se torna "o culto em si", em dimensão nunca vista na política ou nos templos neopentecostais do país. Para um dos analistas, "a linguagem política da disputa de poder institucional, dessa forma, deu lugar à religiosa. Nela, há a batalha espiritual do bem contra o mal, não uma eleição."

Entre a salvação e a democracia, qual seria a opção dessa turma? A **Folha** parece muito longe desse Brasil também.

O endereço certo das cartas

Manifestos não se voltam só a Bolsonaro e seu golpismo

Janio de Freitas

Jornalista

A celebração da democracia e do sistema eleitoral em vigor, nas cartas aos brasileiros e no 11 de agosto, evitou identificar sua destinação real, tanto por cautelas históricas como para facilitar a aventura democrática de muitos aderentes originários de outros conceitos.

Ficou livre, e dada como óbvia, a interpretação de que as cartas voltam-se para Bolsonaro e o seu golpismo. Sim, são isso. Mas não só, nem principalmente.

É confusa e sem boas razões a distribuição dos papéis no problema dramático que, pela enésima vez, o intuito democrático revive no Brasil. O golpista Bolsonaro não pode dar golpe. Seus evangélicos são incapazes de ajudá-lo com mais do que alguma bagunça.

Até agora não houve nem sinais mínimos de condições para a repetição de um golpe de Estado parlamentar, como usado contra o progressismo social de Dilma Rousseff. O golpe só pode ser dado pelas Forças Armadas, o Exército como atacante básico.

Essa preliminar desnuda uma inversão generalizada: quem de fato gera a apreensão com a possibilidade de golpe não é Bolsonaro, é a corporação militar, os militares variáveis nas gerações e permanentes nas idiossincrasias.

Visto como insuflador do golpismo contra as próximas eleições, Bolsonaro pouco inspira e muito expressa as concepções políticas e institucionais de um corporativismo sem objetivos próprios. Esta, por sinal, uma característica dos países latino-americanos.

O chamado a Bolsonaro para audiência no comando do Exército, durante a campanha eleitoral de 2018, não foi só encontro de eleitor e candidato. O general Eduardo Villas Bôas fez, inclusive com fotos logo distribuídas, uma indicação pública da associação entre a oficialidade do Exército e Bolsonaro, com a óbvia decorrência da representatividade mútua.

Empossado, Bolsonaro fez por sua conta dois acréscimos associativos à nova condição: segmentos evangélicos que propagam o fanatismo e a parte da marginalidade ativa no desmatamento, no garimpo e outras ilegalidades que, inclusive como deformações policiais, têm recebido tolerância ou incentivos.

Nem essas nem as tantas outras práticas abusivas e ilegais do poder presidencial e do governo, complementares ao ataque às instituições constitucionais e à segurança eleitoral, encontraram em três anos e mais de oito meses o que quer que parecesse divergência do setor militar.

A divergência legal, moral e democrática que reuniu nas cartas aos brasileiros e no 11 de agosto representatividades civis, apesar de dissociadas na posição política.

É preciso passar a limpo as relações institucionais entre a civilidade e a corporação militar. A começar do reconhecimento, impedido por hipocrisia histórica, da mais do que secular falta de afinidade entre as duas configurações.

Enquanto prevalecer o desencontro, a corporação armada encaminhará mal as suas insatisfações e as frustrações funcionais, para proveito de minoria negocista. E o país viverá em seguidos sobressaltos, rumo a um perverso fracasso como nação. Até a provável explosão, que a miséria também pode mostrar poder de fogo. Ou já mostra.

As cartas aos brasileiros não se fizeram necessárias por Bolsonaro. Foi a adesão explícita de generais e coronéis, à frente o próprio ministro-general da Defesa, ao veio central da preparação golpista, que é a acusação fraudulenta de vulnerabilidade da votação eletrônica a fraudes.

| DOM. Elio Gaspari, Janio de Freitas | **SEG. Celso R. de Barros** | TER. Joel P. da Fonseca | QUA. Elio Gaspari | QUI. Conrado H. Mendes | SEX. Reinaldo Azevedo, Angela Alonso, Silvio Almeida | SÁB. Demétrio Magnoli

Moraes assume TSE após carreira centralizadora e ligada à política

Ministro que travou embate com Bolsonaro cuidará do tribunal eleitoral a partir de terça (16)

José Marques

Pedro Ladeira/Folhapress

Antonio Gauderio - 21.fev.05/Folhapress

Divulgação/TV Cultura

Pedro Ladeira/Folhapress

1 Alexandre de Moraes em maio; **2** em 2005, quando era presidente da antiga Febem, em São Paulo; **3** em 2009, secretário municipal dos Transportes em São Paulo; **4** em 2017, em sua posse no Supremo

BRASÍLIA O estilo que alia centralização de atribuições, bom relacionamento com a política e fortes reações a críticas ou a ataques permeia a vida pública do ministro Alexandre de Moraes, que assume na próxima terça (16) a presidência do TSE (Tribunal Superior Eleitoral).

Moraes é personagem central no noticiário nacional dos últimos anos devido aos inquéritos sob sua responsabilidade que investigam o presidente Jair Bolsonaro (PL) e apoiadores, além de aliados do Planalto.

Mas ele já era conhecido muito antes disso. O atual ministro ascendeu na carreira ocupando diversas áreas de destaque das gestões de políticos de São Paulo.

Com isso, ganhou a confiança de alguns deles, mas se tornou desafeto de outros. Desde a primeira década do ano 2000, foi filiado ao DEM (atual União Brasil), MDB e PSDB.

Como secretário de Segurança Pública de São Paulo, em 2016, ficou à frente de uma questão sensível para o então vice-presidente Michel Temer (MDB): o hackeamento do celular da primeira-dama Marcela Temer.

Moraes atuou para que houvesse recursos policiais e discrição na ação que resultou na prisão do hacker. Quando Temer se tornou presidente da República, o secretário foi nomeado ministro da Justiça, já com a ambição de assumir uma vaga no Supremo Tribunal Federal. Acabou indicado para o STF (Supremo Tribunal Federal) em 2017, após a morte do ministro Teori Zavascki em um acidente aéreo.

Desde a época de secretário em São Paulo, Moraes se queixa de ataques que sofreu por meio de notícias fraudulentas ou distorcidas. Em 2015, ele obteve uma liminar na primeira instância da Justiça de São Paulo que determinava plataformas do Google e do Facebook a excluírem publicações que, erroneamente, o apontavam como “advogado do PCC”.

Como advogado, Moraes havia representado legalmente uma cooperativa de vans de São Paulo que, posteriormente, foi investigada por suposta ligação com o PCC.

A liminar foi o início de uma batalha judicial para que houvesse responsabilização de quem produziu e distribuiu as notícias falsas. “Criminosos sem dignidade, com finalidade de politiqueira, continuam a espalhar absurdas mentiras, tentando vincular meu antigo escritório e meu nome ao PCC”, disse Moraes em 2017.

“A Justiça reconheceu o absurdo e determinou imediata retirada dos sites caluniosos. Lamentavelmente, criaram novos sites e blogs, sob o manto de covarde anonimato. Iremos atrás desses criminosos também.”

Depois, no STF e no TSE, o ministro passou a se notabilizar pelas decisões que determinam a remoção de conteúdo falso ou de ataque às instituições das plataformas digitais.

Foi a atuação nesses casos a responsável por aumentar a tensão entre Moraes e Bolsonaro, que já o criticou em público diversas vezes e chegou a pedir formalmente seu impeachment.

A escalada na crise entre os dois começou com as denúncias de ingerência de Bolsonaro na Polícia Federal e a decisão do ministro que barrou a nomeação de Alexandre Ramagem para comandar a Agência Brasileira de Inteligência.

A situação piorou com a condução de Moraes do inquérito das fake news e das investigações sobre atos antidemocráticos e milícias digitais, além das apurações sobre os ataques ao sistema eleitoral.

É do caso das fake news uma decisão polêmica e que gerou críticas para Moraes. Ele mandou a revista Crusoé retirar do ar uma reportagem que ligava o também ministro Dias Toffoli ao empresário e delator Marcelo Odebrecht. Após reação de juristas, entidades de jornalismo e de ministros do Supremo, Moraes revogou a própria decisão.

Ao assumir as apurações contra aliados do Planalto, Moraes chegou no início a escolher até os delegados que participariam das investigações. Também passou a dar decisões, muitas vezes de ofício, sem consultar o Ministério Público.

Aliados de Bolsonaro, no entanto, esperam uma relação menos conflituosa entre Moraes e o Planalto daqui para frente. Um primeiro sinal de uma possível trégua ocorreu na quarta (10), quando o próprio presidente disse ao ministro que pretende comparecer à posse do novo comando do TSE.

O modo centralizador e duro na condução dos casos, segundo colegas do Ministério Público de São Paulo, é o perfil conhecido de Moraes desde a época em que ele exerceu o ofício de promotor de Justiça, entre 1991 e 2002.

Moraes deixou o MP-SP para se tornar secretário de Justiça do governo Geraldo Alckmin (então no PSDB). Em 2005, acumulou a pasta da Justiça com a presidência da antiga Febem, atual Fundação Casa, ainda na gestão Alckmin.

Apesar de ter problemas com demissões que se converteram em passivo trabalhista na gestão tucana, ele se cacifou para virar o homem forte da administração de Gilberto Kassab (à época no DEM) na Prefeitura de São Paulo, quando ficou conhecido por assumir concomitantemente órgãos e secretarias.

Era chamado de “supersecretário” de Kassab, à frente das secretarias de Transportes e Serviços, além de ser presidente da Companhia de Engenharia e Tráfego e da SPTrans. Deixou os cargos de forma prematura em 2010, após desavenças com o então prefeito.

Voltou ao governo Alckmin em 2015, agora no comando da Segurança Pública, onde tratou do caso que envolveu o celular de Marcela Temer. Um homem clonou o aparelho, acessou os dados e pediu dinheiro para não espalhar as informações. O homem acabou preso cerca de 40 dias depois.

À época da sua gestão à frente da Segurança Pública, ele chegou a ser questionado a respeito dos dados das estatísticas oficiais de violência do estado. Em um evento na Assembleia Legislativa de São Paulo, bateu boca com um deputado estadual do PT que disse que o governo fazia maquiagem dos dados.

“Vossa excelência fala que os números são maquiados aproveitando-se da sua imunidade material parlamentar. Porque, se não tivesse, seria processado por falar tamanha besteira”, reagiu Moraes à época.

Como ministro da Justiça, teve que lidar com as rebeliões em presídios que mataram ao menos 56 detentos Complexo Penitenciário Anísio Jobim, no Amazonas, e outros 33 na Penitenciária Agrícola de Monte Cristo, em Roraima.

Um episódio também ficou marcado na sua passagem pela Justiça. Em Ribeirão Preto (SP), em evento de campanha do então candidato a prefeito Duarte Nogueira (PSDB), Moraes sinalizou que nova fase da Lava Jato seria iniciada na mesma semana. No dia seguinte, foi deflagrada a 35ª fase da operação, intitulada Omertà.

À época, a PF disse em nota que não alertou o Ministério da Justiça sobre aquela fase da Lava Jato. “Como já foi amplamente demonstrado em ocasiões anteriores, o Ministério da Justiça não é avisado com antecedência sobre operações especiais”, dizia a nota.

ACM Neto fica neutro contra nomes de Lula e Bolsonaro

Na Bahia, candidato aposta em palanque aberto para a Presidência

João Pedro Pitombo

SALVADOR O petista Jerônimo Rodrigues delimitou seu espaço no debate entre candidatos ao Governo da Bahia, na TV Bandeirantes, e citou o nome do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) nove vezes, destacando a importância de uma parceria entre os governos federal e estadual.

Aliado de Jair Bolsonaro (PL), o ex-ministro João Roma foi além e falou do presidente 21 vezes, comparando a Bahia a um "barco que rema para o lado enquanto o país vai para frente".

O ex-prefeito de Salvador ACM Neto (União Brasil) não citou Lula nem Bolsonaro —ele desistiu de ir ao debate. Mas certamente sequer falaria o nome da candidata à Presidência de seu partido, a senadora Soraya Thronicke.

O embate de estratégias para com a eleição nacional dá o tom do início da campanha eleitoral para o Governo da Bahia, quarto maior colégio eleitoral do país e palco crucial no pleito de outubro.

Candidato óbvio da oposição desde que deixou a prefeitura em janeiro de 2021, ACM Neto entra na campanha sem uma referência nacional.

Depois de 15 anos na oposição aos governos petistas, o ex-prefeito de Salvador voltou a se aproximar do poder central com a eleição de Bolsonaro. Mas acabou se afastando do presidente em 2020 em meio a divergências em relação à condução da pandemia.

Na prática, contudo, manteve o acesso ao governo por meio de deputados aliados, que costumam votar em pautas de interesse do governo e controlam órgãos federais cobiçados, caso da Codevasf.

A alta rejeição de Bolsonaro na Bahia fez ACM Neto se fechar em relação à eleição nacional, construindo pontes com bolsonaristas, aliados de Ciro Gomes (PDT) e até mesmo com apoiadores de Lula.

No discurso, atenuou o tom em relação ao petista, com quem tem um histórico de rusgas do período em que foi oposição na Câmara. E encontrou reciprocidade do outro lado: um Lula que tem evitado críticas a adversários locais do PT não alinhados a Bolsonaro.

Para tentar encerrar um ciclo de 16 anos de governos do PT, resgatou a imagem do avô Antônio Carlos Magalhães (1927-2007), político controverso que governou a Bahia três vezes, fez sucessores, mas encerrou a carreira política na oposição de forma melancólica.

No campo adversário, o PT aposta em uma estratégia de grupo para manter a hegemonia no estado. Ex-secretário estadual de Educação, Jerônimo Rodrigues tem a imagem do ex-presidente Lula como centro de sua campanha, seguindo uma estratégia de voto casado.

Jerônimo foi escolhido em meio a uma série de atritos internos na base aliada do governador Rui Costa (PT).

Como não foi preparado para a disputa, ainda é um desconhecido —pesquisas apontam que 7 em cada 10 eleitores baianos não sabem quem ele é. Por isso, aposta em uma estratégia massiva de vinculação de seu nome ao de Lula e ao do governador Rui Costa (PT), que tem boa avaliação.

Se Lula e Rui Costa são seus trunfos, o seu trabalho como secretário de Educação é alvo de críticas pelos sucessivos desempenhos ruins da Bahia no Ideb (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica).

Para contrapor os resultados que avaliam a qualidade do ensino, o petista aposta no perfil obreiro com a construção de escolas e nos programas de assistência estudantil que foram turbinados na última gestão.

Nas pesquisas, Jerônimo também parte de um patamar baixo. Levantamento da Quaest de julho aponta que o petista tem 11% das intenções de voto contra 61% de ACM Neto. Mas sua intenção de voto cresce quando o seu nome é vinculado ao do ex-presidente Lula.

Membros do comando das campanhas de Jerônimo e ACM Neto concordam que a tendência é que o petista comece a crescer a partir de 26 de agosto, quando começa a campanha eleitoral na TV e rádio. Mas divergem sobre o ritmo do crescimento e se ele será suficiente para forçar um segundo turno.

O cientista político Paulo Fábio Dantas Neto, professor da UFBA, diz ver um descompasso entre a eleição nacional, polarizada entre dois candidatos de base popular, e a estadual, centrada em grupos políticos tradicionais.

"O PT trabalha para contaminar a campanha estadual com o clima da polarização nacional, mas até agora não conseguiu", avalia, apontando dois possíveis obstáculos: a avaliação positiva da gestão de ACM Neto e o histórico recente de afinidade com o governador Rui Costa (PT) na pandemia.

Para reverter este cenário, diz, será necessário que Lula arregace as mangas para criar esse clima de acirramento na Bahia, algo hoje considerado impensável frente à dura disputa que se avizinha na eleição presidencial.

O núcleo duro de ACM Neto prevê uma possibilidade de vitória no primeiro turno. Para isso, destaca ativos que a oposição na Bahia não teve nas últimas três eleições: base política sólida, coligação de partidos ampla, forte inserção nas redes sociais e mais tempo de TV do que os adversários.

Aliados de Jerônimo Rodrigues, por outro lado, destacam a força de ter o mesmo número de urna de um candidato popular na Bahia como Lula. Por outro lado, devem trabalhar para vincular ACM Neto a Bolsonaro e atacar o adversário, o apontando como autocentrado e sem sensibilidade social.

Em meio à briga entre petistas e carlistas que polariza as eleições na Bahia desde 1998, o ex-ministro da Cidadania João Roma (PL) aparece como uma opção para o eleitorado mais conservador.

Com uma trajetória política forjada nos bastidores do PFL e DEM, Roma foi assessor de ACM Neto e seu chefe de gabinete da prefeitura entre 2013 e 2018, ano em que se elegeu deputado federal.

Em janeiro de 2021, foi convidado por Bolsonaro e aceitou ser ministro da Cidadania. Rompeu com o seu padrinho político, que foi contra sua ida para o ministério, e desde então vem desferindo duras críticas a ACM Neto, de quem diz querer distância.

Ao contrário de outros aliados de Bolsonaro, não esconde o presidente, que é elemento central de sua campanha ao Governo da Bahia. Sua campanha tem duas propostas centrais: a redução de tributos e a criação de uma versão local para o Auxílio Brasil.

Entre aliados, há uma crença de que ele pode surpreender em votos alavancados pelos votos bolsonaristas. Mesmo que não vença, um bom desempenho o credenciaria como um líder político com luz própria.

Na outra ponta do espectro ideológico, concorre ao Governo da Bahia Kleber Rosa (PSOL), líder do movimento de policiais antifascistas. Na Bahia, o PSOL não se alinha ao PT e critica o governador Rui Costa. Também disputam o estado Giovani Damico (PCB) e Marcelo Millet (PCO).

Raio X da corrida eleitoral da Bahia

Candidatos	Alianças
ACM Neto (União Brasil)	União Brasil, Republicanos, PP, PDT, PSDB, Cidadania, PTB, Podemos, PSC, Solidariedade, Pros, PMN, DC, PRTB
Jerônimo Rodrigues (PT)	PT, PSD, MDB, PSB, PC do B, PV, Avante
João Roma (PL)	PL, PMB, Patriota
Kleber Rosa (PSOL)	PSOL, Rede
Giovani Damico (PCB)	PCB
Marcelo Millet (PCO)	PCO

Dados do estado

IDH: 0,660

População: 15 milhões

Eleitorado: 11,2 milhões

52% mulheres

47% homens

Atual governador

Rui Costa (PT) / Não disputa reeleição

Fontes: TSE, IBGE

Jardiel Carvalho/Folhapress

Ana Elisa Bechara

Sofro discriminação todo dia, e mulher ler carta foi emblemático

Vice-diretora da Faculdade de Direito da USP foi uma das articuladoras do ato do dia 11

ENTREVISTA

Uirá Machado

SÃO PAULO Ana Elisa Bechara acumulou funções e emoções nos últimos dias. Vice-diretora da Faculdade de Direito da USP, ela foi uma das articuladoras do ato realizado no dia 11 de agosto e 1 das 4 pessoas que leram a "Carta às brasileiras e aos brasileiros em defesa do Estado democrático de Direito" —3 das quais eram mulheres.

"Tivemos muitas mulheres nesse evento por uma questão de representatividade. Para que todas as mulheres olhem e falem: 'Olha só! Então a gente pode também'", afirma.

Ela sabe bem a importância disso, pois demorou a se dar conta de que conviveu com a violência de gênero ao longo de toda a sua vida acadêmica. E mesmo hoje, quando chegou ao topo da carreira como professora titular, o quadro não melhorou.

"Porque aí você tem certeza de que está ocupando um espaço que não era para você. As pessoas fazem questão de te mostrar isso", afirma Bechara, que diz sofrer discriminação todo dia.

Em entrevista à **Folha** na sexta-feira (12), ela fez um balanço do evento, falou sobre a necessidade de manter a mobilização e disse que sentiu uma sensação de esperança.

*

Qual sua avaliação sobre o ato de 11 de agosto? Foi um sonho. Antes até brincamos dizendo que, se ninguém tomasse um tiro, faríamos um jantar para avaliar o evento. Até agora não conseguimos entender como deu tudo tão certo. O clima foi muito mágico; não teve nenhum acidente; até o tempo ajudou. Tínhamos comprado quase 2.000 capas de chuva e feito plano A, B e C, mas o sol saiu na hora certa.

A sra. mencionou brincadeira sobre tiro. Era exagero ou havia de fato essa preocupação? Não era exagero. Vivemos em uma sociedade muito polarizada. Se uma pessoa que faz a festa de aniversário toma um tiro por conta da sua opinião política, o que poderia acontecer no centro de São Paulo, em uma universidade pública, aberta? Quando o evento ficou grande, percebemos que não daria para deixar a faculdade aberta. O que é muito triste, porque a faculdade sempre teve as portas abertas.

Qual é o próximo passo? Vocês vão manter a mobilização? Eu acho que sim. Essa é uma responsabilidade social da Faculdade de Direito, uma responsabilidade de todos nós. Sem querer, descobrimos que a universidade podia funcionar como uma ponte para congregar setores diferentes em torno de uma mesma preocupação legítima.

Isso tem uma potência muito grande. Não dá para deixar passar. Temos que manter essa vigília cívica. Não no sentido de estar contra este ou contra aquele, mas de mostrar que a sociedade tem a sua força. E talvez isso tenha sido o mais bonito: essa sensação de esperança. O ato nos mostra que é possível despolarizar, que o Brasil tem uma via de diálogo possível.

A sra. vê risco de golpe? O momento é muito diferente do que se viveu nos anos 1960. A ideia de golpe é muito mais difícil hoje, por conta da própria estruturação da sociedade, das instituições. Mas atos como esse do 11 de agosto são muito importantes na função preventiva. Se alguém tinha alguma ideia de fazer isso [tentar um golpe], agora vai pensar duas vezes.

Qual foi a sensação de ler a carta no palco? Foi uma mistura de sensações, porque tem muita coisa envolvida. Como franciscana [formada na São Francisco, apelido da Faculdade de Direito da USP], tem todo o vínculo com a história do professor Goffredo [da Silva Telles Jr., que leu a "Carta aos Brasileiros" em 1977], com a história da faculdade. Isso é muito honroso.

Como cidadã brasileira, foi um momento único. Durante tanto tempo eu quis falar como brasileira, não como professora, e aquele foi meu momento de fala, mas ao mesmo tempo não era só eu —eu estava ali sendo a voz de muita gente. Isso foi muito mágico.

E tem a questão de gênero, que foi muito marcante. Na nossa sociedade, lamentavelmente, existe uma desigualdade de gênero enorme e, mais do que isso, existe um discurso de violência de gênero.

Na própria Faculdade de Direito, o número de alunas e alunos é igual, mas as mulheres são só 16% do corpo docente. Entre os professores titulares, nós somos 4 mulheres entre 40. É muito desigual.

Então foi uma mistura de sentimentos porque estar lá, sendo mulher e professora da casa, é algo muito novo. Eu recebi muitas mensagens de alunas e docentes de todas as unidades da USP falando como foi emblemático ter mulheres lendo a carta.

Questões de gênero e raça não estavam no horizonte da carta de 1977. Como foi incluir essas temáticas nesse ato? Começou com a própria carta. A original, de 1977, é "Carta aos Brasileiros". A de agora é "às brasileiras e aos brasileiros". Esse título já induz a reflexão sobre desigualdade de gênero.

Quando definimos que uma mulher faria a leitura, houve uma dificuldade de chegar a um nome no primeiro momento. Olha que loucura: ter dificuldade de encontrar uma mulher emblemática para a sociedade, como se não houvesse nenhuma. Aí percebemos como isso é violento. É horrível. Como não conseguimos pensar em uma mulher? É claro que elas existem, só que não são reconhecidas.

Então pensamos em ter não uma, mas algumas mulheres muito diferentes entre si, inclusive no sentido étnico-racial. Além disso, de gerações diferentes, porque teríamos a presidente do Centro Acadêmico XI de Agosto, que é uma mulher negra, que entrou na universidade dentro da política de cotas.

Tivemos muitas mulheres nesse evento por uma questão de representatividade. Para que todas as mulheres olhem e falem: "Olha só! Então a gente pode também".

A sua atuação acadêmica hoje é bastante ligada às questões de gênero. Como a sra. avalia a entrada dessa temática no universo jurídico, ainda dominado por homens brancos? Hoje eu trabalho com questões de gênero, mas não porque eu quis, não por ser minha agenda de pesquisa. Eu trabalho com dogmática penal, não tem nada a ver com isso.

Em 2013, alguns alunos e alunas quiseram fazer um documentário sobre a vida acadêmica dos professores. Vieram me entrevistar e, conforme eu ia respondendo, eles iam se emocionando. E eu digo se emocionando no sentido negativo. Eles falaram: "Mas a senhora passou por isso?". Uma aluna começou a chorar.

E eu me dei conta de tudo que eu tinha passado e que até então, para mim, era normal, era naturalizado.

Pode dar um exemplo? Quando fui aluna da faculdade, a gente levantava a mão na aula dizendo que tinha uma dúvida e o professor respondia: "Isso é normal, você é mulher. Pensa mais um pouco que a dúvida passa". Isso acontecia em sala de aula. Era normal, não é que a gente se sentisse constrangida, porque essa era a nossa realidade.

Quando eu estava no doutorado, era convidada para participar de reuniões para servir o café. E não é que eu me sentisse ofendida, porque o mundo era assim. A gente era educada, inclusive dentro da universidade, para agir dessa forma. Então eu não via a violência.

Eu vi a violência quando os alunos me entrevistaram e eu olhei para os olhinhos deles e vi que estavam horrorizados. No meio da entrevista, eu parei e comecei a chorar. Claro que a opressão é sentida, mas ela não é nomeada. Então você acha que está sendo oprimida por uma questão sua, um problema seu. Você não consegue entender que é um problema maior.

Mais ou menos nessa época, professoras da casa se uniram para criar uma disciplina transversal para tratar de direito e equidade de gênero. Foi incrível, porque para a gente também é um aprendizado. Eu me lembro de vários professores que passaram a se dar conta de que as bibliografias de seus cursos só tinham homens.

Por conta de tudo isso, nós provocamos a modificação do regimento interno da Faculdade de Direito, incluindo normas que garantam equidade de gênero. Por exemplo, a maternidade não era levada em consideração nos relatórios de produção acadêmica. As mulheres que tinham filhos eram penalizadas, com redução de salário, mudança de regime.

A sra. sofreu discriminação mais recentemente? Muito. Todo dia. Problemas sexuais o tempo todo.

Mesmo como professora titular? Aí aumenta. Porque aí você tem certeza de que está ocupando um espaço que não era para você. As pessoas fazem questão de te mostrar isso. Mesmo fora do Brasil.

Por exemplo, vou dar uma conferência e alguém, na frente de mil pessoas, fala no microfone: "Nossa, você é inteligente! Achei que só fosse bonita". Muita piada machista. Ou alguém vem aqui e diz que quer falar com um homem, não comigo. Isso mesmo como vice-diretora. Muito sou muito otimista. Eu estou muito feliz de ver mudar rápido.

A São Francisco já teve diretora, certo? Uma vez. A professora Ivette Senise Ferreira [eleita em 1998].

A sra. pretende ser diretora? Eu não pretendia nem ser convidada para o cargo que ocupo hoje. Foi um movimento que aconteceu, e por isso que eu falo que a gente é jogada para essa discussão de gênero. Eu não queria ser uma pesquisadora de gênero. Eu não queria ser representante da bandeira de gênero. Mas tenho uma responsabilidade.

Se eu sou 1 das 4 mulheres que são professoras titulares e duas vão se aposentar no ano que vem, então tenho uma bandeira para carregar. É sim ou sim. Eu não posso falar "Não, não quero, eu vou me dedicar ao que sempre me dediquei". Não posso, porque os alunos pedem. Para uma turma do segundo ano, eu sou a única professora mulher.

De vez em quando uma aluna me abraça e fala: "Que bom ter uma professora mulher. É tão importante ter você, porque eu me sinto mal, porque esse mundo não parece ser meu".

Você me pergunta se eu quero ser diretora. Olha, eu adoro gestão acadêmica, adoro a universidade. Não tenho vaidade acadêmica. Mas o [diretor] Celso [Campilongo] me convidou para trabalhar com ele e tem me ensinado muito. Ele é um professor extraordinário.

E acho que é importante que a Faculdade de Direito tenha proximamente uma diretora mulher. Não por mim, mas para o direito isso é importante. Isso vai modificar muita coisa. Porque hoje, na linha de frente, sempre tem um homem. E a mulher fica aquela que está atrás, aquela que ajuda, aquela não exerce protagonismo.

> Tivemos muitas mulheres nesse evento por uma questão de representatividade. Para que todas as mulheres olhem e falem: 'Olha só! Então a gente pode também
>
> **Ana Elisa Bechara**
> vice-diretora da Faculdade de Direito da USP

Ana Elisa Bechara, 46

Vice-diretora da Faculdade de Direito da USP (com mandato de 2022 a 2026), é professora titular de direito penal e uma das responsáveis pela recente disciplina sobre direito e equidade de gênero. Formou-se na USP em 1998 e concluiu o doutorado na mesma faculdade em 2004.

+ Carta pela democracia

O que é: o documento surgiu a partir de um grupo de ex-alunos da Faculdade de Direito da USP. Ele remete à "Carta aos Brasileiros", de 1977, documento histórico contra a ditadura militar.

Ameaças: o texto não menciona o nome de Jair Bolsonaro (PL), mas prega a manutenção do Estado democrático de Direito e o respeito às eleições.

Leitura: a carta foi lida na quinta (11), precedida da leitura de outro manifesto em defesa da democracia, endossado por mais de cem instituições.

Assinaturas: a carta ultrapassa 1 milhão de signatários.

Reação: Bolsonaro se referiu aos documentos como "cartinhas", chamou os signatários de sem caráter, caras de pau e afirmou que entre eles há "empresários mamíferos".

Soldado do Talibã em patrulha durante cerimônia de hasteamento de bandeira do grupo, na colina Wazir Akbar Khan, em Cabul Ahmad Sahel Arman - 31.mar.22/AFP

Fiasco americano no Afeganistão faz 1 ano e expõe dilema sobre terrorismo

Deixando afegãos à própria sorte com o Talibã, restou a Biden bombardear ameaças potenciais

ANÁLISE

Igor Gielow

SÃO PAULO Termo introduzido no léxico ocidental em 1794 para denunciar os excessos da Revolução Francesa, o terrorismo é companheiro de longa data da política mundial, com práticas vistas desde a Antiguidade Clássica, passando por revoltas judias contra romanos que trouxeram contexto ao cristianismo.

Sua perenidade e capacidade de adaptativa não são segredo, e isso estava na cabeça de Joe Biden quando o presidente dos Estados Unidos largou o Afeganistão à própria sorte no ano passado. Cumprindo um acordo costurado pelo antecessor, Donald Trump, o democrata simplesmente empacotou 20 anos de ocupação e presença militar e fugiu.

Foi uma derrota vexatória, com as cenas de civis afegãos caindo de grandes cargueiros C-17 em decolagem. Cerca de 120 mil ocidentais foram evacuados, mas pouquíssimos de seus auxiliares locais conseguiram sair do país.

Falando sobre eles, então expostos à vingança do Talibã, o grupo fundamentalista que retomou o controle do país em uma campanha fulminante de duas semanas que culminou com a queda de Cabul há um ano, o chefe militar americano então responsável pela região diz ser "assombrado até hoje" pelo fracasso.

A frase foi dita pelo general aposentado Frank McKenzie à rádio pública americana NPR.

"Não conseguimos retirar todo mundo que gostaríamos, em particular vários afegãos que nos ajudaram nos anos em que fomos parceiros, muitas vezes em combate", disse McKenzie na reveladora entrevista no começo do mês.

Isso dito, Biden seguiu com seu plano. Os EUA não mais tentariam impor sua forma de governo, a democracia, àquele canto perdido do Hindu Kush. Ameaças terroristas seriam tratadas como tal, com ação militar pontual na forma de bombardeios com drones ou aviões de combate.

Sob pressão pela crise da Guerra da Ucrânia e da reação chinesa à desastrosa visita da presidente da Câmara dos EUA, Nancy Pelosi, a Taiwan, o democrata tentou apresentar uma prova de que sua decisão no Afeganistão foi correta ao anunciar a morte do chefe da Al Qaeda, Ayam al-Zawahiri, o antigo braço-direito de Osama bin Laden.

A morte foi embaraçosa para o Talibã. Al-Zawahiri morava em um bairro abastado, para padrões locais, de Cabul. Estivesse sob proteção ou sob prisão domiciliar, o fato é que sua presença provava o que McKenzie disse na entrevista: os talibãs romperam o acordo com os americanos, que previa expulsar elementos terroristas de seus domínios.

Desde os caóticos dias da retirada americana, quando a filial afegã do Estado Islâmico deu as caras com um terrível atentado, ficou evidente que o Talibã ou enfrentaria rivais ou teria de compor com eles.

Raio-X do Afeganistão

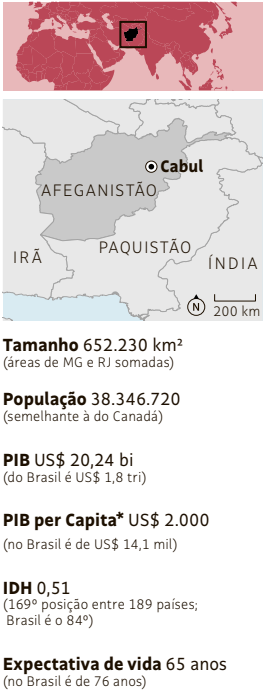
Tamanho 652.230 km²
(áreas de MG e RJ somadas)

População 38.346.720
(semelhante à do Canadá)

PIB US$ 20,24 bi
(do Brasil é US$ 1,8 tri)

PIB per Capita* US$ 2.000
(no Brasil é de US$ 14,1 mil)

IDH 0,51
(169º posição entre 189 países; Brasil é o 84º)

Expectativa de vida 65 anos
(no Brasil é de 76 anos)

*Considerando paridade do poder de compra | Fontes: Banco Mundial, CIA World Factbook e PNUD

Mas a erradicação de grupos que têm na obliteração de valores ocidentais sua base se era apenas uma ilusão — como, num contexto mais amplo, o ataque ao escritor Salman Rushdie exemplifica.

Uma prova disso está no vizinho Paquistão, que em agosto de 2021 viu seu então primeiro-ministro, Imran Khan, celebrar o "rompimento das correntes" do povo afegão. Um ano depois, além de o vizinho ter caído numa versão modernizada do regime medieval que marcou sua primeira passagem pelo poder, Islamabad se vê acossada.

O TTP (Tehreek-e-Taliban, ou Talibã paquistanês), que imprimiu um reino de terror no fim dos anos 2000, sendo o principal suspeito da morte da ex-primeira-ministra Benazir Bhutto em 2007, havia sido desmantelado com ajuda do governo pró-EUA em Cabul, que prendeu vários dos líderes que estavam no Afeganistão.

Os grupos, diga-se, nunca foram aliados próximos e têm origens distintas. Com a volta dos fundamentalistas ao poder, cerca de 4.000 jihadistas foram soltos de prisões afegãs e voltaram a vicejar nas áreas tribais, segundo relatório de julho do Conselho de Segurança das Nações Unidas.

Não por acaso, subiu em 42% o número de atentados no Paquistão em 2021, em relação a 2020, e a tendência deste ano era de alta tão acentuada que Islamabad propôs uma trégua ao TTP. O cessar-fogo está em vigor desde junho, mas explicita a instabilidade.

O Paquistão foi o pai da primeira encarnação do Talibã, fomentado nas áreas tribais de fronteira entre os dois países. De 1996 a 2001, comandou uma aberração de governo, mas garantiu a seus fiadores aliança e profundidade estratégica em caso de uma guerra com a rival Índia.

Os talibãs abrigaram a Al Qaeda de Osama, vieram os atentados do 11 de Setembro e a invasão americana. Naquele ponto, o abandono americano aos mujahedin, "guerreiros santos" que lutaram contra a ocupação soviética do Afeganistão (1979-89), foi apontado como um dos criadouros do radicalismo jihadista.

Terá Joe Biden cometido o mesmo erro? Ainda é cedo para dizer, mas a estratégia ora empregada garante apenas que buracos no dique serão tapados — com mísseis. Mas o reservatório pode apenas aumentar de volume, e aí o risco de uma nova onda de ações em um momento em que o Ocidente se vê em crises múltiplas se eleva.

Isso seria desastroso para o americano, sem falar na tragédia que já se abate sobre os afegãos comuns, com a volta de restrições à inserção das mulheres na sociedade e a brutalidade no cotidiano sob o regime integrista dos mulás fundamentalistas.

Resume o general do Corpo de Fuzileiros Navais McKenzie: "Eu me arrependo do que ocorreu no verão passado. E temo que as coisas ficarão muito, muito piores antes de que melhorem um pouco".

Os dois momentos do Talibã no poder

1996
26.set | Rebeldes do Talibã tomam o controle de Cabul, matando o então presidente

2001
8.out | Depois do 11 de Setembro, Talibã nega a extradição de membros da Al-Qaeda; George W. Bush declara guerra ao terror e envia tropas ao Afeganistão

7.dez | EUA apontam Hamid Karzai como presidente

2006
Talibã ganha força e retoma territórios no sul

2014
Afeganistão assume operações militares; Otan e EUA passam a ter papel de treinamento e apoio

27.mai | Barack Obama anuncia plano para retirada gradual das tropas

2015
Talibã conquista mais territórios, e Estado Islâmico passa a ganhar força

2017
Donald Trump bombardeia instalações do EI e anuncia aumento da presença militar

2020
29.fev | EUA e Talibã encaminham retirada das tropas, no Acordo de Doha

2021
14.abr | Joe Biden determina saída das tropas para 11.set

14.ago | Talibã retoma províncias, e EUA iniciam retirada de funcionários

16.ago | Talibã conquista Cabul e chega ao poder

31.ago | Último soldado dos EUA deixa o país

Terror doméstico é ameaça maior aos EUA, diz analista

Para ex-conselheiro da diplomacia, Washington vê Afeganistão no retrovisor

ENTREVISTA
AARON DAVID MILLER

Thiago Amâncio

WASHINGTON O Afeganistão está no retrovisor dos EUA, segundo Aaron David Miller, ex-conselheiro do Departamento de Estado americano.

Um ano depois da caótica retirada de tropas do Ocidente do país, o analista defende que a saída, por mais problemática que tenha sido, foi uma decisão acertada do governo do democrata Joe Biden.

À **Folha** ele defende que a ascensão da China e o terrorismo doméstico de nacionalistas brancos são uma ameaça mais imediata que grupos jihadistas e diz que os EUA mantêm capacidade de promover ataques a distância, como mostrou a operação que matou o líder da Al-Qaeda, Ayman al-Zawahiri, em julho.

*

Um ano atrás os EUA e aliados encerraram uma ocupação de 20 anos no Afeganistão. A saída terminou com americanos mortos, um ataque a civis identificados de forma errada como membros do Estado Islâmico. O Talibã tomou o controle, e agora um líder da Al Qaeda foi encontrado vivendo em Cabul. A retirada de tropas foi a coisa certa a se fazer? Na minha visão, sim. Eu deixei o governo três meses antes de invadirmos o Iraque, em março de 2003. Na época já me parecia claro que seria uma ocupação permanente dos EUA, que deveria ser uma missão de contraterrorismo para evitar outro 11 de Setembro, prevenir que terroristas se fincassem na região.

Depois, os objetivos, como consequência da nossa presença, começaram a ser inflados. Apesar das negativas dos governos Bush, Obama e Trump de que estávamos fazendo uma operação de "construção de nação", a realidade é que para eliminar insurgências tentou-se desenvolver um governo minimamente funcional.

Isso foi imperdoável. Eu não consigo identificar um único exemplo desde 1945 em que os EUA, projetando uma força militar maciça, ocuparam outro país e tiveram resultados positivos. A Alemanha e o Japão [após a Segunda Guerra] foram exceções.

Os EUA perderam a guerra? O padrão de sucesso no Afeganistão nunca foi a vitória, mas quando sair. Então, quando Biden — cujas visões sobre construir uma nação no Iraque e no Afeganistão sempre foram céticas e não ideológicas — tomou a decisão, parecia o certo. Mas se os republicanos formarem maioria na Câmara devem instaurar comissões para investigar a retirada.

Há também um problema ético. Fizemos compromissos, criamos expectativas. Na verdade, acho que fizemos muitas coisas boas, principalmente no que diz respeito à garantia de direitos para mulheres e meninas. Mas é verdade que foi uma missão fracassada. Temos um telhado de vidro maior do que nunca agora. Nosso sistema político doméstico está sob grande estresse, alguns diriam que já foi destruído.

Em 20 anos não foi possível encontrar maneira melhor de sair? Não tenho essa resposta. Claramente os militares estavam empenhados em tentar vencer, não queriam admitir que perderam. E a realidade é que não podíamos e não pudemos controlar as forças políticas e sociais que continuaram a operar no país. Você tinha corrupção no governo central, divisões étnicas, faltava coesão nacional.

E um dos fatores mais importantes é que não foi possível eliminar o santuário [de grupos jihadistas] em partes do Paquistão, que o governo paquistanês também não conseguia controlar. Se o governo central que você apoia é visto como corrupto e incompetente e do outro lado da fronteira você tem atividade [jihadista], a noção de operação bem-sucedida estava muito distante.

Todo o Oriente Médio é literalmente o que sobrou de grandes potências que acreditavam que poderiam impor sua vontade sobre como as pessoas deveriam se organizar e viver. É uma história da grande frustração.

Não tenho certeza de que havia outro jeito de sustentar um governo funcional com legitimidade e capacidade. Apesar de suas divisões próprias, o Talibã é a força política mais forte e legitimada do país. Acredito, porém, que para cumprir nossos compromissos com os afegãos que trabalharam para os EUA poderíamos ter nos planejado mais, muitas cenas de caos poderiam ter sido diferentes.

Aaron David Miller
Especialista-sênior do Carnegie Endowment for International Peace, trabalhou como negociador, analista e conselheiro do Departamento de Estado dos EUA de 1978 a 2003, com foco sobretudo em Oriente Médio

A retirada não deixou os EUA mais vulneráveis ao terrorismo? A ameaça jihadista não é mais imediata e iminente. Construímos uma estrutura contraterrorismo, não tivemos mais um 11 de Setembro. Acho que talvez estejamos menos sujeitos a prever um ataque do Afeganistão porque não temos agentes em solo. E a ameaça terrorista evoluiu. Bin Laden talvez ficasse impressionado ao ver como grupos jihadistas se espalharam pela África e pela Ásia.

E qual o significado do ataque contra Zawahiri? A operação mostrou grande confiança, capacidade de realizar ações a distância. Mas não é o mesmo que desmobilizar toda uma célula que está planejando um ataque. Na guerra contra o terrorismo, foi um símbolo. Mas não mais que isso.

A saída, como foi, enfraquece a imagem dos EUA no mundo? Muitos críticos diziam que a saída caótica mostrava a aliados que os EUA jamais poderiam liderar o mundo de novo, que seus rivais estouraram champanhe. Mas após a saída do Vietnã, com aquelas imagens terríveis da retirada da embaixada em 1975, em 15 anos os EUA já eram a única superpotência do mundo. Os EUA têm a capacidade de liderar de novo. Estamos passando por uma situação muito específica, com a ascensão da China, com a Rússia.

O Talibã pode ser uma ameaça à paz global? O Talibã não vai montar uma campanha extensa para garantir que a Al-Qaeda não opere do país. Mas o grupo é muito mais agressivo em relação, por exemplo, ao Estado Islâmico Khorasan, porque compete com eles por dinheiro e recrutas. O terrorismo não é o principal problema de política externa que os EUA enfrentam hoje. Hoje a ameaça é interna, e acho que mudou — é a ascensão de grupos de nacionalistas brancos extremamente violentos.

Qual o lugar do Afeganistão na política externa dos EUA hoje? O retrovisor. Governar é estabelecer prioridades. Acho que vamos continuar dedicando recursos e atenção à situação humanitária lá, mas não ocupa o mesmo lugar diante da ascensão da China.

A refugiada afegã Setara Joya, 25, no restaurante de sua família, em São Paulo Bruno Santos/Folhapress

Talibã matou meu pai porque eu era militar, diz afegã em SP

AFEGÃS NO BRASIL
DEPOIMENTO

SÃO PAULO Mulher, militar, da etnia hazara: a afegã Setara Joya, 25, reúne vários atributos que a tornavam um alvo preferencial do Talibã.

Por causa disso, ela perdeu o pai, assassinado ao não revelar a localização da filha a combatentes do grupo que o abordaram quando ele viajava da capital, Cabul, para Jaghori — um dos redutos do povo hazara, historicamente perseguido pelos talibãs.

Também por causa disso, Setara acabou deixando o país para morar em São Paulo com os tios e três primos. Antes de sair, queimou seu uniforme, as botas, fotos e documentos e apagou as redes sociais.

Hoje, a ex-militar ajuda no restaurante da família, Koh i Baba. O pequeno imóvel no bairro da Liberdade, com mesas no térreo, também serve de moradia para os seis adultos no segundo andar.

O espaço é apertado e a vida é de luta, mas ela não reclama. O tio, Sorab, 65, que mora em São Paulo desde 2011 e serviu de intérprete, diz que o Brasil é "um paraíso" comparado com o que se tornou o Afeganistão para os hazaras.

Setara define a fase atual com a frase que usou para descrever o alívio ao descer do avião, em Guarulhos: "Toda a escuridão ficou para trás".

Setara é a segunda de uma série de três entrevistadas que contaram suas histórias à **Folha** um ano depois de o Talibã ter voltado a governar o país. A última história será publicada na versão impressa desta segunda-feira (15).

Depoimento a
Flávia Mantovani

*

Nós não esperávamos que os militares afegãos fossem derrotados tão rapidamente. Fiquei tão triste, desapontada. Eu era respeitada, servia no Exército. Para onde foi tudo isso? O meu país foi destruído.

Os Talibãs não gostam de mulheres militares. Meu pai estava voltando de Cabul para nossa região e foi parado por eles: "Onde está sua filha? Por que você deixou ela entrar no serviço militar? É um sacrilégio". E então eles o mataram.

Eu tive que me esconder, tinha muito medo de que me matassem também. Passei três meses dentro de casa com outras mulheres. Só saía para fazer compras, de burca. Queimei meus uniformes militares, documentos. Eu sabia que eles poderiam vir e revistar tudo a qualquer momento.

Então meu tio me ligou e disse que deveríamos fugir para o Paquistão. Saí com meus primos em uma viagem de três dias, usando um lenço bem fechado. Atravessamos clandestinamente a fronteira, mas eu e minha prima fomos pegas e devolvidas. Passamos escondidas outra vez, à noite, por baixo de uma cerca, e conseguimos. Meu primo foi pego e passou dez dias preso.

A parte da fronteira foi o momento mais difícil, porque sabíamos que estávamos entre a vida e a morte e não tínhamos certeza de nada: se passaríamos para o outro lado, se chegaríamos à embaixada brasileira, se conseguiríamos o visto. Foi angustiante.

E também não nos sentíamos seguros no Paquistão, porque quando os policiais encontram afegãos que estão lá ilegalmente, devolvem para o Afeganistão. E podem bater em você, extorquir, matar. Você fica sempre tenso.

Os paquistaneses nos incomodaram bastante para sair de Islamabad. Eles sempre buscam uma desculpa de que você não tem isso, não tem aquilo [documentos]. A embaixada brasileira interferiu.

Quando entrei no avião, enfim pude respirar tranquila, porque sabia que aquele sofrimento havia acabado. Estávamos indo para um lugar bom. A escuridão ficou para trás.

Agora estou livre, trabalhando com meu tio, aprendendo. Aqui as pessoas têm respeito pelas mulheres. Lá não, as mulheres estão sempre por baixo, você não pode fazer nada porque não a deixam sair, trabalhar. Tenho saudade da minha mãe, mas não de todo o sofrimento do Afeganistão.

Quando lembro de tudo o que passei, fico triste, mas ao mesmo tempo sei que tenho que esquecer o passado, porque a vida segue.

Haitianos se veem reféns de gangues 1 ano após terremoto

Violência e redução de ajuda da comunidade internacional assolam país

Flávia Mantovani

SÃO PAULO Exatamente um ano atrás, o Haiti foi sacudido por mais um terremoto dos vários que já atingiram o país, situado sobre uma complexa rede de placas tectônicas e falhas geológicas. Além de ser o mais mortal desde o catastrófico terremoto de 2010 —foram mais de 2.100 mortos e outros milhares de feridos e desabrigados—, o sismo de 2021 pegou o país caribenho em um momento especialmente conturbado.

Um acúmulo de mazelas que incluiu a pandemia de Covid, a passagem de ciclones tropicais, uma crise política que culminou no assassinato do presidente, a escassez de combustíveis e de eletricidade e o recrudescimento de conflitos violentos entre gangues tornaram o Haiti um lugar extremamente perigoso e estressante de viver.

É o que o chefe da OEA (Organização dos Estados Americanos) chamou de "pior dos mundos", em uma declaração no último dia 8 na qual fez uma rara autocrítica do papel da comunidade internacional na crise haitiana.

Segundo a nota do secretário-geral Luis Almagro, o quadro é "resultado direto das ações das forças endógenas do país e da comunidade internacional", cuja presença por 20 anos "não foi capaz de facilitar a construção de uma única instituição" e foi "um dos fracassos mais fortes e manifestos já implementados" na cooperação externa.

A comunidade internacional se retirou do Haiti, continua Almagro, deixando "caos, destruição, violência", e hoje "tenta fazer acreditar que uma solução completamente endógena pode prosperar".

Outras instituições têm lançado relatórios e notas sobre a piora da situação no Haiti, da Human Rights Watch a órgãos das Nações Unidas —o vice-presidente brasileiro, Hamilton Mourão, por exemplo, divulgou declaração no mês passado, em nome do Conselho de Segurança da ONU, manifestando preocupação com a escravidão sexual e outros abusos sofridos pela população haitiana.

Mas a presença concreta da comunidade internacional no território haitiano não chega perto da que foi registrada em outros momentos, como durante a Missão de Paz Minustah, de 2004 a 2017, e depois do terremoto de 2010.

"A partir de 2011, 2012, muitas instituições começaram a sair, seja porque foram para lá para prestar uma ajuda mais pontual, seja porque as fontes de financiamento foram diminuindo", recorda o antropólogo brasileiro Pedro Braum, da Viva Rio, ONG que atua no país desde 2004. "Algumas não foram embora, mas diminuíram as operações, focaram outras regiões do mundo. Hoje, por exemplo, todo mundo volta os olhos para a Guerra da Ucrânia, tudo se concentra lá. O Haiti não tem mais a importância que já teve. Existe um quase abandono do país."

Braum, que morou em Porto Príncipe por cerca de 14 anos —retornou no fim de 2021, mas deve voltar em breve ao país para trabalhar nas ações da ONG—, afirma notar ainda um esgotamento por parte de algumas instituições devido à complexidade do trabalho humanitário por lá. "Eu percebo uma fadiga, um cansaço de muitas organizações diante da dificuldade de trabalhar no Haiti.

Raio-X do Haiti

Tamanho 27.750 km² (do tamanho de Alagoas)

População 11,334,637 (semelhante a da cidade de SP)

PIB US$ 8,6 bi (do Brasil é US$ 1,8 tri)

PIB per Capita US$ 2.800 (no Brasil é de US$ 14,1 mil)

IDH 170º (Brasil está em 84º)

Fontes: CIA World Factbook e PNUD

Para a população local, isso é uma tragédia. Na verdade, em um cenário como o de agora, deveria haver ainda mais ímpeto, mais vontade."

Segundo o antropólogo, muitas pessoas que ficaram desabrigadas pelo terremoto de 2021 ainda não conseguiram voltar para casa. Mas o grande movimento de deslocados internos no país hoje é o dos que fogem não dos efeitos de desastres naturais, mas dos confrontos das gangues que dominam as favelas da capital haitiana.

"Há campos de desabrigados por causa da violência, alguns recebendo ajuda humanitária de agências estrangeiras ou do governo haitiano, outros sem ajuda nenhuma. Tem vídeos que mostram filas de pessoas saindo com malas na cabeça nos momentos de maior confronto", relata.

De acordo com o brasileiro, que pesquisou em seu doutorado a ação das gangues haitianas —chamadas de "bases"—, os conflitos se agravaram a partir de 2018, com o aprofundamento das crises econômica e política.

No mês passado, o tema voltou ao noticiário internacional após uma violenta batalha entre grupos rivais na região de Cité Soleil, na periferia de Porto Príncipe, deixar mais de de 470 vítimas, entre mortos, feridos e desaparecidos.

"Foi quase uma guerra de trincheiras dentro da favela", diz Braum. "Sempre houve esse enfrentamento nas ruas, mesmo durante a presença das tropas da ONU, mas a partir de 2018 isso piorou. Com a diminuição da atuação do governo nas favelas e cidades, não por acaso cresceu a capacidade de governança dos grupos armados", continua, apontando também uma expansão desses grupos para outras cidades e vias de acesso distantes de Porto Príncipe, algumas em áreas rurais.

Controlando apenas 2 quilômetros da rodovia nacional em Martissant, um subúrbio da capital, essas gangues ganharam poder sobre o fluxo de mercadorias para metade do país, segundo a agência AFP. E, desde junho de 2021, os grupos armados controlam a única estrada pavimentada que leva ao sul haitiano.

Essa disputa por territórios –e pelo dinheiro que vem das extorsões de comerciantes, entre outras atividades criminosas– se une à dimensão política dessas gangues. Congregadas em federações, as "bases" têm forte conexão com lideranças e partidos políticos, o que agrega aspirações por poder nacional a seus interesses locais.

Refém da instabilidade, a população vive um dia a dia estressante, com dificuldade para se deslocar, comprar comida ou levar os filhos à escola. Muitos sonham em migrar, mas o mundo está mais fechado aos haitianos e tem sido cada vez mais difícil conseguir vistos para deixar o país.

"Isso tudo gera uma frustração enorme", diz Braum. "Há pessoas e grupos políticos tentando melhorar o país, mas essa repetição de tragédias gera um cansaço muito grande na população."

Ahmad Gharabli/AFP

ATAQUE A TIROS CONTRA ÔNIBUS DEIXA 7 FERIDOS EM JERUSALÉM

Um ataque a tiros contra um ônibus em Jerusalém deixou ao menos sete pessoas feridas, duas delas em estado grave, na noite deste sábado (13), informaram os serviços de emergência de Israel. O atentado ocorreu perto do túmulo do rei Davi, ao sul da Cidade Velha, e o suspeito fugiu do local. A polícia israelense fechou os acessos à Cidade Velha e fazia buscas na região com a ajuda de helicópteros. Segundo relatos de socorristas ao jornal Jerusalem Post, o ônibus levava peregrinos que haviam deixado o Muro das Lamentações, local sagrado para judeus, quando o atirador abriu fogo indiscriminadamente. A motivação do ataque não estava clara até a conclusão desta edição, assim como não se sabia ainda a nacionalidade das vítimas. Na última semana, Israel realizou bombardeios contra a Faixa de Gaza, deixando dezenas de palestinos mortos, e o grupo radical Jihad Islâmico disparou centenas de foguetes contra o território israelense. Também foram registradas incursões militares na Cisjordânia.

Advogado declarou que Trump tinha devolvido papéis, diz jornal

SÃO PAULO Um advogado de Donald Trump assinou, em junho, uma declaração por escrito dizendo que todo o material sigiloso e mantido em caixas na casa do ex-presidente na Flórida havia sido devolvido ao governo, revelou reportagem do The New York Times deste sábado (13).

Trump está sob investigação por possíveis crimes de espionagem, obstrução da Justiça e destruição de materiais do governo. Na última segunda-feira (8), agentes do FBI retiraram 20 caixas de sua mansão em Mar-a-Lago, contendo 11 conjuntos de documentos com algum tipo de classificação sigilosa.

De acordo com o jornal, a existência da declaração é uma possível indicação de que o ex-presidente ou sua equipe não foram totalmente transparentes com os investigadores federais, visto que a apreensão revelou o contrário.

O termo teria sido assinado depois que Jay Bratt, um alto funcionário de segurança nacional do Departamento de Justiça, visitou o clube de praia na Flórida em 3 de junho, quando se encontrou com dois advogados de Trump para discutir o tratamento de dados confidenciais.

A descoberta da declaração também ajuda a explicar por que o mandado de busca utilizado na segunda-feira cita-va uma possível violação de uma lei criminal de obstrução.

Na sexta-feira (12), Trump disse que tinha retirado o sigilo de todo o material encontrado em sua posse enquanto ainda estava no cargo, mas não forneceu nenhuma prova de que fizera isso.

Em comunicado publicado neste sábado, Taylor Budowich, um porta-voz de Trump, não confirmou nem negou a reportagem do The New York Times, mas criticou a busca do FBI, dizendo ser uma incursão sem precedentes e desnecessária, a qual faria parte de uma "caça às bruxas fabricada pelos democratas".

A agência Reuters não conseguiu confirmar o relatório de forma independente e não conseguiu resposta imediata do Departamento de Justiça.

O mandado de busca contra Trump mostrou que ele é investigado por possíveis violações da Lei de Espionagem, que proíbe espionar para outro país ou manipular informações de defesa dos EUA, incluindo compartilhá-las com pessoas não autorizadas.

Segundo o jornal, no ano passado, funcionários do Arquivo Nacional americano descobriram que, após deixar a Casa Branca em janeiro de 2021, Trump levou uma série de documentos do governo que deveriam ter sido enviados para arquivos. Em janeiro de 2022, o ex-presidente devolveu 15 caixas com materiais, que incluíam diversas páginas marcadas com algum grau de sigilo —o que levou arquivistas a acionarem o Departamento de Justiça.

As autoridades, então, emitiram uma intimação pedindo que Trump devolvesse documentos que acreditavam estar em sua posse. Como parte desse esforço Jay Bratt, o alto funcionário de segurança dos EUA, foi à Flórida em junho, onde se encontrou com advogados do ex-presidente, que mostraram as caixas contendo documentos retirados da Casa Branca.

Segundo o New York Times, Bratt e sua equipe saíram com o material e obtiveram a declaração por escrito de um dos advogados atestando que tudo havia sido devolvido.

No entanto, o material retirado da casa de Trump pelo FBI continha 11 conjuntos de documentos com algum tipo de marcação confidencial ou secreta. Alguns pertenciam a categorias que só autorizam a visualização dentro de uma instalação segura do governo.

Na imprensa americana, já se fala que ele estaria de posse de informações secretas sobre pesquisas nucleares.

Com Reuters

Governo tem menor gasto com pessoal em 26 anos

Congelamento de salários e restrição a concursos públicos reduzem despesa

Julianna Sofia e Fábio Pupo

BRASÍLIA Após uma política de contenção de custos no funcionalismo público, o Ministério da Economia prevê encerrar o mandato do presidente Jair Bolsonaro (PL) no menor patamar de gasto com pessoal em 26 anos.

Números apresentados pela equipe do ministro Paulo Guedes (Economia) ao mercado financeiro mostram que essa despesa, que chegou a representar 4,2% do PIB (Produto Interno Bruto) em 2017 e 2020, deverá cair para 3,4% ao fim de 2022 —menor nível desde 1997, início da série histórica do Tesouro Nacional.

Guedes disse em 2020 que o governo havia colocado uma granada no bolso do inimigo, referindo-se ao congelamento salarial para o servidores.

O movimento é acompanhado pelo menor número de funcionários ativos, que encerrou junho no mais baixo patamar dos últimos 13 anos após uma queda de quase 10% sob a gestão de Bolsonaro. São cerca de 570 mil servidores em atividade, segundo o ministério.

Quando Bolsonaro assumiu o Planalto, em 2019, herdou de seu antecessor um quadro de pessoal com cerca de 630 mil funcionários nas repartições públicas federais. Em 2017, esse número chegou a um pico de 634 mil funcionários ativos.

A Economia diz que a queda no número de servidores foi possível graças ao avanço da digitalização na administração federal. Hoje, cerca de 4,8 mil serviços estão disponíveis na plataforma Gov.br.

A automação abre caminho para diminuir a taxa de reposição de servidores aposentados, afirma a pasta.

"A força de trabalho, antes usada para muitas atividades operacionais repetitivas, vem sendo direcionada para atribuições mais estratégicas, que valorizem e garantam um atendimento cada vez melhor aos cidadãos", diz,em nota.

Guedes costuma afirmar que está em curso uma "reforma administrativa silenciosa", após não ter conseguido aprovar uma reestruturação mais ampla no funcionalismo público enviada ao Congresso em forma de PEC (proposta de emenda à Constituição) em 2021. Um dos objetivos do texto era criar novas formas de contrato de trabalho entre servidores e poder público para evitar a estabilidade.

Rudinei Marques, presidente do Fonacate (Fórum Nacional Permanente de Carreiras Típicas do Estado), contesta a visão positiva da pasta, dizendo que o número de servidores caiu 12% desde a década de 1990, enquanto a população cresceu 40% no período.

Ele diz que isso demanda mais serviços públicos, em especial em saúde e educação —"por mais que as tecnologias possam ajudar". "Em suma, a economia deu-se a partir da redução da quantidade e da qualidade dos serviços levados à população", diz Marques.

O governo afirma que também contribuiu para a redução de pessoal o corte de funções e gratificações do Executivo federal em 2019. Segundo a pasta, foram extintos 159 cargos, além de 4.941 funções e 1.487 gratificações, com economia estimada em R$ 195 milhões por ano.

Mauro Silva, presidente da Unafisco (Associação Nacional dos Auditores Fiscais da Receita Federal), reconhece que a atuação do Estado e do serviço público pode passar por ajustes, mas diz que a falta de reposição de pessoal pode gerar problemas graves.

"Nós temos muita gente se aposentando e não há uma reposição. A ideia de que reduzir servidores é bom só existe na cabeça de quem não valoriza a boa atuação estatal", afirma.

Ele também diz que órgãos especializados como a Receita podem registrar um ritmo tão grande nas aposentadorias a ponto de não ser possível passar às novas gerações o conhecimento acumulado.

"Se é que é isso pode ser chamado de política de pessoal, ela ser feita sem um critério acaba sendo prejudicial para o país", diz. "Esse governo demonstrou que a única política de pessoal dele é um massacre do servidor e colocar granada no bolso do servidor."

Outro fator para a queda dos gastos foi a falta de reajustes nos últimos anos. Na pandemia, Guedes articulou a aprovação de um dispositivo legal, sancionado em maio de 2020, que impediu aumentos no funcionalismo público até o fim de 2021.

A legislação também proibiu o poder público de fazer concursos até o fim de 2021, a não ser para repor cargos de chefia sem acarretar em aumento de despesa, entre outros casos.

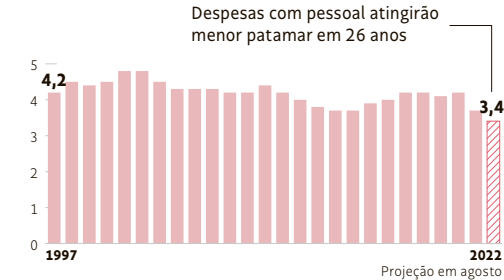
Sem reajuste amplo desde 2018 (exceto categorias com remunerações mais elevadas, que tiveram reajuste em 2019), servidores pressionaram Executivo e Congresso, sem sucesso, apesar de promessas feitas por Bolsonaro.

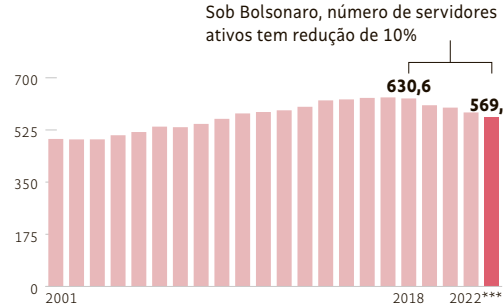
Para 2023, primeiro ano do novo mandato presidencial, há uma reserva de R$ 11,7 bilhões na LDO (Lei Diretrizes Orçamentárias) para reajuste. O governo estuda usar a inflação projetada para 2023 como referência.

Servidores do executivo federal fazem protesto na frente da sede do Banco Central, em Brasília Pedro Ladeira/Folhapress

Em queda

Gastos com pessoal e encargos sociais*

Em % do PIB

Servidores ativos do Executivo federal**

Em mil

* Excluídas sentenças judiciais e precatórios
** Não inclui servidores do BC e da carreira de inteligência da Abin
*** Dados de junho de 2022

Fonte: Secretaria do Tesouro Nacional

PAINEL S.A.

Joana Cunha
painelsa@grupofolha.com.br

Sidney Klajner
Há risco de faltar liderança centralizada para enfrentar varíola dos macacos

SÃO PAULO O Brasil deveria aproveitar as lições da pandemia para lidar com a chegada da varíola dos macacos e também com outras doenças que venham a surgir no futuro, segundo Sidney Klajner, presidente do Einstein.

Ele vê risco de faltar, de novo, liderança centralizada para passar informação correta para a população. "Essa comunicação tem que começar antes de a doença chegar. Quando a gente escuta sobre os casos [no exterior], já precisa delinear protocolo", diz.

No Einstein, em São Paulo, nas unidades Morumbi, unidades avançadas e clínicas Einstein, a taxa de positividade é de 35%, com 30 exames positivos em 85 realizados. Na unidade de Goiânia, é de 63% com 19 positivos.

*

Como avalia a situação com a varíola dos macacos? Aquelas organizações que têm condições de prover o teste adequado, o diagnóstico mais rápido, já começaram a se preparar para isso. Aprendemos muito com a Covid. Os aprendizados do diagnóstico mais rápido e da informação para a população são fundamentais.

A correta informação baseada em evidência científica é a melhor estratégia neste momento. Até para saber como contamina, como se proteger, saber da confusão que as lesões cutâneas podem ter com outras doenças dermatológicas e não ter estigmatização.

A gente vê vários países em que todas essas normas são ditadas por quem de fato lidera as ações de saúde. E, de novo, o que estamos vendo é tomada de decisão e atitudes de forma descentralizada. Não estou falando do quem é bom, quem não é. Por exemplo, existe uma mobilização no estado de São Paulo que é diferente de outro estado, que é diferente do Ministério da Saúde.

E, de novo, a gente pode cair no erro da falta de uma liderança única para prover a informação correta.

Imagine o que a gente passou com a Covid, por falta de uma informação correta. Aí, as pessoas acreditam em quem os olhos se voltam, ideologias. Hoje, eu não vejo também um linguajar único daquilo que a ciência recomenda.

A gente reviu tudo isso no último mês para o lançamento do documentário "Retratos de uma Pandemia: Na Linha de Frente do Combate à Covid-19", [com gravações que acompanharam hospitais públicos e privados administrados pelo Einstein], que estreou na Globoplay.

Por mais que a gente esteja tranquilo hoje com Covid, porque a vacina trouxe a tranquilidade de não matar tanta gente, quando você vê tudo o que aconteceu, tem que tirar disso uma boa lição para lidar, não só com a varíola, mas com futuras pandemias que podem acontecer.

Como está a questão do prazo para o resultado do exame? Isso é outro problema? O resultado do Einstein tem demorado três dias. Como acontecia: precisava colher, ter o resultado e enviar os positivos para o Instituto Adolfo Lutz para ter a chancela. A rotina dele também deve estar sobrecarregada para devolver, para fazer contraprova.

Graças à qualidade demonstrada na realização desse exame, nós deixamos de ter a necessidade da contraprova pelo Adolfo Lutz. Assim, o exame passa a demorar três dias para o resultado.

Isso deve acontecer nas instituições de ponta. Mas qual deve ser o grau de preocupação nos rincões? Até para dar o tratamento correto, precisa ter o diagnóstico. A varíola dos macacos tem um modo de apresentação que pode levantar suspeita rápido, mas tem vários diagnósticos diferenciais para um aspecto cutâneo. Então, os rincões também precisam de logística de encaminhamento para aqueles casos que são suspeitos.

Tem um número de casos que permitiria, na suspeita, ter o referenciamento para onde o exame vai para ter o resultado. Isso permite não só o tratamento do paciente, mas o controle epidemiológico correto para que não se estimule a transmissão. É algo que foi impossível na Covid, porque o grau de contaminação era extremamente alto. Aqui já não é tão alto.

Isso também cai no parágrafo de que temos que aprender com os últimos dois anos.

O governo talvez esteja demorando para fazer a informação adequada da população? Eu vou te falar como eu vejo como profissional de saúde: tudo aquilo que já contaminou quase mil pessoas já está tardio. Na verdade, essa comunicação tem que começar antes de a doença chegar.

Quando a gente escuta sobre os casos acontecendo [no exterior], a gente já precisa delinear um tipo de protocolo.

E como já existe esse conhecimento com outras varíolas, é muito diferente do SARS CoV-2, em que não tínhamos conhecimento nenhum. Mas para essa já existe, e essa cartilha deveria estar pronta e sendo colocada disponível para a população, bancado por quem deveria liderar esse tipo de prevenção. Eu vejo que isso já deveria estar prevenindo.

Como está a estatística e a informação no Einstein? Não é um número volumoso, mas quando começaram as notícias da varíola dos macacos, o serviço de controle de infecção hospitalar que já existe aqui monta um grupo de prevenção e deixa no site.

Isso está aberto ao público, é a informação correta, mas a gente tem um grau de penetração restrito a quem acessa o site, aos nossos colaboradores. E a capacitação para esses colaboradores também já começou antes de a doença chegar, da mesma forma como foi com a Covid.

Raio-X
Cirurgião do aparelho digestivo e presidente da Sociedade Beneficente Israelita Brasileira Albert Einstein, tem graduação, residência e mestrado na Faculdade de Medicina da USP. É também coordenador da pós em coloproctologia e professor do MBA em gestão de saúde no Instituto de Ensino e Pesquisa do Einstein

Dona do Facebook aciona empresas brasileiras por venda de seguidores

É a primeira vez que a Meta aciona Justiça no país para barrar compra de engajamento; outras 40 empresas também são alvo

Catarina Pignato

SÃO PAULO A Meta, dona do Instagram, do Facebook e do WhatsApp, iniciou nesta semana duas ações judiciais em São Paulo contra empresas que vendem engajamento para usuários de redes sociais.

Os serviços que prometem curtidas, seguidores e visualizações no Instagram configuram engajamento falso e, segundo a empresa, são práticas que violam os termos de uso.

As empresas processadas são a MGM Marketing Digital Ltda e a Igoo Networks. Representantes das companhias não foram localizados pela reportagem.

As ações já foram distribuídas e estão tramitando nas varas empresariais e de conflitos de arbitragem.

Essas empresas atuam, de acordo com a Meta, por meio de serviços de engajamento artificial sob nomes como "InstaBrasil", "InstaCurtidas", "SMM Revenda", "Seguidoresgram" e "Seguidores Brasil".

Reportagem da **Folha** publicada em maio mostrou como empresas especializadas em venda de engajamento, conhecidas como plataformas ou fazendas de cliques, atuam. Um pacote de mil curtidas no Instagram, por exemplo, pode ser adquirido por R$ 0,60. Na outra ponta, esses sites pagam a trabalhadores de R$ 0,001 a R$ 0,05 para executar cada uma das interações, designadas como tarefas—transformando-os em "bots humanos".

Segundo a Meta, essa é a primeira vez em que a empresa aciona a Justiça no Brasil para barrar esse tipo de negociação envolvendo suas marcas. Além das duas ações judiciais, o grupo também enviou notificações extrajudiciais a outras 40 empresas que ofereciam serviços semelhantes para Instagram e para o Facebook.

"Isso faz parte de esforços de litígio coordenados e em diferentes jurisdições da empresa para fazer cumprir seus termos e proteger os usuários", diz a empresa, em nota assinada pela diretora jurídica Jessica Romero.

A intenção do Instagram é conseguir que os donos dessas empresas sejam permanentemente banidos de suas plataformas. A dona da rede social defende, nos processos, que além da violação aos termos de uso pela utilização de automação não autorizada, há violação da legislação brasileira.

"Os réus promoveram a venda de falsos seguidores, curtidas e visualizações no Instagram e utilizaram automação não autorizada. Além disso, alguns dos serviços solicitavam as credenciais de login de usuários do Instagram", diz a Meta.

As contas das empresas apontadas como negociadoras de engajamento já teriam sido desativadas nas plataformas.

Na quarta (10), o juiz Luis Felipe Ferrari Benendi, que responde pela 1ª e 2ª Varas Empresarial e de Conflitos de Arbitragem determinou a notificação da MGM Marketing Digital e da Igoo Networks e, "considerando a gravidade das alegações e a natureza dos pedidos formulados", pediu que as empresas se manifestem antes de decidir sobre o pedido liminar feito pela Meta. O prazo é de cinco dias.

Fernanda Brigatti

+ TENTATIVA DE ATAQUE HACKER PARALISA PESQUISA DA ANP PELA SEGUNDA SEMANA
A tentativa de ataque cibernético contra sistemas da ANP (Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis) inviabiliza, pela segunda semana consecutiva, a divulgação da pesquisa de preços dos combustíveis no país. O endereço em que é feita a atualização dos dados permaneceu fora do ar ao longo desta sexta-feira (12).

Europa tem interesse em SpaceX, de Elon Musk, para substituir foguetes russos

REUTERS A ESA (Agência Espacial Europeia) iniciou discussões técnicas preliminares com a SpaceX, de Elon Musk, que podem levar ao uso temporário de seus lançadores depois que a guerra na Ucrânia bloqueou o acesso ocidental aos foguetes russos Soyuz.

O concorrente norte-americano do Arianespace surgiu como um competidor importante para preencher uma lacuna temporária ao lado do Japão e da Índia, mas as decisões finais dependem do cronograma ainda não resolvido do foguete europeu Ariane 6.

"Eu diria que há duas opções e meia que estamos discutindo. Uma é a SpaceX que é clara. Outra é possivelmente o Japão", disse o diretor-geral da ESA, Josef Aschbacher.

"O Japão está esperando o voo inaugural de seu foguete de próxima geração. Outra opção poderia ser a Índia", acrescentou em entrevista. "A SpaceX, eu diria, é a mais operacional delas e certamente um dos lançamentos de backup que estamos analisando."

Aschbacher disse que as negociações permanecem em uma fase exploratória e qualquer solução alternativa seria temporária. Procurada, a SpaceX não respondeu.

A Europa até agora dependia da italiana Vega para pequenas cargas, da russa Soyuz para médias e do Ariane 5 para missões pesadas. A próxima geração Vega C estreou no mês passado e o novo Ariane 6 foi adiado para 2023.

Aschbacher disse que um cronograma mais preciso do Ariane 6 seria mais claro em outubro. Só então a ESA finalizaria um plano de apoio a ser apresentado em novembro.

Ele disse que a Guerra da Ucrânia demonstrou que a estratégia de cooperação de uma década da Europa com a Rússia no fornecimento de gás e outras áreas, incluindo o espaço, não está mais funcionando.

> **Este foi um alerta, que temos sido muito dependentes da Rússia. Temos que esperar que os tomadores de decisão percebam tanto quanto eu que temos que fortalecer nossa capacidade e independência europeias**
>
> **Josef Aschbacher**
> diretor-geral da ESA

"Este foi um alerta, que temos sido muito dependentes da Rússia. E este alerta, temos que esperar que os tomadores de decisão percebam tanto quanto eu, que temos que realmente fortalecer nossa capacidade e independência europeias."

No entanto, ele minimizou a perspectiva da Rússia cumprir a promessa de se retirar da Estação Espacial Internacional (ISS, na sigla em inglês) após 2024.

"A realidade é que operacionalmente, o trabalho na estação espacial está prosseguindo, eu diria quase nominalmente", disse Aschbacher. "Nós dependemos um do outro, gostemos ou não, mas temos pouca escolha."

Polícia Judiciária de Campinas - SP- Pátio EMDEC CAMPINAS - Leilão On Line – Dias 23 e 24 de Agosto 2022.

A POLÍCIA JUDICIÁRIA DO ESTADO DE SÃO PAULO-SP, faz saber que se acha aberto o Leilão n° 01/2022 tendo por objeto o leilão de veículos automotores, sucatas removidas e apreendidas pela Polícia Civil, o qual se realizará a partir da data de liberação no site, para lances on-line, que terá encerramento dias nos 23 e 24 de agosto de 2022. A partir das 11:00 horas pelo site: www.savoyleiloes.com.br, no Escritório da Savoy Leilões, localizado na Rua Joaquim Pinto Seabra, 405 – Vila Everest - Campos do Jordão- SP, pelo Leiloeiro Oficial – Arnold Strass, matriculado na JUCESP sob o número 384. Cópias deste Edital poderão ser obtidas pelos interessados na Delegacia Seccional de Polícia de Campinas - SP, ou através do site www.savoyleiloes.com.br. Pátio Emdec Campinas, localizado à Rua Francisco Teodoro, s/n, Vila Industrial – SP (próximo ao túnel de pedestres, de frente ao número 1.053), os veículos estarão disponíveis para visitação no dia 22 de agosto de 2022, das 08:00h às 16:30h, no endereço descrito a cima. Os objetos deste processo de Leilão são veículos apreendidos e removidos para depósito, todos discriminados individualmente neste Edital, onde também, consta a sua condição de sucata. Informações adicionais poderão ser obtidas diretamente com a Comissão de Leilão da Delegacia Seccional Polícia de Campinas – SP.

002637 Marca: HONDA/ Modelo: CB 400/ Placa: BSP7607/ Municipio: CAMPINAS/ Chassi: CB400BR2029327/ Motor: CB400BRE2009402/ Ano: 19821982/ Cor: PRATA/ Proprietário: ROSIVAN ALVES LEAL/ CPF: 0007016898391/ 02638 Marca: HONDA/ Modelo: CBX 250 TWISTER/ Placa: DCR4447/ Municipio: MONTE MOR/ Chassi: 9C2MC35002R004281/ Motor: MC35E2004281/ Ano: 20012002/ Cor: PRETA/ Proprietário: CARLOS ANDRE DA SILVA/ CPF: 00028207758880/ 02639 Marca: HONDA/ Modelo: CBX 250 TWISTER/ Placa: BYL5408/ Municipio: CAMPINAS/ Chassi: 9C2MC35008R036275/ Motor: MC35E8036275/ Ano: 20082008/ Cor: AMARELA/ Proprietário: GUILHERME DE MOURA ALVES/ CPF: 00043940210811/ Detentor de Gravame: GRUPO SANTANDER BANESPA(DEP JURIDICO)/ 02640 Marca: HONDA/ Modelo: CG 150 FAN ESI/ Placa: EWB7421/ Municipio: CAMPINAS/ Chassi: 9C2KC1670BR640614/ Motor: KC16E7B640614/ Ano: 20112011/ Cor: PRETA/ Proprietário: LIZANDRA REGINA AGUIAR DE OLIVEIRA/ CPF: 00043727849886/ 02641 Marca: YAMAHA/ Modelo: XT 660R/ Chassi: DANIFICADO/ Motor: DANIFICADO/ Cor: PRETA/ 02642 Marca: HONDA/ Modelo: CG 125 TITAN/ Chassi: DANIFICADO/ Motor: DANIFICADO/ Cor: PRETA/ 02643 Marca: HONDA/ Modelo: CG 150 TITAN KS/ Placa: DOI2961/ Chassi: DANIFICADO/ Motor: KC08E15854415/ Ano: 20052005/ Cor: PRETA/ Proprietário: LUIZ LOURENCO FILHO/ CPF: 00081980698449/ 02644 Marca: HONDA/ Modelo: CG 150 TITAN KS/ Placa: DPD8419/ Municipio: SUMARE/ Chassi: 9C2KC08106R809820/ Motor: KC08E16809420/ Ano: 20052006/ Cor: PRATA/ Proprietário: MARCELO SILVA CANDIDO/ CPF: 00038915137809/ 02645 Marca: HONDA/ Modelo: CG 150 TITAN KS/ Placa: DKM5232/ Municipio: CAMPINAS/ Chassi: 9C2KC08105R811499/ Motor: KC08E15811499/ Ano: 20042005/ Cor: PRETA/ Proprietário: LUCILENE OMBORGO/ CPF: 00010586161880/ 02646 Marca: HONDA/ Modelo: CG 125 FAN KS/ Placa: EFG8626/ Municipio: CAMPINAS/ Chassi: 9C2JC41109R067327/ Motor: JC41E19067327/ Ano: 20092009/ Cor: VERMELHA/ Proprietário: APARECIDA DE FATIMA GALVAO/ CPF: 00015862634800/ Comunicado de Venda: AUTO ABOLICAO COMERCIO DE VEICULOS LTDA EPP/ CPF Comunicado Venda: 03950967000122/ 02647 Marca: HONDA/ Modelo: TURUNA 125/ Placa: BRR2310/ Municipio: GUARULHOS/ Chassi: CG1253005601/ Motor: JC18E4081855/ Ano: 19791979/ Cor: VERMELHA/ Proprietário: PAULO FELIX DOS SANTOS/ CPF: 00089464680849/ Proprietário do Motor: SIDNEI SIQUEIRA MORALES/ CPF Proprietário do Motor: 00016770670801/ 02648 Marca: HONDA/ Modelo: CG 125 FAN/ Placa: ECF7632/ Municipio: CAMPINAS/ Chassi: 9C2JC30708R175875/ Motor: JC30E78175875/ Ano: 20082008/ Cor: CINZA/ Proprietário: LEANDRO DAMIANI DE OLIVEIRA LEITE/ CPF: 00035774672824/ 02649 Marca: HONDA/ Modelo: CB 300 R/ Chassi: ADULTERADO/ Motor: SEMIDENTIFICACAO/ Cor: PRETA/ 02650 Marca: HONDA/ Modelo: CG 150 TITAN ESD/ Placa: DOZ2382/ Municipio: CAMPINAS/ Chassi: 9C2KC08205R819558/ Motor: KC08E25819558/ Ano: 20052005/ Cor: VERMELHA/ Proprietário: THAYANE MAIA NOGUEIRA/ CPF: 00044117898841/ Comunicado de Venda: LUIZ FERNANDO OLIVEIRA DOS SANTOS/ CPF Comunicado Venda: 41914159802/ 02651 Marca: HONDA/ Modelo: CBX 200 STRADA/ Placa: CSG1181/ Municipio: SANTA BARBARA DO OESTE/ Chassi: 9C2MC270WWR003823/ Motor: MC27EV001730/ Ano: 19981998/ Cor: ROXA/ Proprietário: JOAO HENRIQUE GURIAN MACHADO/ CPF: 00035734561894/ Proprietário do Motor: ANDRE VINHA/ CPF Proprietário do Motor: 00026299244836/ BO do Motor: LUCIANO TAVARES DA SILVA/ 02652 Marca: HONDA/ Modelo: CB 300 R/ Placa: ESF2483/ Municipio: GUARULHOS/ Chassi: 9C2NC4310BR041563/ Motor: NC43E1B041563/ Ano: 20112011/ Cor: AZUL/ Proprietário: HELTON DE SOUZA MACHADO/ CPF: 00039670904854/ Detentor de Gravame: BANCO BRADESCO SA/ 02653 Marca: HONDA/ Modelo: CG 150 TITAN EX/ Placa: FZP7156/ Municipio: CAMPINAS/ Chassi: 9C2KC1660FR514556/ Motor: KC16E6F514556/ Ano: 20152015/ Cor: BRANCA/ Proprietário: MARIA DE FATIMA FONSECA GONCALVES/ CPF: 00005261889871/ Detentor de Gravame: BANCO PANAMERICANO S/A/ 02654 Marca: HONDA/ Modelo: CG 125 TITAN/ Placa: CTN2845/ Municipio: HORTOLANDIA/ Chassi: 9C2JC250XWR103542/ Motor: JHC25EX103542/ Ano: 19981999/ Cor: VERDE/ Proprietário: MARCO AURELIO PEREIRA/ CPF: 00024959997869/ 02655 Marca: YAMAHA/ Modelo: FACTOR YBR 125K/ Placa: ESD9967/ Chassi: DANIFICADO/ Motor: E3G9E060735/ Ano: 20112011/ Cor: VERMELHA/ Proprietário: DORIVAL MORETTI/ CPF: 00050614967872/ 02657 Marca: YAMAHA/ Modelo: YBR 125 K/ Placa: DYK4961/ Municipio: CAMPINAS/ Chassi: 9C6KE04405127795/ Motor: E338E127343/ Ano: 20052005/ Cor: PRATA/ Proprietário: CLAUDIA APARECIDA DE SOUZA ROSSI/ CPF: 00010219126895/ Comunicado de Venda: JONAS GONCALVES SEGALLO/ CPF Comunicado Venda: 10242373895/ 02658 Marca: HONDA/ Modelo: CG 125 FAN ES/ Placa: EQX0199/ Municipio: CAMPINAS/ Chassi: 9C2JC4120AR116138/ Motor: JC41E2A116138/ Ano: 20102010/ Cor: PRETA/ Proprietário: MARIA APARECIDA DOS SANTOS LOPES/ CPF: 00060269491350/ Comunicado de Venda: LUIZ FERNANDO MENEZES/ CPF Comunicado Venda: 34261410869/ 02659 Marca: JTA SUZUKI/ Modelo: INTRUDER 125/ Placa: DYK4218/ Municipio: CAMPINAS/ Chassi: ADULTERADO/ Motor: F401BR137025/ Ano: 20072007/ Cor: AZUL/ Proprietário: JOSE GRIGORIO DA NEVES/ CPF: 00000567214800/ 02660 Marca: HONDA/ Modelo: CG 125 FAN/ Placa: DPY2016/ Municipio: CAMPINAS/ Chassi: 9C2JC30706R923807/ Motor: JC30E76923807/ Ano: 20062006/ Cor: VERMELHA/ Proprietário: LEANDRO LIMA ARAUJO/ CPF: 00022687488801/ 02661 Marca: HONDA/ Modelo: CG 125 FAN/ Placa: DNH2375/ Municipio: CAMPINAS/ Chassi: DANIFICADO/ Motor: JC30E75007758/ Ano: 20052005/ Cor: AZUL/ Proprietário: MARCONIO SERAFIM DE SOUZA/ CPF: 00026027605871/ 02662 Marca: HONDA/ Modelo: CG 125 FAN/ Placa: DXN3852/ Municipio: SAO PAULO/ Chassi: 9C2JC30708R069673/ Motor: JC30E78069673/ Ano: 20072008/ Cor: CINZA/ Proprietário: MICHELE FELIX DA SILVA/ CPF: 00038508094809/ 02663 Marca: YAMAHA/ Modelo: DT 200 R/ Placa: BSA4035/ Municipio: ITATIBA/ Chassi: 9C64LR000S0002587/ Motor: 4LR002587/ Ano: 19951995/ Cor: BRANCA/ Proprietário: JEAN AUGUSTO RANZETTI/ CPF: 00039406468816/ Comunicado de Venda: MARIA DAS DORES RIBEIRO DA SILVA/ CPF Comunicado Venda: 07470189874/ 02664 Marca: HONDA/ Modelo: CG 150 TITAN KS/ Placa: DOZ3059/ Municipio: CAMPINAS/ Chassi: ADULTERADO/ Motor: ADULTERADO/ Ano: 20052006/ Cor: PRETA/ Proprietário: JOSEMIR DAMASCENO DE SENA/ CPF: 00032367335869/ 02665 Marca: HONDA/ Modelo: CG 150 TITAN ES/ Placa: DYK8154/ Municipio: CAMPINAS/ Chassi: 9C2KC08508R005027/ Motor: KC08E58005027/ Ano: 20072008/ Cor: VERMELHA/ Proprietário: MURILO AUGUSTO CARDOSO PIRES/ CPF: 00033773559879/ Detentor de Gravame: BANCO FINASA SA/ 02666 Marca: HONDA/ Modelo: XRE 300/ Chassi: ADULTERADO/ Motor: ADULTERADO/ Cor: PRETA/ 02667 Marca: HONDA/ Modelo: CB 500/ Placa: DJX7760/ Municipio: CAMPINAS/ Chassi: 9C2PC32003R001397/ Motor: PC26EY001475/ Ano: 20032003/ Cor: PRETA/ Proprietário: JEFERSON CARVALHES CHIES SEBASTIAO/ CPF: 00022065460865/ 02668 Marca: YAMAHA/ Modelo: XT 660 R/ Placa: DNV4143/ Municipio: CAMPINAS/ Chassi: 9C6KM003080009170/ Motor: M307E009191/ Ano: 20082008/ Cor: PRETA/ Proprietário: AKSON NATHAN ALBUQUERQUE DE SOUZA/ CPF: 00038810812832/ 02669 Marca: BMW/ Modelo: F 800 GS/ Chassi: SEMIDENTIFICACAO/ Motor: SEMIDENTIFICACAO/ Cor: PRETA/ 02670 Marca: HONDA/ Modelo: CG 125/ Placa: BVI0212/ Municipio: CAMPINAS/ Chassi: CG1251005434/ Motor: DANIFICADO/ Ano: 19771977/ Cor: PRETA/ Proprietário: ANTONIO APARECIDO ALBINO DOS SANTOS/ CPF: 00058076107849/ 02671 Marca: HONDA/ Modelo: NX 4 FALCON/ Placa: DTL1H23/ Municipio: SAO BERNARDO DO CAMPO/ Chassi: ADULTERADO/ Motor: ADULTERADO/ Ano: 20062006/ Cor: PRETA/ Proprietário: FABIO LIMA DE SANTANA/ CPF: 00028182967813/ Comunicado de Venda: MARCO AURELIO DA CONCEICAO CATARINA DE JESUS/ CPF Comunicado Venda: 22315558832/ 02672 Marca: HONDA/ Modelo: CBX 250 TWISTER/ Placa: KEU7592/ Municipio: CAMPINAS/ Chassi: 9C2MC35003R114665/ Motor: MC35E8114065/ Ano: 20032003/ Cor: VERMELHA/ Proprietário: VITOR COSTA DA SILVA/ CPF: 00040696939800/ 02673 Marca: HONDA/ Modelo: CG 150 TITAN KS/ Placa: DNV4749/ Municipio: CAMPINAS/ Chassi: 9C2KC08108R268248/ Motor: KC08E18268248/ Ano: 20082008/ Cor: PRETA/ Proprietário: PANAMERICANO ARRENDAMENTO MERCANTIL S A/ CPF: 02682287000102/ 02674 Marca: HONDA/ Modelo: CG 125 FAN KS/ Placa: DNV5845/ Municipio: CAMPINAS/ Chassi: 9C2JC41109R529937/ Motor: DANIFICADO/ Ano: 20092009/ Cor: PRETA/ Proprietário: ROBSON RODRIGUES JUSTO/ CPF: 00022167687826/ 02675 Marca: YAMAHA/ Modelo: YBR 125 K/ Chassi: DANIFICADO/ Motor: DANIFICADO/ Cor: VERMELHA/ 02676 Marca: HONDA/ Modelo: NX 4 FALCON/ Placa: BYL3431/ Municipio: CAMPINAS/ Chassi: 9C2ND07007R013279/ Motor: ND07E7013279/ Ano: 20072007/ Cor: PRETA/ Proprietário: CAMILA MARIANA DE CARVALHO/ CPF: 00022676513869/ 02677 Marca: HONDA/ Modelo: CBX 250 TWISTER/ Placa: DCN4210/ Municipio: CAMPINAS/ Chassi: 9C2MC35002R019264/ Motor: MC35E2019264/ Ano: 20012002/ Cor: VERMELHA/ Proprietário: CARLOS AUGUSTO GRANJA FERREIRA LIMA/ CPF: 00033962656880/ 02678 Marca: HONDA/ Modelo: CB 250 TWISTER/ Placa: ECW3254/ Municipio: SAO PAULO/ Chassi: DANIFICADO/ Motor: DANIFICADO/ Ano: 20082008/ Cor: PRETA/ Proprietário: MILTON GOMES DOS SANTOS/ CPF: 00008880194836/ BO do Veículo: LUIZ FERNANDO DE ABREU SODRE SANTORO/02679 Marca: TRAXX/ Modelo: JH 125 F/ Placa: FFK8038/ Municipio: JAGUARIUNA/ Chassi: 951BAKJC8FB000078/ Motor: JL158FMI214T000428/ Ano: 20142015/ Cor: PRETA/ Proprietário: CRISTIANE ELISA DE SOUZA GOTO FOJA/ CPF: 00025196541802/ Comunicado de Venda: FRANCISCO FABIANO ARAUJO DE ALCANTARA/ CPF Comunicado Venda: 40824120850/ 02680 Marca: HONDA/ Modelo: CG 125 TITAN/ Chassi: DANIFICADO/ Motor: DANIFICADO/ Cor: VERMELHA/ 02681 Marca: YAMAHA/ Modelo: XT 660 R/ Placa: LSA8271/ Municipio: NITEROI/ Chassi: 9C6KM0030C0017113/ Motor: M315E007134/ Ano: 20122012/ Cor: PRETA/ Proprietário: MARCOS CHAGAS QUEIROZ/ CPF: 12695282702/ 02682 Marca: YAMAHA/ Modelo: FACTOR YBR 125 K/ Placa: EKB8419/ Municipio: CAMPINAS/ Chassi: 9C6KE1220A0100697/ Motor: E3D1E100542/ Ano: 20092010/ Cor: ROXA/ Proprietário: RAILA DEYSE DA SILVA FERNANDES/ CPF: 00037053829855/ 02683 Marca: HONDA/ Modelo: ML125/ Chassi: DANIFICADO/ Motor: DANIFICADO/ Cor: AZUL/ 02684 Marca: MONARK/ Modelo: MONARETA S 50/ Placa: CKR1207/ Municipio: SANTA BARBARA DO OESTE/ Chassi: 101043/ Motor: DANIFICADO/ Ano: 19841984/ Cor: DOURADA/ Proprietário: JOSIAS ROLF ROCHA/ CPF: 00004069572821/ 02685 Marca: YAMAHA/ Modelo: YBR 125 K/ Placa: DLN1576/ Municipio: CAMPINAS/ Chassi: 9C6KE044040067422/ Motor: E338E066501/ Ano: 20042004/ Cor: VERMELHA/ Proprietário: MAURO PEREIRA DE OLIVEIRA/ CPF: 00017200093840/ Comunicado de Venda: MARCELENE APARECIDA TEOFILO/ CPF Comunicado Venda: 32828862844/ 02686 Marca: HONDA/ Modelo: CG 150 JOB/ Placa: BYR7695/ Municipio: CAMPINAS/ Chassi: 9C2KC08308R003950/ Motor: KC08E38008750/ Ano: 20072008/ Cor: BRANCA/ Proprietário: THIAGO SIMAO MORAIS/ CPF: 00031451612885/ Comunicado de Venda: LUIS CARLOS GREGORIO DA COSTA/ CPF Comunicado Venda: 22461189803/ 02687 Marca: HONDA/ Modelo: CG 150 TITAN KS/ Placa: DLN2194/ Municipio: CAMPINAS/ Chassi: 9C2KC08104R805540/ Motor: KC08E14805540/ Ano: 20042004/ Cor: VERMELHA/ Proprietário: MILENE MARTINS DE CARVALHO/ CPF: 00031606789899/ Comunicado de Venda: LUCAS RIBEIRO DE SOUZA/ CPF Comunicado Venda: 40957801858/ 02688 Marca: JTA SUZUKI/ Modelo: EN 125 YES/ Placa: DPQ3501/ Municipio: AMERICANA/ Chassi: 9CDNF41LJ7M029882/ Motor: F466BR130921/ Ano: 20062007/ Cor: VERMELHA/ Proprietário: VANIA REGINA NOGUEIRA/ CPF: 00006665297870/ Comunicado de Venda: ROBERTO FERREIRA DE PAULA/ CPF Comunicado Venda: 34068804877/ 02689 Marca: HONDA/ Modelo: CG 125 TITAN/ Placa: CJK6711/ Municipio: BRASILIA/ Chassi: 9C2JC250WVR045382/ Motor: MC27ESS803758/ Ano: 19971998/ Cor: VERMELHA/ Proprietário: TEIDE VELOSO/ CPF: 51042347891/ Proprietário do Motor: CELSO ROMEU DA SILVA/ CPF Proprietário do Motor: 00010065646835/ Financeira do Motor: GAPLAN ADM BENS SC LTDA/ 02690 Marca: HONDA/ Modelo: CG 150 FAN ESDI/ Placa: FBK0118/ Municipio: CAMPINAS/ Chassi: 9C2KC1680CR428943/ Motor: KC16E8C428943/ Ano: 20122012/ Cor: VERMELHA/ Proprietário: BRUNO DA MOTA/ CPF: 00039726471826/ Detentor de Gravame: BANCO ITAU SA/ 02691 Marca: DAFRA/ Modelo: SUPER 100/ Placa: EKB5118/ Municipio: CAMPINAS/ Chassi: 95VAC1L889M016184/ Motor: A1L8018311/ Ano: 20092008/ Cor: PRETA/ Proprietário: IRENE CANDIDO DE SOUZA/ CPF: 00011943112886/ Comunicado de Venda: ANDERSON PEREIRA DA SILVA/ CPF Comunicado Venda: 44954796873/ 02692 Marca: HONDA/ Modelo: CG 125 FAN/ Chassi: DANIFICADO/ Motor: DANIFICADO/ Cor: PRETA/ 02694 Marca: HONDA/ Modelo: CG 150 TITAN KS/ Placa: DNG2221/ Municipio: CAMPINAS/ Chassi: 9C2KC08105R861546/ Motor: KC08E15861546/ Ano: 20052005/ Cor: VERMELHA/ Proprietário: GENIVALDO DE OLIVEIRA CARDOSO/ CPF: 00038758063870/ Comunicado de Venda: ROSANA APARECIDA PEREIRA/ CPF Comunicado Venda: 24950314807/ 02695 Marca: HONDA/ Modelo: CG 125 FAN KS/ Placa: ECH9556/ Municipio: VINHEDO/ Chassi: 9C2JC4110BR410806/ Motor: DANIFICADO/ Ano: 20102011/ Cor: PRETA/ Proprietário: JOSE BEZERRA DA SILVA SOBRINHO/ CPF: 00033368842846/ 02696 Marca: HONDA/ Modelo: CG 125 FAN KS/ Placa: EFG8430/ Municipio: CAMPINAS/ Chassi: ADULTERADO/ Motor: JC41E19057495/ Ano: 20092009/ Cor: AZUL/ Proprietário: THIAGO OLIVEIRA DE SOUZA/ CPF: 00036745874830/ 02697 Marca: HONDA/ Modelo: C 100 BIZ/ Placa: DBT9740/ Municipio: CAMPINAS/ Chassi: ADULTERADO/ Motor: HA07E2028738/ Ano: 20022002/ Cor: VERDE/ Proprietário: PEDRO NARCISO DA SILVA FILHO / CPF: 00010945078498/ 02698 Marca: HONDA/ Modelo: CG 150 TITAN KS/ Chassi: ADULTERADO/ Motor: ADULTERADO/ Cor: PRETA/ 02699 Marca: HONDA/ Modelo: NX 4 FALCON/ Placa: DPD8630/ Municipio: CAMPINAS/ Chassi: 9C2ND07005R007780/ Motor: ND07E5007780/ Ano: 20052005/ Cor: VERDE/ Proprietário: LINA LOPES/ CPF: 00023233145802/ 02700 Marca: HONDA/ Modelo: CBX 250 TWISTER/ Placa: DXK5338/ Municipio: SUMARE/ Chassi: 9C2MC35007R052883/ Motor: MC35E7052883/ Ano: 20072007/ Cor: PRETA/ Proprietário: PAULO RDORIGUES CHAGAS/ CPF: 00031820075800/ Detentor de Gravame: CIFRA SA CRED FIN INV (BC BMG)/ 02701 Marca: MONARK/ Modelo: MOBILETE S 50/ Chassi: ADULTERADO/ Motor: SEM IDENTIFICAÇAO/ Cor: PRETA/ 02702 Marca: YAMAHA/ Modelo: YBR125 K/ Placa: DPT0845/ Municipio: CAMPINAS/ Chassi: 9C6KE092060020520/ Motor: E382E020449/ Ano: 20052006/ Cor: VERDE/ Proprietário: FABIO DE OLIVEIRA COSTA/ CPF: 00022210282870/ Comunicado de Venda: PETERSON HENRIQUE VILELA NASCIMENTO/ CPF Comunicado Venda: 35717707819/ 02703 Marca: YAMAHA/ Modelo: FAZER YS 250/ Placa: DLX6437/ Municipio: SUMARE/ Chassi: 9C6KG017030005370/ Motor: G347E005589/ Ano: 20052006/ Cor: PRETA/ Proprietário: CELIO DOS SANTOS FRONCHETTI/ CPF: 00094078637949/ BO do Veículo: CELIO DOS SANTOS FRONCHETTI/ 02704 Marca: DAFRA/ Modelo: SPEED 150/ Placa: EKB8245/ Municipio: CAMPINAS/ Chassi: 95VCA2E59AM005711/ Motor: C5E9005729/ Ano: 20102009/ Cor: VERMELHA/ Proprietário: ANTONIO DE OLIVEIRA PRATES/ CPF: 00005587130843/ Detentor de Gravame: BANCO ITAU SA/ 02705 Marca: YAMAHA/ Modelo: FAZER 150/ Placa: DYM5662/ Municipio: SARUTAIA/ Chassi: 9C6KG017060019482/ Motor: G347E019336/ Ano: 20062006/ Cor: PRETA/ Proprietário: FLAVIO DAVID HONORIO RIATO/ CPF: 00047014796836/ Comunicado de Venda: ELAINE PRISCILA DE OLIVEIRA/ CPF Comunicado Venda: 32691340880/ 02706 Marca: YAMAHA/ Modelo: FACTOR 125/ Placa: EWH6436/ Municipio: CAMPINAS/ Chassi: 9C6KE1500B0029270/ Motor: E3G7E029272/ Ano: 20112011/ Cor: PRETA/ Proprietário: ANDERSON LUIZ PEREIRA FLAUSINO/ CPF: 00039041576800/ 02707 Marca: YAMAHA/ Modelo: FAZER YS 250 LE/ Chassi: SEMIDENTIFICACAO/ Motor: SEMIDENTIFICACAO/ Cor: PRETA/ 02708 Marca: YAMAHA/ Modelo: FAZER YS 250/ Placa: EOZ4490/ Municipio: SANTOS/ Chassi: DANIFICADO/ Motor: ADULTERADO/ Ano: 20112010/ Cor: PRETA/ Proprietário: VICTOR MENDONÇA DA MATA/ CPF: 00035524957899/ Detentor de Gravame: GRUPO SANTANDER BANESPA(DEP JURIDICO)/ 02709 Marca: YAMAHA/ Modelo: FACTOR 125/ Placa: DXJ6839/ Municipio: HORTOLANDIA/ Chassi: 9C6KE092070095144/ Motor: E382E093775/ Ano: 20072007/ Cor: PRETA/ Proprietário: ELAINE IZIDORO FELIX/ CPF: 00033256782892/ BO do Veículo: ELAINE IZIDORO FELIX/ CPF BO do Veículo: 33256782892/ 02710 Marca: YAMAHA/ Modelo: CY 50 JOGF/ Placa: CQS5137/ Municipio: CAMPINAS/ Chassi: 9C64MS000W0025776/ Motor: FY150FMG07A70274/ Ano: 19991998/ Cor: VERDE/ Proprietário: JOVINO DA SILVA PEREIRA/ CPF: 00084659866815/ 02711 Marca: HONDA/ Modelo: BIZ 125/ Placa: DKL4664/ Municipio: CAMPINAS/ Chassi: 9C2HA07104R800083/ Motor: HA07E14800083/ Ano: 20042003/ Cor: PRETA/ Proprietário: GUILHERME DA ROCHA DE LUCENA/ CPF: 00045070037846/ Comunicado de Venda: POLIANA BEZERRA DE ARAUJO/ CPF Comunicado Venda: 07337026439/ 02712 Marca: HONDA / Modelo: CG 150 TITAN ESD/ Placa: EWB8591/ Municipio: CAMPINAS/ Chassi: 9C2KC1650BR543491/ Motor: KC16E5B543491/ Ano: 20112011/ Cor: VERMELHA/ Proprietário: GUTEMBERG DO NASCIMENTO/ CPF: 00084288418534/ 02713 Marca: HONDA/ Modelo: CBX 250 TWISTER/ Placa: DJI5034/ Municipio: LOUVEIRA/ Chassi: 9C2MC35004R005509/ Motor: DANIFICADO/ Ano: 20042003/ Cor: AZUL/ Proprietário: RICARDO BRAGA MIRANDA/ CPF: 00021775353877/ 02714 Marca: HONDA/ Modelo: NX 4 FALCON/ Placa: CZS0164/ Municipio: CAMPINAS/ Chassi: 9C2ND07001R007078/ Motor: ND07E1007078/ Ano: 20012001/ Cor: VERMELHA/ Proprietário: GABRIEL PALONI REIS/ CPF: 00038161683850/ 02715 Marca: HONDA/ Modelo: CG 150 TITAN KS/ Placa: DPV2507/ Municipio: CAMPINAS/ Chassi: DANIFICADO/ Motor: KC08E16915103/ Ano: 20062006/ Cor: PRETA/ Proprietário: GILSON MANOEL DA SILVA/ CPF: 00026796544803/ Detentor de Gravame: BANCO BRADESCO SA/ 02716 Marca: HONDA/ Modelo: CB 250 TWISTER/ Placa: DCT2437/ Municipio: CAMPINAS/ Chassi: DANIFICADO/ Motor: MC35E2005773/ Ano: 20022001/ Cor: VERMELHA/ Proprietário: ADEMIR DE OLIVEIRA JANUARIO/ CPF: 00025682244877/ 02717 Marca: HONDA/ Modelo: CB 300/ Placa: ESI2117/ Municipio: CAMPINAS/ Chassi: DANIFICADO/ Motor: NC43E1B022215/ Ano: 20112010/ Cor: VERMELHA/ Proprietário: JOAO CESAR MARCELINO/ CPF: 00036828161866/ 02718 Marca: HONDA/ Modelo: CG 150 TITAN KS/ Chassi: DANIFICADO/ Motor: DANIFICADO/ Cor: AZUL/ 02719 Marca: HONDA/ Modelo: CG 150 TITAN/ Chassi: DANIFICADO/ Motor: DANIFICADO/ Cor: PRETA/ 02720 Marca: YAMAHA/ Modelo: YBR 125 E/ Placa: DLN1352/ Municipio: CAMPINAS/ Chassi: 9C6KE043030015607/ Motor: E337E028075/ Ano: 20032003/ Cor: VERMELHA/ Proprietário: JOSIMAR FERREIRO YOSHINISHI/ CPF: 00035633647882/ Comunicado de Venda: EDUARDO PEREIRA DE SOUZA MOREIRA/ CPF Comunicado Venda: 40069945837/ 02721 Marca: HONDA/ Modelo: CG 150 TITAN KS/ Chassi: ADULTERADO/ Motor: ADULTERADO/ Cor: PRETA/ 02722 Marca: SUZUKI / Modelo: EN125 YES/ Placa: CVF9806/ Municipio: BOITUVA/ Chassi: 9C0NF41LJ7M026511/ Motor: F466BR127550/ Ano: 20072006/ Cor: VERMELHA/ Proprietário: GRACIETE JUNIA MARQUES/ CPF: 00006691318650/ Comunicado de Venda: BRUNO HENTIQUE TEIXEIRA/ CPF Comunicado Venda: 36592069899/ 02723 Marca: CALOI/ Modelo: MOBYLETE XR 50/ Chassi: DANIFICADO / Motor: 6100330/ Cor: ROXA/ 02724 Marca: HONDA/ Modelo: CG 125 FAN ES/ Placa: FHO6876/ Municipio: CAMPINAS/ Chassi: 9C2JC4120DR530471/ Motor: JC41E2D530471/ Ano: 20132013/ Cor: VERMELHA/ Proprietário: KLEDSON DOS SANTOS BATISTA/ CPF: 00037845385840/ Detentor de Gravame: BANCO BRADESCO SA/ 02725 Marca: JTA SUZUKI / Modelo: AN 125 BURGMAN/ Placa: DVX1194/ Municipio: CAMPINAS/ Chassi: 9CDCF47AJ7M006521/ Motor: F471BR106521/ Ano: 20072006/ Cor: PRETA/ Proprietário: JOSE PEDRO CADORIN/ CPF: 00021248236807/ 02726 Marca: YAMAHA/ Modelo: YBR 125/ Chassi: DANIFICADO/ Motor: DANIFICADO/ Cor: VERMELHA/ 02727 Marca: HONDA/ Modelo: CB 250 TWISTER/ Placa: DCN6004/ Chassi: DANIFICADO/ Motor: MC35E2037825/ Ano: 20022002/ Cor: PRETA/ Proprietário: LUIZ ROBERTO MARQUES DA SILVA/ CPF: 00004484081806/ Detentor de Gravame: GRUPO SANTANDER BANESPA(DEP JURIDICO)/ 02728 Marca: HONDA/ Modelo: CG 125/ Chassi: DANIFICADO/ Motor: DANIFICADO/ 02729 Marca: SUNDOWN/ Modelo: MAX 125 SE/ Placa: DVP2172/ Chassi: DANIFICADO/ Motor: JCM7073958/ Ano: 20082008/ Cor: PRETA/ Proprietário: ELISANGELA CORREIA SANTOS/ CPF: 00024640877854/ 02730 Marca: HONDA/ Modelo: LEAD 110/ Placa: FXQ4287/ Municipio: VINHEDO/ Chassi: 92CJF2500FR504035/ Motor: JF25EF504035/ Ano: 20152015/ Cor: VERMELHA/ Proprietário: LUCIMARA CARLA DA SILVA/ CPF: 00033486258826/ 02731 Marca: HONDA/ Modelo: CG 150 TITAN KS/ Placa: DVV9802/ Municipio: CAMPINAS/ Chassi: 9C2KC08108R018021/ Motor: KC08E18018021/ Ano: 20082007/ Cor: PRETA/ Proprietário: DANIEL RODRIGUES NEVES/ CPF: 00044453276893/ 02732 Marca: HONDA/ Modelo: CG 150 TITAN KS/ Placa: DYU5295/ Municipio: NOVA ODESSA/ Chassi: 9C2KC08107R149159/ Motor: KC08E17149159/ Ano: 20072007/ Cor: VERMELHA/ Proprietário: VILSON NASCIMENTO DA SILVA/ CPF: 00007948130896/ 02733 Marca: I FYM / Modelo: FY 100 10A/ Chassi: DANIFICADO/ Motor: JSIP54FMI07A70580/ Cor: PRETA/ 02734 Marca: YAMAHA/ Modelo: YBR 125 K/ Placa: ECF6394/ Municipio: CAMPINAS/ Chassi: 9C6KE092080199556/ Motor: E382E198194/ Ano: 20082008/ Cor: VERMELHA/ Proprietário: JOSEILDO DOS SANTOS SILVA/ CPF: 00090243897472/ 02735 Marca: JTASUZUKI/ Modelo: EN125 YES/ Placa: BYL1259/ Municipio: CAMPINAS/ Chassi: 9CDNF41LJ7M082201/ Motor: F466BR183298/ Ano: 20072007/ Cor: VERMELHA/ Proprietário: ROSIANE MARIA CARLETO/ CPF: 00011936463830/ Comunicado de Venda: JOSE CARLOS DE PAULA FREITAS JUNIOR/ CPF Comunicado Venda: 30112468829/ 02736 Marca: HONDA/ Modelo: CG 125 FAN KS/ Placa: EFL6163/ Municipio: SUMARE/ Chassi: 9C2JC41109R029067/ Motor: JC41E19029067/ Ano: 20092009/ Cor: PRETA/ Proprietário: JULIANA APARECIDA DE JESUS/ CPF: 00039471115841/ 02737 Marca: HONDA/ Modelo: CG 125 FAN/ Placa: EFG8411/ Municipio: CAMPINAS/ Chassi: 9C2JC41209R008740/ Motor: JC41E29008740/ Ano: 20092009/ Cor: PRETA/ Proprietário: DIEGO ANDRE GRANJEIRO/ CPF: 00035350404857/ Detentor de Gravame: CIFRA SA CRED FIN INV (BC BMG)/ 02738 Marca: HONDA/ Modelo: CG 125 TITAN/ Placa: BSP7710/ Municipio: HORTOLANDIA/ Chassi: 92CJC250BR091060/ Motor: JC25EV091060/ Ano: 19971997/ Cor: AZUL/ Proprietário: ROMILTON DIAS ALVES JUNIOR/ CPF: 00038210563807/ 02739 Marca: HONDA/ Modelo: CG 125 FAN KS/ Placa: EOX3632/ Municipio: CAMPINAS/ Chassi: 9C2JC4110AR050661/ Motor: SEMIDENTIFICACAO/ Ano: 20102010/ Cor: AZUL/ Proprietário: ROGERIO VELASCO/ CPF: 00013780967898/ Detentor de Gravame: BANCO PANAMERICANO S/A/02741 Marca: HONDA/ Modelo: CG 125 FAN/ Placa: DXO3774/ Municipio: CAMPINAS/ Chassi: 9C2JC30708R115656/ Motor: JC30E78115656/ Ano: 20082007/ Cor: CINZA/ Proprietário: ALCIDES DIAS DE MORAES/ CPF: 00025169873824/ 02742 Marca: HONDA/ Modelo: CG 150 TITAN KS/ Chassi: ADULTERADO/ Motor: ADULTERADO/ Cor: AZUL/ 02743 Marca: HONDA/ Modelo: CB 250 TWISTER/ Placa: DRX2444/ Municipio: SAO PAULO/ Chassi: 9C2MC35006R008083/ Motor: MC35E6008083/ Ano: 20062005/ Cor: VERMELHA/ Proprietário: LUIZ CARLOS SANTOS DE SIQUEIRA/ CPF: 00002849179400/ 02744 Marca: HONDA/ Modelo: CG 125 FAN/ Placa: DYK8221/ Municipio: CAMPINAS/ Chassi: 9C2MC35008R009663/ Motor: MC35E8009663/ Ano: 20082007/ Cor: AMARELA/ Proprietário: LUCINEIDE FERREIRA MOREIRA/ CPF: 00007057394810/ 02745 Marca: HONDA/ Modelo: CG 150 TITAN KS/ Placa: BYL2513/ Municipio: CAMPINAS/ Chassi: ADULTERADO/ Motor: KC08E8065407/ Ano: 20082007/ Cor: PRETA/ Proprietário: DIOGO DE OLIVEIRA NASCIMENTO/ CPF: 00037410128828/ 02746 Marca: HONDA/ Modelo: CG 150 FAN ESI/ Placa: FGV0530/ Municipio: CAMPINAS/ Chassi: 9C2KC1670DR497056/ Motor: KC16E70497056/ Ano: 20132013/ Cor: PRETA/ Proprietário: ANDRE HERBERT SOUSA/ CPF: 00043693163839/ Detentor de Gravame: BANCO BRADESCO SA/ 02747 Marca: HONDA/ Modelo: CG 125 FAN KS/ Placa: EHK7068/ Municipio: CAMPINAS/ Chassi: 9C2JC4110AR545315/ Motor: JC41E1A545315/ Ano: 20102009/ Cor: AZUL/ Proprietário: MARINELIA PEREIRA DONINO/ CPF: 00022511208822/ Comunicado de Venda: LUCIANA DE MELO PORTELA/ CPF Comunicado Venda: 34626234860/ 02748 Marca: HONDA/ Modelo: CG 125 FAN/ Placa: DPY1381/ Municipio: HORTOLANDIA/ Chassi: 9C2JC30706R818188/ Motor: JC30E76818188/ Ano: 20062006/ Cor: VERMELHA/ Proprietário: LUIZ FERNANDO DIAS CHAVES DA SILVA/ CPF: 00035477971878/ Comunicado de Venda: LUIZ FERNANDO DIAS CHAVES DA SILVA/ 02749 Marca: HONDA/ Modelo: CB 250 TWISTER/ Placa: FNX2530/ Municipio: CAMPINAS/ Chassi: 9C2ND1110FR015470/ Motor: ND11E1F015470/ Ano: 20152015/ Cor: PRETA/ Proprietário: INAEL ARAUJO/ CPF: 00010667389636/ Detentor de Gravame: BANCO PAN S. A./ 02750 Marca: HONDA/ Modelo: CG 125 TITAN/ Placa: BVI1654/ Municipio: CAMPINAS/ Chassi: 9C2JC2501RRS05499/ Motor: JC25ERS05499/ Ano: 19951994/ Cor: VERMELHA/ Proprietário: TULIO HENRIQUE PEREIRA DA SILVA/ CPF: 00046060870805/ 02751 Marca: YAMAHA/ Modelo: FAZER YS250/ Placa: FMX6320/ Chassi: DANIFICADO/ Motor: G390E104857/ Ano: 20142014/ Cor: BRANCA/ Proprietário: MAPFRE SEGUROS GERAIS S A/ CPF: 61074175000138/ 02752 Marca: HONDA/ Modelo: CG 125 FAN/ Chassi: DANIFICADO/ Motor: DANIFICADO/ Cor: PRETA/ 02753 Marca: HONDA/ Modelo: CG 150 SPORT/ Placa: DOZ3529/ Municipio: CAMPINAS/ Chassi: 9C2KC08605R801675/ Motor: KC08E65801675/ Ano: 20052005/ Cor: PRETA/ Proprietário: MATEUS CARVALHO MATIELO/ CPF: 00042683407858/ 02754 Marca: HONDA/ Modelo: CG 150 FAN ESI/ Placa: EKB8940/ Municipio: CAMPINAS/ Chassi: 9C2KC1550AR023256/ Motor: KC15E5A023256/ Ano: 20102009/ Cor: PRETA/ Proprietário: NILTON CEZAR DOMINGOS/ CPF: 00038474820847/ 02755 Marca: HONDA/ Modelo: CG 125/ Placa: BHY1677/ Municipio: CAMPINAS/ Chassi: 9C2JC1801KR416470/ Motor: JC25EW060032/ Ano: 19891989/ Cor: PRATA/ Proprietário: ERIVALDO PAULO DA SILVA/ CPF: 00012256318826/ Comunicado de Venda: ERISVAN ROSA DO CARMO/ CPF Comunicado Venda: 22021048870/ Proprietário do Motor: AFONSO APARECIDO GERALDI/ CPF Proprietário do Motor: 00096871474820/ BO do Motor: AFONSO A GERALDI/ 02756 Marca: HONDA/ Modelo: CG 125 TITAN/ Placa: CIF6194/ Municipio: CAMPINAS/ Chassi: 9C2JC250WWR140604/ Motor: JC30E78063274/ Ano: 19981998/ Cor: VERMELHA/ Proprietário: GILSON DE OLIVEIRA AVELINO/ CPF: 00003208123400/ Proprietário do Motor: CARLOS LEONEL TORES DO PRADO/ CPF Proprietário do Motor: 00037062412856/ Financeira do Motor: BANCO BRADESCO SA/ BO do Motor: LEANDRO DA SILVA DOS REIS/ 02757 Marca: HONDA/ Modelo: BIZ 125/ Placa: ESV3552/ Municipio: CAMPINAS/ Chassi: 9C2JC4820DR075693/ Motor: JC48E2D075693/ Ano: 20132013/ Cor: VERMELHA/ Proprietário: ADRIANO PEREIRA/ CPF: 00036695956863/ BO do Veículo: ADRIANO PEREIRA / 02758 Marca: HONDA/ Modelo: CG 125 TITAN/ Chassi: DANIFICADO/ Motor: DANIFICADO/ Cor: AZUL/ 02759 Marca: HONDA/ Modelo: NX 150 BROS/ Chassi: DANIFICADO/ Motor: DANIFICADO/ Cor: PRETA/ 02760 Marca: HONDA/ Modelo: CG 150 TITAN KS/ Placa: DXK5414/ Municipio: CAMPINAS/ Chassi: 9C2KC08107R164943/ Motor: KC08E17164943/ Ano: 20072007/ Cor: PRETA/ Proprietário: PATRICIA APARECIDA VIANA FARIAS/ CPF: 00034135667848/ 02761 Marca: HONDA/ Modelo: CG 150 TITAN KS/ Placa: DYU5680/ Municipio: NOVA ODESSA/ Chassi: 9C2KC08108R010630/ Motor: KC08E18010630/ Ano: 20082007/ Cor: CG TITAN KS 150/ Proprietário: WESLEY RIBEIRO DOS SANTOS/ CPF: 00036453504898/ 02762 Marca: DAFRA/ Modelo: SUPER 100/ Placa: EFF8127/ Municipio: MOGI MIRIM/ Chassi: 95VAC1D288M007315/ Motor: A1D8006041/ Ano: 20082008/ Cor: PRATA/ Proprietário: LUIS GOMES DE SOUSA/ CPF: 00067984614253/ 02763 Marca: HONDA/ Modelo: CG 125 TITAN/ Placa: BSP6203/ Municipio: CAMPINAS/ Chassi: 9C2JC250TTR095490/ Motor: ADULTERADO/ Ano: 19961996/ Cor: CINZA/ Proprietário: VALDEMAR MENEZES DA SILVA/ CPF: 00015470100880/ Comunicado de Venda: MARIO CEZAR DE ALMEIDA/ CPF Comunicado Venda: 46520015172/ Proprietário do Motor: CLAUDIO AUGUSTOVITORINO JUNIOR/ CPF Proprietário do Motor: 00027560345840/ BO do Motor: VITOR ORSATTI/ 02764 Marca: HONDA/ Modelo: CG 125 TODAY/ Chassi: DANIFICADO/ Motor: DANIFICADO/ Cor: AZUL/ 02765 Marca: HONDA/ Modelo: CG 125 TIITAN/ Chassi: DANIFICADO/ Motor: DANIFICADO/ Cor: PRATA/ 02766 Marca: YAMAHA/ Modelo: YAMAHA YBR 125K/ Placa: HGW8746/ Municipio: ESPINOSA/ Chassi: ADULTERADO/ Motor: E338E051813/ Ano: 20072007/ Cor: VERMELHA/ Proprietário: PAULO SERGIO ALVES PORTO/ CPF: 00123085527/ 02767 Marca: HONDA/ Modelo: STRADA CBX 200/ Placa: BFG6868/ Municipio: CAMPINAS/ Chassi: 9C2MC27001R017171/ Motor: MC27E1017171/ Ano: 20012001/ Cor: VERMELHA/ Proprietário: MARCELO KAMIMURA/ CPF: 00036418686888/ 02768 Marca: YAMAHA/ Modelo: NEO AT115/ Placa: CZT9496/ Municipio: VINHEDO/ Chassi: 9C6KE084050010520/ Motor: E367E010594/ Ano: 20052005/ Cor: PRATA/ Proprietário: JOAO CARLOS MARTINS DE MATTOS/ CPF: 00007966996824/ 02769 Marca: HONDA/ Modelo: CG 125/ Chassi: DANIFICADO/ Motor: DANIFICADO/ Cor: PRETA/ 02770 Marca: HONDA/ Modelo: CG 150 FAN ESI/ Placa: ESI3941/ Municipio: CAMPINAS/ Chassi: 9C2KC1670BR565909/ Motor: KC16E7BR565909/ Ano: 20112011/ Cor: PRETA/ Proprietário: JAIRO BELMIRO DE SOUZA/ CPF: 00038555499828/ Detentor de Gravame: PANAMERICANO ARRENDAMENTO MERCANTIL S/A/ 02771 Marca: HONDA/ Modelo: CG 150 TITAN KS/ Placa: HWR2933/ Municipio: CARIUS/ Chassi: 9C2KC08105R817313/ Motor: KC08E15817313/ Ano: 20042005/ Cor: VERMELHA/ Proprietário: JOSE SOUZA RODRIGUES/ CPF: 00797753060/ 02772 Marca: HONDA/ Modelo: CG 150 TITAN KS/ Placa: DXJ8262/ Municipio: CAMPINAS/ Chassi: 9C2KC08107R158616/ Motor: KC08E17158616/ Ano: 20072007/ Cor: PRATA/ Proprietário: MARCOS DE FREITAS/ CPF: 00036430068889/ 02773 Marca: HONDA/ Modelo: CG 125 FAN/ Placa: DNY7607/ Municipio: SAO PAULO/ Chassi: SEMIDENTIFICACAO/ Motor: JC30E78254667/ Ano: 20082008/ Cor: PRETA/ Proprietário: HDI SEGUROS S A/ Comunicado de Venda: MARIA DO ROSARIO SANTOS/ Proprietário do Motor: HDI SEGUROS S A/ CPF Proprietário do Motor: 29980158000157/ 02775 Marca: HONDA/ Modelo: CG 150 TITAN/ Placa: HDS0623/ Municipio: PIRASSUNUNGA/ Chassi: DANIFICADO/ Motor: KC08E17015169/ Ano: 20072006/ Cor: PRATA/ Proprietário: ALEX SANDRO FERNANDES DA SILVA/ CPF: 00038638859880/ 02776 Marca: HONDA/ Modelo: CG 125 FAN/ Placa: EOX6674/ Municipio: CAMPINAS/ Chassi: 9C2JC4110BR509844/ Motor: JC41E1B509844/ Ano: 20112011/ Cor: PRETA/ Proprietário: EVERTON GIOVANE MATIAS/ CPF: 00043387827814/ 02777 Marca: TRAXX/ Modelo: JL 1108/ Placa: DXO1942/ Municipio: CAMPINAS/ Chassi: LAAAXKHE160000105/ Motor: 150FM3200600Q189/ Ano: 20062005/ Cor: VERMELHA/ Proprietário: VIVIANE DE JESUS REZENDE/ CPF: 00029640301892/ Comunicado de Venda: JULIANA CRISTINA RAMOS DE OLIVEIRA/ CPF Comunicado Venda: 32630655806/ 02778 Marca: YAMAHA/ Modelo: CRYPTON/ Chassi: ADULTERADO/ Motor: ADULTERADO/ Cor: AZUL/ 02779 Marca: HONDA/ Modelo: CBX 250 TWISTER/ Chassi: DANIFICADO/ Motor: DANIFICADO/ Cor: PRATA/ 02780 Marca: HONDA/ Modelo: CBX 150 AERO/ Placa: BMX5244/ Municipio: CAMPINAS/ Chassi: 9C2KC0501JR104972/ Motor: KC08E58067355/ Ano: 19881988/ Cor: CINZA/ Proprietário: PAULO HENRIQUE CAMARGO/ CPF: 00025678113895/ Proprietário do Motor: TEREZINHA DE FATIMA SILVA/ CPF Proprietário do Motor: 00015034105870/ BO do Motor: RONNIE MARCOS EVARISTO/ 02781 Marca: YAMAHA/ Modelo: YBR 125K/ Placa: DAF3790/ Municipio: SAO PAULO/ Chassi: 9C6KE13010001557/ Motor: E314E001781/ Ano: 20012001/ Cor: VERMELHA/ Proprietário: ANTONIO CLEITON DE SOUSA JUNIOR/ CPF: 00012882697813/ 02782 Marca: HONDA/ Modelo: CG 125 FAN/ Placa: DNR4038/ Municipio: CAMPINAS/ Chassi: 9C2JC30706R8511307/ Motor: JC30E76851307/ Ano: 20062006/ Cor: PRETA/ Proprietário: CARLOS DIAS DA SILVA/ CPF: 00072336226987/ 02784 Marca: HONDA/ Modelo: CG 125 TITAN/ Chassi: DANIFICADO/ Motor: DANIFICADO/ Cor: BRANCA/ 02785 Marca: HONDA/ Modelo: CBX TWISTER 250/ Placa: DEP0204/ Municipio: CAMPINAS/ Chassi: 9C2MC35004R040174/ Motor: MC35E4040174/ Ano: 20042004/ Cor: VERMELHA/ Proprietário: DARIO MONTEIRO DOS SANTOS/ CPF: 00070553998153/ 02786 Marca: HONDA/ Modelo: CG TITAN KS 150/ Chassi: DANIFICADO / Motor: DANIFICADO / Cor: PRATA/ 02787 Marca: HONDA/ Modelo: CB 500/ Chassi: ADULTERADO/ Motor: ADULTERADO/ Cor: VERMELHA/ Comunicado de Venda: JEFERSON FERNANDO DE SOUZA/ CPF Comunicado Venda: 41472946855/ 02788 Marca: QUADROHONDA/ Modelo: CG 150 TITAN/ Chassi: DANIFICADO / Motor: SEM MOTOR/ 02789 Marca: HONDA/ Modelo: CG 150 TITAN KS / Placa: DVX0977/ Municipio: VARZEA PAULISTA / Chassi: 9C2KC08107R131876/ Motor: KC08E17131876/ Ano: 20072007/ Cor: PRATA/ Proprietário: LUCIENE ALVES DE SOUSA / CPF: 00041296997847/ Comunicado de Venda: WESLEY RODRIGUES COSTA / CPF Comunicado Venda: 42976186804/ 02790 Marca: HONDA/ Modelo: CB 300 R/ Placa: DNV5728/ Municipio: CAMPINAS/ Chassi: 9C2ND4310AR009667/ Motor: NC43E1A009667/ Ano: 20102009/ Cor: PRETA/ Proprietário: DANIEL CARLOS RISSI/ CPF: 00024602923844/ 02791 Marca: YAMAHA/ Modelo: YBR 125/ Placa: DVV9734/ Municipio: MONTE MOR/ Chassi: 9C6KE092070093482/ Motor: E382E092711/ Ano: 20072007/ Cor: PRATA/ Proprietário: ALEXANDRE DA CUNHA CLARO/ CPF: 00027875403847/ BO do Veículo: SOUSA TAVARES DA SILVA / 02792 Marca: HONDA/ Modelo: CG 125 FAN KS/ Placa: EHK6039/ Municipio: CAMPINAS/ Chassi: 9C2JC41109R048067/ Motor: JC41E19048067/ Ano: 20092009/ Cor: PRETA/ Proprietário: JOHNATTAN COUTO CAMARGO/ CPF: 00035660079865/ Comunicado de Venda: VALDIIR ORLANDO CABBRAL/ CPF Comunicado Venda: 38178140896/ 02793 Marca: DAFRA/ Modelo: TVS APACHE RTR 150/ Placa: EWB8532/ Municipio: CAMPINAS/ Chassi: 95VGF3H2BCM005842/ Motor: C1F1031125/ Ano: 20122011/ Cor: CINZA/ Proprietário: LUIZ CARLOS RODRIGUES DE LIMA/ CPF: 00013959553870/ 02794 Marca: SUZUKI/ Modelo: DL 650/ Placa: KYF7378/ Municipio: SAO JOSE DOS CAMPOS/ Chassi: 9CDVP54AJBM101799/ Motor: P509BR101799/ Ano: 20112010/ Cor: LARANJA/ Proprietário: KLEBER VIEIRA ROSA/ CPF: 00025182873883/ 02795 Marca: YAMAHA/ Modelo: YBR FACTOR 125 K/ Placa: FGV0533/ Municipio: CAMPINAS/ Chassi: 9C6KE1920E0003808/ Motor: E3L2E010005/ Ano: 20142013/ Cor: PRETA/ Proprietário: ARMANDO DOS SANTOS FILHO/ CPF: 00002486638873/ 02796 Marca: HONDA/ Modelo: CG 125 TITAN/ Placa: BSP5531/ Municipio: CAMPINAS/ Chassi: 9C2JC250TTR083548/ Motor: JC25ET097113/ Ano: 19961996/ Cor: PRETA/ Proprietário: MIROVANDER FARABELLO JUNIOR/ CPF: 00042893030807/ Comunicado de Venda: VALTER ANTONIO DE CASTRO JUNIOR/ CPF Comunicado Venda: 42561216845/ Proprietário do Motor: MARCO ANTONIO FERREIRA / CPF Proprietário do Motor: 76548937600/ 02798 Marca: HONDA/ Modelo: CG 125 FAN/ Placa: DPY1918/ Municipio: CAMPINAS/ Chassi: 9C2JC30706R927027/ Motor: JC30E76927027/ Ano: 20062006/ Cor: PRETA/ Proprietário: ALESSANDRO ATALIBA PROENCA/ CPF: 00034497068889/ Comunicado de Venda: TIANO LEME PROENCA/ CPF Comunicado Venda: 38593094805/ 02799 Marca: YAMAHA/ Modelo: FACTOR 125/ Placa: EJN2704/ Municipio: CAMPINAS/ Chassi: 9C6KE120090036762/ Motor: E3C8E036780/ Ano: 20092009/ Cor: PRETA/ Proprietário: ANDERSON CLAYTON MARTINS DOS SANTOS/ CPF: 00034966521874/ 02800 Marca: HONDA/ Modelo: CG 150 TITAN KS/ Chassi: DANIFICADO / Motor: DANIFICADO / Cor: PRATA/ 02801 Marca: JTASUZUKI/ Modelo: EN 125 YES/ Placa: DNH4748/ Municipio: CAMPINAS/ Chassi: 9CDNF41L5M013691/ Motor: F466BR113691/ Ano: 20052005/ Cor: PRETA/ Proprietário: SILVIA LETICIA DE FRANCA/ CPF: 00034272956809/ 02802 Marca: YAMAHA/ Modelo: FACTOR YBR125 K/ Placa: EFF4470/ Municipio: HORTOLANDIA/ Chassi: 9C6KE1220A0127834/ Motor: E3D1E127846/ Ano: 20102010/ Cor: PRETA/ Proprietário: EDI CARLOS PLACIDO FRANCA/ CPF: 00035697683847/ Comunicado de Venda: RODRIGO RAMOS/ CPF Comunicado Venda: 41399255827/ 02803 Marca: HONDA/ Modelo: BIZ 125 KS/ Placa: ECK8547/ Municipio: PAULINIA/ Chassi: 9C2JC4210AR120400/ Motor: JC42E1A120400/ Ano: 20102010/ Cor: PRETA/ Proprietário: BRUNA SUELLEN GUERRA/ CPF: 00038535039856/ BO do Veículo: RICHARD GIACON / 02804 Marca: YAMAHA/ Modelo: RDZ 125/ Chassi: 23L013162/ Motor: 23L013162/ Cor: VERMELHA/ 02805 Marca: HONDA/ Modelo: CG 125 TITAN/ Placa: BXU3857/ Municipio: RIBEIRÃO PRETO / Chassi: DANIFICADO/ Motor: JC25EV006291/ Ano: 19961996/ Cor: PRETA/ Proprietário: MATHEUS RIBEIRO / CPF: 00031243427809/ Comunicado de Venda: MARCOS HENRIQUE CAMPOS/ CPF Comunicado Venda: 04237209881/ 02806 Marca: HONDA/ Modelo: CG 150 TITAN/ Chassi: DANIFICADO/ Motor: DANIFICADO/ Cor: PRETA/ 02807 Marca: HONDA/ Modelo: CG 125 TITAN KSE/ Placa: DHE8904/ Municipio: SUMARE/ Chassi: DANIFICADO / Motor: JC30E24612187/ Ano: 20042003/ Cor: PRETA/ Proprietário: LUCINEI CONSTANTE DE SOUZA/ CPF: 00012068520893/ 02808 Marca: YAMAHA/ Modelo: XT 600 E/ Placa: DHA6691/ Municipio: CAMPINAS/ Chassi: 9C64MW00017404/ Motor: 4MW024973/ Ano: 20022002/ Cor: PRETA/ Proprietário: ROMILDO RAMOS SILVA/ CPF: 00079059228634/ Detentor de Gravame: GRUPO SANTANDER BANESPA(DEP JURIDICO)/ 02809 Marca: YAMAHA/ Modelo: YBR 125 K/ Placa: DCB4501/ Municipio: SUMARE/ Chassi: ADULTERADO/ Motor: E308E031815/ Ano: 20022001/ Cor: VERMELHA/ Proprietário: ELIZIER MARCIANO DE MATOS JUNIOR/ CPF: 00027778802805/ 02810 Marca: HONDA/ Modelo: CG 150 TITAN KS/ Chassi: DANIFICADO/ Motor: DANIFICADO/ Cor: PRETA/ 02811 Marca: HONDA/ Modelo: CG 125 TITAN ES/ Placa: DCN0656/ Municipio: CAMPINAS/ Chassi: 9C2J030201R027609/ Motor: DANIFICADO/ Ano: 20012001/ Cor: PRATA/ Proprietário: MARIA ADELAIDE FIGUEIREDO FAGA PINHEIRO/ CPF: 00013807461833/ 02812 Marca: YAMAHA/ Modelo: FAZER YS250/ Placa: DXO2423/ Municipio: CAMPINAS/ Chassi: 9C6KG017070054215/ Motor: G347E052754/ Ano: 20072007/ Cor: AZUL/ Proprietário: FRANCISCO GILBERTO DE MOURA SARAIVA/ CPF: 00012054504831/ 02813 Marca: HONDA/ Modelo: NX 4 FALCON/ Placa: DTF5120/ Municipio: SAO PAULO/ Chassi: 9C2ND07006R008978/ Motor: ND07E6008978/ Ano: 20062006/ Cor: PRATA/ Proprietário: SERGIO APARECIDO AGUIAR MENIS/ CPF: 00021637429894/ 02814 Marca: YAMAHA/ Modelo: XT 660 R/ Placa: EQP0920/ Municipio: SANTA RITA/ Chassi: ADULTERADO/ Motor: M315E002957/ Ano: 20102010/ Cor: PRETA/ Proprietário: EUNICE SILVA DE PAULA PINTO/ CPF: 05199299344/ 02815 Marca: HONDA/ Modelo: CG 150 TITAN MIX KS/ Placa: EOU0489/ Municipio: CAMPINAS/ Chassi: 9C2KC1610AR069331/ Motor: KC16E1A069331/ Ano: 20102010/ Cor: CINZA/ Proprietário: ELAINE RODRIGUES DE SOUZA/ CPF: 00034235505890/ 02816 Marca: HONDA/ Modelo: CG 150 TITAN ESD/ Placa: FBK2920/ Municipio: CAMPINAS/ Chassi: 9C2KC1650CR546246/ Motor: KC16E5C546246/ Ano: 20122012/ Cor: PRETA/ Proprietário: ELOISIO ALVES DE ARAUJO/ CPF: 00011664893881/ 02817 Marca: YAMAHA/ Modelo: DT 180/ Chassi: DANIFICADO/ Motor: 5L9002930/ Cor: BRANCA/ 02818 Marca: HONDA/ Modelo: CG 150 TITAN EX/ Placa: EOL6412/ Municipio: CAMPINAS/ Chassi: 9C2KC1660CR512664/ Motor: KC16E6C512664/ Ano: 20122011/ Cor: PRETA/ Proprietário: RAFAEL TADEU CELESTINO MACHADO/ CPF: 00039410484812/ Detentor de Gravame: BANCO HONDA SA/ 02819 Marca: HONDA / Modelo: CG FAN 125/ Placa: ECP9340/ Municipio: SAO PAULO/ Chassi: DANIFICADO/ Motor: DANIFICADO/ Ano: 20092009/ Cor: PRETA/ Proprietário: ROSIVALDO DE PAULO/ CPF: 00041663553840/ 02820 Marca: HONDA/ Modelo: CG 150 TITAN/ Chassi: DANIFICADO/ Motor: DANIFICADO/ Cor: PRETA/ 02821 Marca: HONDA/ Modelo: CG 150 TITAN KS/ Chassi: ADULTERADO/ Motor: ADULTERADO/ Cor: PRATA/ CPF: 05658758505/ 02822 Marca: HONDA/ Modelo: C100 BIZ/ Placa: DJY0380/ Municipio: RIO CLARO/ Chassi: DANIFICADO/ Motor: HA07E3062732/ Ano: 20032003/ Cor: VERDE/ Proprietário: ROSANA NIERO DUARTE/ CPF: 00011002528860/ 02823 Marca: HONDA/ Modelo: CG 150 JOB/ Placa: HWZ4223/ Municipio: CAMPINAS/ Chassi: 9C2KC08305R802404/ Motor: KC08E35802404/ Ano: 20052005/ Cor: BRANCA/ Proprietário: MATHEUS FIDELIS SA/ CPF: 00045240417881/ 02824 Marca: HONDA/ Modelo: CG 125 FAN KS/ Placa: EFG5459/ Municipio: CAMPINAS/ Chassi: 9C2JC4110AR511516/ Motor: JC41E1A511516/ Ano: 20092010/ Cor: PRETA/ Proprietário: MARILDA PEREIRA DO CARMO/ CPF: 00040780113810/ Comunicado de Venda: GUILHERME HENRIQUE DA SILVA DA CUNHA/ CPF Comunicado Venda: 45910439839/ 02825 Marca: JTA SUZUKI/ Modelo: BANDIT 1250 S/ Placa: EHQ2777/ Municipio: PIRACICABA/ Chassi: 9CDGW72AS9M000587/ Motor: W705BR101251/ Ano: 20092009/ Cor: PRETA/ Proprietário: MOISES ELIAS DA COSTA/ CPF: 00019032520830/ 02826 Marca: HONDA/ Modelo: XRE 300/ Placa: FSC9045/ Municipio: SAO PAULO/ Chassi: 9C2ND1110ER025807/ Motor: ND11E1E025807/ Ano: 20142014/ Cor: BRANCA/ Proprietário: PEDRO BUENO GUIMARAES/ CPF: 00000144659816/ 02827 Marca: HONDA/ Modelo: CG TITAN 150 KS/ Placa: DOX7558/ Municipio: INDAIATUBA/ Chassi: 9C2KC08106R821243/ Motor: KC08E16821243/ Ano: 20052006/ Cor: PRATA/ Proprietário: MARCELO DA SILVA/ CPF: 00023105206833/ 02828 Marca: HONDA/ Modelo: CG 150 TITAN KS/ Placa: DLX6260/ Municipio: CAMPINAS/ Chassi: 9C2KC08106R837185/ Motor: KC08E16837185/ Ano: 20052006/ Cor: PRATA/ Proprietário: LEONARDO AUGUSTO GARCIA/ CPF: 00032347813897/ Comunicado de Venda: CARLOS ALBERTO SAGACA/ CPF Comunicado Venda: 31714341801/ 02829 Marca: HONDA/ Modelo: TITAN KS 150/ Placa: DYK8243/ Municipio: CAMPINAS/ Chassi: 9C2KC08108R034376/ Motor: KC08E18034376/ Ano: 20072008/ Cor: PRETA/ Proprietário: MAYARA RAFAELE SILVA/ CPF: 00039762326881/ Comunicado de Venda: VALDECI SANTANA DE OLIVEIRA/ CPF Comunicado Venda: 13803499828/ 02830 Marca: HONDA/ Modelo: CG 150 TITAN / Chassi: ADULTERADO/ Motor: ADULTERADO/ Cor: CINZA/ 02831 Marca: HONDA/ Modelo: NX 4 FALCON/ Placa: DTL4827/ Municipio: ITU/ Chassi: 9C2ND07006R008611/ Motor: ND07E6008611/ Ano: 20062006/ Cor: AZUL/ Proprietário: GISELIA SOARES DOS SANTOS/ CPF: 00083002693553/ 02832 Marca: HONDA/ Modelo: NX 4 FALCON/ Placa: DLN1208/ Municipio: CAMPINAS/ Chassi: 9C2ND07004R013171/ Motor: ND07E401317/ Ano: 20042004/ Cor: VERMELHA/ Proprietário: WILLIAM GREGUI PEREIRA/ CPF: 00022797449886/ 02833 Marca: HONDA/ Modelo: CG 125 TODAY/ Chassi: 9C2JC1801KR416865/ Motor: JC18E2035726/ Cor: PRATA/ 02834 Marca: HONDA/ Modelo: CG 150 TITAN / Chassi: ADULTERADO/ Motor: ADULTERADO/ Cor: PRATA/ 02835 Marca: HONDA/ Modelo: CG 150 TITAN / Chassi: ADULTERADO/ Motor: ADULTERADO/ Cor: CINZA/ 02836 Marca: HONDA/ Modelo: CG 125 FAN/ Placa: DPD9776/ Municipio: CAMPINAS/ Chassi: 9C2JC30706R859811/ Motor: JC30E7YR00669/ Ano: 20062006/ Cor: PRETA/ Proprietário: ANTONIO JACKSON DOS SANTOS PEREIRA/ CPF: 0001389691/ Comunicado de Venda: CLEMILTON RODRIGUES DE SOUSA/ CPF Comunicado Venda: 02488177105/02838 Marca: HONDA/ Modelo: CG 150 TITAN ES/ Placa: DOZ1863/ Municipio: CAMPINAS/ Chassi: ADULTERADO/ Motor: DANIFICADO/ Ano: 20052006/ Cor: PRETA/ Proprietário: BRUNA RAFAELA JACOMO DE MORAIS/ CPF: 00039766154805/ Comunicado de Venda: JEFERSON LIMA DO NASCIMENTO/ CPF Comunicado Venda: 41301992852/ 02839 Marca: HONDA/ Modelo: CG 125 FAN KS/ Placa: FBK1812/ Municipio: CAMPINAS/ Chassi: 9C2JC4110CR559817/ Motor: JC41E1C559817/ Ano: 20122012/ Cor: VERMELHA/ Proprietário: DIEGO DE SOUZA ALVES/ CPF: 00043837923835/ Detentor de Gravame: BANCO HONDA SA/ 02840 Marca: HONDA/ Modelo: CG 125 TITAN / Chassi: ADULTERADO/ Motor: ADULTERADO/ Cor: PRATA/ 02841 Marca: HONDA/ Modelo: CG 125 FAN KS/ Placa: ESI6893/ Municipio: VALINHOS/ Chassi: 9C2JC4110DR109896/ Motor: JC41E1D737530/ Ano: 20122013/ Cor: PRETA/ Proprietário: DANIEL GERONIMO DIAS/ CPF: 00038634807835/ Detentor de Gravame: BANCO PANAMERICANO S/A/ Proprietário do Motor: LERIANE NICACIO OLIVEIRA/ CPF Proprietário do Motor: 00045091006800/ Financeira do Motor: PANAMERICANO ARRENDAMENTO MERCANTIL S/A/ 02842 Marca: HONDA/ Modelo: CG 125 FAN/ Placa: DZS9305/ Municipio: SAO PAULO/ Chassi: 9C2JC30708R67125I/ Motor: JC30E7867125I/ Ano: 20082008/ Cor: PRETA/ Proprietário: NAILTON ROSA DE OLIVEIRA/ CPF: 00073903256587/ 02843 Marca: HONDA/ Modelo: CG 125 TITAN/ Placa: CNF8519/ Municipio: CAMPINAS/ Chassi: 9C2JC250WVR066070/ Motor: DANIFICADO/ Ano: 19971998/ Cor: VERMELHA/ Proprietário: PAULO SERGIO PEREIRA DO NASCIMENTO/ CPF: 00078234263668/ 02844 Marca: YAMAHA/ Modelo: RX 125/ Placa: BUB4555/ Municipio: SUMARE/ Chassi: 2H3048630/ Motor: DANIFICADO/ Ano: 19821982/ Cor: VERMELHA/ Proprietário: PAULINO GIDARO/ CPF: 00047355522868/ 02845 Marca: HONDA/ Modelo: CG 125 TITAN/ Placa: BSB7511/ Municipio: CAMPINAS/ Chassi: 9C2JC2501SRS65714/ Motor: CG125BR1347304/Ano: 19951995/ Cor: VERMELHA/ Proprietário: EDILEUZA LOPES FEITOZA/ CPF: 00087048248491/ 02846 Marca: YAMAHA/ Modelo: XT 225/ Placa: KVW1331/ Municipio: LIMEIRA/ Chassi: ADULTERADO/ Motor: G330E006376/ Ano: 20052006/ Cor: AZUL/ Proprietário: DENIS MUNHOZ RAMOS ME/ CPF: 06989916000100/ Comunicado de Venda: DENIS MUNHOZ RAMOS ME/ CPF Comunicado Venda: 06989916000100/ Detentor de Gravame: PANAMERICANO ARRENDAMENTO MERCANTIL S/A/ 02847 Marca: HONDA/ Modelo: NX 4 FALCON/ Placa: JUB5874/ Municipio: CAMPINAS/ Chassi: 9C2ND07001R003486/ Motor: ND07E1003486/ Ano: 20012000/ Cor: VERDE/ Proprietário: JULIANA APARECIDA ROCHA DE SOUZA/ CPF: 00034747808833/ Comunicado de Venda: LUCAS LOPES DA SILVA/ CPF Comunicado Venda: 44752969866/ 02848 Marca: HONDA/ Modelo: CG 150 TITAN KS/ Placa: BYL1128/ Municipio: CAMPINAS/ Chassi: 9C2KC08108R031570/ Motor: KC08E18031570/ Ano: 20072008/ Cor: CINZA/ Proprietário: MARIA DAS DORES FRANKLIM LEITE SOUZA/ CPF: 00004178827421/ 02849 Marca: HONDA/ Modelo: CG 150 TITAN ES/ Placa: HDZ2947/ Municipio: CAMPINAS/ Chassi: ADULTERADO/ Motor: ADULTERADO/ Ano: 20072007/ Cor: PRATA/ Proprietário: ANTONY MARCELO OLIVEIRA DA SILVA/ CPF: 00045510633808/ 02850 Marca: HONDA/ Modelo: CG 125 FAN/ Placa: DEP9542/ Chassi: ADULTERADO/ Motor: ADULTERADO/ Ano: 20052005/ Cor: AZUL/ Proprietário: LUIZ CARLOS MORATELLI/ CPF: 00066740673853/ 02851 Marca: YAMAHA/ Modelo: XT 660R/ Placa: FHO8425/ Municipio: CAMPINAS/ Chassi: 9C6KM0030E0020972/ Motor: M315E010994/ Ano: 20142013/ Cor: AZUL/ Proprietário: JOAO PEDRO VASCONCELOS FILHO/ CPF: 00040418377820/ 02852 Marca: HONDA/ Modelo: CG 150 TITAN KS/ Placa: HFV8461/ Municipio: BARBACENA/ Chassi: DANIFICADO/ Motor: KC08E17213988/ Ano: 20072007/ Cor: PRATA/ Proprietário: ANTONIO AMBROZIO DA SILVA/ CPF: 02786186692/ 02853 Marca: HONDA/ Modelo: CG 150 TITAN KS/ Placa: DWX6878/ Municipio: CAMPINAS/ Chassi: 9C2KC08108R001850/ Motor: KC08E18001850/ Ano: 20072008/ Cor: CINZA/ Proprietário: CARMEM LUCIA DE OLIVEIRA/ CPF: 00015036302850/ 02854 Marca: HONDA/ Modelo: CG 125 TITAN/ Chassi: DANIFICADO/ Motor: DANIFICADO/ Cor: PRATA/ 02855 Marca: HONDA/ Modelo: CG 150 TITAN KS/ Placa: DZP9441/ Municipio: SUMARE/ Chassi: DANIFICADO / Motor: KC08E18098602/ Ano: 20072008/ Cor: PRETA/ Proprietário: WILLIAM NUNES DA SILVA/ CPF: 00035594626816/ 02856 Marca: YAMAHA/ Modelo: YBR 125/ Chassi: DANIFICADO/ Motor: SEM MOTOR/ Cor: PRETA/ 02857 Marca: HONDA/ Modelo: CG 125 CARGO/ Placa: BMX6626/ Municipio: VALINHOS/ Chassi: 9C2JA0101KR106436/ Motor: JC18E1006311/ Ano: 19891989/ Cor: BRANCA/ Proprietário: GILBERTO APARECIDO HERMENEGILDO/ CPF: 00016717266862/ 02858 Marca: HONDA/ Modelo: CG 125 TITAN KS/ Chassi: ADULTERADO/ Motor: DANIFICADO/ Cor: CINZA/ 02859 Marca: HONDA/ Modelo: NX 4 FALCON/ Chassi: ADULTERADO/ Motor: ADULTERADO/ Cor: PRATA/ 02860 Marca: YAMAHA/ Modelo: FACTOR 125/ Chassi: DANIFICADO/ Motor: DANIFICADO/ Cor: AZUL/ 02861 Marca: YAMAHA/ Modelo: FZR GENESIS/ Placa: BVI4349/ Municipio: CAMPINAS/ Chassi: 1R2004844/ Motor: 1R2004844/ Ano: 19781978/ Cor: BRANCA/ Proprietário: MAURY APARECIDO DA SILVA/ CPF: 00007342999822/ 02862 Marca: YAMAHA/ Modelo: FACTOR YBR 125 ED/ Placa: EHA7350/ Municipio: VINHEDO/ Chassi: 9C6KE120090036536/ Motor: E3C8E036551/ Ano: 20092009/ Cor: PRATA/ Proprietário: LEANDRO LOPES DE MELO/ CPF: 00018620289829/ 02863 Marca: JTA SUZUKI / Modelo: EN 125 YES/ Placa: DVG3153/ Municipio: CAMPINAS/ Chassi: DANIFICADO/ Motor: F466BR148641/ Ano: 20062007/ Cor: PRETA/ Proprietário: DIONARLON NEVES DE OLIVEIRA/ CPF: 00039361353802/ Comunicado de Venda: WALMER LOURENCO/ CPF Comunicado Venda: 11123599823/ 02864 Marca: HONDA/ Modelo: CG 125 TITAN/ Chassi: ADULTERADO/ Motor: DANIFICADO/ Cor: VERMELHA/ 02865 Marca: HONDA/ Modelo: CG 125 TITAN/ Chassi: DANIFICADO/ Motor: DANIFICADO/ Cor: PRATA/ 02866 Marca: HONDA/ Modelo: CG 125 FAN KS / Placa: EHK6873/ Municipio: CAMPINAS/ Chassi: 9C2JC4110AR559721/ Motor: JC41E1A559721/ Ano: 20092010/ Cor: PRETA/ Proprietário: NETANIA VIEIRA/ CPF: 00015503371810/ 02867 Marca: HONDA/ Modelo: CG 125 FAN/ Placa: EHI2084/ Municipio: JACAREI/ Chassi: 9C2JC30708R242503/ Motor: JC30E78242503/ Ano: 20082008/ Cor: PRETA/ Proprietário: NELI CRISTINA JESUINO DE CAMPOS/ CPF: 00020188335889/ Detentor de Gravame: BV FINANC SA CFI/ 02868 Marca: HONDA/ Modelo: CG 125 TITAN / Chassi: DANIFICADO/ Motor: DANIFICADO/ Cor: AZUL/ 02869 Marca: HONDA/ Modelo: CG 150 TITAN/ Chassi: DANIFICADO/ Motor: DANIFICADO/ Cor: VERDE/ 02870 Marca: HONDA/ Modelo: CG 150 TITAN ES/ Chassi: ADULTERADO / Motor: ADULTERADO/ Cor: CINZA/ 02871 Marca: HONDA/ Modelo: CG 150 TITAN / Chassi: DANIFICADO/ Motor: DANIFICADO/ Cor: PRETA/ 02872 Marca: HONDA/ Modelo: CG 125 FAN/ Placa: ECJ6167/ Municipio: FRANCO DA ROCHA/ Chassi: 9C2JC30708R515652/ Motor: JC30E75012678/ Ano: 20082008/ Cor: PRETA/ Proprietário: EDUARDO BARBOSA CARDOSO/ CPF: 00040904610497/ Proprietário do Motor: DOUGLAS DORTA DE SOUZA JUNIOR/ CPF Proprietário do Motor: 00048102713828/ 02873 Marca: HONDA/ Modelo: CG 150 TITAN KS/ Chassi: ADULTERADO/ Motor: ADULTERADO/ Cor: CINZA/ 02874 Marca: CALOI / Modelo: MOBYLETE XR50/ Chassi: BI81251/ Motor: DANIFICADO/ Cor: VERMELHA/ 02875 Marca: HONDA/ Modelo: CB 300 R/ Placa: EOR1399/ Municipio: PAULINIA/ Chassi: 9C2NC4310BR100986/ Motor: MC43E1B100986/ Ano: 20112011/ Cor: AZUL/ Proprietário: LUIZ PAULO BASILIO/ CPF: 00041971166839/ Detentor de Gravame: SANTANA SA CRED FIN INV/ 02876 Marca: HONDA/ Modelo: CB 300/ Chassi: DANIFICADO/ Motor: DANIFICADO/ Cor: PRETA/ 02877 Marca: HONDA/ Modelo: CBX 250 TWISTER/ Placa: DJT6867/ Municipio: CAMPINAS/ Chassi: DANIFICADO/ Motor: DANIFICADO/ Ano: 20042004/ Cor: VERMELHA/ Proprietário: RODRIGO CESAR GALLETTE/ CPF: 000028027459800/ Comunicado de Venda: MARISTELA ROBERTO FERREIRA/ CPF Comunicado Venda: 20449549828/ 02878 Marca: HONDA/ Modelo: CBX 250 TWISTER/ Placa: DJT4623/ Municipio: CAMPINAS/ Chassi: 9C2MC35003R112997/ Motor: MC35E3112997/ Ano: 20032003/ Cor: VERDE/ Proprietário: RUDSON ESTEVAM MARKOVIC/ CPF: 00031339651823/ 02879 Marca: YAMAHA/ Modelo: YBR 125/ Chassi: DANIFICADO/ Motor: DANIFICADO/ Cor: AZUL/ 02880 Marca: YAMAHA/ Modelo: YBR 125/ Chassi: DANIFICADO / Motor: DANIFICADO/ Cor: PRATA/ 02881 Marca: YAMAHA/ Modelo: YBR 125 K/ Placa: APZ9810/ Municipio: MONTE SIAO/ Chassi: DANIFICADO/ Motor: E382E181115/ Ano: 20082008/ Cor: PRETA/ Proprietário: LUCIMAR DE MARAIS OLIVEIRA/ CPF: 05533477640/ 02882 Marca: HONDA/ Modelo: CG 150 TITAN KS/ Chassi: DANIFICADO/ Motor: DANIFICADO/ Cor: PRETA/ 02883 Marca: HONDA/ Modelo: CG 150 TITAN KS/ Placa: DYK8114/ Municipio: CAMPINAS/ Chassi: 9C2KC08108R241044/ Motor: KC08E18241044/ Ano: 20082008/ Cor: PRETA/ Proprietário: ALEX AZZONI/ CPF: 00024563237850/ 02884 Marca: HONDA/ Modelo: CG 125 TITAN KS/ Placa: DJW4267/ Municipio: CAMPINAS/ Chassi: 9C2JC30103R259733/ Motor: JC30E13259733/ Ano: 20032003/ Cor: AZUL/ Proprietário: WILSON FRANCISCO RIBEIRO/ CPF: 00031068650915/ Comunicado de Venda: CESAR AUGUSTO MORAES/ CPF Comunicado Venda: 37111813847/ 02885 Marca: HONDA/ Modelo: CG 125 FAN ES/ Placa: ESD8481/ Municipio: CAMPINAS/ Chassi: 9C2JC4120BR535847/ Motor: JC41E2B535847/ Ano: 20112011/ Cor: VERMELHA/ Proprietário: VITOR APARECIDO DE GODOY/ CPF: 00096375167868/ 02886 Marca: HONDA/ Modelo: CG 125 FAN KS/ Chassi: DANIFICADO/ Motor: DANIFICADO/ Cor: VERMELHA/ 02887 Marca: HONDA/ Modelo: CG 125 FAN / Placa: DNF8156/ Municipio: PRESIDENTE EPITACIO/ Chassi: 9C2JC30708R634513/ Motor: JC30E78634513/ Ano: 20082008/ Cor: PRETA / Proprietário: EDIVAN PEREIRA DE LIMA/ CPF: 36191770820/ Detentor de Gravame: PANAMERICANO ARRENDAMENTO MERCANTIL S/A/ 02888 Marca: HONDA/ Modelo: CG 150 TITAN KS/ Placa: EGY8717/ Chassi: DANIFICADO/ Motor: DANIFICADO/ Ano: 20082008/ Cor: CINZA/ Proprietário: SAIMON SEIXAS PAIVA SANTOS/ CPF: 00035782460857/ 02889 Marca: HONDA/ Modelo: CG 125 TITAN KS/ Placa: DGR9723/ Municipio: CAMPINAS/ Chassi: 9C2JC30102R234425/ Motor: JC30E12234425/ Ano: 20022002/ Cor: AZUL/ Proprietário: VICTOR HUGO DA SILVA PIRES/ CPF: 000311989981806/ Comunicado de Venda: HARRYSON LUCAS SOUZA LEAL/ 02890 Marca: HONDA/ Modelo: C 100 BIZ/ Placa: DCN2611/ Municipio: CAMPINAS/ Chassi: 9C2HA07001R033617/ Motor: HA07E1033617/ Ano: 20012001/ Cor: VERMELHA/ Proprietário: JOSE ROBERTO DE ALMEIDA/ CPF: 00035099257852/ Detentor de Gravame: OMNI CRED FIN INV / 02891 Marca: HONDA/ Modelo: CG 150 FAN ESI/ Placa: EWY4555/ Municipio: HORTOLANDIA/ Chassi: 9C2KC1670CR410726/ Motor: KC16E7C410726/ Ano: 20112012/ Cor: PRETA/ Proprietário: JOSE ALVES DE SOUZA JUNIOR/ CPF: 00044340123803/ 02892 Marca: JTA SUZUKI/ Modelo: AN 125/ Placa: DNH5225/ Municipio: CAMPINAS/ Chassi: 9CDCF47AJ6M001248/ Motor: F472BR101248/ Ano: 20052006/ Cor: PRETA/ Proprietário: GUILHERME LUIZ PEREIRA/ CPF: 00033335774884/ 02893 Marca: HONDA/ Modelo: C 100 BIZ/ Chassi: DANIFICADO/ Motor: DANIFICADO/ Cor: PRETA/ 02894 Marca: YAMAHA/ Modelo:

CONTINUA →

Proprietário: MARINA BUENO DA SILVA SANTOS / CPF: 00096485434968/ Comunicado de Venda: CDZ VEICULOS LTDA EPP / CPF Comunicado Venda: 04291024000106/02917 Marca: FIAT/ Modelo: UNO S/ Placa: KFJ8822/ Municipio: SÃO BERNARDO DO CAMPO / Chassi: 9BD146000M3810188/ Motor: DANIFICADO / Ano: 19921991/ Cor: BRANCO/ Proprietário: PAULO CESAR FURLANETO / CPF: 00012339451817/ Comunicado de Venda: EDIRCEU SOUZA DA SILVA / CPF Comunicado Venda: 13961532842/ 02918 Marca: FIAT/ Modelo: UNO S/ Placa: GMQ6936/ Municipio: CAMPINAS / Chassi: DANIFICADO / Motor: 4539272/ Ano: 19851985/ Cor: CINZA/ Proprietário: ROBERLEI FERNANDO REGO/ CPF: 00033894542845/ Proprietário do Motor: OSVALDO TOMAZ RUELA ME / CPF Proprietário do Motor: 03515286000136/ BO do Motor: JOSE MARIA RUELA/ 02919 Marca: VW/ Modelo: GOL CLI/ Placa: BTF2617/ Municipio: CAMPINAS / Chassi: 9BWZZZ377ST017851/ Motor: UNC015914/ Ano: 19951995/ Cor: AZUL / Proprietário: PAULO RODRIGUES ED MATTOS FILHO / CPF: 00003791759833/ 02921 Marca: VW / Modelo: VOYAGE CL / Placa: BSH1415/ Municipio: CAMPINAS / Chassi: 9BWZZZ30ZHT032524/ Motor: UP018198/ Ano: 19871987/ Cor: AZUL / Proprietário: ADILSON RODRIGUES DA MOTA/ CPF: 00003050465352/ Proprietário do Motor: WILLIAM LEAL DA PAZ/ CPF Proprietário do Motor: 00029851175854/ Comunicado de Venda do Motor: SELMA MOREIRA DOS SANTOS/ CPF Comunicado Venda Motor: 25793745823/ 02922 Marca: FIAT/ Modelo: UNO CS/ Placa: IEJ5031/ Municipio: SÃO PAULO / Chassi: 9BD146000K3435811/ Motor: 146A40112922077/ Ano: 19891989/ Cor: PRETA/ Proprietário: CIFRA SA CREDITO FINANCIAMENTO E INVESTIMENTO / CPF: 08030215000167/ Comunicado de Venda: RAQUEL CRISTINA SEIXAS/ CPF Comunicado Venda: 15494271803/ 02923 Marca: FORD/ Modelo: ESCORT GL 16 V H/ Placa: BKT6789/ Municipio: CAMPINAS / Chassi: DANIFICADO / Motor: RKDVW61251/ Ano: 19981997/ Cor: PRATA/ Proprietário: KATIANE GOMES MARCAL / CPF: 00034951332833/ Comunicado de Venda: IDAIR IZIDORO DA SILVA / CPF Comunicado Venda: 15463945837/ 02924 Marca: GM / Modelo: MONZA CLASSIC 20/ Placa: MUG3791/ Municipio: SANTA BARBARA DO OESTE/ Chassi: 9BGJL11YKKB043780/ Motor:DANIFICADO / Ano: 19891989/ Cor: AZUL/ Proprietário: VIVIANE SEIXAS DE LIMA CARMONA / CPF: 00022938234821/ 02926 Marca: VW / Modelo: PARATI/ Chassi: DANIFICADO / Motor: UDA021464/ Cor: PRETA/ 02927 Marca: VW / Modelo: GOL S/ Placa: BNY8403/ Municipio: CAMPINAS/ Chassi: ADULTERADO/ Motor: UP353643/ Ano: 19831983/ Cor: BRANCA/ Proprietário: BENEDITA RODRIGUES BARIXON/ CPF: 00016846376860/ BO do Veículo: JOSE MARQUES / CPF BO do Veículo: 00006234683878/ Proprietário do Motor: JOSE MARQUES/ CPF Proprietário do Motor: 00006234683878/ BO do Motor: JOSE MARQUES/ CPF BO do Motor: 06234683878 /02928 Marca: VW / Modelo: GOL LS/ Placa: CKZ4724/ Municipio: ESPIRITO SANTO DO TURVO / Chassi: 9BWZZZ30ZGT159778/ Motor: UD417622/ Ano: 19861986/ Cor: VERDE/ Proprietário: CRISTINA CARDOSO ALVES / CPF: 00035862852808/ Comunicado de Venda: EDIVANIA LOPES BARBOSA / CPF Comunicado Venda: 37022034869/ 02929 Marca: VW / Modelo: GOL CLI/ Placa: BMP3902/ Municipio: HORTOLANDIA / Chassi: 9BWZZZ377TP557252/ Motor: UC007824/ Ano: 19961996/ Cor: BRANCA/ Proprietário: DOUGLAS DE SOUZA CORDEIRO / CPF: 00043080946820/ Comunicado de Venda: INACIO BRIGIDO GOMES DOS SANTOS / CPF Comunicado Venda: 73820580344/ 02930 Marca: GM/ Modelo: VECTRA CD/ Placa: CTP9533/ Municipio: CAMPINAS / Chassi: 9BGJL19YWWB575387/ Motor: JW0002910/ Ano: 19981998/ Cor: AZUL/ Proprietário: MARIA ONTES DE BARROS / CPF: 00018764751880/ Comunicado de Venda: JOSE AUGUSTO JORGE FRADE / CPF Comunicado Venda: 08266869820/ BO do Veículo: JOSE AUGUSTO JORGE FRADE / CPF BO do Veículo: 08266869820/ 02931 Marca: VW / Modelo: GOL MI/ Placa: JTU5098/ Municipio: CAMPINAS / Chassi: 9BWZZZ377VT150484/ Motor: AFZ148882/ Ano: 19971997/ Cor: BRANCA/ Proprietário: ROBSON BORGES DE CARVALHO / CPF: 00031930346816/ Comunicado de Venda: LM DA SILVA EMIDIE EPP / CPF Comunicado Venda: 03967563000141/ Proprietário do Motor: CELSO PRAXEDES DE FARIAS/ CPF Proprietário do Motor: 00024591640841/ BO do Motor: CELSO PRAXEDES DE FARIAS /02932 Marca: GM / Modelo: KADETT LITE / Placa: BUW0933/ Municipio: CAMPINAS / Chassi: 9BGKY08GRRC352543/ Motor: 18NZ31023053/ Ano: 19941994/ Cor: VERMELHA/ Proprietário: PAULA CRISTINA VENTURA / CPF: 00012044104881/ Comunicado de Venda: MICHELLE CRISTINA PENTEADO DA PONTE / CPF Comunicado Venda: 29685462879/ Proprietário do Motor: CELSO PRAXEDES DE FARIA / CPF Proprietário do Motor: 00024591640841/ BO do Motor: CELSO PRAXEDES DE FARIA /02933 Marca: VW/ Modelo: GOL LS/ Placa: CSR5459/ Municipio: SUMARE / Chassi: ADULTERADO / Motor: UD275997/ Ano: 19861986/ Cor: PRATA/ Proprietário: OLAVO DO AMARAL NARCIZO / CPF: 00005406832808/ Proprietário do Motor: AZUL CIA DE SEGUROS GERAIS / CPF Proprietário do Motor: 33448150000200/ 02934 Marca: VW / Modelo: VOYAGE / Placa: CHT6984/ Municipio: DIADEMA / Chassi: 9BWZZZ30ZDP027012/ Motor: DANIFICADO / Ano: 19831982/ Cor: VERDE / Proprietário: CRISTINA DAS GRAÇAS ANTONIO GONCALVES / CPF: 00088499383653/ 02935 Marca: VW / Modelo: UNO CS / Placa: CEJ0610/ Municipio: CAMPINAS / Chassi: 9BD14600003128525/ Motor: 127A20112396964/ Ano: 19861986/ Cor: VERDE / Proprietário: MARCELA JACINTO DOS SANTOS / CPF: 00037839903860/ 02936 Marca: VW/ Modelo: GOL GL 18/ Placa: BQK4747/ Municipio: SÃO PAULO / Chassi: 9BWZZZ30ZRT033135/ Motor: USD700513/ Ano: 19941994/ Cor: BRANCA/ Proprietário: MARITIMA SEGUROS SA / CPF: 61383493000180/ Comunicado de Venda: FERNANDO CAIO PEREIRA LIMA/ CPF Comunicado Venda: 18507368808/ Proprietário do Motor: EDUARDO JOSE KRUGER / CPF Proprietário do Motor: 00000488147840/ Comunicado de Venda do Motor: ANDERSON DIULIO SILVA / CPF Comunicado Venda Motor: 27713260832/ 02937 Marca: GM / Modelo: MONZA SL E/ Placa: MUD4063/ Municipio: MONTE MOR / Chassi: 9BGJL69YKKB054870/ Motor: 18A31121203/ Ano: 19891989/ Cor: MARROM/ Proprietário: PERCILIA TEIXEIRA SILVA / CPF: 00034823530691/ Comunicado de Venda: JULIANA SILVA DA COSTA / CPF Comunicado Venda: 38885872808/ 02938 Marca: FORD/ Modelo: PAMPA GL/ Placa: BQR6518/ Municipio: CAMPINAS / Chassi: ADULTERADO / Motor: 174770/ Ano: 19851984/ Cor: CINZA/ Proprietário: JOART COM DE MOVIES E EQUIPAMENTOS PARA RESTAURANTES LTDA ME / CPF: 1246647100179/ 02939 Marca: VW / Modelo: SAVEIRO LS/ Placa: CIT3649/ Municipio: SÃO PAULO / Chassi: 9BWZZZ30ZGT171359/ Motor: DANIFICADO / Ano: 19861986/ Cor: VERMELHA/ Proprietário: LUIZ RODRIGUES DE ANDRADE / CPF: 00006391711844/ 02940 Marca: VW / Modelo: FUSCA 1300/ Placa: CNW5771/ Municipio: CAMPINAS / Chassi: B0124273/ Motor: BF614415/ Ano: 19801980/ Cor: AZUL/ Proprietário: VIVIANE SILVA SOARES RODRIGUES / CPF: 00032167859805/ 02941 Marca: VW/ Modelo: KOMBI/ Placa: JGD6516/ Municipio: SAO PAULO/ Chassi: 9BWGB07X83P001264/ Motor: SP0044730/ Ano: 20032002/ Cor: BRANCA/ Proprietário: LUIZ CARLOS CASSIMIRO/ CPF: 00004642809821/ Comunicado de Venda: WANDERLEI CARDOSO/ CPF Comunicado Venda: 17283726829/ Proprietário do Motor: LUIZ ANTONIO SOMMERRHALDER/ CPF Proprietário do Motor: 00005156391842/ 02943 Marca: IMPHYUNDAI/ Modelo: SANTA FE 35/ Placa: EXZ7257/ Municipio: SAO PAULO/ Chassi: ADULTERADO/ Motor: G6DCBA744682/ Ano: 20122011/ Cor: PRATA/ Proprietário: PORTO SEGURO CIA DE SEGUROS GERAIS/ CPF: 61198164000160/ 02944 Marca: DODGE/ Modelo: DAKOTA SPORT 39 C/ Placa: CZJ5553/ Municipio: AMERICANA/ Chassi: 937HLN2X4X3901663/ Motor: X3901663/ Ano: 19991999/ Cor: PRETA/ Proprietário: ADRIANO PIRES/ 02945 Marca: VW/ Modelo: FOX 10/ Placa: EAW3880/ Municipio: SUMARE/ Chassi: ADULTERADO/ Motor: CCN038383/ Ano: 20092008/ Cor: PRETA/ Proprietário: MARIANA MONTEIRO MARTINS DE ALMEIDA/ CPF: 00038031672806/ Comunicado de Venda: LIDIANE DA SILVA FREITAS/ CPF Comunicado Venda: 07894711403/ Detentor de Gravame: BANCO ITAU SA/ 02946 Marca: FIAT/ Modelo: IDEA/ Chassi: SEMIDENTIFICACAO/ Motor: SEMIDENTIFICACAO/ Cor: PRATA/ 02949 Marca: FORD/ Modelo: KA FLEX/ Placa: ERL8108/ Municipio: CAMPINAS/ Chassi: 9BFZK53A4AB210342/ Motor: SMRBA210342/ Ano: 20102010/ Cor: PRETA/ Proprietário: LUIZ GUSTAVO DOS SANTOS/ CPF: 00030143235869/ Detentor de Gravame: BV FINANC SA CFI/ BO do Veículo: LUIS GUSTAVO DOS SANTOS/ 02950 Marca: GM/ Modelo: S10 22 S/ Placa: CQW1707/ Municipio: CAMPINAS/ Chassi: 9BG124ASWWC937377/ Motor: QR0012354/ Ano: 19981998/ Cor: PRETA/ Proprietário: CEDROS VEICULOS SEVIÇOS LTDA/ Detentor de Gravame: BANCO BRADESCO SA/ 02951 Marca: IMKIA/ Modelo: BESTA 12P GS/ Placa: DAJ0214/ Municipio: CAMPINAS/ Chassi: KNHTR731217056214/ Motor: J2295257/ Ano: 20012001/ Cor: BEGE/ Proprietário: ELCIO ANTONIO DE VASCONCELOS JUNIOR/ CPF: 00030382070801/ BO do Veículo: DENIS CONRADO LISA/ 02952 Marca: GM/ Modelo: CORSA MILENIUM/ Placa: DFS8433/ Municipio: HORTOLANDIA / Chassi: 9BGSC19Z02B173382/ Motor: NM0224781/ Ano: 20022002/ Cor: CINZA/ Proprietário: LUCAS DE MELO GONÇALVES MOREIRA/ CPF: 00027120719807/ Comunicado de Venda: VALERIA GUSTODIA DOS SANTOS/ CPF Comunicado Venda: 33374810861/ Detentor de Gravame: BANCO PAN S. A./ 02953 Marca: HYUNDAI/ Modelo: HB20/ Chassi: SEM IDENTIFICAÇÃO/ Motor: ADULTERADO/ Cor: PRATA/ 02954 Marca: VW/ Modelo: GOL I/ Placa: CFE1419/ Municipio: AMERICANA/ Chassi: 9BWZZZ377TT100238/ Motor: 270583/ Ano: 19961996/ Cor: PRATA/ Proprietário: ADEMIR MOURA DOS SANTOS/ CPF: 00033753147877/ Comunicado de Venda: FELIPE FEITOSA DOS SANTOS/ CPF Comunicado Venda: 39952848846/ 02955 Marca: CHEVROLET/ Modelo: CELTA 4P SPIRIT/ Placa: MXA4411/ Municipio: SAO PAULO/ Chassi: 9BGRX48907G132156/ Motor: K60080184/ Ano: 20072006/ Cor: PRATA/ Proprietário: GILMAR DE OLIVEIRA/ CPF: 00017793698835/ Comunicado de Venda: CHPP COMPRESSRS HIGH PRESSURE PARTS EIRELI EPP/ CPF Comunicado Venda: 28039483000157/ BO do Veículo: ISABEL CRISTINA NOGUEIRA/ CPF BO do Veículo: 29427473827/ 02957 Marca: FIAT/ Modelo: STILO 16V/ Placa: JWA8754/ Municipio: CAMPINAS/ Chassi: ADULTERADO/ Motor: 8D0009515/ Ano: 20032003/ Cor: VERMELHA/ Proprietário: DIOGENES RAFAEL ALVES TOMA BUSTOS/ CPF: 00037722341861/ 02958 Marca: VW/ Modelo: GOL MI/ Placa: COY0304/ Municipio: SAO PAULO/ Chassi: ADULTERADO/ Motor: JU0037080/ Ano: 19981998/ Cor: PRATA/ Proprietário: DANIELE VALENTE/ CPF: 00034511721866/ Comunicado de Venda: MARIA JOSE DA SILVA SANTOS/ CPF Comunicado Venda: 08902176886/ 02960 Marca: VW/ Modelo: PARATI S/ Placa: CIQ2374/ Municipio: TATUI/ Chassi: 9BWZZZ30ZDP074154/ Motor: UNB111557/ Ano: 19831983/ Cor: BRANCA/ Proprietário: JEFFERSON VIEIRA DA SILVA/ CPF: 00021663224846/ Proprietário do Motor: CARLOS DE OLIVEIRA BARBOSA/ CPF Proprietário do Motor: 00005924842894/ BO do Motor: EBER RAFAEL LUDUGERIO/ 02961 Marca: VW/ Modelo: GOL CL/ Placa: MSH0540/ Municipio: CAMPINAS / Chassi: 9BWZZZ30ZLT096019/ Motor: SEMIDENTIFICACAO/ Ano: 19901990/ Cor: BRANCA/ Proprietário: JOSE MARIANO DA SILVA/ CPF: 00029333141855/ 02962 Marca: RENAULT / Modelo: LOGAN AUT 1016V/ Placa: ETH0551/ Municipio: CAMPINAS / Chassi: 93YLSR6RHB554210/ Motor: D4DH760Q115181/ Ano: 20112010/ Cor: BEGE/ Proprietário: EDER CARDILLO BARBOSA RAVANINI / CPF: 00039668824857/ BO do Veículo: EDER CARDILLO BARBOSA RAVANINI/ CPF BO do Veículo: 39668824857/ 02963 Marca: FIAT/ Modelo: UNO MILLE SMART/ Placa: KZE0019/ Municipio: CAMPINAS / Chassi: 9BD15828814205377/ Motor: 146A70115665892/ Ano: 20012000/ Cor: CINZA/ Proprietário: ENIO GOMES DA SILVA / CPF: 00084965428820/ Comunicado de Venda: FULGENCIO DA SILVA FILHO / Proprietário do Motor: MAPFRE SEGUROS GERAIS SA / CPF Proprietário do Motor: 61074175000138/ 02964 Marca: VW/ Modelo: VOYAGE CL/ Placa: BGZ8822/ Municipio: AMERICANA / Chassi: 9BWZZZ30ZHT108180/ Motor: UE037742/ Ano: 19881987/ Cor: BRANCA/ Proprietário: OZEAMIR MANDU DA SILVA / CPF: 00012375145844/ 02965 Marca: GM/ Modelo: CHEVETTE SL/ Placa: GQC7480/ Municipio: PAULINIA / Chassi: 9BGTC11UJJC154875/ Motor: 8JF16TA13054/ Ano: 19881988/ Cor: PRATA/ Proprietário: FABIO JUNIOR TERRA ALVES / CPF: 00040140904859/ 02966 Marca: VW/ Modelo: SPACEFOX/ Placa: EEK3676/ Municipio: SÃO PAULO / Chassi: 8AWPB05Z99A306291/ Motor: BPA868589/ Ano: 20092008/ Cor: PRATA/ Proprietário: FRANCISCO BARBOSA COELHO / CPF: 00055854363634/ 02967 Marca: GM/ Modelo: CELTA/ Placa: DFG3608/ Municipio: SÃO PAULO / Chassi: 9BGRD08Z02G128181/ Motor: DJ0092903/ Ano: 20022001/ Cor: VERDE/ Proprietário: GERIVALDO JOSE CRUZ SANTOS / CPF: 00003857976802/ Detentor de Gravame: BANCO BMG S.A/ 02968 Marca: FIAT/ Modelo: UNO ELETRONIC/ Placa: GQN8403/ Municipio: HORTOLANDIA / Chassi: 9BD146000R5274669/ Motor: 127A20112823161/ Ano: 19941994/ Cor: CINZA/ Proprietário: ADRIANA HIPOLITO DA SILVA / CPF: 00028708410860/ Proprietário do Motor: MARIA MADALENA SANAIOTTI DANIEL / CPF Proprietário do Motor: 00008850843810/ 02969 Marca: RENAULT/ Modelo: SANDERO AUT 1016V/ Placa: ENC2091/ Municipio: CAMPINAS / Chassi: 93YBSR6HAJ453643/ Motor: D4DH760Q095393/ Ano: 20102010/ Cor: PRATA/ Proprietário: GABRIEL DOS SANTOS ROCHA / CPF: 00039466023802/ BO do Veículo: DAIANE PATRICIA DE BARROS BAZERRA / 02970 Marca: GM/ Modelo: CELTA 2P LIFE/ Placa: AQC7670/ Municipio: SÃO PAULO / Chassi: 9BGRZ08909G135951/ Motor: Q30096650/ Ano: 20092008/ Cor: PRATA/ Proprietário: DANIEL FERREIRA DOS SANTOS / CPF: 00094672962849/ Detentor de Gravame: BANCO ITAU SA/ BO do Veículo: DANIEL FERREIRA DOS SANTOS / 02971 Marca: I VW/ Modelo: PASSAT 20 FSI/ Placa: CZD9864/ Municipio: CARAPICUIBA / Chassi: WVWLS83C66E078841/ Motor: SEM IDENTIFICAÇÃO / Ano: 20062005/ Cor: PRATA/ Proprietário: REGINALDO BISPO DOS SANTOS / CPF: 00015257972808/ Comunicado de Venda: PEDRO BENEDITO CRUZ DOS SANTOS / CPF Comunicado Venda: 33710142822/02973 Marca: VW/ Modelo: GOL MI/ Placa: CVY8196/ Municipio: CATANDUVA / Chassi: ADULTERADO/ Motor: AFZ743993/ Ano: 19981998/ Cor: PRATA/ Proprietário: WELLINGTON ALEXANDRE DOS SANTOS / CPF: 36223416881/ Detentor de Gravame: BANCO ITAU SA/ Proprietário do Motor: DIRCE APARECIDA PEDRO MANTOVANI/ CPF Proprietário do Motor: 00028777056841/ Financeira do Motor: GRUPO SANTANDER BANESPA(DEP JURIDICO)/ BO do Motor: ANDERSON ROBERTO MANTOVANI/ 02974 Marca: FIAT/ Modelo: PALIO FIRE ECONOMY/ Placa: EGC0564/ Municipio: CAMPINAS / Chassi: 9BD17164LA5510271/ Motor: 310A10119061397/ Ano: 20102009/ Cor: CINZA/ Proprietário: CARLOS DA ROCHA / CPF: 00001694450899/ Detentor de Gravame: PANAMERICANO ARRENDAMENTO MERCANTIL S/A/ BO do Veículo: CARLOS DA ROCHA / 02975 Marca: FIAT/ Modelo: PALIO FIRE ECONOMY/ Placa: HIJ2787/ Municipio: CAMPINAS / Chassi: 9BD17106LC5801329/ Motor: 310A10110621387/ Ano: 20122011/ Cor: PRATA/ Proprietário: JUSSINEI BARBOSA / CPF: 00004427412432/ Detentor de Gravame: BANCO ITAU SA/ 02977 Marca: RENAULT/ Modelo: SANDERO EXP 16/ Placa: ELC8006/ Municipio: SÃO PAULO / Chassi: 93YBSR7UHBJ810824/ Motor: K7MJ714Q121614/ Ano: 20112011/ Cor: CINZA/ Proprietário: FABIANO O SILVA / CPF: 00019580791899/ Detentor de Gravame: GRUPO SANTANDER BANESPA(DEP JURIDICO)/ BO do Veículo: PRISCILA DE LIMA CINTRA MORAES / 02978 Marca: M BENZ/ Modelo: A 160/ Placa: DHX6824/ Municipio: CAMPINAS / Chassi: 9BMMF33E43A044587/ Motor: DANIFICADO / Ano: 20032002/ Cor: PRATA/ Proprietário: HELIO DE OLIVEIRA / CPF: 00077725131868/ Detentor de Gravame: GRUPO SANTANDER BANESPA(DEP JURIDICO)/ BO do Veículo: HELIO DE OLIVEIRA / CPF BO do Veículo: 77725131868/02979 Marca: GM / Modelo: CELTA 4P SPIRIT/ Placa: EKO0592/ Municipio: GUARATINGUETA/ Chassi: 9BGRX48F0AG268854/ Motor: NAB011168/ Ano: 20102009/ Cor: VERDE/ Proprietário: CHEMARAUTO VEICULOS LTDA/ CPF: 50435064000193/ Comunicado de Venda: JOSE VIRGILIO DA CRUZ/ CPF Comunicado Venda: 36241968807/ 02981 Marca: IM PEUGEOT/ Modelo: 206 SOLEIL/ Placa: DMJ7702/ Municipio: SAO PAULO/ Chassi: 8AD2AN6A93W054834/ Motor: 10DBSS0005186/ Ano: 20032003/ Cor: CINZA/ Proprietário: SONIA MARIA ELIAS BARBOSA/ CPF: 32391120869/ Proprietário do Motor: BRASIL VEICULOS COMPAMHIA DE SEGUROS/ CPF Proprietário do Motor: 01356570001153/ 02985 Marca: TOYOTA/ Modelo: COROLLA XEI 18 FLEX/ Chassi: SEMIDENTICACAO/ Motor: SEMIDENTIFICACAO / Cor: CINZA/ 02986 Marca: IMP GM/ Modelo: ASTRA GLS/ Placa: CAF4316/ Municipio: HORTOLANDIA/ Chassi: W0L000058S5162454/ Motor: C20NE31194874/ Ano: 19951995/ Cor: PRATA/ Proprietário: CELIA DE BRITO SILVA/ CPF: 00015502110800/ Comunicado de Venda: MAYCON RODRIGO TEODORO/ CPF Comunicado Venda: 22168271852/ 02987 Marca: GM/ Modelo: MONZA SL/ Placa: BQZ1400/ Municipio: CAMPINAS/ Chassi: 9BGJG11VMMB019093/ Motor: 18LVH31067095/ Ano: 19911991/ Cor: PRATA/ Proprietário: LUIZ HENRIQUE FIRMINO LOPES/ CPF: 00038229551839/ 02988 Marca: FIAT/ Modelo: UNO MILLE FIRE/ Placa: DLP9419/ Municipio: SAO PAULO/ Chassi: 9BD15822534492366/ Motor: 178D90115754712/ Ano: 20032003/ Cor: BRANCA/ Proprietário: SAMUEL TORRES SANCHES/ CPF: 00024761635894/ Comunicado de Venda: ELAINE CRISTINA GOMES/ CPF Comunicado Venda: 00032298883831/ Detentor de Gravame: BANCO BRADESCO SA/ 02989 Marca: CITROEN/ Modelo: XSARA PICASSO EX/ Placa: DIE7155/ Municipio: SAO PAULO/ Chassi: 935CHRFM83J502522/ Motor: 0604525/ Ano: 20022003/ Cor: PRETA/ Proprietário: LILIAN MARTA MEDEIROS CARDOSO/ CPF: 00023494971814/ Comunicado de Venda: FERNANDA JESUS ALVES DA SILVA/ CPF Comunicado Venda: 41498655823/ Detentor de Gravame: BANCO BRADESCO SA/ BO do Veículo: SERGIO BECHARA MACHADO/ CPF BO do Veículo: 000054900032820/ 02990 Marca: FORD/ Modelo: FIESTA GL/ Placa: DFL5218/ Municipio: CAMPINAS/ Chassi: 9BFBSZFDA1B392861/ Motor: C4E1392861/ Ano: 20012001/ Cor: PRETA/ Proprietário: JOEMAR LOPES DE OLIVEIRA/ CPF: 00029071076822/ Comunicado de Venda: JOSE CARLOS DE PAULA FREITAS JUNIOR/ CPF Comunicado Venda: 30112468829/ BO do Veículo: JOSE CARLOS DE PAULA FREITAS JUNIOR/ 02991 Marca: I HAFEI/ Modelo: MINIVAN 7P L/ Placa: ETD2095/ Municipio: SAO PAULO/ Chassi: LKHGF1AG9AAC33727/ Motor: SEM IDENTIFICACAO/ Ano: 20102010/ Cor: PRATA/ Proprietário: SILVA GONÇALVES CAMPINAS LTDA ME/ CPF: 04124860000198/ Comunicado de Venda: JACSON O XAVIER/ CPF Comunicado Venda: 26095600871/ BO do Veículo: HERIVANIO RICARDO MIO/ 02993 Marca: VW/ Modelo: GOL 16 POWER/ Placa: ENL9306/ Municipio: PQ IATLIA/ Chassi: 9BWAB05U0BT017625/ Motor: CCR875060/ Ano: 20102011/ Cor: PRATA/ Proprietário: VANDERLEI FERREIRA DE SOUZA/ CPF: 00023474398806/ Detentor de Gravame: BANCO BRADESCO SA/ 02994 Marca: FIAT/ Modelo: PALIO ED/ Placa: CHE2556/ Municipio: OSASCO/ Chassi: 9BD178016T0139163/ Motor: 4869229/ Ano: 19961997/ Cor: AZUL/ Proprietário: MARIA DE LOURDES MENDES/ CPF: 99516624472/ Comunicado de Venda: MARIA DE LOURDES MENDES/ CPF Comunicado Venda: 99516624472/ 02997 Marca: FORD/ Modelo: KA FLEX/ Placa: EPN7408/ Municipio: CAMPINAS/ Chassi: ADULTERADO/ Motor: SMRBA199905/ Ano: 20102010/ Cor: VERMELHA/ Proprietário: ANA JACINTA DE PAULA/ CPF: 17386019866/ Comunicado de Venda: ANA JACINTA DE PAULA/ CPF Comunicado Venda: 17386019866/ BO do Veículo: MARIA APARECIDA PINHEIRO DE PAULA/ CPF BO do Veículo: 21394228805/ 02999 Marca: VW/ Modelo: QUANTUM CL / Placa: BRZ9804/ Municipio: HORTOLANDIA/ Chassi: 9BWZZZ33ZKP037804/ Motor: UQ120651/ Ano: 19891989/ Cor: CINZA/ Proprietário: ADEMAR SOARES/ CPF: 00012082211835/ 03000 Marca: MAZDA/ Modelo: 626 PB/ Placa: CSA0005/ Municipio: SAO PAULO/ Chassi: JM1GE22A7R1200317/ Motor: FS731853/ Ano: 19941995/ Cor: PRETA/ Proprietário: AIG BRASIL INTERAMERICANA CIA DE SEGUROS GERAIS/ CPF: 42151266000266/ 03001 Marca: SUBARU/ Modelo: LEGACY 20 GL/ Placa: BTG1726/ Municipio: CAMPINAS/ Chassi: JF1BD4LG9SG010112/ Motor: 240358/ Ano: 19951995/ Cor: VERMELHA/ Proprietário: VERA LUCIA CANGIANI LABIANCO/ CPF: 00096670738820/ BO do Veículo: ALESSANDRO LABIANCO / CPF BO do Veículo: 25224781841/ 03002 Marca: PEUGEOT/ Modelo: 206 SELECT 16/ Placa: DMR8745/ Municipio: CAMPINAS/ Chassi: 9362AN6A94W033716/ Motor: DANIFICADO / Ano: 20032004/ Cor: PRETA/ Proprietário: ADRIANA RIBEIRO TEIXEIRA/ CPF: 00022634095805/ Comunicado de Venda: MARIA LUIZA PINTO / CPF Comunicado Venda: 31646274830/ 03003 Marca: FIAT/ Modelo: UNO CS/ Placa: BRB3149/ Municipio: CAMPINAS/ Chassi: 9BD146000L3659013/ Motor: DANIFICADO / Ano: 19901991/ Cor: VERDE/ Proprietário: FERNANDA SANTOS DA SILVA/ CPF: 00027812859860/ 03004 Marca: CITROEN/ Modelo: C3 GLX 16 FLEX/ Placa: DXE0676/ Municipio: CAMPINAS/ Chassi: 935FCN6A86B520159/ Motor: 10DBU50004779/ Ano: 20062006/ Cor: PRATA/ Proprietário: TATIANE VANESSA PEREIRA/ CPF: 00029724186890/ Detentor de Gravame: BANCO PANAMERICANO S/A/ BO do Veículo: TATIANE VANESSA PEREIRA / CPF BO do Veículo: 29724186890/ 03005 Marca: VW / Modelo: PARATI S/ Placa: CAB4683/ Municipio: AMERICANA/ Chassi: 9BWZZZ30ZEP055716/ Motor: UD162346/ Ano: 19841984/ Cor: PRETA/ Proprietário: GILSON APARECIDO ARTIOLI/ CPF: 00025830045818/ Comunicado de Venda: LETICIA PEREIRA GONCALVES/ CPF Comunicado Venda: 48780858864/ 03006 Marca: FIAT/ Modelo: UNO CS/ Placa: CEY7483/ Municipio: CAMPINAS/ Chassi: 9BD146000H3270419/ Motor: 146A70115160172/ Ano: 19871988/ Cor: BRANCA/ Proprietário: SAMUEL ROBERTO MOREIRA CESAR/ CPF: 00038269964883/ Proprietário do Motor: ABN AMRO ARREND MERCANTIL SA / CPF Proprietário do Motor: 34033779000163/ 03007 Marca: AUDI/ Modelo: A3 18T/ Placa: LND1287/ Municipio: CAMPINAS/ Chassi: 93UMC48L0Y4002478/ Motor: AGU001478/ Ano: 20002000/ Cor: PRETA/ Proprietário: JURACI ROCHA GUERREIRO/ CPF: 00007756114841/ 03008 Marca: FIAT/ Modelo: UNO ELETRONIC/ Placa: BPI7063/ Municipio: SAO PAULO/ Chassi: 9BD146000R5315142/ Motor: 146B40113612540/ Ano: 19941994/ Cor: VERDE/ Proprietário: PANAMERICANO ARRENDAMENTO MERCANTIL SA/ CPF: 02682287000102/ Proprietário do Motor: CARLOS ROBERTO DOS SANTOS / CPF Proprietário do Motor: 00002890790800/ BO do Motor: SOLANGE APARECIDA Q DOS SANTOS / 03009 Marca: VW/ Modelo: PARATI PLUS/ Placa: MRM6574/ Municipio: CAMPINAS/ Chassi: ADULTERADO / Motor: BW2507173/ Ano: 19861986/ Cor: AZUL/ Proprietário: CELIA PARECIDA TORRES DE SOUSA/ CPF: 00012079112830/ Comunicado de Venda: DIDNEY BARBOZA MORO/ CPF Comunicado Venda: 22196867870/ 03010 Marca: VW/ Modelo: KOMBI/ Placa: CWC7122/ Municipio: CAMPINAS/ Chassi: 9BWZZZ237XP007006/ Motor: SEM MOTOR/ Ano: 19991999/ Cor: BRANCA/ Proprietário: CICERA COSTA SANTOS DE BRITO/ CPF: 00015186448800/ BO do Veículo: WELLINTON MELO PASCOAL/ CPF BO do Veículo: 33875943805/ 03011 Marca: VW/ Modelo: VOYAGE/ Placa: CNQ0957/ Municipio: CAMPINAS/ Chassi: 9BWZZZ30ZEP005630/ Motor: DANIFICADO / Ano: 19841984/ Cor: AZUL/ Proprietário: ROGERIO CESAR BALDIN/ CPF: 00025516371805/ 03012 Marca: VW/ Modelo: VARIANT/ Placa: CAQ8268/ Municipio: CAMPINAS/ Chassi: BV076637/ Motor: BV038208/ Ano: 19711971/ Cor: AZUL/ Proprietário: ARQUIMEDES OLIVEIRA DE MORAIS/ CPF: 00026267160815/ 03013 Marca: VW / Modelo: KOMBI/ Chassi: DANIFICADO / Motor: DANIFICADO / Cor: BRANCO / 03014 Marca: FORD/ Modelo: FIESTA/ Placa: CQL7090/ Municipio: CAMPINAS/ Chassi: DANIFICADO / Motor: C4AV194703/ Ano: 19971998/ Cor: CINZA/ Proprietário: LUCIANO ELIO DA SILVA/ CPF: 00007455248423/ 03015 Marca: VW/ Modelo: FUSCA 1300/ Placa: DFG3063/ Municipio: ITU/ Chassi: BJ968302/ Motor: BJ047074/ Ano: 19791979/ Cor: CINZA/ Proprietário: MARIA SUCLEIDE DA SILVA/ CPF: 00008532771416/ Comunicado de Venda: BRUNO RAFAEL D BOLETO LEITE/ CPF Comunicado Venda: 31040064825/ 03016 Marca: RENAULT/ Modelo: LOGAN EXP 16/ Placa: EDE2897/ Municipio: HORTOLANDIA/ Chassi: 93YLSR1TH8J972022/ Motor: K7MJ714001800/ Ano: 20072008/ Cor: PRETA/ Proprietário: UBALDINO FREITAS DA SILVA/ CPF: 00063635259853/ 03017 Marca: VW/ Modelo: GOL 16V/ Placa: CXY3618/ Municipio: PAULINIA/ Chassi: 9BWZZZ373YT084595/ Motor: K7MJ714Q001800/ Ano: 19992000/ Cor: CINZA/ Proprietário: NELCINDO ADILSON GONCALVES/ CPF: 00007549694877/ Comunicado de Venda: ANA MARIA AMBROSIO/ CPF Comunicado Venda: 18425206871/ BO do Veículo: SEBASTIAO DE ALMEIDA/ CPF BO do Veículo: 15496479894/ 03019 Marca: GM / Modelo: VOYAGE/ Placa: GNV2775/ Municipio: INDAIATUBA/ Chassi: 9BWZZZ30ZDP102793/ Motor: DANIFICADO / Ano: 19831983/ Cor: CINZA/ Proprietário: JOSE CARLOS DA SILVA/ CPF: 00030613588894/ 03020 Marca: GM/ Modelo: CHEVETTE/ Placa: CAQ5608/ Municipio: CAMPINAS/ Chassi: 9BG5TC11UEC101167/ Motor: JD08TA95717/ Ano: 19831984/ Cor: DOURADA/ Proprietário: FABIO APARECIDO DOS SANTOS E SILVA/ CPF: 00021989166814/ 03021 Marca: FORD/ Modelo: FIESTA 16 FLEX/ Placa: DMO9530/ Municipio: CAMPINAS/ Chassi: 9BFZF16P058229969/ Motor: QFJA58229969/ Ano: 20042005/ Cor: PRATA/ Proprietário: SILVIA ROSA DE OLIVEIRA/ CPF: 00026686787817/ 03022 Marca: VW/ Modelo: POLO CLAS 18 MI/ Placa: CGH6468/ Municipio: CAMPINAS/ Chassi: 8AWZZZ6K2VA022381/ Motor: USD703599/ Ano: 19971997/ Cor: VERMELHA/ Proprietário: SEBASTIÃO RODRIGUES DOS SANTOS/ CPF: 39543323100/ Comunicado de Venda: PAULO ROGERIO DA SILVA/ CPF Comunicado Venda: 25371081836/ 03023 Marca: FIAT/ Modelo: UNO CS 15/ Placa: BGO9139/ Municipio: CAMPINAS/ Chassi: DANIFICADO / Motor: 1460A50113174192/ Ano: 19911992/ Cor: BRANCA/ Proprietário: JOSE MARTINS RAMOS/ CPF: 00078589150968/ 03024 Marca: VW/ Modelo: VOYAGE S/ Placa: BGL7566/ Municipio: SAO PAULO/ Chassi: 9BWZZZ30ZGT069085/ Motor: UP104306/ Ano: 19861986/ Cor: BRANCA/ Proprietário: PAULO WILSON CARVALHO DE ALMEIDA/ CPF: 000114570578241/ 03025 Marca: VW / Modelo: FUSCA 1200/ Placa: CXT4391/ Municipio: CAMPINAS/ Chassi: B2095255/ Motor: BF631527/ Ano: 19621962/ Cor: AZUL/ Proprietário: DIRCE FERREIRA DER SOUZA/ CPF: 00002457963800/ Comunicado de Venda: MARIA APARECIDA DA SILVA VELOZO/ CPF Comunicado Venda: 83297146672/ 03026 Marca: FIAT/ Modelo: PALIO FIRE FLEX/ Placa: DXU0193/ Municipio: CAMPINAS/ Chassi: 9BD17106G72942368/ Motor: DANIFICADO / Ano: 20072007/ Cor: BRANCA/ Proprietário: SUDAMERIS ARRENDAMENTO MERCANTIL SA/ CPF: 47193149000106/ Comunicado de Venda: FRANCISCO JOSE DA SILVA / CPF Comunicado Venda: 08326271861/ 03027 Marca: GM /Modelo: CHEVETTE SL/ Placa: CBF1619/ Municipio: HORTOLANDIA / Chassi: 9BG5TE11UFC115952/ Motor: 8JA11TA70675/ Ano: 19851984/ Cor: CINZA / Proprietário: CREISON MANOEL DA SILVA / CPF: 00022429588870/ Proprietário do Motor: WENDERSON VATISTA SANTOS / CPF Proprietário do Motor: 01074511662/ 03028 Marca: FORD/ Modelo: PAMPA L/ Placa: MUI9403/ Municipio: PAULO AFONSO / Chassi: DANIFICADO / Motor: UEA040613/ Ano: 19961996/ Cor: AZUL/ Proprietário: DEVONI FERREIRA LIMA / CPF: 35486899491/ Proprietário do Motor: FRANCISCO WILSON CORREA / CPF Proprietário do Motor: 00005579349823/ BO do Motor: JANETE APARECIDA DE CARVALHO CORREA / 03029 Marca: GM / Modelo: CHEVETTE SL/ Placa: BGK8660/ Municipio: VALENTIM GENTIL/ Chassi: 5E11IBC108338/ Motor: JA28PBC5769/ Ano: 19821982/ Cor: CINZA/ Proprietário: IZAURA ADRIANO ALVES / CPF: 00021753459800/ 03030 Marca: GM / Modelo: MONZA / Placa: BHI2343/ Municipio: HORTOLANDIA/ Chassi: 9BG5JK11ZFB002617/ Motor: DANIFICADO / Ano: 19851985/ Cor: BEGE/ Proprietário: CLAUDINEI PEREIRA FAGUNDES/ CPF: 00024988307824/ Comunicado de Venda: RONALDO VIEIRA DOS SANTOS/ CPF Comunicado Venda: 18819824833/ 03031 Marca: FIAT/ Modelo: 147 C/ Placa: CKD4932/ Municipio: VALINHOS/ Chassi: 9BD147A0000726829/ Motor: 146C40114168641/ Ano: 19831983/ Cor: BRANCA/ Proprietário: EDIR SOUZA DE LIMA/ CPF: 00006661369809/ Proprietário do Motor: LENITA FERREIRA DA SILVA / CPF Proprietário do Motor: 36062260478/ 03032 Marca: GM / Modelo: CHEVETTE/ Placa: CKQ1602/ Municipio: CORNELIO PROCOPIO / Chassi: 5C11UCC154259/ Motor: 3JD14PA/ Ano: 1983/ Cor: CINZA / Proprietário: OSVALDO QUIRINO / CPF: 43838251920/ Comunicado de Venda: RUBENS NEY IANI / 03033 Marca: VW/ Modelo: GOL CL/ Placa: BPI2445/ Municipio: CAMPINAS/ Chassi: 9BWZZZ30ZKT031125/ Motor: UP053838/ Ano: 19891989/ Cor: BEGE/ Proprietário: AILTON OLIVEIRA DA SILVA/ CPF: 00035101413852/ Comunicado de Venda: ALEXANDRE JUNIOR MENEZES SILVA/ CPF Comunicado Venda: 01661440452/ 03034 Marca: GM / Modelo: MONZA SL E/ Placa: BSQ7741/ Municipio: CAMPINAS/ Chassi: 9BG5JK11ZGB063087/ Motor: 18LVH31005402/ Ano: 19861986/ Cor: CINZA/ Proprietário: APARECIDA RODRIGUES CALDEIRA/ CPF: 00037872542854/ Comunicado de Venda: LEONILDA DA COSTA/ CPF Comunicado Venda: 17196940873/ Proprietário do Motor: LUIZ ANTONIO CARVALHO / CPF Proprietário do Motor: 00038093430806/ BO do Motor: JOSE JACIELO DA SILVA / 03035 Marca: TOYOTA/ Modelo: FIELDER/ Placa: DMT9224/ Municipio: CAMPINAS/ Chassi: 9BR72ZEC258562108/ Motor: 4287134/ Ano: 20192019/ Cor: PRETA/ Proprietário: JOSE LUIZ VIEIRA/ CPF: 00012039182837/ BO do Veículo: JOSE LUIZ VIEIRA / CPF BO do Veículo: 12039182837/ 03036 Marca: VW / Modelo: GOL CL/ Placa: JKX2865/ Municipio: CERQUILHO/ Chassi: 9BWZZZ30ZRT049819/ Motor: DANIFICADO / Ano: 19941994/ Cor: BRANCA/ Proprietário: JOSE AUGUSTO DA SILVA LINS/ CPF: 00002594305448/ Comunicado de Venda: JULIANA FERNANDES MARSSOLA/ CPF Comunicado Venda: 33409268839/ 03037 Marca: GM / Modelo: CORSA SUPER/ Placa: CKC2749/ Municipio: CAMPINAS/ Chassi: 9BGSD08ZVTC658465/ Motor: JR0012840/ Ano: 19961997/ Cor: PRETA/ Proprietário: MARINEUSA RAMALHO SANTOS/ CPF: 00004399568976/ Comunicado de Venda: GERALDA CARDOSO DOS SANTOS/ CPF Comunicado Venda: 06858261800/ 03038 Marca: GM/ Modelo: MONZA SL E 18/ Placa: KGB5897/ Municipio: HORTOLANDIA/ Chassi: 9BGJK69ZLKB003039/ Motor: B18YZ31069769/ Ano: 19891990/ Cor: AZUL/ Proprietário: LISLEI OLIVEIRA DA SILVA/ CPF: 00007731677818/ Proprietário do Motor: CLAUDEMIR QUERUMBIM / CPF Proprietário do Motor: 00033216986845/ Financeira do Motor: BANCO ITAU SA/ 03041 Marca: VW/ Modelo: GOL CL/ Placa: BNK7146/ Municipio: CAMPINAS/ Chassi: 9BWZZZ30ZJT076007/ Motor: UP406375/ Ano: 19881988/ Cor: AZUL/ Proprietário: FERNANDO CAETANO/ CPF: 00039840896865/ 03042 Marca: FIAT/ Modelo: UNO S 15 / Placa: BPC3661/ Municipio: SUMARE/ Chassi: 9BD146000N3892247/ Motor: 146B80113576887/ Ano: 19921992/ Cor: CINZA/ Proprietário: DANIEL AUGUSTO CORNELIO/ CPF: 00032735749843/ BO do Veículo: ALLAN HENRIQUE PRADO DUARTE / CPF BO do Veículo: 44886324835/ 03043 Marca: FIAT/ Modelo: UNO PICK UP 13/ Placa: CYH2240/ Municipio: TABOAO DA SERRA/ Chassi: 9BD146000J8036793/ Motor: DANIFICADO / Ano: 19881989/ Cor: BRANCA/ Proprietário: SEBASTIAO MEDINA DE SOUSA/ CPF: 00083439013634/ Detentor de Gravame: BANCO PANAMERICANO S/A/ 03044 Marca: VW/ Modelo: FUSCA 1300/ Placa: CHB3999/ Municipio: CARAPICUIBA/ Chassi: B0056048/ Motor: BJ729006/ Ano: 19801980/ Cor: BEGE/ Proprietário: CLARINDO DE OLIVEIRA/ CPF: 00000807260894/ Proprietário do Motor: JOSE SANTANA DE LIMA / CPF Proprietário do Motor: 00014814838115/ 03045 Marca: FORD/ Modelo: FIESTA/ Placa: CAN3277/ Municipio: CAMPINAS/ Chassi: VS6ASXWPFSWC69833/ Motor: SC69833/ Ano: 19951995/ Cor: PRATA/ Proprietário: VALMIR ALVARO SILVA TEIXEIRA/ CPF: 00096894288887/ Comunicado de Venda: LAERCIO ANTONIO DE OLIVEIRA/ CPF Comunicado Venda: 09673379840/ 03046 Marca: GM/ Modelo: MARAJO/ Placa: BID1262/ Municipio: SANTA BARBARA DO OESTE / Chassi: 5C15JBC147449/ Motor: 8J105TA32432/ Ano: 19821982/ Cor: CINZA/ Proprietário: CLAUDEMIR DE JESUS PIAI/ CPF: 00085116475891/ 03047 Marca: GM/ Modelo: MONTANA CONQUEST/ Placa: DNY4179/ Municipio: CAMPINAS/ Chassi: 9BGXL80005C181592/ Motor: A20013408/ Ano: 20042005/ Cor: VERMELHA/ Proprietário: GABRIEL ROMAO DE OLIVEIRA/ CPF: 00032969094860/ BO do Veículo: GABRIEL ROMAO DE OLIVEIRA / CPF BO do Veículo: 32969094860/ 03049 Marca: VW/ Modelo: GOL CLI/ Placa: CHC9201/ Municipio: CAMPINAS/ Chassi: 8AWZZZ377TA843065/ Motor: DANIFICADO / Ano: 19961996/ Cor: VERMELHA/ Proprietário: ROGERIO WILSON BORGES/ CPF: 00026498759844/ Comunicado de Venda: JOSEMIR ALVES DA SILVA/ CPF Comunicado Venda: 22952334889/ 03050 Marca: VW/ Modelo: SAVEIRO GL/ Placa: BKO0644/ Municipio: SAO PAULO/ Chassi: 9BWZZZ30ZMP220821/ Motor: DANIFICADO / Ano: 19911991/ Cor: CINZA/ Proprietário: CIFRA SA CREDITO FINANCIAMENTO E INVESTIMENTO/ CPF: 08030215000167/ Comunicado de

82% dos municípios grandes têm trava para receber verba

Maioria tem restrição que impede repasse de emenda do relator

Danielle Brant, Raquel Lopes e Renato Machado

BRASÍLIA A cada 10 municípios brasileiros com mais de 50 mil habitantes, 8 têm alguma restrição que impediria o recebimento de emendas de relator —distribuídas por deputados e senadores com base em critérios políticos.

Os municípios ficam proibidos de receber essa verba quando estão em situação de inadimplência, principalmente em relação ao pagamento de precatórios e Previdência. As únicas exceções para a regra são emendas cujos recursos são transmitidos no âmbito de fundos federais para locais, em áreas como saúde, educação e assistência social.

Um estudo do Inop (Instituto Nacional de Orçamento Público) mostrou que 82% (497) dos municípios com mais de 50 mil habitantes estavam inadimplentes no final de abril. Em São Paulo, 94 dos 123 municípios desse porte tinham irregularidades no Cauc (Sistema de Informações sobre Requisitos Fiscais). No Rio de Janeiro, a situação é ainda mais complicada: 34 de 37 estavam inadimplentes.

Buritinópolis (GO), cuja prefeitura entrou na Justiça para receber verbas Divulgação

A emenda de relator é um mecanismo criado pelo Congresso que possibilita o envio de recurso federal para os redutos dos parlamentares sem que haja transparência sobre a liberação da verba.

Esse tipo de emenda passou a ser usado como uma poderosa ferramenta de cooptação política do Planalto com o Legislativo. A liberação dessa verba é controlada pela cúpula da Câmara e do Senado.

Além disso, a emenda de relator se tornou um dos principais instrumentos de negociação com o Congresso Nacional durante o governo de Jair Bolsonaro (PL), que usou o mecanismo para angariar apoio para pautas do interesse do Planalto e evitar a abertura de processos de impeachment.

No orçamento de 2022, foram reservados R$ 16,5 bilhões em emendas de relator.

A consulta do Inop nas bases de dados sobre inadimplência foi realizada no final de abril deste ano.

As emendas enviadas às prefeituras envolvem recursos para compra de equipamentos, ajuda à agricultura familiar, asfaltamento de ruas e reforma de praças e quadras esportivas, entre outros.

Para destravar o dinheiro quando estão inadimplentes, algumas prefeituras recorrem ao Judiciário ou então pagam uma parcela da dívida.

A prefeita de Buritinópolis (GO), Ana Paula Soares Dourado, disse já ter entrado com uma liminar para conseguir receber emendas de relator. No entanto, ela não quis detalhar os valores e as emendas.

“Entramos com uma liminar, mas não houve retorno. O que a gente fez no município foi regularizar a situação no Cauc”, disse a prefeita, que administra uma cidade com 3.300 habitantes.

As emendas de relator seguem as mesmas regras de transferências voluntárias do orçamento discricionário de ministério. Somente as emendas individuais e de bancada têm o pagamento obrigatório estabelecida na Constituição, independentemente de adimplência ente federado.

As condições de regularidade para transferência de emendas variam conforme o tamanho do município.

Municípios com menos de 50 mil habitantes devem estar em dia com Previdência e precatórios. Estão nessa situação 33,5% (1.661) das cidades. No entanto, a LDO (Lei de Diretrizes Orçamentárias) deste ano e de 2023 dispensou a necessidade de adimplência para municípios desse porte receberem os recursos.

As regras são mais rígidas para municípios com população superior a 50 mil habitantes. Eles precisam estar regularizados no Cauc, sistema que abrange a Certidão Previdenciária e dos precatórios, além de outros itens.

O serviço disponibiliza informações sobre o cumprimento de requisitos fiscais necessários para entes federativos, órgãos, entidades e organizações da sociedade civil poderem celebrar instrumentos de transferência de recursos do governo federal.

Os cálculos preliminares indicam que, no próximo ano, os recursos para as emendas de relator devem somar cerca de R$ 19 bilhões no Orçamento. Esse valor, no entanto, só deve ser definido na LOA (Lei Orçamentária Anual), a ser discutida neste segundo semestre.

Na LDO de 2023, houve uma tentativa de tornar o pagamento dessas emendas obrigatório. O artigo que determinava a execução dessas emendas tinha apoio de líderes do centrão e havia sido articulado diante do cenário de favoritismo do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) na corrida presidencial.

Com reação do presidente do Congresso, Rodrigo Pacheco (PSD-MG), no entanto, deputados e senadores recuaram e decidiram retirar a impositividade das diretrizes orçamentárias do próximo ano.

Três Cs e um P ajudam a entender por que a comida está tão cara neste ano

Clima, China, Covid e perdas passadas dos produtores são algumas das causas da alta de preços que vai das commodities às hortaliças e frutas

ANÁLISE

Mauro Zafalon

SÃO PAULO Por meio de canetadas, a inflação dá sinais de desaceleração, na taxa média. Os alimentos, porém, continuam em alta. E aqui não há a possibilidade de canetadas.

A alta da comida, que ajudou a empurrar a taxa de inflação no mundo para os maiores patamares em quatro décadas, tem causas distantes.

Nos grãos, começou com a forte demanda asiática, principalmente da China, há pelo menos cinco anos. Depois foi a vez das carnes, devido à explosão da peste suína africana na China, que mais produz e mais consome essa proteína.

Os chineses foram ao mercado internacional e impulsionaram os preços não só da carne suína como também os da bovina e de frango, um patamar que ainda se mantém.

A pandemia teve boa participação nessa trajetória. Até então, tudo funcionava normalmente, e os países tinham estoques limitados de alimentos. Até a China, tradicional formadora de reservas, estava reduzindo seus volumes.

Com a pandemia e a desestruturação do transporte mundial, os países foram ao mercado internacional para fazer estoques e garantir a segurança alimentar. Alguns limitaram suas exportações.

Quando parecia voltar uma relativa estabilidade na economia mundial, a invasão da Ucrânia pela Rússia fez crescer as incertezas sobre o abastecimento global de alimentos.

Além de todos esses fatores, um outro fenômeno, e com poder de estrago ainda maior, afeta fortemente o mercado de alimentos: o clima, que derruba a produção em um período de forte demanda mundial. Com isso, os estoques mundiais voltaram para patamares muito baixos.

Um exemplo claro desse efeito do clima —que se espalhou pela Índia, Austrália, China, Estados Unidos, Europa e América do Sul— é o do Brasil. Nas duas últimas safras, seca e geadas afetaram culturas que vão de café a hortifrútis e fizeram o país perder 20 milhões de toneladas de milho e outros 20 milhões de toneladas de soja.

O país esperava chegar a 300 milhões de toneladas de grãos, mas produziu 255,5 milhões em 2021 e deverá obter 271 milhões neste ano.

Demanda internacional forte e oferta menor de alimentos trouxe sérias consequências para o consumidor brasileiro, que teve uma grande perda de renda no período.

A inflação elevada, no entanto, bateu também no campo. Os grandes produtores e exportadores mantêm liquidez, devido aos preços internacionais das commodities ainda elevados, mas os pequenos —muitas vezes voltados só para o mercado interno— ficaram com custos elevados e demanda baixa para seus produtos.

O resultado foi um investimento menor na produção e uma consequente oferta menor. É o que ocorre nos setores de hortifrútis e de leite, alguns dos itens que puxam a inflação para cima.

Pesquisa sobre tomate deu números ao problema

Os produtores de tomate elucidam esse cenário. Em geral pequenos, eles têm custos de em média R$ 185 mil para cultivar um hectare de terra com o produto. Em alguns casos, esses gastos sobem para até R$ 275 mil, diz João Paulo Bernardes Deleo, pesquisador da área de hortaliças do Cepea (Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada). O investimento é alto para um retorno duvidoso.

Continua na pág. A23

+ A DANÇA DOS PREÇOS EM 8 QUINZENAS

As imagens desta página retratam produtos dependentes do mercado interno e da demanda hiperlocal das feiras livres: seus preços descolam da média registrada pelo IBGE. Batata, que no IPCA subiu 30% no ano, barateou na banca; cenoura, que no índice cai há quatro meses, encareceu. Na média, a banana chegou a cair 6% ou subir 11% de um mês para o outro, mas numa feira seguiu estável (e cara)

Variação de preços de 3.mai a 9.ago em feira da r. Ministro Godói (zona oeste de SP) - cenoura, mamão, cebola, tomate, banana, batata e alface- e da r. Décio Abramo (zona leste), onde 8 maçãs custavam R$ 5 em 14.jun e R$ 20 em 9.ago Danilo Verpa/Folhapress

Continuação da pág. A22

O produtor está vendendo a caixa por R$ 36,53, mas gastando R$ 35,96 para produzir.

O mínimo desacerto em uma safra deixa o agricultor endividado e o retira da atividade, mostra acompanhamento do pesquisador. Desde 2013, a área de tomate cai ano a ano no país.

Em um período em que a demanda e a renda dos consumidores brasileiros andam curtas, o produtor vai pensar duas vezes antes de investir. E isso vale para todas as culturas, diz o pesquisador.

Essa saída de pequenos produtores do mercado de hortifrútis reduz a oferta de produto, concentra a produção e permite que, cada vez mais, a formação de preços fique nas mãos de poucos.

O perigo ronda também a oferta de outros produtos básicos, como arroz e feijão. Nesses casos, o rendimento menor faz o agricultor sair da atividade e buscar a produção de itens destinados ao mercado externo, como soja e milho.

A Conab (Companhia Nacional de Abastecimento) divulgou na quinta (11) que os estoques de finais de feijão — aquele volume que sobra de uma safra para outra— caíram para 214 mil toneladas neste ano, 23% a menos do que o órgão previa em julho.

Já o de arroz será inferior a 2 milhões de toneladas, um recuo de 10%.

O segundo semestre é um período de maior oferta e de preços mais acomodados para os hortifrútis. Neste ano, porém, há um componente novo para os produtores: a intensa elevação dos custos. Deleo acredita que os preços não subirão, mas já estão em patamares elevados.

No setor de grãos, é o período de plantio para a nova safra de 2022/23. Os produtores também enfrentarão novos custos, mas já anteciparam parte das vendas da futura colheita a preços elevados, garantindo liquidez.

O pior mesmo fica para os agricultores voltados para o mercado interno. Vão enfrentar custos de produção elevados e demanda fraca, devido à queda na renda dos brasileiros. Um alívio poderá vir de parte dos programas de renda temporários do governo.

Um repasse maior nos preços dos alimentos pode vir ainda da aceleração dos custos dos agricultores, principalmente insumos básicos.

Um deles é o fertilizante, que tem preços ainda em patamares elevados, onde deverão ficar por um bom tempo.

A produção mundial recuou neste setor, os preços das matérias-primas subiram e a recuperação de minas ou a abertura de novas é um processo demorado. O resultado é uma oferta menor, disputa do insumo por vários países e preços elevados no mundo todo.

Comida depende de fatores que produtor não controla

A oferta mundial de alimentos ainda depende de fatores que afetam a produção e são incógnitas na decisão do produtor. O comportamento do dólar é um deles.

Em segundo lugar, a alta da taxa de juros no mundo poderá levar a uma recessão, afetando a demanda de alimentos, embora com impacto menor que no resto da economia.

O conflito da Rússia e da Ucrânia, dois grandes fornecedores mundiais de alimentos, abateu a oferta global.

Há, ainda, o fator clima. Difícil de ser medido antecipadamente, esse fenômeno tem derrubado a produção agrícola mundial, de pequenos e grandes empresários.

Neste momento, os olhos do mundo estão voltados para as lavouras dos Estados Unidos, líderes mundiais na produção de milho e grandes fornecedores de soja e de trigo. Por ora, o calor intenso nos períodos diurno e noturno no cinturão de maior produção já retirou do país o potencial máximo de produção. A safra será menor.

A cadeia de produção está interligada. Uma quebra nas safras de milho e de soja afeta produção e custos no setor de carne, de energia (via etanol e biodiesel) e de alimentos (pão, óleo de soja e outros).

O mundo, para continuar com patamares razoáveis de alimento, não suporta mais uma quebra de safra no Brasil, nos Estados Unidos ou na Europa. Os estoques estão baixos, e os preços devem continuar aquecidos.

Os alimentos podem até ter pequenas reduções de preços, como está ocorrendo com alguns produtos, mas o patamar atingido no Brasil e no mundo retira o poder de compra de boa parte dos consumidores, devido à perda de renda.

11,84%
é a inflação da **alimentação em domicílio** acumulada neste ano

24,17%
é quanto subiram no ano **hortaliças e verduras**; desde janeiro, o **alface** já viu seu preço subir 30%

13,15%
é a inflação do ano entre as **frutas**, sendo o dobro no caso das **maçãs**: 26,46%

39,58%
é quanto subiu desde janeiro **leite e derivados**

37%
das mulheres brasileiras disseram que **a comida foi insuficiente em sua casa** nos últimos meses, segundo pesquisa Datafolha feita no final de julho

Fonte: IBGE/IPCA

Carros elétricos ganham e perdem com pacote de Biden

Montadoras poderão precisar de vários anos para reformular suas cadeias para atender às novas regras

Jack Ewing

THE NEW YORK TIMES O pacote de leis sobre clima e energia aprovado pelo Congresso dos Estados Unidos visa dois objetivos nem sempre compatíveis: tornar os veículos elétricos (VE) mais acessíveis e ao mesmo tempo excluir a China da cadeia de suprimentos.

Representantes da indústria automobilística têm reclamado que os créditos fiscais propostos de US$ 7.500 para compradores de veículos elétricos vêm com tantas condições que poucos carros se qualificarão. Os compradores não podem ter renda muito alta, os veículos não podem custar muito e os carros e suas baterias precisam atender a requisitos de fabricação nos EUA que muitas montadoras não podem alcançar com facilidade.

"Será muito mais difícil para os carros e os consumidores se qualificarem para um crédito fiscal federal para comprar um VE", diz John Bozzella, presidente da Aliança para Inovação Automotiva, que representa grandes montadoras.

Os novos créditos favorecem empresas como Tesla e General Motors, que vendem carros elétricos há anos e reorganizaram suas cadeias para produzir nos EUA. Os veículos vendidos pelas montadoras vão recuperar incentivos que elas perderam porque venderam além de sua cota de 200 mil carros elétricos, segundo a lei atual. A nova legislação elimina esse limite.

A legislação pode ser mais espinhosa para empresas como Toyota e Stellantis, dona da Chrysler, Jeep e Ram, porque elas ainda não começaram a fabricar ou vender grande número de veículos movidos a bateria nos EUA.

A legislação efetivamente penaliza novas empresas de carros elétricos, como Lucid e Rivian, cujos veículos podem ser muito caros para se qualificarem para os créditos. Os incentivos se aplicam a sedãs que não custem mais de US$ 55 mil (R$ 283 mil) e picapes, vans ou SUVs que custem até US$ 80 mil (R$ 412 mil).

O sedã mais barato da Lucid custa mais de US$ 80 mil. As picapes elétricas da Rivian começam em US$ 72,5 mil, mas podem chegar facilmente a US$ 80 mil. A empresa disse que está avaliando se os clientes podem garantir os incentivos fazendo um acordo de compra antes que a nova lei entre em vigor.

Mesmo as montadoras que poderiam perder o acesso a créditos fiscais podem se beneficiar de outras maneiras. O projeto inclui bilhões de dólares para ajudar as montadoras a construir fábricas e estabelecer cadeias de suprimentos locais. Os revendedores lucrarão com uma provisão que concede US$ 4.000 em créditos para veículos elétricos usados.

"Temos que olhar para esta lei em sua totalidade", diz Margo Oge, ex-diretora do Escritório de Transporte e Qualidade do Ar da Agência de Proteção Ambiental. "É perfeita? Não. Ela vai criar empregos e será boa para o clima."

Assim que as montadoras fizerem as alterações exigidas pela lei, poderão oferecer aos clientes incentivos generosos pelo resto da década e mais algumas. Pode levar alguns anos, mas com o tempo a legislação ajudará a tornar os carros elétricos mais baratos do que os veículos a gasolina e diesel, segundo analistas.

Uma característica do projeto de lei que gerou mais reclamações exigiria que até 2024 pelo menos 50% dos componentes de uma bateria de carro elétrico viessem dos EUA, Canadá ou México. A porcentagem sobe para 100% em 2028. E a participação dos minerais em baterias que precisam vir dos EUA ou de um aliado comercial subirá para 80% em 2026.

Executivos do setor disseram que as montadoras levariam cinco anos para reformular suas cadeias para que seus produtos se qualificassem para créditos fiscais.

Outros dizem que é exagero. "Eu ficaria chocado se esse fosse o caso", disse Joe Britton, diretor executivo da Zero Emission Transportation Association, cujos membros incluem a Tesla e fornecedores de baterias. Embora a organização preferisse menos restrições, disse Britton, "ainda vemos isso como um grande acelerador da eletrificação do transporte, especialmente em comparação com onde estávamos há um mês".

Com o tempo, os limites de renda incentivarão as montadoras a oferecer veículos mais baratos, disse Mark Wakefield, um dos líderes da seção automotiva e industrial da consultoria AlixPartners.

Os preços e as regras criadas também incentivarão as montadoras a desenvolver baterias mais baratas, que exigem menos matérias-primas importadas. A Tesla e outras montadoras já vendem carros com baterias à base de ferro e fosfato (LFP), em vez de níquel e cobalto, caras e feitas em países com direitos humanos e ambientais discutíveis.

Tradução de Luiz Roberto M. Gonçalves

Vinicius Torres Freire
O colunista está em férias

Combate à inflação nos EUA

Há sinais de que o processo inflacionário está muito disseminado

Samuel Pessôa

Pesquisador do Instituto Brasileiro de Economia (FGV) e da Julius Baer Family Office (JBFO). É doutor em economia pela USP

Na semana que passou tivemos a divulgação da inflação de julho para a economia americana. A alta de preços foi de 0% ante junho e, em 12 meses, diminuiu de 9,1% em junho para 8,5% . Começa o processo de redução da inflação cheia nos Estados Unidos. A queda foi liderada pelo preço das matérias-primas de energia, com deflação de 7,6%.

Há muita reversão de choques de preços para ocorrer nos próximos meses. Por exemplo, a inflação de alimentos fechou julho a 11% em 12 meses.

A taxa básica de juros fixada pelo Banco Central deles, o Fed, após a elevação de 0,75 ponto percentual na reunião de final de julho, encontra-se no intervalo entre 2,25% e 2,5%. Tudo sugere que o ciclo de alta da taxa básica, conhecida por fed funds, irá até o intervalo de 3,75% a 4%. Em algum momento no primeiro trimestre de 2023 o Fed encerrará o ciclo de alta.

A dúvida maior é o grau de inércia na inflação no final do primeiro trimestre de 2023. Uma outra maneira de olhar o problema é sabermos em que nível a inflação se estabilizará após a reversão dos choques. Provavelmente em uma faixa entre 3% e 5%. Exatamente em que valor ninguém sabe. Há sinais de que o processo inflacionário está muito disseminado. Nos últimos 12 meses, a mediana das taxas de variação dos diversos itens que compõem o IPCA deles elevou-se 6,7%.

Se em março de 2023 descobrirmos que a inflação está próxima de 3% e as expectativas 12 meses à frente apontam inflação na casa de 2,5%, o Fed —dado que a meta é 2% e que nos últimos anos aumentou a tolerância do BC dos EUA com desvios para maior— pode começar um ciclo de normalização da taxa de juros. O custo em termos de desemprego da desinflação terá sido muito baixo. Será uma excelente notícia.

Se, por outro lado, em março de 2023 a inflação se estabilizar em 5% e as expectativas 12 meses à frente estiverem na casa de 3,5% ou mais, o Fed não poderá parar o ciclo de elevação da taxa. Será necessária uma desaceleração mais acentuada da economia americana para que a taxa de desemprego suba e, consequentemente, se quebre a inércia e a inflação caia.

No primeiro semestre, a economia americana recuou 2,5%: 1,6% no primeiro trimestre e 0,9% no segundo. No primeiro trimestre, o recuo ocorreu em função de dificuldades de a oferta atender à demanda privada, visto que esta cresceu 2,5%.

No segundo trimestre houve queda no investimento imobiliário e no consumo de bens. No entanto, o consumo de serviços cresceu acima de 4%. Adicionalmente, parcela significativa da demanda no segundo trimestre foi atendida por queda dos estoques, que retiraram 2 pontos percentuais do crescimento.

Dessa forma, não parece que a "recessão técnica" no primeiro semestre tenha sido de fato uma recessão fruto de carência de demanda agregada. Muito pelo contrário. Parece ter havido dificuldade de a oferta atender à demanda, consequência ainda da desorganização das cadeias produtivas globais e da guerra.

Também houve quedas, no segundo trimestre, no investimento imobiliário e no consumo de bens duráveis, em função da alta fortíssima desses segmentos na recuperação após a parada brusca da economia no segundo trimestre de 2020. Mesmo considerando a queda no segundo trimestre, o investimento imobiliário ainda roda 10% acima do nível observado no final de 2019 e o consumo de duráveis, 22% acima, para uma economia que está 2% acima.

E os dados de mercado de trabalho não apontam nenhuma acomodação. Em julho houve criação de mais de 500 mil empregos e os salários têm subido. Segundo o acompanhamento dos salários conduzido pela unidade do Fed de Atlanta, que limpa os resultados de movimentos provocados apenas por alterações na composição da força de trabalho, em julho os salários nominais elevaram-se 6% em 12 meses e 7% nos últimos três meses. Para aqueles trabalhadores que mudaram de emprego, os números são de respectivamente 6,7% e 8,5%.

Não parece que a desinflação será indolor.

| DOM. Samuel Pessôa | **SEG. Marcos Vasconcellos, Ronaldo Lemos** | TER. Michael França, Cecilia Machado | QUA. Helio Beltrão | QUI. Cida Bento, Solange Srour | SEX. Nelson Barbosa | SÁB. Marcos Mendes, Rodrigo Zeidan

Lei e mentalidade travam licença estendida para pais

Adesão a afastamento mais longo é pequena mesmo onde é permitido

Fernanda Brigatti

SÃO PAULO Dos cinco dias de licença-paternidade previstos na lei trabalhista, o designer Rodrigo Menezes, 32, sente ter usufruído de apenas um. O filho, hoje com 8 anos, nasceu após uma gestação de risco e ficou internado ao nascer. De volta ao trabalho, o empregador quis descontar do salário os dias de ausência.

"Argumentei que era um direito, mas ele dizia que não. Não foi a única razão, havia outros problemas, mas com certeza pesou para que eu pedisse demissão."

Uma poupança permitiu que ele passasse os três primeiros meses dedicado aos cuidados com o filho, ao lado da esposa. O tempo compartilhado, diz, permitiu o reequilíbrio da rotina. Quando voltou ao mercado, pegou trabalhos temporários e colocações em modelo home office.

"Com isso, participo de tudo. Levo e busco na escola, vou a reunião de pais, ao médico, e não imagino voltar para uma empresa que não respeite isso", afirma. "Depois de ter sido pai, tenho ainda mais certeza de que a licença de cinco dias é insuficiente."

A relação conflituosa de muitos empregadores com a licença de pais tem origem dupla, segundo especialistas, e que se retroalimentam: uma cultural e uma financeira. Ambas sucumbem à desigualdade de imposta pela legislação.

"É uma engrenagem. Há uma falsa percepção de que uma licença maior é apenas custo, mas as empresas que concedem igualdade de direitos transformam isso em investimento", diz Michelle Tiemi, CEO da consultoria Filhos no Currículo.

"O principal entrave [para a ampliação] é a mentalidade. Há muitos anos o cuidado cabe à mulher", afirma Daniela Diniz, diretora de conteúdo e relações institucionais da consultoria GPTW.

"O custo é, sim, um entrave prático, mas o maior tem relação com nossa cultura de ver filhos atrelados à mãe."

A lei brasileira prevê 120 dias para mães e cinco dias para os pais. Esse período pode mudar se a companhia aderir ao Empresa Cidadã, que permite estender a licença-maternidade a 180 dias, e a paternidade, a 20 dias. Segundo a Receita Federal, 25.845 empresas estão no programa.

A economista e professora da FGV (Fundação Getulio Vargas) Cecilia Machado, que é colunista da **Folha** e estuda o efeito da licença-maternidade sobre a participação das mulheres no mercado de trabalho, defende que aumentar a licença para homens reduziria também o abandono de carreiras pelas mães;

Segundo a GPTW, que classifica as melhores empresas para se trabalhar, em 2006, 100% das companhias ofereciam aos funcionários o mínimo previsto em lei e só.

"Nada extraordinário, e estamos falando das melhores empresas", diz Diniz.

Em 2021, o quadro muda, ainda que pouco, quando 5% das empresas disseram conceder entre um e três meses de licença-paternidade. Na GPTW, as licenças-maternidade e paternidade têm seis meses.

Eric Mamoru Oishi, 36, com o filho Miguel, 4 Karime Xavier/Folhapress

O custo é, sim, um entrave prático, mas o maior tem relação com nossa cultura de ver filhos atrelados à mãe

Daniela Diniz
diretora de conteúdo e relações institucionais da GPTW

Mesmo nas empresas em que o direito ao afastamento já ultrapassou o mínimo obrigatório por lei, gestores de recursos humanos veem certa resistência entre os funcionários em usar o período. Relatório de 2019 do Instituto Promundo aponta que 68% dos pais não tiraram nem mesmo os cinco dias a que têm direito.

Na empresa NTT Ltd, somente 12, entre os cerca de 900 funcionários, pediram a licença estendida desde novembro, quando o benefício foi implantado. Lá, os funcionários podem tirar seis semanas de licença remunerada e mais dez semanas sem remuneração.

"Não nasceram só 12 crianças, claro. Sabemos que não são todos que estão usando", afirma Daniela Gartner, diretora de recursos humanos.

Para ela, há na baixa adesão um pouco do perfil da NTT, que têm muitos novos funcionários, mas também o traço cultural do cuidado atribuído à mulher, vista como aquela a quem cabe lidar com a rotina pesada de um recém-nascido.

Tiemi, da Filhos no Currículo, defende que as empresas que estudam ampliar as licenças deem exemplo a partir das lideranças, ou a mudança não sai do papel.

Para o especialista de controladoria Eric Mamoru Oishi, 36, o momento é de expectativa. Seu segundo filho deve nascer em janeiro de 2023, quando, pela primeira vez, poderá tirar uma licença maior. Serão 28 dias de afastamento remunerado e, na volta ao trabalho, dois dias serão de home office.

"Acho que estarei mais tranquilo para voltar para minha rotina profissional depois de ter passado mais tempo com a família. Além disso, o modelo híbrido de trabalho, que não tive em minha primeira experiência, deve ajudar bastante."

Na Superdigital, onde trabalha há um ano, passou até por um curso para pais.

"Eu e minha esposa já planejávamos ficar 'grávidos' novamente. Quando tive meu primeiro filho, teria ajudado bastante se tivesse tido a possibilidade de passar mais tempo em casa, principalmente se já tivesse acesso ao conteúdo do curso preparatório."

Juliana Abreu, diretora-executiva e sócia do BCG (Boston Consultin Group), avalia que as licenças prolongadas passarão a ter cada vez mais peso na retenção de funcionários e na redução da rotatividade. No BCG, homens e mulheres têm direito a seis meses.

O próximo debate a ser colocado, diz a gestora, é a diferenciação que a legislação brasileira faz entre as licenças, perpetuando a noção de que a responsabilidade pelo cuidado é das mães.

Para a advogada Caroline Marchi, sócia trabalhista do escritório Machado Meyer, a busca por diversidade nas equipes também acentuou a necessidade de paridade nos benefícios. No meio empresarial, muito dessa demanda vem da agenda ESG, sigla para boas práticas ambientais, sociais e de governança.

Grandes empresas como Twitter (licença de 20 semanas), Merck Brasil (60 dias), Diageo (26 semanas) e Grupo Boticário (120 dias) adotaram políticas diferentes para os afastamentos parentais.

Marchi considera que a legislação não consegue acompanhar as transformações, transferindo para as empresas a responsabilidade de ajustar suas políticas.

"O governo está sempre atrasado, não vê o que vai mudando na sociedade e segue impondo discriminação."

A advogada Marcella Ferreira e Cruz, do Machado Meyer, diz que hoje o ônus de equalizar a duração das licenças é assumido integralmente pelas empresas, mas que a jurisprudência avança para ampliar os direitos e obrigar o INSS a contemplar outros tipos de afastamento, como a concessão de 180 dias para duas mães adotivas.

Atualmente, quem concede período maiores para cuidados secundários (como estão sendo chamados mães e pais que não geraram ou que não são enquadrados como titulares da licença-maternidade) lança esses afastamentos como licenças remuneradas no eSocial (sistema de escrituração), uma vez que não há previsão de outro tipo de enquadramento.

A regra do INSS para adotantes prevê 120 dias de licença, sejam homens ou mulheres. Ainda assim, um servidor federal precisou ir à Justiça para garantir o direito a 180 dias de licença. Ele foi pai a partir de uma fertilização in vitro e registrou sozinho os filhos.

Para o STF (Supremo Tribunal Federal), a jurisprudência legitima novas configurações familiares, "sempre com a finalidade da proteção integral da criança e do adolescente", disse o ministro Alexandre de Moraes na decisão.

Estudo divulgado pela Organização Internacional do Trabalho diz que investimentos em licenças remuneradas para pais e mães e em serviços de cuidados com crianças e idosos poderiam gerar quase 300 milhões de postos de trabalho até 2035. Segundo o relatório, 1,2 bilhão dos homens em idade de reprodutiva vivem em países onde o direito à licença-paternidade não existe.

Edson Ikê

Tambores e fumaça

O processo eleitoral promete muita ameaça e pouco debate

Marcos Lisboa
Presidente do Insper, ex-secretário de Política Econômica do Ministério da Fazenda (2003-2005) e doutor em economia.

A disputa eleitoral se anuncia como confronto embalado por intimidações e tambores. Existe o receio de que os disparates não fiquem restritos às palavras de ordem.

Nos dias que se seguiram ao 7 de Setembro do ano passado, ocorreram ameaças de bloqueios de estrada e esboços de manifestações violentas. Houve quem temesse o descontrole. Naquele momento, o STF (Supremo Tribunal Federal) declarou, com sua autoridade constitucional, que não compactuaria com a ruptura. Foi eficaz.

Desde então, o Judiciário tem sido conivente com a ruptura de práticas institucionais que garantem a concorrência eleitoral. Parlamentares aprovam gastos públicos insustentáveis para beneficiar suas paróquias nos meses que antecedem as eleições.

Em países desenvolvidos, as Forças Armadas ficam à margem da deliberação dos processos eleitorais. Elas têm acesso a instrumentos de coerção e por isso devem se submeter aos poderes civis, que foram eleitos. Militares são pagos para proteger fronteiras, não para se ocupar de urnas eletrônicas.

O mesmo vale para forças policiais. Elas são zeladoras do bem comum, não seus síndicos. Cabe-lhes obedecer às ordens, não ditá-las, muito menos delimitar a escolha de seus chefes, com propõe projeto de lei no Congresso.

O STF de setembro de 2021 não se parece com o STF dos últimos meses. O orçamento secreto continua secreto. Os fundos eleitoral e partidário permanecem instrumentos de poucos mandantes. As denúncias de malfeitos com verbas públicas não têm maiores consequências. E, em meio a todas as dificuldades econômicas que vive a população, o STF se autoconcede um reajuste salarial de dois dígitos.

O Legislativo de 2022, por sua vez, continua sua obra de usurpar funções do Executivo. Congressistas determinam a servidores que executem gastos para atender a interesses paroquiais, pois são "emendas impositivas" ou parte do acordo do que cabe às emendas do relator. A PEC Kamikaze atropelou o rito do Legislativo e princípios básicos do processo eleitoral.

As campanhas pouco discutem como enfrentar esses temas. Governo e parlamentares são sócios das verbas que privilegiam os congressistas e aliados das cúpulas partidárias em detrimento dos demais. O governo descobriu o "teto retrátil". A oposição com mandato igualmente se beneficia das emendas e do fundo eleitoral.

Existes diferenças relevantes. Os apoiadores do governo preocupam pela brutalidade e reiteradas ameaças às instituições. A principal oposição, por outro lado, aceita as regras elementares da democracia. Mas há também semelhanças perturbadoras.

As seguidas intervenções nas agências reguladoras começaram há duas décadas. Houve a ameaça de expulsão de um jornalista estrangeiro e os pedidos de demissão de analistas do setor privado que criticavam o governo.

Refugiados cubanos pediram exílio, mas foram deportados. Houve complacência com regimes autoritários, como o da Venezuela. O valor fundamental da democracia, que agora se utiliza para congregar a oposição, não era tão relevante naquele momento.

A troca de favores com os grupos de interesse e o fortalecimento dos partidos do centrão passaram a liderar a política há mais de uma década. A Lava Jato atropelou o Estado de Direito. O mesmo fez, contudo, a corrupção disseminada que a antecedeu.

FHC transmitiu uma faixa presidencial e um legado de instituições de Estado, com procedimentos para administrar conflitos, como a Lei de Responsabilidade Fiscal ou as agências reguladoras.

Seus sucessores, contudo, legaram uma economia corroída pela distribuição de subsídios e de favores ao setor privado. Houve uma paulatina fragilização dos procedimentos de controles cruzados da política pública. No começo da década passada, o governo se utilizou de inúmeros artifícios para mascarar as suas contas e promover gastos insustentáveis.

O presidente aparenta preferir não participar de debates. O mesmo ocorre com seu oponente. Ambos defendem medidas similares em diversos temas, como no controle de preços dos combustíveis. Os partidos governistas e da oposição são cúmplices na banalização das emendas à Constituição.

Tudo indica que a economia continuará estagnada nos próximos anos. As distorções microeconômicas, decorrentes deintervenções públicas mal desenhadas, prejudicam o aumento da produtividade e da renda. O descontrole fiscal foi camuflado pela inflação elevada, talvez a forma mais perversa de ajustar as contas públicas.

A evidência aponta que parte relevante da pobreza de muitos países decorre do desenho e da gestão das políticas sociais e da proteção de empresas ineficientes. Vale ler o livro "Making Social Spending Work", de Peter Lindert, e o artigo "The Facts of Economic Growth", de Chad Jones. No entanto, a campanha avança como se bastassem o voluntarismo e a intenção para superar nossos problemas.

A política importa, mas a técnica também. O detalhamento da gestão pública, seja no desenho de programas de transferência de renda, seja na complexa relação com o setor privado, requer cuidado técnico, governança e análise da evidência. Intervenções tecnicamente mal concebidas têm efeitos colaterais inversos aos pretendidos.

O Estado de Direito se fortalece com a garantia ao contraditório e o sistema de freios e contrapesos para a gestão pública. Não se tratam de temas abstratos. Eles se desdobram nas práticas do governo em países desenvolvidos, como a não retaliação da imprensa que o critica, por mais injusta que seja, e o não favorecimento daquela que o apoia.

As democracias maduras construíram mecanismos que limitam a discricionaridade da gestão pública para favorecer grupos de interesse pelo receio de corrupção. Existe outro risco. Políticas baseadas em subsídios muitas vezes fracassam em seus objetivos. Entretanto, elas criam castas que se beneficiam desses privilégios e que se entrincheiram para evitar sua remoção (Mancur Olson, "The Logic of Collective Action").

Gestores, públicos e privados, costumam esconder seus fracassos ou malfeitos. Por vezes, adotam medidas oportunistas, com benefícios imediatos em troca de custos bem mais altos no futuro. Daí a importância de uma governança, incluindo agências reguladoras, com mandato e alçadas, que garanta a transparência dos procedimentos e a avaliação dos resultados.

Nas últimas duas décadas, fomos na contramão dessa agenda e assistimos à fragilização das regras e das instituições de controle. O resultado foi a maior captura da política pública por grupos de interesse, tornando, por exemplo, ainda mais complexo o sistema tributário e a multiplicidade de benefícios concedidos.

O discurso eleitoral se omite sobre nossos problemas, inclusive muitos que fragilizam as práticas e instituições da democracia. Haverá compromissos públicos para garantir que desta vez será diferente, ou teremos apenas mais do mesmo que nos trouxe até aqui?

| **DOM.** Ana Paula Vescovi, Marcos Lisboa, **Candido Bracher**, Arminio Fraga

Brasil completa 1 ano de reabertura de escolas com diagnóstico precário

Cenário sobre queda de aprendizado e saúde mental de alunos é parcial; Folha lança documentário

Cena do documentário 'Desconectados', sobre educação na pandemia; acima, cartaz do filme
Pedro Ladeira/Folhapress

Paulo Saldaña, Pedro Ladeira e Cézar Feitoza

BRASÍLIA O Brasil completa neste mês um ano do início da reabertura das escolas públicas com um diagnóstico ainda prejudicado da educação. O país foi um dos recordistas em tempo de unidades de ensino fechadas na pandemia.

Estudos indicaram prejuízos no aprendizado, na manutenção das matrículas e na saúde emocional de alunos e professores. Mas ainda é parcial o cenário dos desafios, o que dificulta a tomada de decisões, segundo especialistas.

O período sem aulas presenciais, iniciado em março de 2020, foi marcado pela resposta desigual na oferta do ensino remoto. Isso foi reflexo da falta de coordenação do MEC do governo Jair Bolsonaro e da ausência de apoio federal a prefeituras e estados.

O MEC —que foi procurado, mas não respondeu— também não criou um plano de monitoramento de aprendizado dentro da pandemia. A decisão foi manter a aplicação, já prevista, da avaliação da educação básica, o Saeb, só no fim de 2021.

No entanto, o governo não conseguiu uma participação ampla dos alunos, o que pode resultar em uma divulgação esvaziada, segundo relatos feitos à **Folha** por técnicos do Inep. Poucos estados atingiram o percentual mínimo de presença nas provas para que, segundo as regras atuais, haja divulgação e cálculo do Ideb (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica).

A expectativa de divulgação é para setembro, mas, até agora, há indefinição sobre possíveis mudanças nas regras de participação mínima (hoje em 80%) e até mesmo se teremos divulgação do Ideb por escola. Só com essa divulgação o país terá informações oficiais sobre abandono de alunos, por exemplo. O Inep não respondeu à reportagem. A última edição com dados disponíveis é a de 2019 —em 2020, a avaliação não foi aplicada.

Outra decisão federal que atravancou um diagnóstico mais seguro foi a do IBGE de não divulgar resultados para o tema da educação relacionados à PNAD (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios) de 2020 e 2021. O motivo, segundo o órgão disse em julho, foi a dificuldade de coleta.

Levantamento da **Folha** com as secretarias estaduais de Educação mostra que somente dez estados realizaram avaliações de larga escala. Das 27 unidades da Federação, seis não responderam.

Os 38 milhões de alunos de escolas públicas enfrentaram 287 dias de escolas fechadas entre 2020 e 2021, segundo o Inep. A média equivale a quase um ano letivo e meio.

O ensino remoto esbarrou em problemas estruturais, como a falta de conectividade. Com a escola fechada, a rotina da estudante Ana Júlia, 12, e sua mãe, a monitora Juliane Ferreira, 32, passou a incluir a subida de um morro à beira da estrada, na zona rural de Brasília. Só lá no alto é que havia sinal de internet para acessar a plataforma da secretaria de Educação.

O dia a dia da família Ferreira, assim como o de outros estudantes e educadores da capital federal, integram o documentário "Desconectados", longa-metragem que a **Folha** lança neste mês. A pré-estreia será no Espaço Itaú de Cinema nos dias 22, em São Paulo, e 24, em Brasília. O documentário tem parceria com o Instituto República.

As dificuldades enfrentadas na pandemia vieram acompanhadas de queda de investimentos. O MEC teve o menor orçamento da educação básica da década em 2020. As reduções também se deram em estados e municípios. No ano passado, 846 cidades não cumpriram o mínimo constitucional de investir 25% das receitas em educação.

Algumas avaliações realizadas recentemente mostraram prejuízo considerável de aprendizado. Os estudantes de ensino médio da rede estadual de São Paulo tiveram em 2021 o menor rendimento em matemática desde 2010.

Outras mensurações partiram de organizações ligadas à educação. Uma avaliação obtida pela **Folha**, aplicada em 14 redes estaduais, apresenta um grave retrocesso. O Iede (Interdisciplinaridade e Evidências no Debate Educacional) calculou o resultado de testes aplicados no fim de 2021 com os resultados do Saeb de 2019. Os alunos de 9º ano apresentaram defasagem equivalente a um ano de escolaridade em matemática, na comparação com 2019, segundo o estudo do Iede em parceria com a empresa Primeira Escolha.

O movimento Todos pela Educação calculou, com base na PNAD, que houve um aumento, entre 2019 e 2021, de 66,3% no número de crianças de 6 e 7 anos de idade que, segundo seus responsáveis, não sabiam ler e escrever.

O retorno presencial ocorreu em agosto de 2021 na maior parte do país, mas de maneira escalonada. A volta às atividades 100% presenciais só ocorreu mais tarde —dos 21 estados que responderam à **Folha**, em 19 o retorno integral se deu após outubro. Somente Amazonas e Paraná tiveram aulas totalmente presenciais antes de setembro.

As reações após a reabertura também foram desiguais. Só 39% dos alunos tinham aulas de reforço após o fim do 1º semestre, segundo pesquisa Datafolha encomendada por Fundação Lemann, Itaú Social e BID (Banco Interamericano de Desenvolvimento).

Somente no fim de 2021 o MEC lançou uma plataforma para auxiliar na recuperação. Segundo Luiz Miguel Garcia, presidente da Undime (que representa dirigentes municipais), o site começou a ser usado mais sistematicamente pelas prefeituras. "Ninguém tinha a ilusão que os alunos iam chegar bem na escola, mas foi mais grave do que imaginávamos. Temos enfrentado problemas de ansiedade, inclusive de professores."

Mais de um terço dos estudantes, segundo o Datafolha, estão com dificuldades de controlar emoções. E 18% sentem-se tristes ou deprimidos.

A professora da UnB Catarina de Almeida explica que questões como aprendizagem e condições de vida são interligadas. "Precisaríamos avaliar como os estudantes estão nas perspectivas social e de saúde física e psíquica. E a partir disso saber em qual página do currículo o estudante voltou. Se não sei onde estamos, como vou saber aonde quero e posso chegar?"

Pandemia e educação

Impactos de interrupção de aulas desafia país

Média de 2020 a 2021 de dias sem aula presencial

% de alunos com aprendizado adequado*

Compara Saeb, a avaliação federal, com testes aplicados no fim de 2021 em 14 redes

Língua Portuguesa
Matemática

5º ano

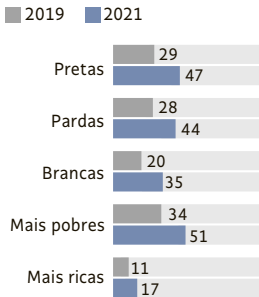
9º ano

Crianças de 6 a 7 anos que não sabem ler

Segundo os pais, com base na PNAD, em milhões

Desigualdades

% de crianças de 6 e 7 anos que não sabiam ler

2019 2021

Ações oferecidas aos alunos pelas escolas

Em maio de 2022, em %

Oferta de reforço escolar

Em maio de 2022, em %

Por etapa

Por tipo de oferta

Queda de investimentos

Nº de municípios com gastos abaixo de 25% das receitas em educação

* Proficiências consideradas adequadas a partir dos critérios do movimento Todos Pela Educação | Fontes: Inep; Fundação Lemann/Itaú Social/BID/Datafolha; Iede/Primeira Escolha; Todos Pela Educação/PNAD; CNM

Adams Carvalho

Sonhei com um veleiro

Depois de me mudar, quase entrei em guerra com um vizinho

Antonio Prata

Escritor e roteirista, autor de "Nu, de Botas"

Nesta semana (emoldurada por esta década nefasta, pendurada na parede deste ano desesperador) quase entrei em guerra com um vizinho. Acontece que mudei pra uma casa linda. Quintal, mexeriqueira, pitangueira, flores. Dormi a primeira noite com o cheiro das camélias entrando pela janela e sonhei com um mar azul, singrado por um barquinho de pescador, desses de tela naif em feirinha hippie, que você aluga pelo litoral do Brasil para comer lula à dorê com os pés na areia de praias quase desertas. Uns chamam de baleeira, o que nunca entendi direito: o barquinho é pequeno, daria pra pescar no máximo um tubarão. O nome mais popular, contudo, é toc-toc, por causa do barulho.

Acordei sorrindo no quarto novo, o toc-toc-toc-toc-toc ainda ressoando nos meus ouvidos, mas o sorriso foi sumindo assim que o barulho, eu percebia, não. Abri a janela: na casa dos fundos, no fim do meu quintal, próximo a umas caixas d'água, havia um motor infernal, que não me abandonou nem naquela manhã, nem naquela tarde, nem naquela noite, nem nos dias seguintes. "A notícia boa", diria Deus, "é que você vai morar num mini Éden. A ruim é que no seu Édenzinho vai ter, noite e dia, uma Brasília a álcool esquentando ad eternum".

Com o auxílio do Google Maps, tentei localizar o número certo na rua de trás. Enquanto pareava a flechinha azul sobre a minha casa com a bolinha azul da minha geolocalização, lembrei da piada do macaco. O cara tá numa estrada de terra. De noite. Chove. Fura um pneu. Ele abre o porta-malas e descobre que não tem macaco. Avista, no alto de um morro, uma casinha com a luz acesa. Subindo a piramba, sem guarda-chuva, metendo os pés em poças e cocôs de vaca, ele pensa: só falta eu chegar lá e o dono da casa não ter macaco. Uns metros adiante —já se arranhou num arame farpado e deu joelhada num cupinzeiro: pior, só falta eu chegar lá e o mala não querer me emprestar o macaco. Encharcado, com frio, já antevendo uma pneumonia, ele chafurda mais e mais no pessimismo: o cretino vai falar "tenho macaco, sim, mas não quero que molhe". Ou: "tenho, mas é meu, não empresto". Quando finalmente chega, bate na porta e ela se abre, grita pro dono da casa: "sabe o que você faz com esse macaco?! Enfia no rabo!". (A piada fica mais engraçada substituindo "rabo" por seu sinônimo de duas letras, mas em nome do decoro —ainda mais escrevendo num jornal cujo slogan já foi "De rabo preso com o leitor"- vamos na versão família).

Embora de dia, caminhando seco e pela calçada, eu ia em direção ao vizinho minhocando como o neurótico da piada. O vizinho vai dizer que a lei do Psiu o permite fazer barulho até as 22 horas. Vai dizer que é juiz, desembargador, delegado, "advogado". Vai defender as liberdades do cidadão de bem contra o "comunismo silenciador". Ele deve ter porte de arma, vai dar tiros na minha mexeriqueira e jogar carne com chumbinho pro meu cachorro —felizmente, lembrei, subitamente aliviado, que não tenho cachorro.

Toquei a campainha. O vizinho não estava. Expliquei a questão pra funcionária que me atendeu, mostrei um vídeo de dentro do quarto dos meus filhos e deixei o número do meu celular. Naquela mesma noite, ele (Marcos) enviou uma mensagem que me deixou atônito, pelo descolamento brutal em relação à realidade brasileira. "Antonio, desculpe, sinceramente. Tenho um poço e ali está a bomba. Vou fazer uma proteção que a envolva. Peço apenas que tenha paciência até eu viabilizar a obrinha. Abs". Não deu nem dois dias e o barulho sumiu, trazendo-me de volta um fiapo de esperança no futuro da nação.

Esta noite, sonhei com um veleiro.

| DOM. Antonio Prata | SEG. Marcia Castro, **Maria Homem** | TER. Vera Iaconelli | QUA. Ilona Szabó de Carvalho, Jairo Marques | QUI. Sérgio Rodrigues | SEX. Tati Bernardi | SÁB. Oscar Vilhena Vieira, Luís Francisco Carvalho Filho

Clínicas de diálise vão ao STF contra piso da enfermagem

Ação pede que seja suspensa a lei que autorizou reajuste salarial da categoria

Cláudia Collucci

SÃO PAULO A ABCDT (Associação Nacional dos Centros de Diálise e Transplante) decidiu entrar como amicus curiae (amigo da corte) em uma ação ingressada no STF (Supremo Tribunal Federal) que pede a nulidade da lei que instituiu o piso nacional da enfermagem. A ADI (Ação Direta de Inconstitucionalidade) foi proposta pela a CNSaúde (Confederação Nacional de Saúde, Hospitais e Estabelecimentos e Serviços).

Sancionada pelo presidente Jair Bolsonaro (PL), a lei não determinou qual seria a fonte de custeio para esse aumento salarial de enfermeiros, técnicos e auxiliares. A medida cria um piso mensal de R$ 4.750 para os enfermeiros. Técnicos em enfermagem devem receber 70% desse valor, e auxiliares de enfermagem e parteiras, 50%.

Entidades nacionais de representação do setor privado de saúde têm alertado para o custeio do aumento salarial, e alguns hospitais privados já estudam demitir funcionários, segundo a CNSaúde.

Associações de hospitais e planos de saúde também se reuniram com a ANS (Agência Nacional de Saúde Suplementar) nesta semana para comunicar o órgão que a nova lei do piso da enfermagem vai gerar repasse de custos no setor, com possível impacto sobre o consumidor final, com aumento das mensalidades.

Pelos cálculos que levaram à ANS, a estimativa é que o impacto chegue a R$ 16 bilhões nos setores público e privado.

Para a ABCDT, a realidade da diálise é a mais grave em todo o sistema de saúde brasileiro porque 87% dos pacientes renais do país são atendidos por clínicas privadas conveniadas ao SUS, que já vinham enfrentando uma crise por falta de reajustes da tabela SUS.

O setor estima que o valor pago pelo sistema já estava ao menos 32% abaixo dos custos de uma sessão de diálise antes mesmo do novo piso da enfermagem.

Segundo a entidade, uma sessão hoje tem custo médio de R$ 288. O SUS repassa R$ 218, uma defasagem de R$ 70. Agora, com o novo piso, a próxima folha de pagamento das clínicas será 25% maior na média nacional.

> Sem fonte de financiamento para custear o aumento, de imediato muitas clínicas estão deixando de aceitar novos pacientes SUS. Mas, em breve, as clínicas terão que fechar as portas
>
> **Yussif Ali Mere Junior**
> Nefrologista e presidente da ABCDT

De acordo com a associação, em clínicas de regiões do país em que os salários eram bem menores do que o novo piso, o aumento da folha de pagamento chega a 138%.

Hoje, são quase 150 mil pessoas tratando da doença renal crônica no país, sendo que pelo menos 3.000 estão aguardando vaga para fazer diálise ambulatorial, segundo a ABCDT. Há cerca de 800 centros de diálise atuantes no Brasil.

"Sem fonte de financiamento para custear o aumento [gerado pelo piso da enfermagem], de imediato muitas clínicas estão deixando de aceitar novos pacientes SUS. Mas, em breve, as clínicas terão que fechar as portas", diz o nefrologista Yussif Ali Mere Junior, presidente da ABCDT.

Um levantamento da associação mostrou que 40 clínicas fecharam as portas nos últimos seis anos devido à crise de subfinanciamento do tratamento de diálise, o que deve se agravar caso a fonte de financiamento do novo piso não seja definida, segundo Ali Mere.

Morre americano atingido por bala perdida no Rio

RIO DE JANEIRO A Polícia Civil do Rio de Janeiro investiga de onde partiu o tiro que matou o americano Joseph Trey Thomas, 28. Ele morreu na madrugada de sexta-feira (12) após ser atingido por uma bala perdida durante tiroteio próximo à comunidade do morro do Fubá, em Cascadura, na zona norte, na terça (9).

O rapaz foi baleado dentro do apartamento de uma amiga. Ele teria se levantado para pegar o controle remoto quando foi atingido no pescoço, segundo disseram amigos da dona do imóvel à reportagem. Joseph dava aulas de língua portuguesa em Los Angeles (EUA), onde morava, e estava de férias no Rio.

Segundo relatos, os tiros teriam sido provocados por traficantes e milicianos que disputam o controle da região. Moradores afirmam que a comunidade vem sofrendo com tiroteios frequentes.

Calçada percorrida por dom Pedro 1º na serra do Mar será restaurada

Imperador passou pela Calçada do Lorena na viagem de Santos a São Paulo, no Dia da Independência

Naief Haddad

CUBATÃO (SP) Uma das proezas da engenharia do século 18 em terras paulistas corre discreta sob a sombra de embaúbas, araçás e outras árvores da mata atlântica.

Primeiro caminho pavimentado do litoral ao planalto em São Paulo, com cerca de 9 km de extensão, a Calçada do Lorena começou a ser construída com pedras da região entre os anos de 1789 e 1790 e foi concluída em 1792, sob o comando do então governador da província, Bernardo José Maria de Lorena.

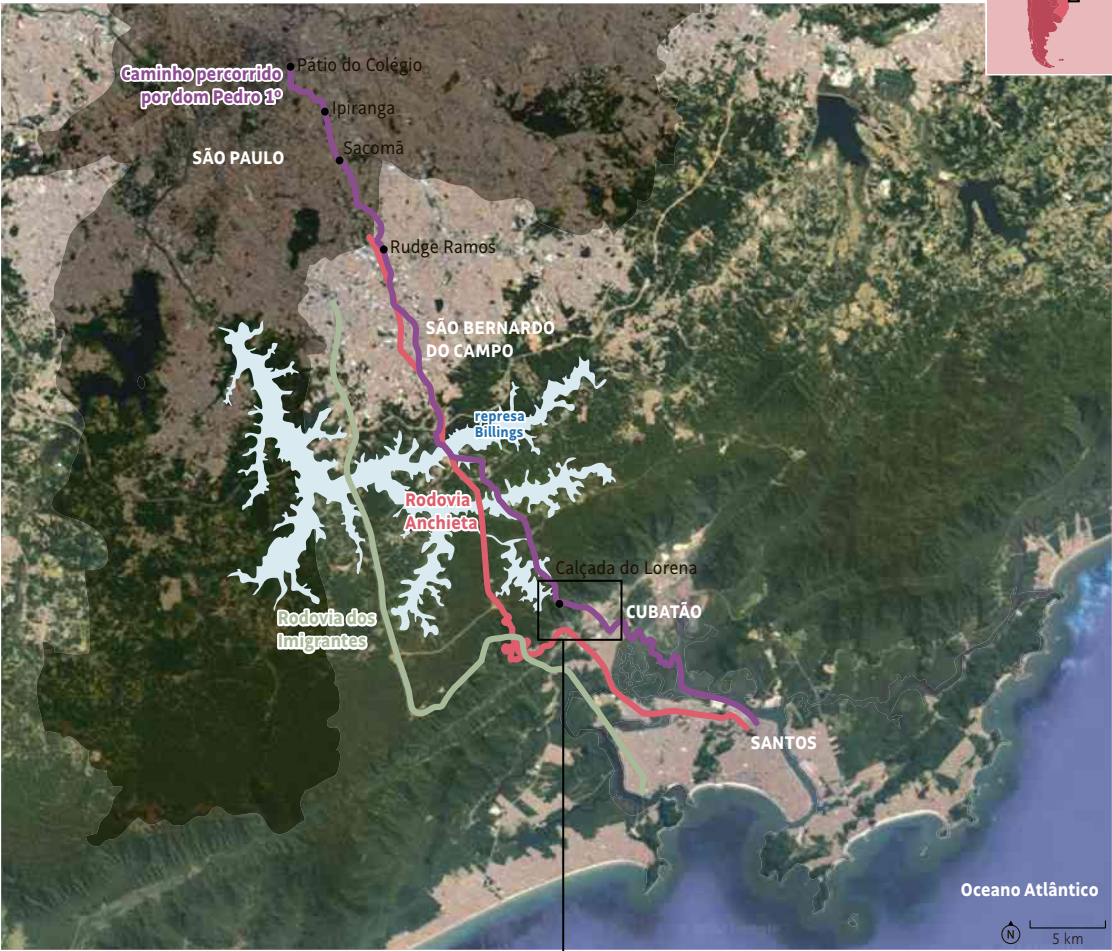
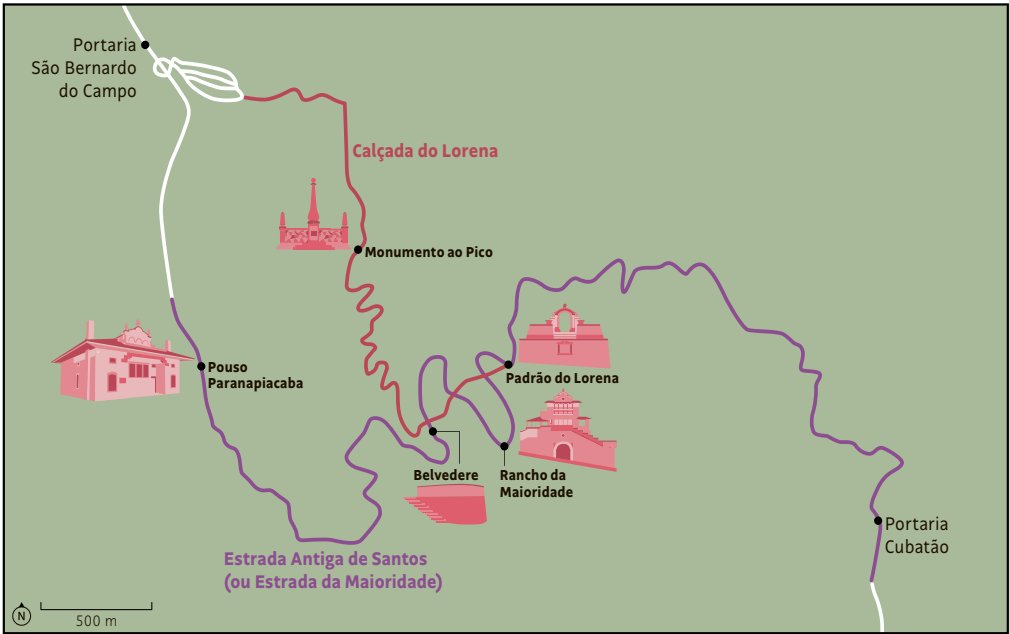
Foi um feito e tanto de Lorena (daí o nome da calçada) e dos membros do Real Corpo de Engenheiros de Lisboa, que coordenaram a obra na serra do Mar. Mas não só. Saiu também graças ao trabalho de dezenas de escravizados, que levaram as pedras e as instalaram em terrenos íngremes —são 700 m de desnível.

Até então o transporte de cargas no lombo das mulas e a passagem de pessoas eram feitos em trilhas estreitas, muito afetadas pelas chuvas frequentes. Viajantes costumavam levar até três dias nesse trajeto. Com a finalização da calçada, cavaleiros experientes passaram a fazer o caminho em menos de 12 horas.

A figura mais célebre a percorrer essa via foi o então príncipe regente Pedro. No dia 5 de setembro de 1822, ele e sua comitiva viajaram de São Paulo para Santos. Dois dias depois, o monarca retornou: deixou a cidade litorânea por volta de 6h e chegou à região do Ipiranga no final da tarde. Foi o momento em que proclamou a Independência.

A calçada foi muito usada até os anos 1840, quando foi inaugurada a Estrada da Maioridade, hoje mais conhecida como Estrada Velha de Santos.

Nos próximos meses, a calçada passará por um trabalho de conservação e restauro. Três ações estão previstas, diz Carlos Telecki, gestor do parque Caminhos do Mar, onde fica um trecho de 3,5 km da via aberto ao público.

O primeiro passo, segundo Telecki, é fazer um mapeamento arqueológico para identificar pedras nas laterais da calçada que tenham sido encobertas pela vegetação. De acordo com estudos do engenheiro especializado em cartografia histórica Jorge Pimentel Cintra, ligado à Escola Politécnica e ao Museu do Ipiranga, a largura da via variava de 3,2 m a 4,5 m. Hoje em dia, no entanto, há trechos que não ultrapassam 2,5 m.

A segunda medida é instalar guarda-corpos, montados com madeira e corda de fibra sintética —o objetivo é aumentar a segurança, especialmente nas áreas mais íngremes. O terceiro passo, diz Telecki, é uma limpeza das pedras usando produtos adequados para unidades de conservação, ou seja, que não provoquem danos à natureza.

Como se vê, não são transformações radicais, o que se explica, em grande medida, pelo estado bastante razoável da estrada de 230 anos.

"É extraordinário que a calçada esteja tão íntegra. A última intervenção aconteceu em 1973 e 1974, depois do tombamento pelo Condephaat [conselho de defesa do patrimônio histórico do estado de SP] em 1972", diz Mariana Rillo, arquiteta especializada em patrimônio histórico. Ela foi responsável por uma avaliação da calçada no final de 2018.

O objetivo da Parquetur —empresa que assumiu no ano passado a administração da visitação turística do Caminhos do Mar, no limite de Cubatão e São Bernardo do Campo— é concluir esse trabalho até março do ano que vem.

No alto da serra, o Pouso Paranapiacaba está na fase final de restauração. Antes um ponto de parada dos carros, com quartos para hospedagem, a casa em granito oferece uma vista exuberante para a mata atlântica, a Baixada Santista e o mar. Ao fim da reforma, deve ser ocupada por um restaurante de comida portuguesa.

A recuperação do Rancho da Maioridade está prevista para os próximos meses. Assim como o Pouso, esse sobrado tem painéis de azulejos pintados à mão pelo artista José Vaz Washington Rodrigues. Dará lugar a um café ou a uma lanchonete.

Existem pontos em que a Calçada do Lorena encontra a Estrada Velha de Santos. Um deles, também no pacote de restauros, é o Padrão do Lorena, pequena praça em homenagem ao governador.

As pinturas nos azulejos do espaço também lembram os tropeiros e as mulas. Nada mais justo. A cidade de São Paulo deve a eles e, claro, à Calçada do Lorena boa parte da sua expansão no final do século 18 e começo do 19.

A Calçada do Lorena como parte do caminho de dom Pedro 1º na viagem de Santos a São Paulo

Monarca saiu do litoral por volta de 6h e chegou à capital no final da tarde do dia 7 de setembro

A Calçada do Lorena dentro do parque Caminhos do Mar

APOIO

Paulo Tardivo (esq.) e Tiago Pessoa, que adotaram Sara, 9, e Davi, 4 Karime Xavier/Folhapress

Adoção de crianças por pais gays dobra no país, mas se concentra em SP e no Sul

Das 131 adoções de casais formados por dois homens feitas em 2021, 82 foram nesses estados

Isabella Menon

SÃO PAULO Aos 9 anos, o ator Tiago Pessoa já dizia que seu sonho era se tornar pai. Porém, aos 17, quando se entendeu gay, ele passou a achar que dificilmente conseguiria realizar o seu maior desejo. Sem referências, afirma que sua autoaceitação demorou a acontecer por isso.

Duas décadas depois ele conheceu o também ator Paulo Tardivo, e os dois começaram a conversar sobre paternidade. Casados, eles enfim concretizaram o sonho em 2018 ao adotar Sara, 9, e Davi, 4, que viviam no interior do Ceará.

O número de famílias como a de Paulo, 39, e Tiago, 41, aumentou no Brasil. No ano passado, o total de adoções feitas por casais formados por dois homens foi 93% maior do que o de 2019, segundo dados obtidos pelo Sistema Nacional de Adoção e Acolhimento por meio do CNJ (Conselho Nacional de Justiça).

Apesar disso, casais homossexuais com crianças ainda representam uma minoria. No ano passado, houve 3.800 adoções, sendo 91 por casais com duas mulheres e 131 por casais de dois homens —sendo 82 nos estados de São Paulo e da região Sul.

Os dados apontam ainda que as famílias adotivas formadas por dois pais cresceram mais que as constituídas por duas mães —o aumento nesse caso foi de 36% em comparação a 2019.

O processo de adoção dos filhos de Paulo e Tiago aconteceu em São Paulo e foi conduzido de uma forma tranquila, dizem eles.

"Mas, claro, estamos falando de uma bolha", afirma Tiago, que relata que os preconceitos que eles sofrem se concentram nas redes sociais. Assim, ele e o marido se preocupam em preparar os pequenos.

"Somos pais gays, com crianças nordestinas, filha e filho negros. Dizemos ao mais novo que o cabelo dele é lindo, que a pele dele é linda. Para a Sara, falamos que ela não precisa ficar esperando pelo príncipe encantado e pode vestir o que quiser."

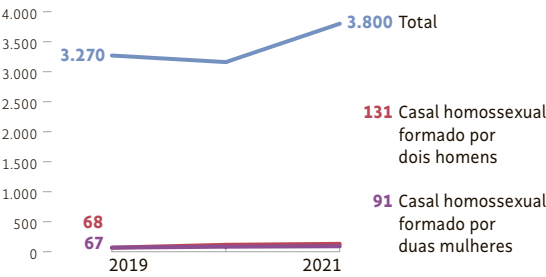
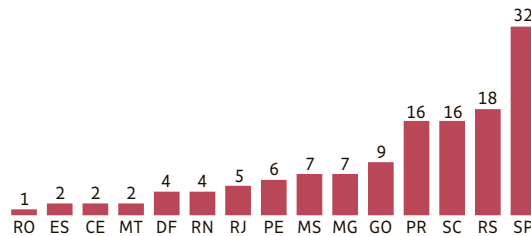
Hoje, as redes sociais da família, que acumulam centenas de seguidores, são as principais fontes de renda do casal. Por ali, eles compartilham o dia a dia, escrevem sobre paternidade, fazem vídeos engraçados com as crianças e arrecadam com publicidades.

A presença nas redes ajuda a resolver a falta de referências que Paulo sentia na infância. Desde o início, o casal recebe mensagens de usuários que relatam, por exemplo, que passaram a entender a homossexualidade do filho depois de conhecê-los.

A exposição nas redes, porém, vem com um peso. "Queremos uma rede que naturalize a nossa experiência, mas mostre que somos uma família como qualquer outra. Somos falhos, aqui é uma loucura, a casa fica bagunçada, eles ficam de castigo, a gente dá bronca. É normal."

Para Betho Fers, 40, que trabalha como doula de adoção e mantém o instagram Papaipeando, uma série de fatores contribui para que homossexuais ainda sejam a minoria entre aqueles que adotam crianças no país, como falta de informação e preconceitos da sociedade. Ele e o marido Erick Silva, 38, adotaram a filha deles em 2018.

"Nós não conhecíamos nenhum casal homoafetivo com filhos. Por muito tempo, fomos o único casal gay do prédio com filhos", afirma Fers. "As pessoas não conseguem me entender como pai, precisam me encaixar no modelo heteronormativo. E a minha família não é 'como se fosse'. A minha família é de verdade."

Sua filha Stephanie, 4, já mudou três vezes de escola porque os pais sentem que as instituições ainda não conseguem entender o modelo familiar deles. "Tem ainda o Dia das Mães, o Dia dos Pais, a professora querendo tomar lugares que não estão disponíveis e dizendo 'eu sou como se fosse a mamãe dela'."

Hoje, ele nota um fenômeno diferente, com outros pais de amigos da filha começando a reivindicar mais inclusão.

"Não é uma briga solitária. Percebo que a comunidade começa a cobrar da escola, e ver a sociedade querendo interferir no papel social da escola é o modelo dos sonhos."

Fers define a paternidade como uma escolha que o indivíduo faz de vivenciar o desenvolvimento de alguém que não vai ser para sempre criança, que vai crescer, apresentar suas demandas.

"A Stephanie não vem para lidar e resolver a minha ansiedade ou os meus anseios na paternidade. Ela vem para ter a vida dela e o afeto vai se dar para ligar isso tudo."

Quando Jonathan, 14, e Valentina, 11, filhos do casal Ângelo, 49, e André Nunes, 46, chegaram em casa, em 2010, a sensação que pairava no ar era "o que a gente faz?". "Fomos aprendendo com eles também", diz Ângelo.

O mais velho, por exemplo, então com dois anos de idade, tratava ambos de tio. André explicava: "Não sou seu tio, eu sou o papai". Até que um dia o garoto chamou o pai, e os dois foram atendê-lo.

Dias depois, o menino chamou novamente, mas resolveu sozinho como diferenciar os pais. Assim, utilizou papai para Ângelo e "papía" para André. Os apelidos pegaram e até hoje é assim que os filhos os chamam, além de ser o nome da conta no Instagram, rede social na qual compartilham a vida da família.

"As crianças resolveram isso e outras coisas que a gente tinha de encanação", diz Ângelo.

Em 2016, os arquitetos Rafael Escrivão e Luciano Rodrigues adotaram Alan, 16, e Davi, 8. O casal transformou a experiência da dupla paternidade no livro "Dois Pais" (editora Chiado).

Além de estar descrito nas páginas da obra, o processo sempre foi explicado de uma forma que o mais novo entendesse.

"Ele perguntou o nome da mãe biológica dele, que é uma informação que ele não tinha e eu falei. A gente vai repetindo a história dele e cada vez ele pega um pedaço que faz sentido para ele naquele momento", conta Rodrigues.

Entre os desafios na escola, o Dia das Mães foi um dos primeiros incômodos do casal. De ímpeto, eles pensaram em declinar o evento, mas decidiram perguntar ao mais velho se ele gostaria de participar. E a resposta foi: "Eu quero participar, vai ser legal, vocês vão, né?".

Eles foram, e no Dia dos Pais a escola mandou um presente: somente um par de meias. Hoje, riem ao lembrar que brincavam que cada um ficaria com um pé.

"A gente se coloca na questão, mas também, ao mesmo tempo, sem criar um conflito, para que seja uma questão natural para eles."

Adoção por casais gays cresce, mas ainda é minoria

Adoção por casais gays formados por homens no Brasil em 2021

Fonte: Dados obtidos via CNJ (Conselho Nacional de Justiça) pelo Sistema Nacional de Adoção e Acolhimento

> Nós não conhecíamos nenhum casal homoafetivo com filhos. Por muito tempo, fomos o único casal gay do prédio com filhos
>
> **Betho Fers**
> influenciador digital e doula de adoção, adotou a filha em 2018

MORTES

coluna.obituario@grupofolha.com.br

Dona Inah só foi reconhecida por seu samba aos 69 anos

IGNEZ FRANCISCO DA SILVA (1935-2022)

Matheus Moreira

SÃO PAULO Dona Inah, a sambista escolhida como cantora revelação do Prêmio da Música Brasileira em 2005, só foi reconhecida aos 69 anos.

Nascida em 1935 em Araras (SP), Ignez Francisco da Silva foi boia-fria na infância. Trabalhou em plantações de café, algodão e laranja, conciliando o trabalho com os estudos.

Influenciada pelo pai, que era trompetista, dona Inah começou a cantar cedo. Aos nove anos já se apresentava em festas e outros eventos.

Aos 19 anos, mudou-se com os pais e os sete irmãos para Santo André (Grande SP). Foi nessa época que ela começou a procurar rádios e programas de calouros para se apresentar. Venceu o concurso Peneira Rodini, da Rádio Cultura.

Ela entregou à família o dinheiro do prêmio para ajudar nas contas de casa. Os familiares, à época, já não incentivavam mais a busca da jovem pela carreira na arte.

Não faltaram dificuldades na vida da artista. Entre a segunda metade da década de 1950 e o começo dos anos 1970, ela abandonou o sonho de viver de música. Teve cinco filhos em três relacionamentos que não deram certo, foi abandonada duas vezes, agredida por um dos companheiros e chegou a viver um período nas ruas com os dois filhos menores.

Para sobreviver, trabalhava de segunda a sexta como empregada doméstica e, aos sábados e domingos, no guarda-volumes de um clube em Taboão da Serra. Nas noites de quinta a domingo, cantava em bares e casas noturnas.

Foi uma década cheia de música, mas que acabou com uma Inah deprimida. "Minha mãe ficou destruída após a morte da minha irmã mais nova", conta Daniel, filho do terceiro relacionamento. Dalma morreu após participar de um concurso de rainha do Carnaval em 1988. Ao descer do palco, ela encostou em uma cerca eletrificada e morreu por parada cardíaca.

Inah conciliou por três anos a música com o segundo emprego como faxineira. Pensando em desistir, ela deu uma última chance à vida como artista após ser convidada para cantar no musical Rainha Quelé, uma homenagem à obra de Clementina de Jesus.

A vida mudou. Em 2004, lançou seu primeiro álbum, "Divino Samba Meu". Foi um sucesso e lhe rendeu o prêmio de artista revelação em 2005.

Inah fez turnê na Europa e gravou outros dois álbuns: "Olha Quem Chega" (2008) e "Fonte de Emoção" (2013).

Desde 2016, já debilitada pelo Alzheimer, viveu em uma clínica, acompanhada pelo companheiro com quem vivia.

Dona Inah morreu no dia 8 de agosto, aos 87 anos. A artista deixa dois filhos, 15 netos, 19 bisnetos, dois tataranetos e o companheiro.

Procure o Serviço Funerário Municipal de São Paulo: tel. (11) 3396-3800 e central 156; prefeitura.sp.gov.br/servicofunerario.

Anúncio pago na Folha: tel. (11) 3224-4000. Seg. a sex.: 10h às 20h. Sáb. e dom.: 12h às 17h.

Aviso gratuito na seção: folha.com/mortes até as 18h para publicação no dia seguinte (19h de sexta para publicação aos domingos) ou pelo telefone (11) 3224-3305 das 16h às 18h em dias úteis. Informe um número de telefone para checagem das informações.

equilíbrio

Negros criam filhos desconstruindo a ideia de paternidade ausente

Além de acabar com o estereótipos, eles querem atender a demanda das mulheres por um novo modelo de homem

Franco Adailton

SALVADOR Tadeu França, 34, Leandro Pereira, 31, e Humberto Baltar, 41, fazem parte de uma rede que tem buscado melhorar a si mesmo enquanto homem, ao mesmo tempo em que tenta desconstruir o estereótipo de que pais negros são ausentes.

Embora deixar de lado a chamada masculinidade tóxica também parta de uma iniciativa própria, a auto-observação de comportamentos ultrapassados surge em resposta às demandas das mulheres, que têm exigido um novo modelo de homem.

"Definitivamente, o posicionamento das mulheres, potencializado pelo uso das redes sociais, começa a mexer nas estruturas da pirâmide social", observa o gerente comercial formado como ator Tadeu França, morador de Guarulhos, na Grande São Paulo.

Eles querem combater preconceitos que permeiam o imaginário coletivo, de que homens negros não são responsáveis, amorosos ou companheiros e de que são incapazes de cuidar e até violentos.

Mais do que trocar ideias sobre estratégias de sobrevivência, de se tornarem referências positivas para os filhos, esses pais recorrem à literatura, aos podcasts e às redes sociais, em um intercâmbio sobre os próprios sentimentos para criar as crianças de maneira mais afetuosa.

Com mais de 44 mil seguidores no Instagram, França usa o humor para abordar temas ligados ao universo masculino. "Às vezes, recebo um hate [reclamação] de alguém que fala: 'você tá acabando com meu casamento'. E respondo que não sou eu, mas as atitudes dele", conta o pai de Hugo, 1, e Augusto, 3.

Além de tentarem ressignificar o sentido de paternidade com mais presença, divisão de tarefas domésticas e atenção à família, os três compartilham o drama extra que pais negros vivem ao ter que educar os filhos a se defenderem contra o racismo, que tem como produto a violência.

Tais preocupações se fundamentam em números. O estudo "Violência armada e racismo: o papel da arma de fogo na desigualdade racial", publicado pelo Instituto Sou da Paz em 2021, mostra que 78% dos 30 mil mortos por armas de fogo no Brasil em 2019 eram negros.

No mesmo ano, o Atlas da Violência mapeou que um negro tinha 2,6 vezes mais chances de ser assassinado no país em relação a um não negro. O primeiro grupo tinha uma taxa de mortalidade de 29,2 por 100 mil habitantes, enquanto no segundo a taxa era de 11,2 para cada 100 mil.

Os pais concordam que dados como estes fazem com que tenham que ensinar aos filhos a não saírem sem documentos, por medo de uma abordagem policial violenta, ou a não usarem um blusão com capuz para que não pareçam suspeitos na rua.

É o que também tem feito Humberto Baltar, professor de inglês da rede municipal do Rio de Janeiro e criador da página Pais Pretos Presentes. Somadas todas as redes sociais, seus perfis têm cerca de 100 mil seguidores.

A página surgiu de um vácuo que precisava ser preenchido na vida de Baltar, que precisou se informar sobre paternidade quando soube que seria pai de Apolo, hoje com 3 anos, mas não encontrava conteúdo voltado para a criação de filhos negros.

Tadeu França com seus filhos Hugo, 1, e Augusto, 3 Danilo Verpa/Folhapress

> **Definitivamente, o posicionamento das mulheres, potencializado pelo uso das redes sociais, começa a mexer nas estruturas da pirâmide social**
>
> Tadeu França, gerente comercial e influenciador digital

"Nos grupos que fazia parte, lá em 2018, quem abordava a temática racial era tachado de vitimista", diz. "Fiquei feliz [em saber que seria pai], mas ao mesmo tempo preocupado porque ainda vemos no Brasil muitos casos de racismo mo também com crianças."

Um episódio ocorrido aos 8 anos marcou Baltar. Na sala de aula, depois da leitura de um livro no qual um coelho branco queria ser preto como a personagem, ele passou por uma situação de preconceito. "Ele [o coelho] se sujou todo de graxa e todos me apontaram, e a professora não soube como conduzir", lembra.

Pai do pequeno Benjamin, 4, o professor de relações institucionais da PUC-Minas Leandro Ferreira, 41, alterna a docência com a administração do podcast Afropai, além de publicações nas redes sociais também com conteúdo voltado para a paternidade negra.

O professor recorda que, durante a infância, tinha referências musicais negras vindas dos pais, mas odiava ser preto. "É isso que o racismo faz: te obriga a ter vergonha do seu cabelo, do seu nariz, dos seus traços. E meus pais não sabiam lidar com isso."

O estudo "Racismo, educação infantil e desenvolvimento na primeira infância", do Comitê Científico do Núcleo de Ciência pela Infância, aponta os efeitos do preconceito racial no desenvolvimento de crianças negras de zero a seis anos. Entre eles estão os "impactos negativos em relação a oportunidades para adquirir habilidades e conhecimentos, autopercepção, autoconfiança, saúde física e mental, construção de identidade, relações parentais, rejeição da própria imagem e impacto na autoestima".

Na percepção de Baltar, França e Pereira, apesar de gradativo, há em curso um processo de tomada de consciência dos pais, sobretudo, os negros. Os três querem criar seus filhos de forma diferente, uma vez que seus pais tinham um perfil provedor, com pouco espaço para afetividade.

"A despeito de particularidades que envolvem um homem negro, ser um pai presente que quer participar de todas as atividades com os filhos, com a casa, cuidar do relacionamento, é um posicionamento político em relação ao mundo que queremos construir", conclui Ferreira.

ciência

Os psiquiatras e a raça

Associação dos Estados Unidos condena viés na política de drogas, enquanto o Brasil segue obscurantista

Marcelo Leite

Jornalista de ciência e ambiente, autor de "Psiconautas - Viagens com a Ciência Psicodélica Brasileira" (ed. Fósforo)

O psiquiatra Luís Fernando Tófoli, professor da Unicamp e membro do Conselho Estadual de Políticas sobre Drogas de São Paulo (Coned), chama a atenção para manifesto da Associação Psiquiátrica Americana (APA) acerca da questão racial.

A corporação parte da raça para defender nada menos que a descriminalização do uso de drogas. O texto afirma que a APA "reconhece que a política de drogas dos EUA produziu resultados profundamente desiguais entre grupos raciais, discriminação racial por agentes da lei e perseguição de comunidades".

"No mínimo, políticas que resultam em taxas desproporcionais de prisão e encarceramento (...) devem ser eliminadas em favor de tratamento e descriminalização do uso de drogas."

Está lá, no documento "Declaração de Posição sobre Impacto do Racismo Estrutural no Uso de Substâncias e nos Transtornos de Uso de Substâncias", aprovado em julho. Leitura instrutiva para brasileiros, sobretudo os psiquiatras daqui, encharcados como estão da propaganda obscurantista na era Bolsonaro.

Nos EUA, 12,4% dos habitantes se declaram negros. Na população carcerária de cerca de 2 milhões de presos, entretanto, essa parcela triplica para 38,4%.

No Brasil, são negras 67,5% das 815.165 pessoas que estavam encarceradas em 2021. Na população geral a parcela é de 56%, ou seja, há também aqui evidente viés racial nas polícias e na Justiça.

Em nosso país, 84% das vítimas de letalidade policial são negras. Pretos e pardos enfrentam probabilidade quádrupla de morrer pelas mãos de agentes da lei na comparação com brancos (taxas respectivamente de 4,5/100 mil e 1/100 mil).

Racistas convictos, como os instalados no governo federal, concluirão que tais números decorrem de haver algo inerentemente depravado na população negra. Por essa lógica desumanizante, discriminação e condições socioeconômicas desfavoráveis nada teriam a ver com isso.

Precisa ser muito obtusa a pessoa para não enxergar que a violência contra negros começou com a escravidão e continua hoje, mantendo-os subalternos e negando-lhes até a dignidade de pessoa. Para quem necessita de estatísticas, eis mais algumas.

Brancos ganham 69,3% mais que negros. Dos pretos e pardos, 32% são pobres, contra 15% de brancos. Entre maiores de 25 anos, 25% dos brancos têm diploma superior, diante de meros 11% dos negros.

"O fato de a APA ter reconhecido o viés racial da guerra às drogas em sua faceta legal e médica é importantíssima", diz o psiquiatra Tófoli, "incluindo a conclamação pela descriminalização do porte de drogas para uso pessoal."

Descriminalização e não legalização, ressalve-se. Em outras palavras, o primeiro passo é deixar de encarcerar quem apenas usa drogas. A política para a área deixaria o setor criminal do poder público e passaria a ser alçada da saúde.

Essa mudança legal aconteceu em Portugal, por exemplo, já no começo do século. No Brasil, destaca Tófoli, a sociedade civil ainda espera que algum presidente do Supremo Tribunal Federal demonstre coragem de pôr a questão em pauta, coisa que Luiz Fux não se dignou fazer.

A posse de pequenas quantidades de maconha foi nominalmente despenalizada no Brasil, mas a lei não pegou, como se diz. Juízes seguem enquadrando jovens usuários como traficantes, em sua maioria negros e pobres, enquanto os brancos se safam.

"Nossa atual Associação Brasileira de Psiquiatria, entremeada no reacionarismo do governo federal, está atrasada ao não reconhecer o impacto desproporcional que as políticas públicas para drogas têm sobre os grupos vulneráveis, especialmente as pessoas negras", aponta Tófoli. "É preciso mudar esse cenário."

| DOM. Reinaldo José Lopes, Marcelo Leite | QUA. Atila Iamarino, **Esper Kallás**

Dinossauros tinham almofadas nas patas para suportar peso, diz estudo

Simulações computacionais feitas por pesquisadores mostram que animais teriam fraturas sem o mecanismo de amortecimento

Reinaldo José Lopes

SÃO CARLOS Os maiores animais terrestres de todos os tempos provavelmente precisavam de "amortecedores" fofinhos nas patas para que seu esqueleto suportasse as dezenas de toneladas de peso que podiam alcançar. De acordo com um novo estudo, essa adaptação foi crucial para que os saurópodes (nome dado ao grupo dos dinossauros quadrúpedes, herbívoros e pescoçudos) alcançassem seu tamanho descomunal ao longo de dezenas de milhões de anos.

As almofadas nas patas dos monstros pré-históricos ainda não foram identificadas diretamente —por serem formadas por tecidos moles, que se decompõem com muito mais facilidade do que os ossos, é esperado que elas não se preservem nos fósseis dos saurópodes. A alta probabilidade de que elas estivessem presentes nos bichos é uma conclusão que vem de simulações computacionais da maneira como eles andavam e das forças que atuavam sobre os ossos de suas patas.

As conclusões da análise estão na edição mais recente da revista Science Advances, assinadas por um trio de pesquisadores ligados a instituições australianas. Andréas Jannel e Steven Salisbury, da Universidade de Queensland, e Olga Panagiotopoulou, da Universidade Monash, aplicaram os métodos computacionais a espécies de saurópodes de diversos tamanhos e que viveram em diferentes épocas, o que também os ajudou a traçar um esboço de como as almofadinhas evoluíram junto com o grupo.

Imagem mostra como seria a pata com a almofadinha
Andréas Jannel/ Univ. Queensland

5 a 50
vezes mais intensas do que as geradas pelo peso dos maiores mamíferos terrestres de hoje, como os elefantes, seriam as forças produzidas pelo peso dos saurópodes sobre os ossos das patas sem as almofadas

Entre 200 milhões e 65 milhões de anos atrás, saurópodes como o célebre brontossauro e os titanossauros, que tinham grande diversidade de espécies no Brasil, estiveram entre os maiores vertebrados terrestres do planeta. Da ponta do focinho à ponta da cauda, podiam medir perto de 30 metros. Em tamanho, os únicos animais que os superam são as baleias de maior porte ainda vivas hoje, como a baleia-azul.

Como muitos saurópodes superavam em muito o tamanho dos maiores animais terrestres modernos, os paleontólogos sempre tentaram entender como eles conseguiram alcançar essas dimensões fora de série. No século passado, era comum que eles fossem concebidos como dinossauros semiaquáticos —seria mais fácil sustentar o peso corporal se a maior parte dele estivesse dentro d'água.

Desde então, ficou claro que os saurópodes possuíam uma série de adaptações que lhes permitiam se virar muito bem em terra firme mesmo com o tamanho descomunal. Comparados aos mamíferos terrestres de grande porte, por exemplo, eles tinham esqueletos proporcionalmente muito mais leves do que o esperado, com vértebras pneumáticas (grosso modo, com áreas "ocas"). As patas em forma de coluna também eram importantes para a tarefa de suportar o peso dos bichos.

Tudo isso ajudava, mas não seria suficiente por si só, afirmam os autores do novo estudo. As simulações realizadas por ele indicam que as forças produzidas pelo peso dos saurópodes sobre os ossos das patas seriam entre 5 vezes e 50 vezes mais intensas do que as geradas pelo peso dos maiores mamíferos terrestres de hoje, como os elefantes. Isso significa que, sem ajuda adicional, levando em conta só a resistência dos ossos, seria inevitável que eles acabassem sofrendo fraturas simplesmente por causa do peso.

Quando se acrescentam as almofadinhas nas patas, porém, as forças que os ossos das patas dos bichos precisam aguentar voltam a estar dentro do esperado para mamíferos grandalhões, por exemplo. Os pesquisadores estimam ainda que, embora as pegadas dos saurópodes encontradas hoje pareçam de animais plantígrados (ou seja, cuja planta do pé tocava totalmente o chão, como a dos seres humanos), o mais provável é que o esqueleto das patas fosse digitígrado (com a ponta dos dedos tocando o solo, como acontece com cachorros e gatos).

As almofadas recobririam, nesse caso, o meio e a parte de trás das patas, formando uma espécie de "palmilha ortopédica" que tocava o solo em toda a sua superfície. Também é possível que, tal como uma mola, elas armazenassem a energia das passadas e dessem um impulso extra aos bichos, diminuindo o esforço necessário para caminhar.

esporte

PALMEIRAS VENCE CORINTHIANS EM ITAQUERA
O time alviverde venceu na Neo Química Arena por 1 a 0, com gol contra de Roni no segundo tempo, e se isola ainda mais na liderança do Campeonato Brasileiro com 48 pontos; o Corinthians segue com 39 Roberto Zacarias/iShoot/Agência O Globo

Ver, antever e transver

Precisamos valorizar os bons treinadores, mas os protagonistas são os jogadores

Tostão
Cronista esportivo, participou como jogador das Copas de 1966 e 1970. É formado em medicina

Mesmo considerando que Abel Ferreira adotou uma postura defensiva correta, quando o time ficou com um a menos contra o Atlético, e que Cuca poderia ter colocado um centroavante para fazer dupla com Hulk, quando o Galo ficou com a superioridade numérica, se Jair ou Hulk tivessem feitos os gols que perderam quando ficaram diante do goleiro, a história seria contada de outra maneira. Cuca seria o herói, o craque do jogo, título dado a Abel.

Em minhas caminhadas diárias, quando converso comigo e com outras pessoas, um leitor me questionou, educadamente, por citar, com frequência, o Manchester City, o Liverpool e os técnicos Guardiola e Klopp como exemplos de equipes e treinadores e por falar pouco do Real Madrid e do treinador Ancelotti, campeões da Espanha e da Europa. O leitor tem razão.

Na quarta-feira, o Real, papador de títulos, ganhou a Supercopa da Europa, ao derrotar, por 2 a 0, o Eintracht Frankfurt, campeão da Liga Uefa. O Real mostrou a mesma escalação e a mesma estratégia da temporada anterior, ao alternar o domínio da bola com o contra-ataque, ao avançar e recuar, sístole e diástole, como nas batidas do coração. É a vida.

O Real está também repleto de ótimos jogadores e de craques, como o goleiro Courtois, o experiente trio no meio-campo, formado por Casemiro, Kross e Modric, e a dupla de atacantes, Benzema e Vinícius Júnior. Casemiro está cada dia melhor, no posicionamento, nos desarmes e nos passes, além de ser muito bom nas jogadas pelo alto, na defesa e no ataque.

Na prancheta, o Real joga como o Corinthians, com uma linha de quatro defensores, uma de três no meio-campo e outra de três na frente. Porém, diferentemente do Corinthians, os setores são compactos e conectados. No time brasileiro, os pontas são fixos e o centroavante fica isolado, como Robson Crusoé, sem WhatsApp.

Ao contrário de várias das principais equipes brasileiras, que contratam muitos jogadores e mudam o time a cada partida, com a justificativa de que precisam poupar os atletas, o poderoso e rico Real Madrid possui um elenco pequeno, faz contratações pontuais, como a do excelente zagueiro alemão Rudiger, e escala, em todos os jogos, quase todos os titulares. Abel Ferreira e Fernando Diniz têm condutas parecidas, um dos motivos dos bons trabalhos.

Falta ao Real Madrid um bom reserva para Benzema. É difícil contratar um atacante bom, que não seja muito caro e que tope jogar muito pouco, já que Benzema está presente em quase todas as partidas, durante os 90 minutos.

Apesar de o Atlético não trocar tantos jogadores como outros times, como Corinthians, São Paulo e Flamengo, mesmo com um grande e bom elenco, festejado até pouco tempo atrás, superentusiasmado com a volta de Cuca, por detalhes, como os gols perdidos por Jair e Hulk e a derrota nos pênaltis, está fora da Libertadores, da Copa do Brasil e com pouquíssimas chances de ganhar o Brasileirão. Alguns até já estão com saudade do Turco Mohamed. A vida e o futebol dão muitas voltas.

Precisamos valorizar os bons treinadores, do Brasil e de todo o mundo, como Ancelotti, Abel Ferreira e Felipão, mas os grandes protagonistas do espetáculo são os jogadores, os especiais, os craques, como Benzema. O grande craque vai além da técnica. Parafraseando o poeta Manoel de Barros, a ciência não é capaz de medir o encanto de um craque. Ele vê, antevê e transvê, imagina o jogo. É preciso transver o futebol e o mundo.

ESPORTE AO VIVO | 12h30 **Chelsea x Tottenham** Inglês, *ESPN* | 16h **São Paulo x RB Bragantino** Brasileiro, *GLOBO (SP)/PREMIERE* | 18h **América-MG x Santos** Brasileiro, *PREMIERE*

Equipe formada por homens trans busca mais espaço e inspira gerações

Meninos Bons de Bola foi o pioneiro e hoje treina em uma quadra cedida por padre em SP

Havolene Valinhos

Atletas do Meninos Bons de Bola treinam em quadra de escola em São Paulo Karime Xavier/Folhapress

SÃO PAULO Raphael Henrique Martins sempre quis jogar bola, mas esse desejo —um tanto banal para a maioria dos brasileiros— ficou dentro de si, aprisionado, por 28 anos. Foi em 2016, um ano após ter feito a transição de gênero, que ele notou não estar sozinho.

Quase não havia homens trans nas atividades do CRD (Centro de Referência e Defesa da Diversidade), da Prefeitura de São Paulo, onde o educador social trabalhava. Ele percebeu que a frequência majoritária no CRD era de mulheres trans, travestis e gays. Onde estavam esses homens?

Dessa observação nasceu a compreensão de que era preciso uma atitude radical para sair da arquibancada e ir para o campo: era preciso criar o seu próprio time. O MBB (Meninos Bons de Bola) foi pioneiro no futsal e no society com jogadores trans.

Martins começou o plano mapeando as comunidades de homens trans em redes sociais e falando com os membros para entender quais seriam seus interesses.

"Percebemos que havia uma lacuna na prática de esportes. Criamos um espaço seguro para se exercitarem e participarem de rodas de conversas no CRD. Como a maioria tinha vontade de jogar futebol, esse foi o esporte eleito."

O time treina todas as manhãs de domingo. No início, fazia isso no parque da Juventude (zona norte da capital), mas logo foram alcançados pela transfobia. Os jogadores precisaram deixar o local diante das provocações de homens cis contra o grupo.

"Muitos meninos estavam iniciando a transição, não haviam feito a mastectomia, que, aliás, não é uma regra. Eram alvos de piadas e até de agressões verbais e corporais", diz o bartender Pedro Eduardo Vieira dos Passos, 27, um dos jogadores e membro da comissão fiscal do time.

Após os episódios, o grupo peregrinou por dois anos em quadras públicas em busca de poder treinar com o mínimo de tranquilidade. Conseguiram um patrocínio para jogar em quadra alugada por um tempo e, hoje, usam a quadra de uma escola particular cedida por um padre.

Depois do Meninos Bons de Bola, foram criados outros 18 times de futsal e society formados por homens trans pelo Brasil, segundo o levantamento da Nix Diversidade, parceira da equipe. A organização fornecerá por dois anos ao MBB material esportivo.

"O pessoal vem falar com a gente no Instagram. Fomos o primeiro time de homens trans no Brasil. Agora, há outros em diferentes estados, inclusive no exterior, como na Argentina e no Chile. Somos sinal de resistência, persistência. Sou muito grato por sermos referência para outras pessoas", conta Martins.

A trajetória dos atletas do time inspirou muitos outros garotos, como Luiz Guilherme, 13, acolhido pelo MBB há pouco mais de dois meses. Ele entrou no time após a mãe, Aline Melo, 40, fazer contato pelas redes sociais.

Melo diz que a transição do filho é, por ora, social, ou seja, não há tratamento hormonal, mas sim uso do nome e corte do cabelo, por exemplo. "Ele jogou interclasses na escola e ocorreram algumas situações, como os meninos tirarem a camisa no final do jogo e ele não", recorda.

A mãe se deu conta de que era hora de ele conviver com outras pessoas trans. "Conhecemos o MBB e nos sentimos abraçados. Hoje, o Guilherme está mais confiante, sabe que não é o único, tem com quem se identificar." Ela acredita que o time também se enxergue nele. "O meu filho está tendo uma oportunidade, ainda na adolescência, que muitos deles não tiveram. Vê-los jogando é emocionante", afirma.

Mulheres trans também podem treinar com o time e participar de torneios mistos. Há lista de espera para entrar na equipe, pois ainda não há estrutura para receber a todos. Já se sonha com um centro de treinamento, por exemplo. "Somos 35 atletas assíduos, fora quem vem de vez em quando", diz Passos.

"O futebol significa muito. Até os meus 21 anos tive essa oportunidade negada. Me tornar jogador de futebol, algo que sempre sonhei, mas nem tinha ideia de que um dia isso iria acontecer, até pela falta de reconhecimento e adequação. É uma realização", afirma.

Bia Haddad vence ex-número 1 do mundo e joga hoje a decisão do WTA 1.000 de Toronto

Bia Haddad comemora ponto durante a semifinal contra Karolina Pliskova, em Toronto, neste sábado Vaughn Ridley/AFP

SÃO PAULO A tenista brasileira Beatriz Maia Haddad, 26 , segue fazendo história e está na final do WTA 1.000 de Toronto, no Canadá.

A brasileira derrotou a tcheca Karolina Pliskova, ex-número 1 do mundo e atual 14ª colocada do ranking mundial, em semifinal neste sábado (13).

Bia será estreante em uma final deste nível. É a primeira vez que uma brasileira chega à decisão de um torneio WTA 1.000, nível mais alto antes dos Grand Slams. A partida está marcada para 14h30 neste domingo (14).

A paulista chegou a estar perdendo por 5 a 2 no segundo set, mas conseguiu a virada e venceu por 2 a 0, com parciais 6/4 e 7/6.

A adversária na final será Simona Halep (15ª), também ex-número 1 do mundo. A romena passou pela americana Jessica Pegula (7ª) na outra chave, com vitória por 2 a 1 (2/6, 6/3 e 6/4).

Com o resultado, Halep chegou à 18ª final de WTA 1.000 na carreira, igualando-se à americana Serena Williams com o maior número de decisões nesta categoria.

Bia e Halep já se enfrentaram três vezes, com duas vitórias da romena e uma da brasileira.

A histórica campanha da brasileira em Toronto já havia sido marcada pela vitória por 2 a 1 nas oitavas de final sobre a polonesa Iga Swiatek, líder do ranking e campeã deste ano em Roland Garros.

Foi a primeira vez que uma brasileira conseguiu derrotar uma número 1 do mundo. Com a classificação, Bia tornou-se ainda a primeira tenista do país a chegar às quartas de final em um WTA 1.000.

Na fase seguinte, a paulista venceu também por 2 a 1 a suíça Belinda Bencic, medalhista de ouro na Olimpíada de Tóquio e atual 12ª do ranking.

Com esta campanha, Bia Haddad já garantiu uma inédita entrada para o top 20 mundial, na próxima atualização da lista. Será a 14ª colocada em caso de título, e 16ª se ficar com o vice-campeonato.

Atualmente ela é a 24ª colocada, melhor posição já alcançada por uma tenista brasileira em simples —Maria Esther Bueno foi considerada a melhor jogadora do planeta nas décadas de 1960 e 1970, mas a WTA e o ranking ainda não existiam.

A temporada de Bia Haddad já vinha ganhando destaque desde o primeiro semestre, quando ela foi vice-campeã de duplas no Aberto da Austrália, com a cazaque Anna Danilina.

Em maio, a paulista venceu seu primeiro torneio de WTA 125, em Saint-Malo (França), e chegou à final em Paris nesta mesma categoria. Foi quando entrou pela primeira vez no top 50 do ranking individual.

No mês seguinte, Bia subiu mais um degrau na carreira ao conquistar pela primeira vez um WTA 250, em Nottingham (Inglaterra).

O triunfo significou a quebra de um jejum de 54 anos sem títulos femininos brasileiros na grama, no primeiro escalão do tênis mundial — desde a última conquista de Maria Esther, em 1968.

Bia ainda repetiu a dose logo na semana seguinte, ao vencer o WTA 250 de Birmingham. A caminhada até o título passou por uma vitória sobre Simona Halep, por 2 a 1, na semifinal.

A decepção da temporada ficou por conta da eliminação precoce em Wimbledon: a brasileira caiu já na estreia do Grand Slam, diante da eslovena Kaja Juvan (62ª).

Nas duplas, Bia conquistou neste ano o WTA 500 de Sidney (Austrália), também ao lado de Danilina, e da dobradinha em Nottingham, em parceria com a chinesa Shuai Zhang.

Jovem romeno quebra recorde de 13 anos de Cielo

SÃO PAULO Demorou, mas aconteceu. Após 13 anos, o nadador brasileiro Cesar Cielo viu o seu recorde mundial nos 100 metros livres ser quebrado neste sábado (13).

A nova marca foi estabelecida por David Popovici, de 17 anos, na final do Campeonato Europeu, disputado na Itália, e, curiosamente, na mesma piscina em que Cielo tinha deixado o recorde, em Roma. Na época, ainda eram permitidos os chamados trajes tecnológicos, banidos em 2010.

O romeno fez a prova em 46s86, superando em cinco centésimos o tempo alcançado pelo brasileiro em julho de 2009. "Esse dia chegou. A gente tem que ficar muito feliz. É a evolução da natação, do alto rendimento", afirmou Cielo. "Parabéns Popovici, você é o cara. Vida longa ao novo rei", finalizou o brasileiro, ainda detentor do recorde mundial nos 50 m livres (20s91).

A insuportabilidade do palmeirense

Torcedor anda tão insuportável como o time é mentalmente inabalável

Juca Kfouri

Jornalista e autor de "Confesso que Perdi". É formado em ciências sociais pela USP

É impressionante a segurança mental do time do Palmeiras.

O que Abel Ferreira e sua comissão técnica obtêm no comportamento dos jogadores é louvável.

Parece não ter tempo ruim para eles, nem estar perdendo por dois gols fora de casa para adversário poderoso, nem enfrentar, com dois jogadores a menos, o mesmo rival uma semana depois.

Se observarmos alguns atletas, então, a perplexidade e a admiração aumentam.

Deixemos a frieza e a competência de Weverton fora disso, porque ele sempre foi assim, só no Corinthians não perceberam quando esteve por lá aos 20 anos, em 2006/07, vindo do Acre.

Porque mesmo o xerife Gustavo Gómez entrega muito mais no Palestra do que na seleção do Paraguai.

O antes irritadiço Dudu transformou-se num homem esquadra, se mata em campo, aparece em todo canto, é flecha e arco ao mesmo tempo, faz gols e dá passes para gol na mesma medida.

Raphael Veiga não está ainda como esteve antes de se machucar? Pois Gustavo Scarpa compensa em dobro.

Verdade que o diabo de Felipe Melo baixou em Danilo, que não é violento, e ele fez o que fez, descontrolado.

Rony, no entanto, é o melhor exemplo. Merece uma estátua no portão principal do clube da Água Branca.

Porque raras vezes se viu um jogador se desdobrar para cumprir a função que a ele destinarem como faz o...centroavante...ponta-de lança...ponta-esquerda...direita...ala?

Rony é uma homenagem à transpiração, daquelas que correm atrás da inspiração como der, com as pernas ou de bicicleta.

Flamengo e Atlético Mineiro têm elencos melhores que o palmeirense.

O Galo mostrou-se mentalmente fraco nos embates tanto com o rubro-negro quanto com o alviverde.

O time da Gávea está em ascensão e terá de mostrar, na próxima rodada, a 23ª, como visitante, maturidade e talento para derrotar o líder do Campeonato Brasileiro, quase uma final antecipada, embora faltem ainda tantas rodadas. Terá de ser paciente e insistente e não perder nunca a chance de liquidar o jogo. Porque o time do Palmeiras e, de uns tempos para cá, sua torcida, não desistem nunca, de verdade, muito mais que mera propaganda.

Aquela torcida do amendoim, aqueles outros que criticavam até em goleadas, desapareceram.

Agora, joga junto e é capaz de fazer não o 12º jogador, mas, como no caso do jogo contra o Galo, o 11º e, depois da expulsão, injusta, de Scarpa, o 10º e o 11º.

Cumprido seu papel dentro do estádio, fora dele haja tolerância com o tamanho da chateação de que são capazes os palmeirenses.

São chatos, chatíssimos, chatérrimos mesmo.

Como os corintianos, santistas, são-paulinos, flamenguistas, colorados, cruzeirenses, quando estão por cima. Isso!

O torcedor é antes de tudo um chato.

Diga-se que o time do Palmeiras faz da humildade e da resiliência duas de suas principais virtudes.

O torcedor, ao contrário, se acha e, cá entre nós, tem por que se achar.

Este texto foi redigido antes do Dérbi em Itaquera.

Não há nele nenhuma inveja, até porque escrito por quem tem Mundial —dois, aliás...(risos).

Há, sim, uma tênue, singelíssima esperança de que o Corinthians tenha ressuscitado no clássico e baixado a crista dos rivais.

Pois sonhar não paga imposto.

Se, no entanto, tiver acontecido o mais provável, não estranhem a rara leitora e o raro leitor a ausência da coluna na segunda-feira.

NOSSO ESTRANHO AMOR

Pedro Mairal
folha.com/nossoestranhoamor

A canção conjugal

Às vezes tem-se a grande sorte de encontrar uma linda sucessão de acordes. Com nonas e sétimas maiores, e algum acorde que permite modular outra escala e por onde se abre uma passagem, uma fita de Möbius musical na qual você está do outro lado, mas na verdade é tudo o mesmo lado, a mesma canção.

Você tem esse loop, que é como uma viagem mental, uma montanha-russa que te afasta e te traz de volta, repetidas vezes. E digo isso porque acredito que, em nosso amor, você e eu, chegamos a esse lugar, onde a repetição é sempre distinta e ao mesmo tempo um grande prazer, porque é o esperado, mas com as variações do puro presente.

Vamos ver se consigo explicar direito. Isso é apenas uma intuição. Quero dizer que você e eu nos conhecemos há tantos anos e convivemos há tanto tempo, que estamos em um loop, mas esse loop, se alguma vez foi assim, já não é asfixiante. Somos uma sucessão de acordes bem encaixados, que combina harmoniosamente as tensões, as surpresas, a satisfação do já conhecido, as variações.

Funcionamos bem. Isso levou tempo, é verdade, mas agora nos estabilizamos. Temos momentos obscuros, acordes tristes, eles existem e os fazemos soar, os manifestamos e os atravessamos, até chegar do outro lado.

Posso passar horas com uma linda sequência de acordes. Tem algo de meditação. Porque desaparece o diálogo mental. É um estado no qual o tempo se dissipa e resta somente o tempo musical, o ritmo. E essa é outra coisa que fazemos bem juntos, o ritmo.

O ritmo diário de agendas gerenciáveis, com coisas para fazer, mas não impossíveis nem saturadas, e também o ritmo dos planos a longo prazo. O que podemos fazer, o que teríamos que ir planejando. Antecipação sem ansiedade. Acho que a pandemia nos sincronizou.

Eu antes cuidava da casa, mas não tanto como agora. Agora esfrego os banheiros. Eu não fazia isso antes, nunca. Agora às vezes cozinho todas as refeições do dia, cuido do ciclo inteiro da roupa, desde colocá-la para lavar, secá-la, dobrá-la e guardá-la. A pandemia nos deixou independentes e nos igualou.

Antes você fazia mais tarefas da casa que eu, e além disso tínhamos ajuda. Agora simplificamos. A casa não está tão limpa como antes, mas nós dois cuidamos de tudo. E essa casa de acordes, onde nos entendemos, é nosso espaço, onde continuamos crescendo.

Que péssima reputação tem o amor conjugal. E, no entanto, quase todo mundo o procura. Monogamia, exclusividade sexual, segurança afetiva, refúgio, intimidade compartilhada. Quantas coisas nessa lista podem dar errado.

[...]

Que péssima reputação tem o amor conjugal. E, no entanto, quase todo mundo o procura

Mais ou menos, vamos nos arranjando bem. Pela primeira vez em anos vejo luz no fim do túnel.

Esse momento é menos narrativo, isso lá é verdade, há menos coisas para contar nesse romance. Porque é sempre melhor, para a história, ter um conflito. Conflito, confrontação, tensão, explosões, colapsos. A grande destruição dolorosa de um casal sempre dá uma boa história.

Por algum motivo as pessoas param para olhar as demolições na rua, mas não as construções. Observar a grande bola de ferro atingir justo a coluna que ainda suportava o peso da estrutura e ver como tudo desmorona num estrondo. É uma maravilha. Em compensação o esforço gradual de ir escorando algo que cresce aos poucos não enche os olhos. Mas é musical.

Qual é a música do amor do tempo que executamos juntos, meu amor? Como é a canção de tudo o que passamos? Como soa essa melodia na saúde e na doença? E os acordes de te sentir dormindo ao meu lado. E o ritmo de nossos corações se abraçando.

Tradução de Livia Deorsola

Marlene Bergamo - 11.ago.2022/Folhapress

IMAGEM DA SEMANA

O pátio da Faculdade de Direito da USP, em São Paulo, ficou lotado na quinta (11) durante a leitura da 'Carta às brasileiras e aos brasileiros em defesa do Estado Democrático de Direito'. Sob aplausos e falas contra o autoritarismo, foi a mais ampla manifestação por democracia sob o governo de Jair Bolsonaro (PL). O texto não cita diretamente o presidente, mas prega o respeito à democracia e às eleições diante das ameaças golpistas do mandatário. O documento, que remete à histórica 'Carta aos Brasileiros' de 1977 contra a ditadura militar, já reúne mais de 1 milhão de assinaturas.

CRUZADAS

HORIZONTAIS
1. (de) Abaixo de / (Abrev.) Síndrome que atinge mulheres durante alguns dias do mês **2.** Conjunção de valor disjuntivo / Substância usada em cápsulas espaciais, mísseis, reatores nucleares e semicondutores **3.** Recomeçar o namoro que se havia interrompido / O alimento dos pulmões **4.** Unidade de atividade de uma substância radiativa **5.** O contrário de antes / Pronome demonstrativo feminino **6.** Relativo aos povos asiáticos **7.** Passar (o tempo) mais lentamente do que se deseja **8.** O Brasil possui 26 **9.** Variada **10.** Em música, abreviatura de opus / Círculo metálico a que se adapta o pneu dos automóveis / Sigla do estado com a ilha do Mel **11.** O piloto holandês de F1 Verstappen / Calor forte e prolongado **12.** Estabelecer ligação / Fruta usada para se fazer vinho **13.** Parte subterrânea da árvore / (Paz e) O lema dos hippies.

VERTICAIS
1. Artéria que se origina no ventrículo esquerdo do coração / Aparecer (em lugar elevado) **2.** Representação de algo (fato, coisa etc.) indeterminado, indefinido / Vestir / Pedra preciosa de brilho vítreo **3.** Ir em socorro / 12, em romanos **4.** Grande admirador / A primeira e a última letra **5.** Emitir (o gato) a sua voz típica / Estender ao comprido **6.** Guia **7.** O símbolo do térbio, elemento químico usado em aparelhos de TV / Permanência provisória / De + um **8.** A cuba onde se lava a louça / Jogo de interpretações ou arte divinatória que utiliza um baralho de 78 cartas / Conjunto de pessoas que vivem em comunidade num determinado território **9.** Um salto acrobático / Cortar com lâmina dentada.

HORIZONTAIS: 1. Aquém, TPM, **2.** Ou, Nióbio, **3.** Reatar, As, **4.** Curie, **5.** Após, Esta, **6.** Orientar, **7.** Arrastar, **8.** Estados, **9.** Sortida, **10.** Op, Aro, PR, **11.** Max, Ardor, **12.** Aliar, Uva, **13.** Raiz, Amor. **VERTICAIS: 1.** Aorta, Assomar, **2.** Que, Por, Opala, **3.** Acorrer, XII, **4.** Entusiasta, AZ, **5.** Miar, Estirar, **6.** Orientador, **7.** Tb, Estada, Dum, **8.** Pia, Taro, Povo, **9.** Moscar, Serrar.

SUDOKU

texto.art.br/fsp

DIFÍCIL

7						6		
9			2		7		1	
			8	3				
1					9		6	
	7						8	
	9		5					4
				1	8			
	3		4		5			8
		8						6

O **Sudoku** é um tipo de desafio lógico com origem europeia e aprimorado pelos EUA e pelo Japão. As regras são simples: o jogador deve preencher o quadrado maior, que está dividido em nove grids, com nove lacunas cada um, de forma que todos os espaços em branco contenham números de 1 a 9. Os algarismos não podem se repetir na mesma coluna, linha ou grid

SOLUÇÃO

7	8	3	1	9	4	6	2	5
9	6	4	2	5	7	8	1	3
5	2	1	8	3	6	4	7	9
1	4	2	3	8	9	5	6	7
3	7	5	6	4	2	9	8	1
8	9	6	5	7	1	2	3	4
6	5	9	7	1	8	3	4	2
2	3	7	4	6	5	1	9	8
4	1	8	9	2	3	7	5	6

FRASES DA SEMANA

A VOZ DO BRASIL
Manuela Morais
A presidente do Centro Acadêmico 11 de Agosto, da Faculdade de Direito da USP, foi uma das oradoras, na quinta (11), no evento de leitura da carta pela democracia, no largo São Francisco.

"Não queremos a democracia da fome, a democracia das chacinas e a dos ricos. Queremos a democracia da diversidade, dos trabalhadores, uma democracia real. Queremos a democracia dos povos."

Vanuza Kaimbé
A assistente social e integrante do Conselho do Povo Kaimbé foi uma das participantes do ato de quinta (11) pela democracia, em São Paulo.

"Sempre falaram em nome da gente, mas vimos que não podemos ficar só nas manifestações. Precisamos ocupar espaços como ocupamos hoje, com juristas. Esse país é nosso. Quando chegaram, já vivíamos muito bem aqui."

Floriano Peixoto de Azevedo Marques Neto
O ex-diretor da Faculdade de Direito da USP esteve também no evento.

"O dia de hoje marca a mensagem forte de que nosso país não comporta mais retrocessos diante do que já conquistamos. A democracia é uma premissa inegociável. Ela tem que ser um dado de nossa existência enquanto país, não um desafio."

CARTINHA
Jair Bolsonaro (PL)
O presidente usou as redes sociais na quinta (11) para chamar de "micareta do PT" a leitura da carta pela democracia em SP. Ele voltou a relacionar o PT às ditaduras e disse que o manifesto "vale menos que papel higiênico".

"Assinar uma carta pela democracia enquanto apoia regimes que a desprezam e atacam os seus pilares tem a mesma relevância que uma carta contra as drogas assinada pelo Zé Pequeno, ou um manifesto em defesa das mulheres assinado pelo Maníaco do Parque"

BOCA SUJA
Paulo Guedes
O ministro da Economia minimizou, na quarta (10), as críticas à política ambiental do Brasil que teriam sido feitas pelo governo da França e cobrou melhor tratamento dos europeus.

"Vocês [França] estão ficando irrelevantes para nós. É melhor vocês nos tratarem bem, senão nós vamos ligar o foda-se para vocês e vamos embora para outro lado. Porque vocês estão ficando irrelevantes"

FORA DAS QUADRAS
Serena Williams
Dona de 23 títulos de Grand Slam, a tenista americana afirmou, na terça (9), que está "evoluindo para além do tênis", indicando que, aos 40 anos, vai se aposentar do esporte que dominou.

"Nunca gostei da palavra aposentadoria. Não me parece uma palavra moderna. Tenho pensado no assunto como uma transição."

GARGANTA PROFUNDA
Donald Trump
O republicano e ex-presidente dos EUA criticou, na segunda (8), a operação de busca comandada pelo FBI em casa que possui no resort de Mar-a-Lago, na Flórida. O mandado cita possíveis crimes de espionagem, obstrução de Justiça e destruição de documentos do governo.

"Eles até arrombaram meu cofre! Qual é a diferença entre isso e Watergate, no qual agentes invadiram o Comitê Nacional Democrata? Aqui, ao contrário, os democratas invadiram a casa do 45º presidente dos Estados Unidos."

ACERVO FOLHA

Há 100 anos 14.ago.1922

São Paulo vence o Campeonato Brasileiro de seleções estaduais

O selecionado de São Paulo derrotou o do Rio de Janeiro por 4 a 1, na praça de esportes do Parque Antarctica, neste domingo (13), e venceu o Campeonato Brasileiro de futebol de seleções estaduais.

A equipe paulista atuou com firmeza. Os dianteiros foram incansáveis, desenvolvendo aquela técnica impecável.

O jogador Mario Andrade não agradou a muitos torcedores, mas o resto andou bem. Rodrigues atuou melhor na primeira etapa, tendo no segundo tempo falhado por diversas vezes.

O goleiro Primo foi muito discreto e seguro. Na defesa, Clodoaldo e Barthô formaram uma combinação excelente.

LEIA MAIS EM acervo.folha.com.br

S. PAULO — Segunda-feira, 14 de Agosto de 1922

Folha da Noite

O CAROÇO DE ALGODÃO

CASA MODELO EM EXPOSIÇÃO

ilus
trís
sima
ilustrada

Liberal em transe

Consagrado no romance, controverso na política, Mario Vargas Llosa, 86, segue ativo nas duas frentes e comenta em entrevista à Folha a criação de seus livros, a influência de Flaubert e Faulkner, a eleição brasileira e a conversão ao liberalismo *C4 a C6*

Mario Vargas Llosa durante palestra no ciclo de conferências Fronteiras do Pensamento, em Porto Alegre, em 2016
Luiz Munhoz/Recorte do Olhar/Folhapress

MÔNICA BERGAMO | monica.bergamo@grupofolha.com.br

Teté e José Hamilton Ribeiro

Meu pai, o iauaretê

[RESUMO] Filha de um dos jornalistas mais importantes do país, repórter da Folha narra a ligação do patriarca com o Pantanal e relembra a juventude sob as asas do então contratado da Globo, que em breve completará 87 anos

Por ***Teté Ribeiro***

José Hamilton Ribeiro celebrando os 5 anos da filha Teté (à esquerda) na casa da família em Ribeirão Preto (SP), na década de 1970; abraçada aos dois, a outra filha dele, Ana Lúcia
Arquivo pessoal

Desde que eu me conheço por gente sou personagem de Pantanal. Não a novela atual da Globo nem a da TV Manchete, de 1990, que tinha a mesma trama mas uma produção menos luxuosa. O meu Pantanal é o do romance de ficção infanto-juvenil "A Vingança do Índio Cavaleiro", escrito pelo meu pai, o jornalista José Hamilton Ribeiro, em 1979.

*

Dona Teté (abreviação de meu nome, Ana Teresa, e como ele me chama desde que nasci) é a personagem da história. Ela é casada com um jovem físico chamado Luís Torres, que, depois de concluir um trabalho sobre explosão das estrelas, aceita o convite de um amigo sertanista para conhecer uma aldeia indígena do Mato Grosso do Sul, onde ficam dois terços da área do Pantanal.

*

A aldeia era dos cadiuéu, um ramo da nação guaicuru que vive espalhado em uma área demarcada, em casas que parecem ranchos e ficam distantes umas das outras —ao contrário daquela imagem clássica de aldeias indígenas com ocas que rodeiam uma área livre.

*

Na minha adolescência, um ditado dos cadiuéu era lembrado pelo meu pai toda vez que minha rebeldia parecia por demais incontrolável. "Não canse quem te quer bem", ele dizia. Como presente de casamento, meu pai deu a mim e ao meu marido um vaso pintado pelos cadiuéu que ele trouxe do Pantanal em uma das viagens que fez no começo de 2000.

*

Ao longo do tempo, a casa dos meus pais foi mudando de cara. De uma decoração tradicional, com móveis pesados e rústicos, passou a ter um ar mais improvisado, menos arrumadinho, com outros vasos (como o que ele escolheu para mim) e outras artes trazidas de suas viagens de trabalho.

*

Entre elas, a estátua de uma cangaceira vinda de uma viagem de reportagem no Nordeste do país, um tamanduá de madeira que enfeita até hoje a mesinha do telefone e umas corujinhas de palha que desde o nascimento de minhas filhas viraram o brinquedo favorito da casa do vovô.

*

Na trama do livro, dona Teté é chamada às pressas pelo marido a Campo Grande, capital do estado, para onde foi levado um bebezinho cadiuéu que perdeu a mãe no parto. Ela chega e logo passa a tomar conta do recém-nascido, que corre risco de vida. Algumas semanas depois, o casal adota a criança com a bênção de seu avô, Itakadauana, com a condição de que ele volte para a aldeia quando for chamado.

*

Meu pai me conta que optou por fazer uma história de ficção sobre os cadiuéu porque o antropólogo e escritor Darcy Ribeiro (1922-1997), nos anos 1940, já tinha estudado esses indígenas e feito ampla pesquisa de campo na aldeia do Pantanal, que reuniu no livro "Kadiwéu: Ensaios Etnológicos sobre o Saber, o Azar e a Beleza", de 1948. "Escrever sobre os cadiuéu depois do Darcy Ribeiro ia ser ou muito fácil ou muito difícil", ele me explicou, quando falamos sobre o assunto na semana passada.

*

Apesar de ter sido repórter por mais de 60 anos, meu pai, que completa 87 no próximo dia 29, também se aventurou pela ficção. E o Pantanal, região que ama e conhece profundamente desde os anos 1960 e onde fez algumas de suas reportagens mais marcantes, já tinha sido tema de outro romance para o mesmo público infanto-juvenil. "Pantanal, Amor Baguá", lançado em 1974, é sua primeira obra não-jornalística.

*

Conta a história de Tato, um menino de uma cidade grande que viaja ao Pantanal de férias. Lá, se apaixona por uma indigenazinha e abre os olhos e o coração para os problemas da região, que já enfrentava a invasão de pecuaristas ilegais e de caçadores que ameaçavam espécies animais. Ao longo da trama, aprende o significado de um "amor baguá", que pretende ser livre, sem amarras, sem regras.

*

Hoje em dia é muito difícil encontrar um exemplar desse livro em uma livraria. Lançado pela extinta editora Brasiliense, o "Pantanal" do meu pai já teve mais de 40 reimpressões. Como mudou várias vezes de editora (a última versão é da Moderna, de 2003), de capa, teve novas edições, ninguém sabe dizer quantos exemplares foram vendidos no total. Mas os cheques com pequenos valores pagos pelos direitos autorais, em diversas moedas, chegavam todos os meses pelo correio no apartamento em que moramos durante toda minha adolescência e começo da vida adulta.

*

Eram a minha mesada, já que meu pai, que sempre teve uma certa aversão a assuntos do dia a dia, não achava hora para ir a uma agência bancária descontar os cheques.

*

Também não dava bola para os tíquetes-refeição que recebia como parte do salário da TV Globo, onde trabalhava como repórter no programa Globo Rural desde 1981.

*

Faziam o maior sucesso entre meus amigos skatistas, que eu convidava para almoçar no restaurante América da alameda Santos, em São Paulo, em dias de semana. Ficávamos horas olhando e rindo das pessoas que passavam apressadas e vestidas de maneira elegante e comportada pelas enormes janelas de vidro, prometendo uns aos outros nunca fazer parte daquele time.

*

Mas o que causava comoção entre a minha turma e a de minha irmã, Ana, eram os vale-compras que meu pai ganhava a cada trimestre durante alguns anos para renovar o guarda-roupa, política da Globo de então para estimular os repórteres que apareciam no ar a estar sempre bem vestidos.

*

Eles acabavam vestindo todo o mundo, menos meu pai. Volta e meia ele repetia uma frase da qual não sei a origem, mas não me soa como um saber indígena: "Feliz é o homem que não tem camisas".

*

Pela trama desses dois livros, daria para pensar que meu pai foi um menino de cidade grande que conheceu o interior do Brasil por obrigação, ainda que obviamente tenha se apaixonado pelo tema, a música, o jeito de levar a vida como fazem os caipiras, como ele chama sem o menor preconceito.

*

Mas não é nada disso. Ele nasceu em uma cidade muito pequena no interior de SP, Santa Rosa de Viterbo, que hoje tem pouco mais de 20 mil habitantes. Veio para São Paulo aos 19 anos para ser jornalista, profissão que, na época, meio dos anos 1950, não exigia diploma.

*

Começou sua carreira nesta **Folha**, sem nenhum treinamento. Cobriu a inauguração de Brasília, em 1960, onde entrevistou o então presidente Juscelino Kubitschek. Uma foto clássica, pelo menos na minha família, mostra os dois conversando e um carro antigo com o logo das "Folhas" à sua frente.

*

Em março de 1968, já casado e pai de minha irmã (eu nasceria na década seguinte), foi cobrir como repórter da revista Realidade a guerra do Vietnã. Pisou em uma mina terrestre que lhe arrancou a perna esquerda do joelho para baixo. Passou cinco meses em um hospital para veteranos de guerra em Chicago, nos Estados Unidos, se recuperando do trauma, fazendo cirurgias reparatórias e aprendendo a viver com uma prótese. Saiu andando desse episódio, que ele chama de "acidente de trabalho".

*

Foi depois disso que ganhou os sete prêmios Esso de sua carreira e teve uma flor batizada em sua homenagem, um antúrio-mirim descoberto no Jardim Botânico do Rio.

*

No último dia 31 de julho, meu pai também saiu andando do Hospital Nove de Julho, onde passou uma semana internado, entre a UTI e um quarto, por causa de uma dengue, que ele não lembra se foi a primeira que teve na vida. Tinha chegado de ambulância de sua fazenda em Uberaba, a 500 km de São Paulo, para onde se mudou no começo da pandemia.

*

Nesses dois anos, negociou sua saída da TV Globo e decidiu parar com a vida de jornalista para se dedicar aos passarinhos que ele vê chegarem cada vez mais perto de sua rede na varanda, onde passa as tardes lendo, e para onde não vê a hora de voltar desde que pisou fora do hospital.

*

Não se comprometeu em passar o Dia dos Pais com as filhas e não quer ouvir falar de comemoração do aniversário que se aproxima. Quer voltar ao calor de sua terra, que comprou pedacinho por pedacinho ao longo da longa carreira. E que agora, dizem, tem uma onça rodeando. Ou, como se diz em tupi-guarani, um iauaretê.

Vigilante rodoviário

'Como é que você explica tirar dinheiro de criancinha pra sua turma comprar Viagra, Carlos?'

Bernardo Carvalho
Romancista, autor de 'Nove Noites' e 'O Último Gozo do Mundo'

"Junto, Lobo!"

"Junto?! Pirou, Carlos? Olha só: passei anos ao seu lado, companheiro, obedecendo ordens e chamados, bastava assobiar, e veja só onde foi que você nos meteu. Não dá pra ver? Pelo amor de Deus, Carlos, abra os olhos. Só porque anda por aí fantasiado de Rambo, todo pimpão, acha que o país é seu? Veja bem a merda onde a gente está. Não tem comparação com nada —está escutando bem, Carlos?—, NADA do que já aconteceu de pior neste país. E sabe por quê? Pela miopia e a ganância de gente como você. É isso mesmo, Carlos, síndrome de capataz. Nunca ouviu falar? Pois é. Viu o patrão roubando, desmandando, abusando da lei, e achou que tinha chegado a sua vez. Também queria se dar bem, né? É humano. Mas logo você, que estava aí pra zelar pela lei. Ou não estava? Você me diga. Agora, olhe só que merda, Carlos. Você continua capataz. É. Porque o país encolheu à sua medida. Agora seu patrão, seu chefe, o bandido da hora, é seu colega de ontem. Isso. Você tá trabalhando pra bandido, Carlos, só que amigão. Oficialmente. Vai dizer que sempre trabalhou pra bandido e eu até poderia concordar com você. Mas em termos, né? Se não tivéssemos chegado a este novo patamar. Porque na hora que você ganhou independência e autonomia pra fazer cumprir a lei, que é que você fez? Jogou a independência no lixo e foi se aliar com a bandidagem dos seus ex-colegas de profissão transformados em patrão e em chefe. Corporativista. Você é cafona demais, Carlos! Eu sei que o ser humano é fraco. Você não ia continuar fazendo o papel de bobo, vendo todo mundo roubar a sua volta. Melhor com amigo, né? Mas, Carlos, a gente também era amigo. Amigo fiel. Isso não se faz. Você pode estar cagando pra sua imagem, mas como é que fica a minha? E a criançada? Eu sei que você pensa pequeno e os problemas agora são grandes, não dá pra resolver sozinho, desigualdade social, racismo, concentração de renda, aquecimento global, o planeta explodindo, ameaça nuclear, a floresta pegando fogo, pandemia, a maior merda, melhor negar, ok, você não é o super-homem, mas passar pro outro lado, assim, na maior cara de pau? Defender desmatamento e garimpo ilegal? O que aconteceu com você, Carlos? Ou será que fui eu que não farejei direito? Achou que bastava porrada e uma visão tosca do mundo? Não teve colhão pra encarar a própria mediocridade, né? Pedir desculpa e tentar se superar. Muito esforço. Normal. Autocrítica é foda. Eu entendo. Mas e agora? Agora seu maior inimigo é quem quer se livrar da incompetência, da mediocridade e da bandidagem oficial. Isso. Você prefere acuar a população, ameaçar, destruir, pilhar, levar o país à falência, explodir tudo, pra defender a mediocridade no poder, a sua bandidagem, a sua incompetência, contra a inteligência e o bom senso, dizendo que é do bem. Patriota. Parabéns, Carlos, parabéns! Todo esse papo furado de ameaça comunista, de Deus isso e família aquilo, conservadorismo, bons costumes, tudo pra não perder a boquinha, né?! Tá com o bolso cheio? E eu aqui só na ração, assistindo calado a minha reputação ir pro ralo. Você me decepciona. Faça o que quiser, mas sem me envolver, por favor! Junto? Que que é isso?! Como é que você explica tirar dinheiro de criancinha, de gente morrendo de fome, deixar indígena à míngua de remédio pra sua turma comprar Viagra, Carlos? Surrupiar dinheiro de escola e hospital público só porque não dá mais no couro? Compensar a incompetência com um aumento na aposentadoria? Sério? Às claras? E depois botar tudo em sigilo de cem anos? Que novidade é essa? Liberdade? Quem não deve não teme. Quem é você pra sair por aí dando lição com o dinheiro do contribuinte, Carlos!? E a vergonha? Não? Nenhuma? Resolva seus problemas sozinho. É burro, incompetente e brocha? E eu com isso? Poupe-me. Acha que desfilar por aí com arma na cintura resolve? Espetada pra fora da janela do carro? Beleza. Mas não venha pedir bônus. Nem churrasco de primeira. O patrão não quer pagar o pato? É razão pra desfalcar escola e hospital de pobre? Porreta, Carlos, porreta. Vai melar as eleições pra bandido amigão não perder?! Cara de pau, hein? Jesus pode ser fiel, mas pra mim deu. Cresci, amadureci e você esse babacão imprestável de sempre. Chega, Carlos, vai ser burro assim no inferno!"

> **[...]**
> 'Você prefere acuar a população, ameaçar, destruir, pilhar, levar o país à falência, explodir tudo, pra defender a mediocridade no poder, a sua bandidagem, a sua incompetência, contra a inteligência e o bom senso, dizendo que é do bem. Patriota. Parabéns, Carlos, parabéns!'

Ouvem-se tiros.

"Cachorro não fala. Não sou burro, Lobo! Cachorro não fala", diz o vigilante rodoviário, guardando a arma, depois de atirar no companheiro.

"Lobo não é cachorro, Carlos", responde o animal ileso, partindo para o ataque.

| **DOM.** Bernardo Carvalho, **Itamar Vieira Junior**, Marilene Felinto, Wilson Gomes

Entre a vanguarda e a tradição

[RESUMO] O Nobel peruano Mario Vargas Llosa, 86, um dos maiores escritores vivos e baluarte do liberalismo, comenta em entrevista a criação de seus livros e a influência central de Flaubert, explica o papel da alternância de narradores no romance moderno, critica a direita por ignorar a desigualdade, diz que não gostaria de votar em Lula ou Bolsonaro e relembra o que aprendeu ao disputar a Presidência do Peru em 1990

Por ***Marco Rodrigo Almeida***
Jornalista da **Folha**, é editor-adjunto da Ilustríssima

Mario Vargas Llosa é um personagem de enredo único na literatura atual. Ganhou o Nobel, disputou uma eleição presidencial, esmurrou Gabriel García Márquez em uma das mais lendárias contendas entre escritores, virou baluarte das ideias de direita, recebeu homenagens tanto de intelectuais quanto de empresários pelo mundo, defendeu com entusiasmo políticos pouco ou nada apreciados no meio literário, como Margaret Thatcher e Ronald Reagan.

Consagrado no romance, controverso na política, o peruano acumulou adoradores e detratores em igual medida. Encarar esses dois aspectos, o artista e o homem público, com alguma perspectiva e isenção é a pedra no sapato de muitos que tomam contato com seus livros.

Em repercussão na mídia, o pensador de direita vem levando a melhor sobre o ficcionista. Muitas das recentes menções a Vargas Llosa são de reações escandalizadas a suas preferências nas eleições latino-americanas —Keiko Fujimori no Peru (filha do ditador que o derrotou na campanha de 1990), o pinochetista José Antonio Kast no Chile, Jair Bolsonaro no Brasil.

O jornal britânico The Guardian compilou alguns desses comentários. "Conseguir o apoio de Vargas Llosa é a maior lápide política. Parabéns a Lula", tuitou o cientista político espanhol Daniel Vicente Guisado; "Hasta nunca, Don Vargas Loser!", cunhou o brasileiro Sérgio Rodrigues, colunista da **Folha**.

Em entrevista à **Folha** por videochamada, Vargas Llosa moderou a preferência —ao que se sabe, nunca entusiasmada— que havia manifestado por Bolsonaro em maio, em palestra no Uruguai. O peruano diz agora que não queria estar na pele do eleitor brasileiro para escolher entre o presidente e Lula, mas reforçou que torce sobretudo por uma derrota do petista.

Aos 86 anos, Vargas Llosa preserva um tanto do fôlego da mocidade. O gosto pelo debate público também continua firme. Em um fim de tarde de Madri, após mais um dia carregado de compromissos, e ainda assim com simpatia perceptível até no impessoal mundo online, ele fez um breve panorama de sua trajetória literária e política.

A conversa começou por "A Cidade e os Cachorros" (1963), seu primeiro romance, que 60 anos atrás ganhava o Prêmio Biblioteca Breve, o que permitiu sua publicação. Fruto da traumática experiência do escritor no Colégio Militar Leôncio Prado, em Lima, o livro retrata o devastador impacto do autoritarismo na vida de um punhado de garotos e, de forma geral, na sociedade peruana.

Desde então, a corrosão dos valores democráticos na América Latina e a corrupção moral que quase sempre acompanha o poder são temas centrais de seus romances, costurados por estrutura complexa, com alternância de narradores, fusões de diálogos, fragmentação espacial e temporal. É o que chamou de romance total, cujos exemplos mais notórios são "Conversa no Catedral" (1969) e "A Guerra do Fim do Mundo" (1981).

Não poucos já perceberam aí uma flagrante contradição. Há tempos se repete que Vargas Llosa é vanguardista na ficção e reacionário na política, mas talvez seus detratores fiquem surpresos ao ler a seguir que para ele não há capitalismo sem impostos ou que a direita erra por desconsiderar o combate à desigualdade como parte essencial do liberalismo.

Por sinal, em seu mais recente romance, "Tempos Ásperos" (2019), inspirado em episódios reais, uma multinacional que se recusa a pagar impostos passa a propagar mentiras que acabam por derrubar, com o apoio da CIA, um governo democrático e progressista na Guatemala.

E voltando no tempo, rumo a uma entrevista de 1965 sobre o primeiro romance, o jovem Vargas Llosa, falando de Gustave Flaubert, seu herói literário, já parecia antecipar o impasse em que se veria metido. "Flaubert era um reacionário. Queria um governo de uma elite de super-homens, uma espécie de ditadura patriarcal. Mas, quando se pôs a escrever 'Madame Bovary', essas convicções foram refutadas pela própria realidade viva que registrou."

*

Há 60 anos, o senhor concluía seu primeiro romance, "A Cidade e os Cachorros". O que foi mais marcante nessa estreia? Foi um romance que escrevi sobre minha experiência como cadete no Colégio Militar Leôncio Prado, em Lima. Meu pai me colocou neste colégio pensando que os militares seriam uma oposição a minha vocação literária. O curioso é que, no Leôncio Prado, me converti em escritor profissional, pois escrevia cartas que meus companheiros mandavam para suas namoradas.

Leôncio Prado tinha a novidade de receber alunos de toda parte. Havia meninos de famílias mais ricas e também de famílias camponesas. Era possível conhecer o Peru através do colégio militar.

Toda sua obra futura parece estar contida neste primeiro romance. O desejo de compor um grande painel da sociedade peruana, a ausência de liberdade, os múltiplos narradores. O senhor já tinha noção do caminho que queria seguir? Mais ou menos. Não estava tão claro para mim isso, mas o romance tinha muita relação com os problemas de uma sociedade latino-americana. Havia as ditaduras militares, a falta de honestidade dos políticos, as grandes diferenças econômicas entre uma classe humilde e a pequena minoria de ricos. Esses têm sido, desde sempre, os temas que me motivam a escrever sobre o Peru.

O senhor já se descreveu como um autor do século 19, que busca seduzir o leitor pela emoção, pelo suspense, sem que questões intelectuais interfiram na fruição da trama. Ao mesmo tempo, suas histórias têm uma construção muito complexa. Como equilibra essa relação? Não gosto que a técnica, que simplesmente tem como objetivo formatar uma história, dar maior profundidade e extensão a uma história, se sobressaia. O mais importante são as histórias, os personagens. Creio que não é muito importante a técnica para conseguir esses objetivos, mas a técnica facilita enormemente, ajuda a delimitar os narradores, permite contornar os tempos mortos.

Autores como Faulkner, Hemingway, Joyce, é claro, inovaram muito a estrutura do romance. Eles facilitaram, digamos, colocar muito mais histórias, mais personagens e situações em um romance do que antes, quando os escritores estavam muito mais limitados pela falta de técnica.

Em entrevistas, o senhor cita sobretudo Flaubert, a quem dedicou um belo livro, "A Orgia Perpétua" (1975), sobre a escrita de "Madame Bovary", e Faulkner. Qual dos dois influenciou mais seus livros? Provavelmente Flaubert. É um autor que me deslumbrou. Criou um novo tipo de realismo, muito preciso, em que havia um cuidado muito grande com a forma. Antes de ler Flaubert, uma das coisas que me desagradavam no realismo era a falta de rigor que havia na América Latina.

Então, encontrar Flaubert, que dedicou cinco anos a "Madame Bovary", me deslumbrou. Aprendi muitas coisas em Flaubert, sobretudo esse narrador, que ele compara a Deus, pois está em todas as partes, mas não é visível em parte alguma.

Mas também Faulkner é um dos meus autores favoritos, grande romancista. Ele descreveu o mundo do sul dos EUA de uma maneira maravilhosa, a temática negra está maravilhosamente expressa em Faulkner.

Assim como em Faulkner, as mudanças de ponto de vista são constantes em seus livros. É fundamental essa alternância, pois, se você quer apresentar uma sociedade, deve mostrar distintos ângulos sociais e, para isso, precisa escolher distintos narradores. Sempre escolhendo um narrador que seja o Deus Padre e também narradores personagens, mas respeitando o que os personagens podem saber enquanto personagens.

Não é o mesmo que sabe um narrador onisciente, que tem visão de conjunto. Os personagens veem os outros personagens de maneira muito limitada, então creio que isso está dentro da técnica realista.

O senhor, ainda bastante jovem, escreveu três romances muito sofisticados nos anos 1960: "A Cidade e os Cachorros", "A Casa Verde" (1966) e "Conversa no Catedral". Mas acho que pouco se fala de uma história curta desse período e também muito experimental, "Os Filhotes" (1967), na qual o senhor alterna as vozes narrativas na mesma frase, sem perder o fio da história. Seria esse seu texto mais ousado? De fato, a técnica com que é narrada essa história não é para leitores preguiçosos, é para leitores muito ativos, que tenham uma imaginação livre, pois há um jogo com a narração coral daquele grupo de adolescentes.

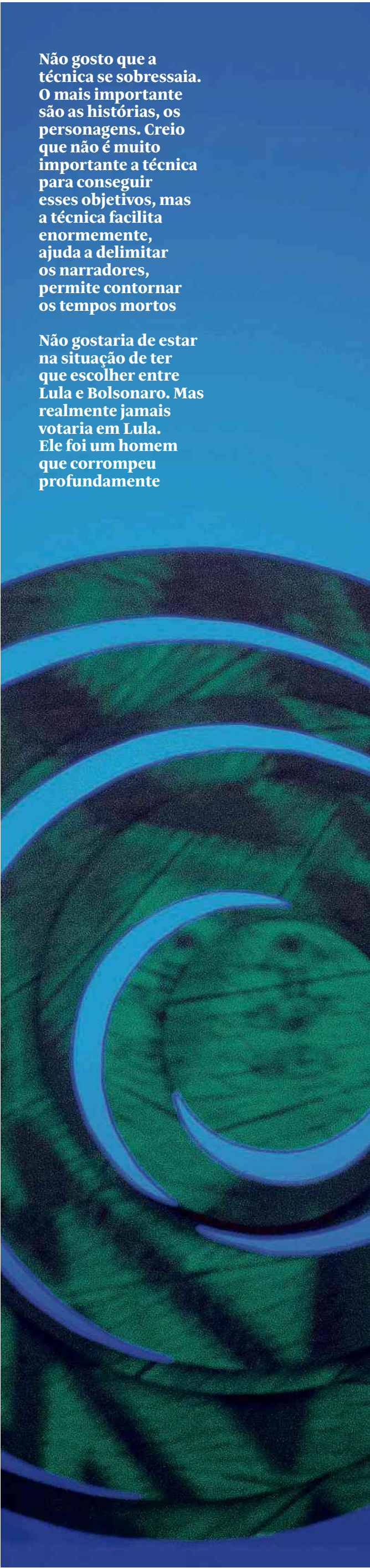
Mas digamos que em todos os meus livros utilizei técnicas distintas, e as técnicas, como falei, são o que permitem ao romance moderno abarcar mais espaços. Se tivesse escrito "Conversa no Catedral" de maneira mais tradicional, teria resultado em um livro cinco vezes mais extenso. A técnica me permite sintetizar muito.

Mas eu não saberia explicar de antemão a técnica que vou usar em um romance ou até mesmo como foi que encontrei essa história. Há um elemento muito intuitivo que, muitas vezes, prevalece sobre o racional.

Após esse período de muita experimentação, o senhor buscou novos caminhos na década de 1970, histórias mais leves, de estrutura mais simples, como "Pantaleão e as Visitadoras" (1973) e "Tia Julia e o Escrevinhador" (1977). Sentiu algum esgotamento? Isso tem a ver com minha descoberta do humor. Eu era muito pouco risonho na hora de escrever. Creio que isso era uma influência de Sartre. No início de minha carreira, tive muita influência dele, e Sartre era muito sério, como se colocasse paletó e gravata para escrever.

Isso me provocou uma espécie de preconceito contra o humor. Fui me liberando disso depois, na Espanha,

Continua na pág. C5

Mario Vargas Llosa na abertura do ciclo de conferências Fronteiras do Pensamento, em 2013 Avener Prado/Folhapress

CINCO LIVROS PARA CONHECER VARGAS LLOSA*

A Cidade e os Cachorros (1963)
R$ 74,90 (376 págs.); R$ 29,90 (ebook)

Primeiro romance do autor, reflete sua traumática experiência em um colégio militar em Lima

Os Filhotes (1967)
R$ 52,90 (136 págs.); R$ 23,90 (ebook)

Novela sobre o amadurecimento de uma turma de garotos no Peru dos anos 1950. Um dos textos mais sofisticados do autor, alterna na mesma frase os pontos de vista (a narração coral do grupo e as vozes individuais dos meninos), monólogos e diálogos. No Brasil, foi publicado junto com os contos de 'Os Chefes' (1959), primeiro livro de Llosa

Conversa no Catedral (1969)
R$ 74,90 (584 págs.); R$ 29,90 (ebook)

Mais conhecido romance do peruano, é o melhor exemplo de seu projeto utópico de romance total. Valendo-se de rigorosa construção formal, traça um amplo painel da sociedade peruana nos anos da ditadura do general Manuel A. Odría (1948-1956), descrevendo a corrupção moral decorrente da opressão política

A Guerra do Fim do Mundo (1981)
R$ 94,90 (608 págs.); R$ 29,90 (ebook)

Deslumbrado com 'Os Sertões', de Euclides da Cunha, Vargas Llosa recriou a revolta de Canudos em forma de romance. É seu primeiro livro ambientado fora do Peru

A Festa do Bode (2000)
R$ 69,90 (456 págs.); R$ 29,90 (ebook)

Outro dos célebres romances históricos do autor, retrata a ditadura de Rafael Trujillo na República Dominicana. Vargas Llosa entrelaça três histórias em uma tenebrosa narrativa sobre o totalitarismo

*todos pela editora Alfaguara

Continuação da pág. C4
e comecei a escrever romances como "Pantaleão", que tem um humor muito direto, espontâneo. Em todo caso, sempre há os problemas da América Latina em meus romances.

Nesse período, nos anos 1970, o senhor foi se afastando da esquerda e se aproximando gradativamente da direita. A conversão ao liberalismo também explica essa mudança em seus livros? Creio que não. Isso foi uma experiência que tive nos anos que vivi na Inglaterra, nos anos de Margaret Thatcher [1979-1990]. Impressionou-me muito a maneira como a Inglaterra, que havia entrado em decadência gradual, se levantava com grande energia, convertendo-se no primeiro país europeu.

Comecei a ler muitos pensadores liberais, que a senhora Thatcher citava, que orientavam seu governo. Foi um período muito criativo para mim do ponto de vista intelectual. Ler Karl Popper, austríaco que emigrou para a Inglaterra, me impressionou tremendamente. Ou os economistas austríacos, que Thatcher consultou muitíssimo. Esses pensadores me apresentaram uma ideia de democracia cujo dinamismo vinha fundamentalmente do liberalismo.

Os críticos já apontaram que seus primeiros romances, quando o senhor estava mais próximo da esquerda, eram mais pessimistas e melancólicos, e que isso teria sido um pouco modulado à medida que o senhor se tornou um liberal. Os livros seguintes teriam um tom mais aventuresco, explorando lugares fora do Peru, fora do tempo presente, como "A Guerra do Fim do Mundo", que se passa na Bahia, sobre Canudos. Sim, devo esse romance a Euclides da Cunha, cujo "Sertões" me deslumbrou. Euclides me empurrou a escrever sobre Canudos. Foi um dos romances em que mais trabalhei e dos quais estou mais orgulhoso. De fato, foi uma mudança em minha obra. Saí do Peru para entrar no mundo latino-americano, lidei com personagens reais.

Podemos então dizer que ler esses autores liberais de alguma forma impactou sua literatura. Isso responde a uma convicção ideológica. Quando estava no Peru, em grande parte pela relação com meu pai, sempre muito ruim, eu tinha um pessimismo muito grande sobre a possibilidade de os países subdesenvolvidos prosperarem.

Mas essa atitude mudou completamente na Europa, quando me tornei um liberal. O liberalismo tem dinâmicas que podem converter qualquer país, por mais carente de recursos que seja, em um país próspero.

No livro "O Chamado da Tribo" (2018), no qual apresenta os pensadores liberais que mais o marcaram, o senhor argumenta que o liberalismo vai muito além da pregação de livre mercado. Significa sobretudo a liberdade política e de expressão, o pluralismo de ideias e valores, a tolerância, os direitos humanos... Sim, defender direitos humanos e fazer com que empresários paguem impostos. Infelizmente, os empresários se livram de pagar impostos, mas isso não é capitalismo. Capitalismo é empresários pagando seus impostos, o que permite à sociedade prosperar.

Mas grande parte da direita hoje no mundo não tem uma visão muito limitada de liberalismo, se apegando apenas a seu aspecto econômico, como o corte de impostos que o senhor citou? Penso que isso é um grave erro, tomar somente o liberalismo como desenvolvimento econômico e não ter em conta os problemas que existem em cada sociedade. Isso o liberalismo mostra de maneira maravilhosa —cada sociedade tem uma problemática que deve resolver. A resolução demanda um conjunto de medidas.

É o caso do Chile. O país desenvolveu-se muito, mas os pobres encontraram uma barreira que não os permitia ascender à classe média. Isso produziu uma explosão de revoltas.

Isso explica a derrota da direita em eleições recentes na América Latina? Creio que a direita não foi muito clara na América Latina. No século 19, houve um liberalismo muito ativo, ia fundamentalmente contra a igreja e não se preocupava com a questão econômica. Agora, é muito importante a questão econômica, mas ela não pode fechar nossos olhos a outros temas sociais, que são igualmente importantes em nossos países. Por exemplo, as grandes diferenças entre a classe empresarial e a classe trabalhadora. Essa preocupação deveria prevalecer no mundo do liberalismo, sobretudo em países latino-americanos.

Nas eleições brasileiras de 2018, o senhor disse que optar entre Bolsonaro e Haddad era como escolher entre o câncer terminal e a Aids. Recentemente, disse que prefere Bolsonaro a Lula. Bolsonaro cresceu em seu conceito nesses quatro anos? Não, digamos que não tenho muita simpatia por Bolsonaro. Com sua posição sobre as vacinas, ele provocou uma verdadeira catástrofe no Brasil. Além disso, tem uma certa vocação pela palhaçada, não?

Mas Lula... No Peru, temos quatro presidentes com processos na Justiça [em decorrência da Lava Jato]. Em grande parte, todos eles foram vítimas de Lula, pois ele utilizava, digamos, a Presidência para corromper os governantes latino-americanos. No Peru, causou estragos.

Então, não gostaria de estar na situação de ter que escolher entre Lula e Bolsonaro. Mas realmente jamais votaria em Lula. Ele foi um homem que corrompeu profundamente. Podemos dizer que os dirigentes peruanos se deixaram corromper, mas Lula cumpriu uma função muito negativa no Peru [A delação da Odebrecht, que motivou processos judiciais no Peru, falava em pagamento de propina no país vizinho a pedido do PT; Lula foi citado na delação, mas nunca acusado formalmente por esses casos].

O senhor certamente sabe que os processos contra Lula na Lava Jato foram anulados. Sim, mas foram por questões técnicas, e alguns juízes também têm seus preferidos na política. Torço para que não elejam de novo Lula, pois ele está muito associado à corrupção.

Como a disputa se concentra em dois candidatos, sobra então Bolsonaro, que representa muitas das ideias que o senhor sempre combateu em seus livros, como o militarismo exacerbado e o autoritarismo. O senhor já reconheceu que, para um liberal, é muito difícil aceitar Bolsonaro. Sim, muito difícil. Bolsonaro é um palhaço no fundo. É uma pessoa que tem uma vocação para a palhaçada, não é muito sério. A escolha é muito difícil. Ficaria feliz em não ter que opinar nesta eleição entre Lula e Bolsonaro.

O senhor é um caso raro de escritor que disputou uma eleição. Concorreu à Presidência do Peru em 1990, perdendo para Alberto Fujimori. Passados 30 anos, acha que foi um erro? Tudo resultou de um movimento que parou uma lei que nos parecia muito negativa, uma lei que pretendia nacionalizar todos os bancos. Como eu dirigi esse movimento, e ele teve êxito, me senti, de certa forma, empurrado a ser candidato. Mas nunca esteve entre meus sonhos ser um candidato à Presidência.

O livro "Peixe na Água" (1993), em que rememora sua campanha, apresenta uma visão muito negativa da política. O senhor diz que a política real tem pouco a ver com idealismo, solidariedade, e sim com intrigas, traições, cinismo. O que mais aprendi é que a corrupção é imensa, chega a se estender por todas as partes da vida política. Esse é um dos grandes obstáculos para a filosofia liberal. As pessoas mais capazes não querem fazer política. Isso é um grave problema, pois deixa as piores pessoas fazerem política.

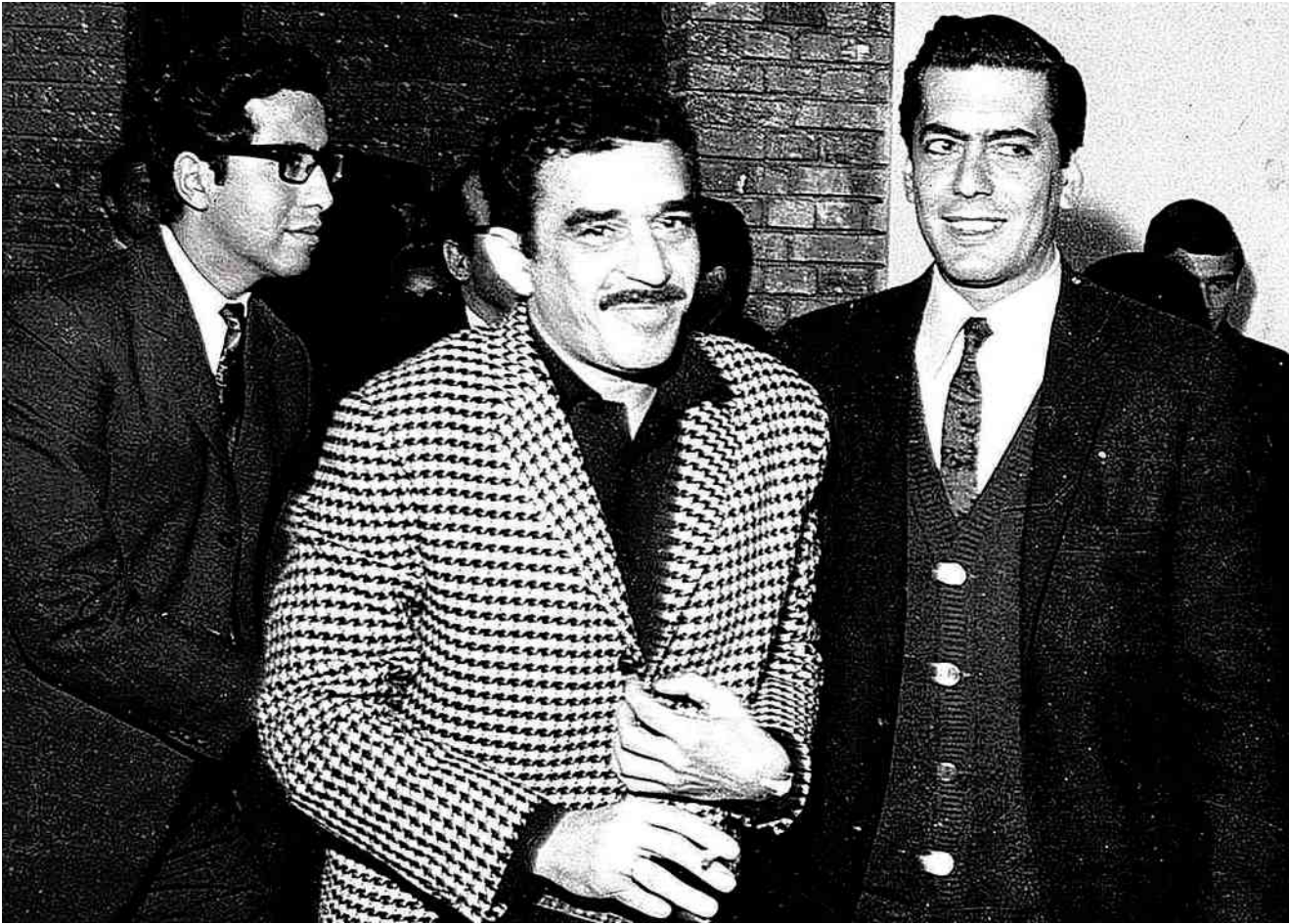
Embora na campanha Fujimori fosse um populista de esquerda, depois de eleito adotou muitas das medidas econômicas liberais que o senhor defendeu. Chegou-se a dizer que o senhor, de certa forma, havia vencido a eleição, pois seu programa de governo estaria implementado. Depois, o senhor diria que essa associação foi a sua verdadeira derrota. Sim, eu propunha uma democracia, Fujimori exerceu uma ditadura. Ele fez uma transição que eu jamais teria seguido. O plano econômico estava bem, mas teria de ser feito na democracia, fortalecendo-a, não estabelecendo uma ditadura.

Para encerrar a entrevista, gostaria de voltar à literatura. Trabalha em algum livro? Venho escrevendo um romance sobre a música peruana, com um personagem que é crítico musical. Ele tem a ideia de que a música pode aproximar os peruanos e liberá-los dos preconceitos. ←

A tribo deicida

[RESUMO] No celebrado ensaio 'García Márquez: História de um Deicídio' (1971), que ganhará em setembro sua primeira edição no Brasil, Mario Vargas Llosa, ao falar do então amigo colombiano, expõe sua ideia utópica de literatura total, espécie de rebelião contra Deus e a substituição da realidade por um universo ficcional que abarcasse todos os aspectos da vida. Com esse propósito, Vargas Llosa e García Márquez escreveram romances primorosos, mas falta a ambos o drama da redenção humana, elemento que faz a arte transcender o cotidiano, avalia crítico

Por ***Martim Vasques da Cunha***

Autor de 'Um Democrata do Direito' (Metalivros, 2021) e coordenador das obras completas de Mario Vieira de Mello, publicadas pela É Realizações

O colombiano Gabriel García Márquez (à esq.) e o peruano Mario Vargas Llosa nos anos 1960, quando ainda eram amigos Divulgação

Quando ainda era amigo de Gabriel García Márquez, Mario Vargas Llosa conseguiu, com o romance "Conversa no Catedral" (1969), criar uma síntese das três correntes na literatura mundial que os uniam: a de Gustave Flaubert, a de William Faulkner e a da novela picaresca espanhola (em especial, envolvendo os ciclos de cavalaria "Amadis de Gaula", "Tirant Lo Blanch" e, claro, o "Dom Quixote" de Cervantes).

Assim como García Márquez, Vargas Llosa sempre foi um artista polêmico, tanto em suas atitudes pessoais como nas políticas, mas nunca perdeu o prumo estético quando o assunto é literatura. Os dois foram raros latino-americanos que lidaram com o ofício de contar histórias não como mera profissão e sim como ato de "loucura perpétua", de rebeldia contra a barbárie do mundo.

No caso de Vargas Llosa, "Conversa no Catedral" é sobre a trajetória de dois homens, Santiago Zavalita e Ambrosio, no Peru durante a ditadura do general Manuel Odría (1948-1956). Eles se encontram em um canil onde Santiago vai buscar seu cachorro, o único "filho" que tem com Ana, temerosa em perder o bicho com a epidemia de raiva que assola o país.

Santiago é um jornalista em La Crónica, uma das maiores publicações do país, e logo no primeiro parágrafo faz a pergunta que o romance tentará responder no decorrer de suas quase 600 páginas: "Em que momento o Peru havia se fodido?" (ultimamente, muitas pessoas fazem a mesma indagação sobre o Brasil).

Sentados no bar Catedral (daí o título do romance), Santiago e Ambrosio repassam suas vidas, contando como seus caminhos particulares se cruzaram com a história do país.

A grande ousadia de Vargas Llosa é a maneira como ele conta o seu enredo. Inspirando-se no narrador objetivo e onipresente de Gustave Flaubert, cuja única função é descrever e narrar os acontecimentos, e nunca julgá-los, fragmentando-os em diferentes perspectivas ou pontos de vista, o peruano faz aquilo que foi seu objetivo principal desde os tempos em que publicou seu primeiro romance, o premiado e perturbador "A Cidade e os Cachorros" (1963): a literatura total.

Esse tipo de literatura parece ser uma utopia, mas foi concretizada de fato com Balzac, com o próprio Flaubert, Tolstói, Dostoiévski, James Joyce, Robert Musil, William Faulkner, Marcel Proust, Hermann Broch e Thomas Mann. Todos eles tiveram como objetivo a construção artística e rigorosa de uma realidade completa e autônoma que refletisse o nosso cotidiano, retratado em um amplo panorama, desde os aspectos sociais-econômicos até os privados, incluindo aí os psicológicos e os existenciais.

Vargas Llosa bem definiu essa ideia no livro "García Márquez: História de um Deicídio" (1971), sua tese de doutorado em homenagem ao então amigo colombiano, que ganhará em setembro sua primeira edição no Brasil, pela Record.

"Escrever romances é um ato de rebelião contra a realidade, contra Deus, contra essa criação de Deus que é o real. É uma tentativa de correção, mudança ou abolição da realidade real, da sua substituição por uma realidade ficcional criada pelo romancista", escreveu o peruano.

Nesse sentido, "Conversa no Catedral" é um primoroso ato de revolta. Vargas Llosa conseguiria essa proeza mais duas vezes, com "A Guerra do Fim do Mundo" (1981), sobre a revolta de Canudos, e "A Festa do Bode" (2000), a respeito do regime ditatorial de Rafael Trujillo na República Dominicana.

Os três romances fazem um painel completo não só de uma era, mas das pessoas que a construíram. Os aspectos coletivos e individuais se correlacionam em ritmo simultâneo, às vezes transformando-se em algo indistinguível, como na parte que envolve um dos personagens centrais de "Conversa", Cayo Bermúdez, o braço direito do governo Odría.

A mudança quase vertiginosa dos pontos de vista é influência direta de Faulkner, porém nunca descamba para o fluxo de consciência de James Joyce, pois não interessa a Vargas Llosa uma procura pela unidade que possa haver nas psiques fragmentadas dos cidadãos peruanos. Como um Flaubert latino, ele busca o que se passa na cabeça daquelas pessoas, contanto que o tema dramático permaneça cristalino.

A fascinação de Vargas Llosa pelo autor de "Madame Bovary" (1857) é tamanha que escreveu um livro formidável sobre ele, "A Orgia Perpétua" (1975). O interesse maior dessa análise se deve ao fato mais evidente quando um romancista faz as vezes de crítico literário: ao comentar sobre um outro autor, na verdade discorre sobre si mesmo.

Logo, neste autorretrato, Vargas Llosa revela muito de sua visão de como deve ser um romance. Aí, uma questão se levanta a respeito de seu "ato de rebelião": o romance, segundo Vargas Llosa, exprime a realidade de forma satisfatória, especialmente sendo uma história de deicídio (de contestação de Deus)?

A resposta é um sonoro "não". Apesar de seu talento inigualável, de seu rigor, de sua técnica com a estrutura da narrativa e com as palavras, falta um detalhe tanto na literatura de Vargas Llosa como na de seu ex-colega García Márquez, amizade rompida por questões ideológicas e conjugais: o drama da redenção humana.

Assim como Flaubert, o peruano e o colombiano caem no mesmo erro dos realistas e dos naturalistas que estavam em voga no final do século 19: transformam o espírito em matéria, ou melhor, tornam o mundo invisível, rodeado de mistério, o único que importa, em algo meramente palpável e, pior, refletido em atitudes mesquinhas e abjetas.

O que interessa aos dois romancistas latino-americanos é a decadência do mundo deles, mas ambos são incapazes de saber como superá-la. Essa doença espiritual, chamada por Platão de nosos, tem suas variações nas ideologias socialistas e positivistas, que se fecham de maneira voluntária ao transcendente.

Não à toa, Vargas Llosa e García Márquez são herdeiros desse tipo de pensamento, seja como seu aparente opositor (o liberalismo, no caso do primeiro) ou como seu defensor explícito (o socialismo, no segundo).

Afinal de contas, a visão da literatura como uma orgia perpétua não é lá muito enobrecedora. O que falta na arte moderna como um todo é a virtude na alma dos criadores e dos personagens. Todos são medíocres que desejam nada mais, nada menos que ter vidas pusilânimes.

É o que acontece com Santiago e Ambrosio em "Conversa no Catedral". Ambos divagam sobre suas vidas, relacionando-as com as pessoas que passaram por elas, e mal sabem por que, afinal de contas, se deram mal, esperando apenas, como diz Ambrosio, "a hora de morrer".

Claro que essa sensação de apatia moral que "Conversa" transmite é, paradoxalmente, um dos triunfos estéticos de Vargas Llosa como escritor, mas daí vem outra pergunta: por que não ir para um outro caminho mais difícil, senão mais dolorido, em que se pode atingir uma certa unidade das virtudes? (Isso não deve ser confundido, em hipótese nenhuma, com um moralismo carola).

Essa pergunta jamais será respondida porque falta, nas obras de Vargas Llosa e García Márquez, essa preocupação a respeito do drama da salvação da alma humana. Trata-se de um problema frequente na literatura latino-americana, principalmente a dos anos 1960.

Com exceção de Sábato, Borges e Juan Rulfo, o boom latino-americano sempre esteve muito mais preocupado com inovações formais (Julio Cortázar, com "O Jogo da Amarelinha"), em como conquistar a mocinha da vila usando os mais diversos encantos (García Márquez nas obras-primas "Cem Anos de Solidão" e "O Amor nos Tempos do Cólera") ou com o gigantesco painel social (Carlos Fuentes).

A falta de virtude dos personagens por eles criados, somada à ausência de um questionamento espiritual, criam romances que, independentemente do rigor e do virtuosismo técnicos, perigam virar apenas monumentos prontos a serem devorados pela pátina do tempo.

A arte que não toca o espírito humano, que não remexe em seus abismos, que não transcende a mera realidade torna-se incapaz de vencer a barreira do contemporâneo. É apenas modelo de uma tribo deicida que, por isso mesmo, ficará aprisionada na vida do cotidiano, jamais na vida do eterno.

O fato de Flaubert ser o modelo de um escritor talentoso como Vargas Llosa não significa que isso seja algo inadequado; significa apenas que há outros modelos a serem estudados, e a literatura se forma a partir da síntese deles (um exemplo imediato e contemporâneo que preenche todos esses requisitos vem à mente: o americano Cormac McCarthy).

Antes de tudo, é imprescindível ter aquele toque áspero que traz à história um certo ar de instabilidade, de procura e aceitação do mistério que só pode ser resolvido de uma única forma aos olhos do leitor: "Acredito porque é absurdo, mas justamente porque é absurdo que é real".

Dessa forma, a loucura perpétua de Vargas Llosa é uma espécie de caos planejado, que deveria ser a função da literatura, mas falta a esse mesmo caos a ordem que anima a vida do próprio narrador. Falta nada menos que o sopro do vento.

Isso não significa, é óbvio, que possamos menosprezar Vargas Llosa. Sua postura como escritor e intelectual é de uma dignidade exemplar, e sua obra deve ser estudada por seu confronto primoroso com a tirania que sempre tenta destruir a liberdade individual.

Se o Brasil tivesse dez pensadores como ele, a nossa intelligentsia seria muito mais saudável. Porém, sempre haverá a falta daquilo que nos mantém vivos além do social, além da mera vida histórica. É essa ausência que nos provoca atualmente, no Brasil, a fazer a mesma pergunta que Santiago Zavalita proferiu sobre o seu tão desprezado Peru. ←

Assim como García Márquez, Vargas Llosa sempre foi um artista polêmico, tanto em suas atitudes pessoais como nas políticas, mas nunca perdeu o prumo estético quando o assunto é literatura. Os dois foram raros latino-americanos que lidaram com o ofício de contar histórias não como mera profissão e sim como ato de "loucura perpétua", de rebeldia contra a barbárie do mundo

Silêncio democrático

A verdade às vezes até incomoda mais do que a mentira

Ricardo Araújo Pereira
Humorista, membro do coletivo português Gato Fedorento. É autor de 'Boca do Inferno'

Primeiro, o YouTube alterou a sua política e excluiu um vídeo em que Bolsonaro atacava o sistema eleitoral, baseando-se em falsidades, e fazia ameaças golpistas.

Depois, um ministro do Tribunal Superior Eleitoral mandou apagar do YouTube um vídeo em que Lula chamava Bolsonaro de genocida.

Agora é só prosseguir esta prática até ficarmos todos calados. Fica claro, mais uma vez que, quando proibimos a expressão de mentiras, mais tarde ou mais cedo também calamos quem diz a verdade.

Mas talvez seja melhor assim, porque a verdade às vezes até incomoda mais do que a mentira. Devemos agradecer imensamente que o YouTube e o juiz decidam aquilo que nós podemos e não podemos ver. Como se sabe, nós somos uma espécie de vegetal, desprovido da capacidade de raciocinar e que adere imediatamente a toda e qualquer tese que seja tornada pública.

Os nossos benignos protetores evitam que nós possamos saber o que diz o presidente da República e um ex-presidente que concorre novamente ao cargo. A melhor forma de ficarmos bem informados para poder exercer o nosso direito de voto é nos impedirem de saber o que dizem os dois principais candidatos às próximas eleições.

Tanto o juiz como os responsáveis do YouTube viram os vídeos. Eles conseguem vê-los sem que lhes aconteça nada. São capazes de olhar a Medusa nos olhos sem ficarem transformados em pedra —habilidade que nós não temos, como eles corretamente supõem.

É essa superioridade que lhes dá o direito de determinar o tipo de discurso a que nós podemos ter acesso em segurança. Certos filmes são para maiores de seis anos, outros para maiores de 18. Algumas palavras de presidentes e ex-presidentes da República são interditas a qualquer idade.

Ninguém tem a maturidade suficiente para ouvi-las. Infelizmente, receio que apagar os vídeos possa não ser suficiente. Ou até inútil. Primeiro, porque algumas pessoas já os viram. Segundo, porque o seu conteúdo é referido nas notícias.

Quando os jornais dizem que "YouTube apagou vídeo em que Bolsonaro mentiu sobre as urnas eletrônicas e repetiu ameaças golpistas", ou que "ministro manda apagar discurso em que Lula chama Bolsonaro de genocida", ficamos a saber o mesmo que saberíamos vendo os vídeos. Assim, não conseguem nos manter completamente na ignorância, o que é uma pena.

Luiza Pannunzio

| DOM. Ricardo Araújo Pereira | **SEG. Bia Braune** | TER. Manuela Cantuária | QUA. Gregorio Duvivier | QUI. Flávia Boggio | SEX. Renato Terra | SÁB. José Simão

É HOJE

Tony Goes
tonygoes@uol.com.br

Série jornalística analisa a evolução do Brasil ao longo da independência

CNN 200+
CNN Brasil, 21h, livre
Produzida pela emissora, esta minissérie documental revisita a trajetória do Brasil ao longo de 200 anos de independência. Cada um dos quatro episódios se volta a uma área crucial —saúde, educação, sociedade e, na estreia, economia. Apresentação de Daniel Adjuto e Luciana Barreto, com participação do jornalista e escritor Eduardo Bueno.

Abbott Elementary
Star+, 12 anos
Uma professora idealista enfrenta o dia a dia de uma escola pública. Esta nova série cômica é uma das favoritas ao prêmio Emmy, no qual concorre em sete categorias.

Na Praia de Chesil
Paramount+, 16 anos
O escritor britânico Ian McEwan roteirizou seu próprio romance para este filme sobre um jovem casal que sofre com problemas sexuais.

Iron Chef Brasil
Netflix, livre
Fernanda Souza e Andressa Cabral comandam a versão brasileira do reality gastronômico de origem japonesa, em que cozinheiros renomados desafiam um "chef de ferro".

Especial Pai Coruja
ZooMoo Kids, 10h e 18h, livre
O canal infantil comemora o Dia dos Pais com uma seleção de episódios temáticos das séries "Os Pequerruchos", "Leo & Lully", "Caninópolis", "O Diário de Mika" e "Universo Z".

Hi-Merimã - Vestígios de um Povo Isolado
Cultura, 16h30, livre
Com roteiro e produção de Laís Duarte e direção de Simão Scholz, este documentário inédito traz um depoimento do indigenista Daniel Cangussu sobre a diáspora da tribo que habitava a região do rio Purus, no Amazonas.

Olivia Newton-John
Lifetime, 17h15, 12 anos
Em homenagem à cantora de "Physical" e "Magic", que morreu na segunda-feira, o canal reprisa sua cinebiografia.

Domingão com Huck
Globo, 18h, livre
No novo quadro "Batalha do Lip Sync", duas celebridades competem entre si, dublando grandes sucessos musicais. Letícia Colin enfrenta Paulo Vieira na estreia da atração.

QUADRÃO

Laerte

| DOM. **Jan Limpens**, Luiz Gê, Ricardo Coimbra, Angeli, Laerte

'Marighella' leva oito estatuetas em prêmio de cinema

SÃO PAULO "Marighella", o filme de estreia de Wagner Moura na direção, foi o grande vencedor do 21º Grande Prêmio do Cinema Brasileiro, realizado nesta semana, com apresentação dos atores Silvero Pereira e Camila Pitanga, na Cidade das Artes, no Rio de Janeiro.

A história do guerrilheiro de esquerda ganhou oito das 17 estatuetas a que concorria, incluindo a de melhor longa de ficção.

"Marighella" ganhou também os prêmios de primeira direção de longa-metragem; ator (Seu Jorge, como Marighella); figurino (Verônica Julian); direção de arte (Frederico Pinto); som (George Saldanha, Alessandro Laroca, Eduardo Virmond Lima e Renan Deodato); direção de fotografia (Adrian Teijido) e roteiro adaptado (Felipe Braga e Wagner Moura).

A produção de R$ 10 milhões estreou no ano passado nos cinemas brasileiros após uma série de adiamentos e um imbróglio envolvendo a Ancine supostamente causado pelo forte teor político da trama, que acompanha o guerrilheiro comunista Carlos Marighella, morto pela ditadura.

Steve Martin vai se aposentar após sua série no Star+

RIO DE JANEIRO Um dos maiores atores de Hollywood, Steve Martin, de 76 anos, anunciou a sua aposentadoria. O ator disse que não deve mais aceitar convites para cinema nem televisão. Ele avisou que irá também recusar participações em qualquer produção após o fim da série "Only Murders in the Building", do Star+.

"Quando essa série terminar, não vou procurar outras. Não vou procurar outros filmes. Eu não quero fazer participações especiais e isso é, estranhamente, o fim", disse Martin, em uma entrevista à revista The Hollywood Reporter.

Recentemente, o ator foi indicado em três categorias no Emmy por seu trabalho em "Only Murders in the Building". A produção conta a história de três estranhos que compartilham uma obsessão pelo gênero "true crime" e que, de repente, se veem envolvidos em um assassinato na vida real. Além de Martin, os protagonistas da trama são Selena Gomez e Martin Short.

O ator vai continuar só com a turnê da comédia "You Won't Believe What They Look Like Today!".

José Miguel Wisnik no vão livre do Masp, em São Paulo Bob Wolfenson/Divulgação

No vão do Brasil

[RESUMO] Em novo disco, o compositor e ensaísta José Miguel Wisnik propõe um jogo labiríntico com outras canções, de Tom Jobim a BaianaSystem, que cria frestas para refletir sobre os horrores da realidade brasileira

Por ***Claudio Leal***
Jornalista e mestre em teoria e história do cinema pela USP

O verso "não havia Masp nem seu vão" introduz o novo álbum do compositor José Miguel Wisnik. A palavra "vão" nomeia o disco e surge em quatro canções, em uma suave mas perceptível ressonância estabelecida pela imagem de um lugar fugidio.

"No vão do horror", "no vão da palavra", "avesso vão", "imenso vão". O músico lembra que "em vão" é aquilo que não se cumpre, mas, pegando outro caminho, a palavra define uma fresta, uma passagem ou, ainda, o vazio arquitetônico em que flutua uma estrutura de concreto.

Lançado pelo selo Circus, o álbum de Wisnik chegou às plataformas digitais na sexta-feira (12). O conceito ficou visível na montagem do repertório, mas o grande impulso veio da exposição "Infinito Vão: 90 Anos de Arquitetura Brasileira", com curadoria de Fernando Serapião e Guilherme Wisnik, seu filho, concebida para a Casa da Arquitectura em Matosinhos, Portugal, em 2018, e levada ao Sesc 24 de Maio em 2020.

"É a ideia de que a arquitetura brasileira busca o vão e quer flutuar. Isso parece um sonho brasileiro. No nome do disco, é como se essa palavra fosse assim girando em direção a um alvo, que é o infinito vão", conta Zé Miguel Wisnik, 73, em sua casa na Previdência, região do Butantã.

As músicas de Wisnik não são inocentes diante da história da canção popular e criam conexões que chegam ao nervo do mundo contemporâneo. Cancionista e ensaísta de primeira linha, ele absorve os ganhos da poesia moderna, da música experimental e da cultura popular das margens. Seus ouvidos se abrem tanto para Tom Jobim como para os Racionais MC's.

Sete anos mais moço que Gilberto Gil e Caetano Veloso, ele tem afinidade com o procedimento tropicalista de revisão crítica de nossa cultura, mas sem qualquer nostalgia da vanguarda dos anos 1960, pois olha a tropicália da perspectiva que os tropicalistas olhavam a bossa nova, à luz de novos acontecimentos estéticos e históricos.

No disco "O Anel" (Selo Sesc), dividido com a cantora Alaíde Costa em 2020, um verso de "Saudade da Saudade", em parceria com Paulo Neves, apresenta uma ideia-chave: "Canções só feitas de canções".

"Vão" propõe um jogo labiríntico. "O Chamado e a Chama", texto de Neves musicado por Wisnik, conversa com o hit da soul music "Ain't No Sunshine", do americano Bill Withers, inspirador da bateria e dos caminhos do baixo no arranjo. Em outra camada, há samples com as vozes amalgamadas de Elza Soares e Gilberto Gil.

Em "Estranha Religião", esconjuro da sociedade de consumo em coautoria com Guilherme Wisnik, ele sampleia a folha de arruda, o pé de coelho e o sal grosso de "Reza Forte" (Russo Passapusso/SekoBass/BNegão), da banda BaianaSystem.

"Terra Estrangeira", composta para a trilha do filme homônimo, de 1995, é a única regravação. Desta vez, foi entregue ao cantor Celso Sim, em um flerte mais sutil com o fado.

Filha de Zé Miguel, a poeta e atriz Marina Wisnik, que já lançou dois CDs como cantora e compositora — "Na Rua Agora", de 2012, e "Vás", de 2014— , participa de duas faixas. Ná Ozzetti, Mônica Salmaso e a artista indígena Zahy Guajajara são as outras presenças vocais no álbum em que o produtor Alê Siqueira segue como tradutor da cabeça do músico paulista. O piano de Wisnik atravessa a sonoridade total.

Cantado com Salmaso, o samba "Chorou e Riu" recorta elementos de "Meditação", de Tom Jobim e Newton Mendonça, central no imaginário da bossa nova, e "Saudosismo", de Caetano, uma síntese da releitura tropicalista de João Gilberto gravada à época por Gal Costa.

"Quem acreditou/ Ao ver o encanto se quebrar/ O coração despedaçar/ E despencar/ No vão do horror/ Sem nem lembrar/ O que sonhou/ E não sonhou/ Ao ver o inferno se rasgar/ Pra dar o monstro a se mostrar/ E confirmar que estava em nós/ Nos nossos nós."

"Tem um diálogo de partida com 'Meditação', que é uma canção sobre quem acreditou no amor, no sorriso e na flor. E se desiludiu, mas voltou a encontrar o amor. 'O amor, o sorriso e a flor' é quase um lema da bossa nova. É uma conversa sobre um Brasil que se sonhou nos anos 1950 e 60, olhado hoje. Aí entra um pouco de 'Insensatez'", observa Wisnik.

"O tropicalismo já é a questão de que o horror do Brasil está olhado, mas, ao mesmo tempo, atravessado por dentro. Essa canção encara o que estamos vivendo hoje, mas não é absolutamente derrotista. Há uma pergunta sobre essa 'bruta flor' que pulsa dentro do Brasil. É uma música sobre a hora e vez dos imbecis e dos imbecis dos imbecis e como se atravessa isso."

Com letra de Carlos Rennó e melodia de Wisnik, "O Jequitibá" leva delicadeza ao tempo de força bruta. "Não havia Masp nem seu vão/ Nem Fiesp nem arranha-céu nem casarão/ Nem Conjunto Nacional/ Com seu relógio à vista [...] Antes da torre global/ Do Itaú Cultural/ Do metrô e da metrópole/ Da Parada Gay/ E do Réveillon/ Era ele, o velho, belo e bom/ Jequitibá do Trianon."

Rennó fez a letra depois de ler uma reportagem da Revista da **Folha** sobre o jequitibá do parque Trianon, na Avenida Paulista. Segundo Wisnik, as estimativas são conflitantes. A árvore pode ter 150 ou 400 anos. De todo modo, está fincada em um espaço ancestral. A convite de Wisnik e Rennó, o fotógrafo Bob Wolfenson fez uma imersão na Paulista, e suas fotos resultaram em um videoclipe dirigido pelo coletivo Bijari.

"Além de ser um centro empresarial e cultural, a Paulista é um lugar de trânsitos. A população se apresenta de muitas formas. É um lugar de disputa política. Portanto, é um lugar forte da cidade e do Brasil. Dentro dele, tem um segredo. É essa árvore, que está ali no avesso de tudo aquilo, em uma cidade onde nada fica, sem marcas do antigo", afirma Wisnik.

Do vírus à extrema direita, o artista entendeu que o álbum deveria deixar-se invadir pelo momento atual. Anterior à pandemia, "Sereia", com letra de Arnaldo Antunes, ficou ainda mais expressiva em sua descrição de uma doença inominada atravessando o corpo.

Outro comentário da vida corrente aparece em "Estranha Religião". As teias do consumo são urdidas com percussão e beat eletrônico — "Cada minuto produz um produto/ Pra te consumir/ Pra distrair e somar/ Sem se consumar/ E sumir". Na canção babélica, Zahy Guajajara gargalha e improvisa cantos em ze'eng eté, língua do povo tenetehára-guajajara. Um contraponto de estranheza.

"Não tem nada que, ao existir e se mostrar, não vire imediatamente mercadoria. O que a música está dizendo é que essa espécie de transformação de tudo em mercadoria é uma espécie de religião, como se fosse a transubstanciação da hóstia, que encarna o corpo divino. Aqui é o contrário. Qualquer coisa que se apresente é transubstanciado em mercadoria", compara.

"A música popular sabe que ela é de mercado de massas. O que o tropicalismo fez foi assumir isso, não esconder esse fato. Isso há 50 anos. Hoje, você tem um aplastamento, que está ligado ao fato de que não há nada que não se transforme imediatamente em mercadoria. É como se não houvesse espaço, fresta, vão, para furar. A proposição de vanguarda, naquele momento, estava em outro contexto. Tanto que o Augusto de Campos tem expressado essa perda de horizonte e, ao mesmo tempo, afirmado uma negação dentro disso."

O vão da vanguarda resiste na faixa "Eu Disse Sim", que repete a parceria com Rennó a partir de versos pinçados e traduzidos do monólogo de Molly Bloom em "Ulysses", romance de James Joyce. O desejo feminino desabrocha em catadupa. "Eu enlacei os braços nele sim/ E o puxei pra baixo para mim/ Pra que pudesse sentir os meus seios/ Perfumados sim".

O compositor enfatiza que o álbum "O Anel", marco da revalorização crítica de Alaíde Costa, tem um elo espiritual com "Vão". "Foi feito na pandemia. Era outro projeto forte pra mim. Alaíde cantou pela primeira vez uma música minha ["Outra Viagem"] em um festival da canção, em 1968. Aquilo nos ligou. Na ocasião, ela me deu um anel, que ficou como um vínculo." Na trama de sua vida, "O Anel" envolve desafio similar ao da direção artística de outra grande voz feminina.

As músicas de Wisnik não são inocentes diante da história da canção popular e criam conexões que chegam ao nervo do mundo contemporâneo. Cancionista e ensaísta de primeira linha, ele absorve os ganhos da poesia moderna, da música experimental e da cultura popular das margens

"Quando a gente fez 'Do Cóccix Até o Pescoço', em 2002, ninguém queria saber de Elza Soares. Ninguém. É isso aí. Nenhuma gravadora, nenhum selo. Quando faziam um disco de Elza Soares era para colocá-la dentro de um modelo convencional. 'Do Cóccix Até o Pescoço' vira esse jogo. Declara que aquela não é uma cantora do museu do samba. Que aquela é uma das maiores cantoras contemporâneas no Brasil e no mundo. Aquilo abriu caminhos que levaram para 'Mulher do Fim do Mundo' (2015), já em um período de redes sociais, onde isso teve uma expansão."

Professor aposentado de literatura da USP, autor dos livros "O Som e o Sentido", "Veneno Remédio: o Futebol e o Brasil" e "Maquinação do Mundo: Drummond e a Mineração", Wisnik integra a linhagem de intérpretes do Brasil. Sem ares de espanto, ele identifica os antecedentes dos horrores da extrema direita no poder.

"É um país que nunca deixou de ser escravista. Aboliu a escravidão sem abolir. Então, tem uma espécie neoescravismo que vem à tona. Esse é o inferno que rasga e se mostra e faz parte de nós. Depois, é um país do mandonismo jaguncista. Nesse momento, tem uma busca de confrontar a lei, as eleições, as urnas eletrônicas. Confrontar a lei com a não lei é o mandonismo jaguncista. Por sua vez, leva a um armamentismo, como se fosse transformar o cidadão comum em um jagunço", analisa.

A ascensão do extremista Jair Bolsonaro não surge como um enigma para Wisnik. "O que nos atinge, fere e desafia é que tanto esforço foi feito para a superação disso, com tantas conquistas de fato. Tem um Brasil moderno que vem de uma cultura moderna, que aponta para uma liberação disso, mas não tem esse salto. Isso é o confronto do futuro com o passado. É preciso enquadrar esse passado e colocá-lo dentro de limites, dos quais ele procura fugir." ←

Obra 'Sol Poente', pintada em 1929 por Tarsila do Amaral Reprodução

O vigor, o tempo e as cifras de Tarsila

[RESUMO] Obras da pintora modernista que foi pivô de um escândalo revelado na semana passada, 'Sol Poente' e 'O Sono' custavam menos que um 'magnífico terreno de 300 metros quadrados' no bairro paulistano do Sumaré, e 'Pont Neuf' não valia meia Kombi usada

Por *Francesca Angiolillo*
Editora do Folha Mais. Está escrevendo a biografia de Tarsila do Amaral, a ser publicada pela Companhia das Letras

Tarsila do Amaral não teria sonhado com os valores que sua obra atingiria quase 50 anos depois da sua morte. Quando, na década de 1960, o incipiente mercado de arte nacional começava a investir em seus trabalhos, um quadro seu podia valer quase tanto quanto um aparelho de som. Ou menos da metade de uma Kombi usada.

Apreendidas na manhã da última quarta-feira no Rio de Janeiro, "O Sono" e "Sol Poente", ambas de 1929, e "Pont Neuf", de 1923, foram avaliadas em R$ 300 milhões, R$ 250 milhões e R$ 150 milhões.

A valorização de Tarsila começou em 1961, com uma de suas poucas individuais em vida, realizada na Casa do Artista Plástico, em São Paulo. A partir daí, sua produção começou a entrar com mais vigor em coleções privadas.

Mas o marco fundador da redescoberta de Tarsila foram as retrospectivas marcando os 50 anos de sua obra, organizadas por Aracy Amaral em 1968, primeiro no Museu de Arte Moderna no Rio de Janeiro e depois no Museu de Arte Contemporânea de São Paulo.

As três telas apreendidas no Rio, que, num caso rumoroso, teriam sido subtraídas por Sabine Boghici de sua mãe, Geneviève Boghici, foram expostas naquela ocasião —na época, ainda não pertenciam à coleção do marchand romeno Jean Boghici, morto em 2015.

Aracy levantou uma lista representativa de todos os períodos da carreira de Tarsila —que era tema de seu doutorado, depois publicado como "Tarsila do Amaral: Sua Obra e Seu Tempo". A crítica de arte e curadora moveu céus e terra para reunir os quadros, o que incluiu uma negociação algo difícil com o Museu de Arte Moderna carioca, que achava muito altos os valores requeridos pelos colecionadores para o seguro das peças.

"O Sono" e "Sol Poente" foram avaliadas em NCr$ 30 mil —a moeda tinha perdido três zeros e passado de cruzeiro a cruzeiro novo no ano anterior. "Pont Neuf", mais modesta, seria assegurada em NCr$ 5.000.

Tudo se comprava então a crédito, e as propagandas de lojas e classificados de jornal em dezembro de 1968, enquanto Aracy tentava pôr de pé a retrospectiva, dão uma ideia do que significavam os valores das obras.

Um estéreo Dominante Eco 7 da marca alemã Telefunken era anunciado, em uma promoção de Natal do extinto magazine Mesbla, em 24 parcelas de NCr$ 146 —um total de NCr$ 3.504.

Comprar o aparelho de som, com cinco faixas de onda e FM, cinco alto-falantes, câmara de eco, montado num "finíssimo móvel de jacarandá da Bahia", exigia um desembolso não muito distante do que valia a tela mais antiga do trio.

Uma Kombi do ano anterior —parecida talvez à que transportava então Tarsila, adaptada para acomodar sua cadeira de rodas— podia ser financiada em dois anos em uma loja de veículos da Vila Mariana, a G.V. Automóveis, por um total de NCr$ 11.446, mediante entrada de NCr$ 1.870 e 24 prestações de NCr$ 399.

"O Sono" e "Sol Poente" valiam menos que um "magnífico terreno plano" de 300 metros quadrados no Sumaré, bairro da zona oeste onde morava parte da família de Tarsila —o imóvel custava 50% mais que os quadros, NCr$ 45 mil.

Mesmo com todo o movimento de redescoberta de Tarsila, porém, a estimativa para as telas apreendidas no Rio supera qualquer expectativa para a obra da artista.

Dois anos atrás, um quadro seu, "A Caipirinha", de 1923, bateu o recorde de trabalho mais caro de um artista brasileiro em uma venda pública, R$ 57,5 milhões, num leilão na Bolsa de Arte, em São Paulo.

O MoMA, museu nova-iorquino que é um dos templos mundiais da consagração da arte, adquiriu na mesma época "A Lua", de 1928, contemporânea portanto de "O Sono" e "Sol Poente".

O valor da transação não foi divulgado, mas agentes do mercado estimam que tenha sido de US$ 20 milhões, equivalentes então a cerca de R$ 75 milhões. Por isso, o mundo da arte se espantou não apenas com o caso em si.

Artista tardia, iniciada na pintura acadêmica já depois dos 30 anos de idade, Tarsila viu sua carreira florescer numa breve década, entre os anos 1920 e 1930, até hoje considerada seu auge pela crítica e pelo mercado.

Sua primeira exposição ocorreu em 1926, na galeria Percier, em Paris. Já se dera, então, o grande estalo de 1924, a "descoberta do Brasil" propiciada pela viagem que fizera, com outros modernistas, ciceroneando pelo Rio e por Minas Gerais o poeta Blaise Cendrars, seu grande introdutor no circuito artístico francês.

"Pont Neuf" é, portanto, um quadro anterior à fase pau-brasil que a consagraria e ao momento mais surrealista da etapa antropofágica, à qual pertencem "O Sono" e "Sol Poente".

Mesmo o "Abaporu", que inaugurou a antropofagia em 1928, ainda ocupava uma parede de seu apartamento, antes que as galerias que surgiam no eixo Rio-São Paulo começassem a estocar arte modernista, nos anos 1960.

O apartamento, aliás, entre Higienópolis e Santa Cecília, na região central de São Paulo, foi adquirido por Tarsila com valores obtidos na venda de obras de arte de Picasso e Brancusi, que ela amealhou naqueles anos áureos de Paris.

Se os colecionadores que em 1968 detinham "O Sono" e "Sol Poente" quisessem, podiam, com o valor de uma ou outra, dar exatamente os NCr$ 30 mil demandados como entrada numa casa térrea na avenida Goiás, em São Caetano do Sul. As duas pinturas juntas, porém, não chegavam aos NCr$ 70 mil que pedia o vendedor pela propriedade. ←

Retrato do escritor Salman Rushdie quando lançou o autobiográfico 'Joseph Anton' Paul Hackett - 28.set.2012/Reuters

Apesar de oficialmente a fatwa —um decreto religioso, que no caso ordenou a morte de Rushdie por blasfêmia a Maomé— já ter sido tida como encerrada em 1998 pelo ex-presidente iraniano Mohammad Khatami, na prática, a perseguição nunca parou

Os versos incendiários

[RESUMO] Promotoria afirma que Hadi Matar, americano de 24 anos, premeditou ataque ao escritor Salman Rushdie e o acusa de tentativa de homicídio, enquanto que ativistas culpam as autoridades religiosas de Teerã pelo atentado, que foi comemorado por publicações conservadoras iranianas

A promotoria apresentou uma acusação contra Hadi Matar, de 24 anos, apontado pela polícia como o responsável por ter esfaqueado o escritor anglo-indiano Salman Rushdie, na última sexta-feira, quando ele se preparava para dar uma palestra no interior do estado de Nova York.

O rapaz, que é morador de Fairview, em Nova Jersey, foi acusado de tentativa de homicídio e de agressão com uso de arma. Em audiência no condado de Chautauqua, neste sábado, os promotores afirmaram que o ataque foi premeditado e direcionado. Hadi Matar, dizem, viajou de ônibus para o evento, na cidade a cerca de sete horas da cidade de Nova York, e comprou um ingresso para a palestra de Rushdie, na manhã de sexta.

Internado, o escritor passou por cirurgias, e agora foi extubado e apresenta melhoras, segundo seu agente Andrew Wylie, mas ainda corre o risco de perder um dos olhos.

A União Nacional pela Democracia no Irã, grupo sediado em Washington, culpou Teerã pelo ataque, embora a motivação do agressor não tenha sido ainda esclarecida. "O que é quase certo é que isso é resultado de 30 anos de incitação por parte do regime à violência contra este autor celebrado", afirmou em nota divulgada na manhã de sábado.

Ainda não houve reação oficial do governo iraniano, mas publicações conservadoras do país comemoraram o ataque, caso do jornal linha-dura Kayhan, cujo editor-chefe é escolhido pelo líder supremo do país, Ali Khamenei.

A perseguição que Rushdie sofre remonta a 1988, quando o autor publicou "Os Versos Satânicos", romance de fantasia que foi considerado ofensivo a Maomé e à fé islâmica.

No ano seguinte, o aiatolá Khomeini, então em poder no Irã, defendeu que o escritor fosse assassinado, num decreto de ordem religiosa.

O primeiro atentado contra sua vida foi em 1989, quando um terrorista preparou um livro-bomba, a ser entregue a Rushdie num hotel em Londres. A bomba explodiu antes do planejado, matando o autor do atentado, que foi sepultado como "o primeiro mártir a morrer em uma missão para matar Salman Rushdie".

A recompensa pela sua cabeça era de US$ 2,5 milhões em 1997, passando para mais de US$ 3,3 milhões em 2012. Em 2016, até meios de comunicação estatais do Irã se reuniram para arrecadar mais US$ 600 mil por sua execução.

Apesar de oficialmente a fatwa, o decreto religioso, já ter sido tida como encerrada em 1998 pelo então presidente Mohammad Khatami, na prática, a perseguição nunca parou.

Ela, inclusive, se estendeu a outras pessoas ligadas à publicação do livro. Em 1991, o tradutor japonês de "Os Versos Satânicos", Hitoshi Igarashi, foi assassinado na Universidade de Tsukuba, e se acredita que a fatwa tenha motivado o esfaqueamento. O tradutor da obra para o italiano, Ettore Caprioli, e o editor do livro na Noruega, William Nygaard, também sofreram ataques nos anos 1990, mas sobreviveram.

O romance em questão conta a história de dois atores indianos muçulmanos que sobrevivem a um atentado num avião e, quando caem na Inglaterra, um se transforma num anjo, e o outro num demônio. Enquanto um deles recebe visões do arcanjo Gabriel e perde a sanidade, o outro é tratado com repulsa pelas autoridades britânicas que estimava.

Um dos centros da polêmica está nas alucinações do anjo, que evoca um episódio controverso do islã, em que o profeta Maomé teria sido enganado por Satã com versos que acabaram incorporados ao Alcorão e depois teriam sido retirados. Líderes religiosos hoje rejeitam essa ideia com base na doutrina de que Maomé era moralmente infalível.

O autor veio de uma família muçulmana liberal, mas hoje se considera um ateu. Já no ano de 1989 dizia "não acreditar em entidades sobrenaturais, sejam elas cristãs, judaicas, muçulmanas ou hindus". No ano seguinte, até tentou dizer publicamente que tinha renovado sua fé no islã, condenando os ataques à religião feitos pelos personagens de seu romance. Posteriormente, disse que estava fingindo.

Rushdie, hoje aos 75 anos, já criticou o "totalitarismo religioso" que teria surgido da união do islamismo com um Estado fortemente armado.

Numa lista divulgada em 2010, o autor aparecia como um dos alvos da Al-Qaeda, em que também constavam nomes como o de Stéphane Charbonnier, um dos cartunistas mortos no atentado ao jornal satírico Charlie Hebdo, em Paris, ocorrido em 2015.

Desde o episódio envolvendo este que ainda é o seu livro mais célebre, Rushdie passou a viver sob forte segurança no Reino Unido, onde morava desde a sua juventude. Ele vive nos Estados Unidos desde 2000.

O autor nascido em Mumbai venceu o Booker, principal prêmio da literatura em língua inglesa, por "Os Filhos da Meia-Noite" em 1981, e tem entre seus outros livros mais famosos "O Último Suspiro do Mouro" e "Oriente, Ocidente". Ele é publicado no Brasil pela Companhia das Letras.

Em "Joseph Anton", sua obra mais autobiográfica publicada há uma década, ele conta as memórias de seus anos se escondendo da perseguição religiosa com um nome falso.

No lançamento de seu romance mais recente, "Quichotte", no ano passado, ele deu entrevista à **Folha** defendendo a reconstrução de verdades objetivas num mundo cada vez mais conduzido por narrativas e crenças subjetivas.

"Quando o culto se fragmenta, não se pode remontá-lo", afirmou. "Quando o culto se revela como fake, não consegue voltar ao pedestal." ←

Jornais em Teerã publicam a notícia do atentado a Salman Rushdie, ocorrido na última sexta-feira Atta Kenare/AFP